

PATRÍSTICA

SÃO JERÔNIMO

Comentário ao Evangelho de Mateus



PATRÍSTICA

SÃO JERÔNIMO

Comentário ao Evangelho de Mateus





PAULUS

SÃO JERÔNIMO

COMENTÁRIO AO EVANGELHO DE MATEUS



Sumário

APRESENTAÇÃO

Introdução

Exegese e conteúdo

Divisão, datação, numeração

Comentário ao Evangelhode Mateus

Livro 1

O nascimento de Cristo, os presentes dos magos,a fuga para o Egito

O modo de vida de João, o batismo de Cristo, a tentação

Jesus prega, chama os apóstolos, ensina as bem-aventuranças

O Senhor não vem abolir a Lei

Não se irar contra o irmão para fazer em paz a própria oferta

O amor aos inimigos, a cobiça da mulher, o arrancar o próprio olho

Sobre o repúdio da esposa, jamais jurar, sempre resistir ao mau

Dar a quem pede, amar os inimigos

As esmolas e a oração de Cristo

O perdão dos irmãos, o ungi-se, o tesouro no céu

O olho simples, o serviço a um senhor, a preocupação com o pão

As aves e os lírios do campo, a preocupação com o amanhã e o não julgar

A palha no olho alheio, o dar aos cães o que é santo,o que se deve pedir

É preciso entrar pela porta estreita e guardar-se dos falsos profetas

A árvore boa e seus frutos, dizer “Senhor, Senhor!” não salva

A casa edificada sobre a rocha e onde Jesus ensina como Senhor

O leproso, a sogra de Pedro, os possessos

O seguimento daquele que, despertado,dá ordens ao vento e ao mar

Os demônios e o paralítico

Jesus chama Mateus e come com os pecadores

Por que os filhos do Esposo não jejuam,o remendo velho, os odres novos

A filha de um homem importante, os cegos, um mudo, outros enfermos, os operários da messe

O poder de curar dado aos apóstolos e seus nomes,a ordem de não ir por caminho de gentios

Os apóstolos não possuam ouro,mas anunciem a paz onde se hospedarem

Os enviados como ovelhas entre lobose o dever de não fugir da perseguição

Não há o que não será descoberto,não se tema quem mata o corpo

O valor dos pássaros, Cristo que divide,a não preferência pelos pais a Cristo

Livro 2

João envia discípulos a Cristo, Cristo fala de João

Jesus louva o Pai, os discípulos comem espigas,o homem da mão ressequida

O testemunho de Isaías, o mudo e o cego,a expulsão dos demônios

A blasfêmia contra o Espírito Santo, o cultivo da árvore,o pedido dos escribas, o espírito impuro no deserto

A mãe e os irmãos de Jesus, a parábola do semeador

O grão de mostarda, o fermento, a cizânia

O tesouro no campo, a pérola preciosa, a rede no mar

A admiração com a sabedoria de Jesus, chamado “filho do carpinteiro”

A execução de João Batista, o retiro de Jesus no deserto

Os cinco pães e os cinco peixes, Pedro afunda na água

Os costumes dos antigos, a plantação que não é do Pai

A cananeia, os famintos, os sete pães

O que dizem os homens e o que diz Pedro a respeito de Cristo

Negar-se a si mesmo e seguir a Cristo, a transfiguração

O filho lunático, o estáter na boca do peixe, a humildade como de criancinha

A ovelha perdida, o perdão do pecado do irmão

O servo que não perdoa o cosservo, o repúdio da esposa, os eunucos

O rico e o Reino dos Céus

Os operários da vinha, os discípulos são preparados para a tentação

Os filhos de Zebedeu, os cegos, a jumenta e o jumentinho

A expulsão dos comerciantes do templo, os gritos dos meninos

A figueira, o batismo de João, os dois filhos enviados à vinha

A vinha arrendada, os convidados às bodas

A imagem de César, a mulher que teve sete maridos

Livro 4

De quem o Messias é filho, os escribas na cátedra de Moisés, ninguém na terra seja chamado de pai

Enfrentamentos com escribas e fariseus,o sangue de Abel e de Zacarias

A Jerusalém que mata os profetas,a reconstrução do templo

O sinal da vinda do Filho do Homem, o fim do mundo

O ramo da figueira, os dias de Noé,os dois no campo, o servo prudente

As dez virgens, os talentos dados aos servos

O bálsamo derramado na cabeça de Jesus,a ordem de preparar a Páscoa

Jesus anuncia sua traição, a negação de Pedro

Preso, Jesus é levado a Pilatos e crucificado, José de Arimateia pede o corpo de Jesus

[No sepulcro, ao amanhecer depois do sábado, Jesus saúda as mulheres](#)

[Os onze discípulos vão para a Galileia, Jesus ensina e lhes manda batizar](#)

[Livro 3](#)

Landmarks

[Cover](#)

[Title Page](#)

[Table of Contents](#)

[Chapter](#)

[Introduction](#)

[Preface](#)

[Chapter](#)

[Chapter](#)

[Chapter](#)

[Chapter](#)

[Chapter](#)

[Chapter](#)

[Chapter](#)

[Chapter](#)

[Copyright Page](#)

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrésiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções, estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o

leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo “patrologia” designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por “patrística” se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus

textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

Além de sua importância no ambiente eclesial, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

Introdução

Em seus *Commentarii in euangelium Matthaei* – título aqui traduzido no singular, e doravante *Com. Mt.* – Jerônimo, cuja experiência de estudioso, tradutor e comentador faz-se evidente,¹ segue uma advertência que fará um pouco mais tarde: a análise dos termos deve ser evitada se levar a perder o sentido² mais amplo do texto, da mensagem. Exatamente por não perder de vista tal sentido, ele pode deter-se na análise das expressões. Talvez, contudo, não nesta obra, propriamente.

Com efeito, São Jerônimo considerou este Comentário ao Evangelho de Mateus fruto de uma “repentina audácia”, “alicerces” de algo maior, de “uma obra mais acabada”, escrita com diligente esmero, com um “belíssimo desfecho”,³ um comentário completo – que não chegou a executar – e, provavelmente, com ampla interpretação espiritual, mais do que com a “interpretação histórica [do texto]”.⁴ Aliás, e disto é preciso advertir imediatamente o leitor contemporâneo, o *Com. Mt.* é quase completamente uma análise de expressões do Evangelho a que se dedica. O Estridonense não comenta o texto todo do referido Evangelho; e, daquilo que pontualmente comenta, frequentemente destaca o significado da expressão em que se detém, mormente com observações de caráter filológico.⁵

Exegese e conteúdo

As considerações de caráter filológico, léxico,⁶ etimologia,⁷ figuras e estilo,⁸ e as remissões a outros textos escriturísticos assinalam o tipo de comentário definido pelo próprio autor, que nos diz, em seu Prefácio, que o Com. Mt. é histórico, isto é, um texto do qual se privilegia a exposição literal⁹ – ao modo da exegese antioquena –, na qual se busca extrair da letra do texto o seu significado, inclusive mediante o exame de certos elementos naturais, e até mesmo fisiológicos,¹⁰ constantes na narração evangélica,¹¹ bem como de alguns detalhes históricos.¹²

Entretanto, mesmo que muitas vezes ele não vá muito além dos exames filológicos, para Jerônimo, a letra do texto e a apreensão de seu significado não permitem concluir seu esgotamento – como seu autor último tampouco pode ser plenamente compreendido. Em contrapartida, é somente pelas Escrituras, em sua unidade de Antigo e Novo Testamentos,¹³ que se pode conhecer o Salvador.¹⁴ Assim, ainda que menos frequentemente, da base necessária do exame filológico,¹⁵ o Estridonense parte para a busca e a exposição – ao modo da exegese alexandrina – de flores do seu senso espiritual, no-lo diz igualmente no Prefácio.

Na exegese alexandrina, o sentido espiritual de um texto tem um significado talvez algo distinto daquele que hoje entenderíamos por essa expressão. Não se trata de ter no leitor o sujeito que decide como aplicar à sua vida, conforme a situação em que se encontra, determinada passagem. Trata-se de ir ao encontro do senso oculto sob a ou além da letra compreendida. Não é, então, uma interpretação subjetivista, mas a descoberta da realidade cujo mistério, guardado na ordem das palavras, exige o respeito do leitor.¹⁶

Porém, distintamente da escola exegética alexandrina, e da origeniana, com sua tríplice distinção dos sentidos da Escritura, que o Santo Dálmata conhecia bem,¹⁷ Jerônimo vê normalmente no texto de Mateus somente os sentidos literal e espiritual, com, nesse último, as leituras moral (particularmente para a promoção da conversão), alegórica,¹⁸ tropológica (ou figurada)¹⁹ e anagógica (ou mística) (para promoção da elevação da alma à contemplação das realidades divinas).²⁰

A matéria fundamental, obviamente, do Com. Mt. é o texto do Evangelho, cujo conteúdo, com o método exegético plural que se acaba de indicar, Jerônimo aborda eclesialmente contra as heresias (Marcião, Porfírio, Celso, Ário, Eunômio, Juliano, o Apóstata, Mani, montanistas, docetistas...).²¹ E o faz não sem tocar temas doutrinários mais elevados, como a dupla natureza de Cristo,²² a que o Santo Doutor acrescenta também uma fina interpretação psicológica:²³ a humanidade de Cristo não é aflita pela tristeza, como o são os demais homens; é sua divindade que voluntariamente a aceita, de modo que sua liberdade perpassa a sensibilidade de sua humanidade, verdadeiramente assumida na carne humana.

De Jesus, São Jerônimo anota também o comportamento, gestos, modulação de voz,²⁴ e não deixa de abordar matérias então em discussão, como, entre outras, a virgindade de Maria²⁵ e o celibato.²⁶

Embora, certamente, o Prefácio do Com. Mt. não tenha a mesma riqueza da obra que apresenta, ele não deve ser negligenciado. À parte outras considerações,²⁷ o Santo Monge informa aí suas diversas fontes latinas e gregas, particularmente Orígenes e seu homônimo comentário, com a liberdade do intelectual que as reelabora e mesmo delas discorda, e não só depende delas. Encontram-se, igualmente, no Prefácio as circunstâncias que deram origem à obra.

Divisão, datação, numeração

Quem já verificou o sumário pode ter logo reparado na divisão simples do Com. Mt., composto de quatro livros, com divisão desigual, precedidos por um amplo e valoroso Prefácio. O primeiro deles é dedicado a comentar Mt 1,1–10,42; o segundo, Mt 11,2–16,12; o terceiro, Mt 16,13–22,40, e o quarto e último livro, Mt 22,41–28,20.

O leitor contemporâneo poderia perguntar-se por que Jerônimo, estranhamente, divide os capítulos 16, entre o final do segundo livro e o início do terceiro, e 22, entre o final do terceiro livro e o início do quarto, do referido Evangelho. Por isso, talvez não seja supérfluo anotar aqui que o santo não conheceu nossa atual divisão em capítulos e versículos.²⁸

Na conclusão de seu *De viris illustribus* (135), do início de 392/início de 393,²⁹ após alguma brevíssima informação biográfica,³⁰ São Jerônimo indica as próprias obras já publicadas e diz estar trabalhando ainda em outras sobre os profetas. Não há qualquer aceno à presente obra. Não constando, então, no referido elenco de obras jeronimianas, cabe, antes de cogitar a possibilidade de o Com. Mt. não ser autêntico, pressupô-lo de datação posterior. E, com efeito, assim é.

Jerônimo diz ter escrito a obra em duas semanas, quando convalescia, às vésperas da Páscoa, depois de três meses de enfermidade,³¹ a pedido de seu amigo Eusébio de Cremona,³² que parte da Terra Santa para Roma em 398, ano de que é datada a publicação do Com. Mt.

Preocupado com não ter tempo suficiente para a entrega da obra até a partida do comitente, o autor conta também de seu processo: 1) ditado aos notários, 2) transcrição em tabuletas de cera, 3) revisão e 4) publicação. A demora do processo e o desejo de concluir a tempo – o que o Estridonense consegue – levam-no a explicar também que seu estilo será simples, “descuidado”, sem o esmero de obras precedentes, do qual ele não escapa ao se delongar em homilia.³³ Mas não só aí. A obra toda contém marcas da formação clássica de Jerônimo e, como não poderia não ser, de sua personalidade.

A presente tradução foi feita a partir da edição crítica de D. Hurst e M. Adrian, preparada para a Corpus Christianorum Series Latina 72, Turhnout: Brepols, 1969, p. 1-283. A numeração dos parágrafos indica, no início de capítulo, capítulo e versículo(s) do Evangelho de Mateus que Jerônimo comenta, ou o(s) versículo(s) – muitas vezes em conjunto, de dois ou mais – do capítulo previamente indicado. Quando, porém, nas notas, nos referimos a passagens do Com. Mt., indicamos, primeiramente, também o livro em que se encontra a referida passagem.³⁴

Comentário ao Evangelho de Mateus

Prefácio

Que foram muitos os que escreveram Evangelhos é fato que atesta inclusive o evangelista Lucas, ao dizer: “Visto que muitos, sem dúvida, empreenderam ordenar a narração das coisas que entre nós se cumpriram, como no-las referiram os mesmos que, desde o início, viram a Palavra e Lhe prestaram o seu serviço”;³⁵ e testemunhos que perduram até o tempo presente evidenciam que [textos] publicados por diversos autores foram princípios de heresias diversas, tal como é aquele [Evangelho] segundo os egípcios, bem como [os Evangelhos] segundo Tomé, segundo Matias, segundo Bartolomeu, e também o dos Doze Apóstolos, o de Basíledes, o de Apeles e de outros, e seria longo demais enumerá-los,³⁶ quando, por ora, é tão somente necessário dizer ter havido certos escritores que, sem o Espírito e a graça de Deus, mais empreenderam ordenar uma narração do que expressar a verdade da história, aos quais se pode adaptar, com razão, aquele [dito] profético: “Ai dos que profetizam seguindo o próprio coração, que caminham em pós do próprio espírito [...] e dizem: ‘Diz o Senhor’, sendo certo que o Senhor não os enviou”,³⁷ e a cujo respeito fala ainda o Salvador no Evangelho de João: “Todos quantos vieram antes de mim foram ladrões e salteadores”.³⁸ Trata-se dos que vieram, não dos que foram enviados. O próprio [Senhor] diz, com efeito: “Eles vinham, mas eu não os enviava”.³⁹ Naqueles que vêm, dá-se a presunção da temeridade; nos enviados, o obséquio do serviço. A Igreja, por sua vez, que fundada foi pela voz do Senhor sobre a rocha, que o Rei introduziu no seu aposento⁴⁰ e na qual, pela abertura da descida oculta, pôs a sua mão⁴¹ – pois semelhante ele é à gazela e ao filhote dos cervos,⁴² e como que a despejar os quatro rios do paraíso⁴³ –, é dotada igualmente de quatro ângulos e [seus respectivos] anéis, por meio dos quais é transportada, através de varais inamovíveis, tal como a Arca da aliança, guardiã da Lei do Senhor.⁴⁴

O primeiro de todos é Mateus, um publicano de cognome Levi, que publicou um Evangelho na Judeia, em idioma hebraico, em vista ou principalmente por causa daqueles que, provindo dos judeus, haviam crido em Jesus e não observavam

mais, de modo algum, a sombra da Lei, tendo-lhe tomado o lugar a verdade do Evangelho.⁴⁵ Marcos é o segundo, intérprete do apóstolo Pedro e primeiro bispo da igreja de Alexandria, que pessoalmente não viu, por certo, o Senhor e Salvador, mas narrou aqueles fatos que ouvira pregar o [seu] mestre, mais em conformidade com a fé do que com a ordem dos acontecimentos.⁴⁶ O terceiro é o médico Lucas, um sírio natural de Antioquia cujo louvor [consistiu] no Evangelho e que foi também, ele próprio, discípulo do apóstolo Paulo e, nos confins da Acaia e da Beócia, compôs seu volume⁴⁷ retomando alguns dados de forma mais profunda e, como ele mesmo confessa no proêmio, descrevendo mais o que ouviu do que o que viu.⁴⁸ O último é João, apóstolo e evangelista a quem Jesus muito amou e que, recostando-se sobre o peito do Senhor,⁴⁹ bebeu puríssimas torrentes de ensinamentos, tendo sido o único a merecer ouvir do alto da cruz: “Eis a tua mãe”.⁵⁰ Quando estava este na Ásia e já então pululavam os germes dos hereges Cerinto, Ebião⁵¹ e outros que negam ter vindo Cristo na carne, aos quais ele chama, em sua epístola, de anticristos⁵² e que o apóstolo Paulo golpeou com frequência,⁵³ foi levado por quase todos os que eram, naquele momento, bispos da Ásia e por representações de muitas igrejas a escrever mais profundamente acerca da divindade do Salvador e a atirar-se, por assim dizer, com uma temeridade não tanto audaciosa, mas feliz, ao próprio Verbo de Deus. E narra a história eclesiástica⁵⁴ que, quando foi instado pelos irmãos a escrever, respondeu que assim o faria se, convocado um jejum, todos suplicassem ao Senhor em comum. Terminado o jejum e tendo sido ele impregnado pela revelação, irrompeu naquele proêmio vindo do céu: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus”.⁵⁵

Ora, que esses quatro Evangelhos foram prenunciados havia muito tempo é coisa que demonstra também o volume de Ezequiel, no qual a primeira visão assim se desenvolve: “Distingua-se no meio como que a semelhança de quatro animais... e seus rostos tinham uma face humana, uma face de leão, uma face de touro e uma face de águia”.⁵⁶ A primeira face, de homem, significa Mateus, que começou a escrever como que partindo do homem: “Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão”;⁵⁷ a segunda [significa] Marcos, no qual se ouve a voz do leão que ruge no deserto: “Voz que clama no deserto: ‘Preparai o caminho do Senhor, tornai retas as suas veredas’”;⁵⁸ a terceira, de touro, prefigura o evangelista Lucas, que principiou [o seu relato] pelo sacerdote Zacarias;⁵⁹ a quarta [indica] o evangelista João, que, tomando as asas da águia e apressando-se em galgar as alturas, discorre acerca do Verbo de Deus. Os demais detalhes que se seguem [na visão de Ezequiel] vão todos eles no mesmo sentido:

suas pernas eram direitas e [seus] pés, alados, aonde quer que o Espírito fosse, iam eles e não voltavam, e seus dorsos estavam cheios de olhos, circulavam no meio deles centelhas e tochas, ao modo de uma roda dentro de outra e, em cada um [dos animais, havia] quatro faces.⁶⁰ Daí que o Apocalipse de João, depois da exposição dos 24 anciãos que, tendo consigo cítaras e taças de ouro,⁶¹ adoram o Cordeiro de Deus, introduz relâmpagos e trovões, os sete espíritos que corriam daqui para ali, o mar de cristal e os quatro animais cheios de olhos,⁶² dizendo: “O primeiro animal assemelhava-se a um leão; o segundo, a um touro; o terceiro, a um homem, e o quarto era semelhante a uma águia que voa”,⁶³ e pouco depois: “Estavam”, diz ele, “cobertos de olhos e não cessavam, quer fosse de dia, quer de noite, de dizer: ‘Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus onipotente, o que era, o que é e o que há de vir’”.⁶⁴

Com tudo isso, demonstra-se perspicuamente que se devem tomar tão somente quatro Evangelhos, e que todas as fúnebres cantilenas dos apócrifos mais se hão de cantar aos hereges mortos do que aos filhos vivos da Igreja. Admiro-me bastante, diletíssimo Eusébio,⁶⁵ com que, a ponto de navegares de repente para Roma, tenhas querido que se te desse por parte minha como que essa provisão de viagem, de sorte que, expondo brevemente [o Evangelho de] Mateus, eu abreviasse nas palavras e me alongasse quanto aos seus significados. Se te tivesses recordado da minha resposta, jamais pedirias em poucos dias um trabalho de anos. Em primeiro lugar, com efeito, é difícil ler todos aqueles que escreveram sobre os Evangelhos e, depois, muito mais difícil é destacar, empregando-se nisso um discernimento, os melhores dentre esses escritos. Confesso que li, há muitos anos, os 25 tomos de Orígenes⁶⁶ sobre Mateus e as suas correspondentes homilias e seu estilo abreviado de interpretação, [li ainda] os comentários de Teófilo, bispo da cidade de Antioquia,⁶⁷ bem como os do mártir Hipólito,⁶⁸ os de Teodoro de Heracleia,⁶⁹ de Apolinário de Laodiceia,⁷⁰ de Dídimo de Alexandria,⁷¹ e, dos latinos, os opúsculos de Hilário,⁷² de Vitorino⁷³ e de Fortunaciano,⁷⁴ e conquanto tivesse eu aproveitado pouco deles, algo digno de memória se escreveria. Tu, porém, obrigas-me a ditar em duas semanas, já na iminência da Páscoa e ao soprares os ventos, de tal modo que não sei quando os notários as recolheriam, ou as tabuletas se escreveriam, ou se corrigiriam em tempo hábil a que fossem passadas a limpo, máxime quando sabes que cáí doente por três meses,⁷⁵ que com dificuldade começo, agora, a empreender a tarefa, e não posso compendiar a magnitude do trabalho na brevidade do tempo. Omitida, portanto, a autoridade dos antigos, ao não me ter facultada a possibilidade de os ler nem de os acompanhar, expus brevemente a interpretação histórica [do texto], coisa que principalmente pediste, e aí misturei de quando em

quando ornamentos de sentido espiritual, reservando para outro momento uma obra mais acabada. Se, porém, mais longa for a minha vida ou se tu, aqui voltando, cumprires o que prometeste, tratarei então de levar a cabo o que faltou, ou melhor, tendo-se lançado os alicerces e sido em parte erguidas as paredes, imporei à obra um belíssimo desfecho, para que saibas a diferença que existe entre uma repentina audácia de ditar e a esmerada diligência em escrever. Sabes, certamente – e teria eu vergonha de arrolar-te como testemunha da minha mentira –, que eu ditei o presente opúsculo com tão grande celeridade que poderias pensar que mais me teria posto a ler material alheio do que a compor de minha lavra. E não penses que isso foi dito por arrogância e confiança no [próprio] talento, mas sim que almejo um meio com o qual mostrar-te de quão grande prestígio gozas junto de mim, que mais teria querido arriscar-me entre os doutos do que te negar seja lá o que for, quando com solicitude me pedes. Por isso, peço que, caso o discurso revele-se mais deselegante e o período não proceda com a cadência acostumada, tu o atribuas à pressa, e não à imperícia, e dês cópias [dele], quando chegares a Roma, a Príncípia, virgem de Cristo, que me rogou que escrevesse sobre o Cântico dos Cânticos;⁷⁶ tendo-me visto impedido de realizar dita obra pela demorada enfermidade, diferi para o futuro a esperança de fazê-lo, submetendo-te agora, porém, à seguinte norma, a saber, se lhe subtraíres o que para ti foi escrito, que também ela encerre em seu pequeno armário o que se lhe há de escrever mais tarde.

Livro 1

[Mt 1,1–10,42]

O nascimento de Cristo, os presentes dos magos, a fuga para o Egito

1,1 “Livro da geração de Jesus Cristo” – Em Isaías, lemos: “Quem narrará a sua geração?”.⁷⁷ Não pensemos, pois, que o Evangelho seja contrário ao profeta, a ponto de começar aqui a narrar o que aquele disse não poder ser expresso em palavra, porquanto ali se aludiu à geração da divindade, enquanto aqui se falou a respeito da encarnação. Começou, com efeito, [o evangelista] pelas realidades carnis a fim de que começássemos, por meio do homem, a adquirir conhecimento de Deus.

2 “Filho de Davi, filho de Abraão” – A ordem está invertida, mas foi mudada por necessidade. Se tivesse posto Abraão em primeiro lugar e, em seguida, Davi, ter-lhe-ia sido forçoso retomar uma segunda vez [o nome de] Abraão a fim de encetar a série da geração. Por isso, omitindo-se os outros, chamou-o filho desses dois, porque tão somente a eles se fez a promessa relativa ao Cristo; a Abraão foi dito: “E todas as nações da terra serão abençoadas na tua descendência”,⁷⁸ descendência esta que é o Cristo; e a Davi: “Colocarei sobre o teu trono um fruto do teu ventre”.⁷⁹

3 “Judá gerou, de Tamar, Farés e Zara” – É de se notar que, na genealogia do Salvador, nenhuma das santas mulheres se toma, mas sim as que a Escritura censura, para mostrar que aquele que viera para os pecadores, ao nascer de pecadoras, havia de destruir o pecado de todas elas. Daí que também se citem, em seguida, Rute, a moabita, e Betsabé, a mulher de Urias.

4 “Naasson gerou Salmon” – Esse Salmon era príncipe da tribo de Judá, conforme lemos nos Números.⁸⁰

8-9 “Jorão gerou Ozias. Ozias gerou Joatão” – No quarto livro dos Reis,⁸¹ lemos que, de Jorão, foi gerado Ocozias,⁸² o qual tendo morrido, Josebá, filha do rei Jorão e irmã de Ocozias, tomou Joás, filho do seu irmão, subtraindo-o ao morticínio que se levava a cabo por parte de Atália.⁸³ E a Joás sucedeu, no reino, o seu filho Amasias,⁸⁴ depois do qual reinou o filho deste, Azarias,⁸⁵ que também se chama Ozias, a quem sucedeu seu filho Joatão. Estás a ver, portanto, que, conforme o testemunho fidedigno da história, houve nesse intervalo três reis que o Evangelho aqui omitiu; Jorão, por certo, não gerou Ozias, mas sim Ocozias e os demais que enumeramos. É bem verdade que o evangelista se propusera arranjar três grupos de quatorze [gerações] segundo a diversa condição dos períodos, e, além disso, Jorão misturara-se à raça da muito ímpia Jezabel⁸⁶ e, por esse motivo, suprime-se a sua memória até a terceira geração, para que esta não se pusesse na linha sucessória que vai dar no santo nascimento.

12 “E, depois do cativo de Babilônia, Jeconias gerou Salatiel” – Se quisermos colocar Jeconias no final do anterior grupo de quatorze, já não haverá, nesse seguinte grupo, quatorze [gerações], e sim treze. Tenhamos em conta, no entanto, que o primeiro Jeconias é o mesmo que também se chama Joacim, e o segundo, por sua vez, é o filho, e não o pai. O primeiro destes tem seu nome escrito com c e com m; ao passo que o nome do segundo escreve-se com ch e n, algo que, por vício dos copistas e pela distância no tempo, tem sido confundido quer entre os gregos, quer entre os latinos.⁸⁷

16 “Jacó gerou José” – Juliano Augusto⁸⁸ objeta-nos essa passagem de dissonância entre os evangelistas, pois o evangelista Mateus disse que José era filho de Jacó, enquanto Lucas o chamou filho de Heli,⁸⁹ sem entender a usança das Escrituras segundo a qual um deles é seu pai conforme a natureza, e outro, conforme a Lei. Sabemos, com efeito, ter sido preceituado por meio de Moisés, a uma ordem de Deus, que, se um irmão ou parente tiver morrido sem filhos, que outro tome a sua mulher de modo a suscitar a descendência de seu irmão ou parente.⁹⁰ Sobre isso recorreram também, de modo mais completo, tanto o cronista⁹¹ africano como Eusébio de Cesareia, nos livros das diafonias dos Evangelhos.⁹² “Gerou José, marido de Maria” – Ao ouvires “marido”, não se insinue para ti qualquer suspeição de núpcias

[consumadas], mas lembra-te da usança das Escrituras segundo a qual [os noivos se chamam maridos]⁹³ e as noivas se chamam “mulheres casadas”.⁹⁴

17 “Portanto, [...] do cativoiro [de Babilônia] até Cristo, [foram] quatorze gerações” – Conta desde Jeconias até José, e acharás treze gerações. A décima quarta geração será considerada, a bem da verdade, no próprio Cristo.

18 “Assim se deu, pois, a geração de Cristo” – Que o diligente leitor se pergunte e diga: ora, se José não é pai do Senhor e Salvador, o que tem a ver com o Senhor uma ordem de geração que chega até José? A este responderemos que, em primeiro lugar, não é do costume das Escrituras que se componha, em se tratando de gerações, uma sucessão de mulheres; e, também, que de uma só e mesma tribo eram José e Maria: razão pela qual era ele obrigado, em virtude da Lei, a tomá-la como parente, e porque ambos são ao mesmo tempo recenseados em Belém, gerados que eram de uma só e mesma estirpe.

“Ao estar Maria, sua mãe, desposada [com José]” – Por que não é concebido [o Senhor] de uma simples virgem, mas sim de uma desposada? Primeiro, para que, pela geração de José, se mostrasse a origem de Maria; em segundo lugar, para que ela não fosse lapidada pelos judeus como adúltera; em terceiro lugar, para que contasse com um apoio ao fugir para o Egito. O mártir Inácio acrescenta ainda uma quarta razão por que foi concebido [o Cristo] de uma desposada: para que o parto dela, diz, permanecesse escondido do diabo,⁹⁵ enquanto este pensa que [o Senhor] foi gerado não de uma virgem, mas de uma mulher casada.

“Antes de coabitarem, aconteceu que ela achou-se grávida, tendo concebido por virtude do Espírito Santo” – Não foi encontrada em tal estado por outro a não ser por José, que tudo sabia como que por uma licença marital da futura esposa. Ao fato de dizer-se, por outro lado, “antes de coabitarem”, não se segue que tenham coabitado depois; a Escritura mostra, no entanto, que tal não se deu.

19 “José, seu esposo, que era justo, não querendo entregá-la, resolveu

rejeitá-la em segredo” – “O que se ajunta a uma fornicadora torna-se um só corpo com ela.”⁹⁶ E, na Lei, foi preceituado que levam o peso do pecado não apenas os réus, mas também os que têm conhecimento dos [seus] crimes [e não os declaram].⁹⁷ Ora, como então José, ao ocultar o crime da esposa, é designado como justo? Serve, pois, como testemunho em favor de Maria que José, conhecedor da sua castidade e admirando o que nela se passara e cujo mistério ignorava, tenha-o escondido no silêncio.

20 “José, filho de Davi, não temas receber Maria por cônjuge” – Já dissemos acima que as noivas são designadas como mulheres casadas,⁹⁸ algo que o livro contra Helvídio⁹⁹ ensina de modo mais completo. E, com o afeto de quem alenta, fala-lhe o anjo através de um sonho, a fim de que reconhecesse a retidão daquele silêncio. Note-se, ao mesmo tempo, que José é dito ser filho de Davi, de forma a assim demonstrar que Maria era, também, da estirpe de Davi.

21 “[Ela dará à luz um filho,] a quem porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo de seus pecados” – “Jesus”, no idioma hebraico, quer dizer “Salvador”. Ora, o evangelista indicou a etimologia do nome dele ao dizer: “a quem porás o nome de Salvador, porque ele salvará o seu povo”.

22-23 “Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor através do profeta que dizia: ‘Eis que a Virgem conceberá e dará à luz’” – No lugar em que o evangelista Mateus diz: “terá no útero”,¹⁰⁰ está escrito no profeta: receberá no útero;¹⁰¹ mas o profeta, porquanto prenuncia eventos futuros, mostra o que há de suceder e escreve “receberá”, ao passo que o evangelista, ao não narrar uma história acerca do futuro, mas de algo pretérito, modificou o verbo “receberá” e escreveu “terá”. Ora, quem tem algo de forma alguma há de recebê-lo. É como aquilo que lemos também nos salmos: “Subindo às alturas, levou cativo o cativo, recebeu dons nos homens”.¹⁰² Ao citar o Apóstolo esse testemunho,¹⁰³ não diz “recebeu”, mas “deu”, pois ali fora significado algo que viria a ocorrer, ou seja, que estava [o Senhor] por receber, enquanto aqui se narra a respeito de quem já dera o

que tinha recebido.

24-25 “Despertando, José fez como o anjo do Senhor havia mandado e recebeu em casa a sua esposa. E não a conheceu até que ela desse à luz o seu filho primogênito” – Em virtude dessa passagem, houve alguns que nutriram mui perversamente a suspeita de que Maria teria tido outros filhos, dizendo que não se faz menção de um primogênito a não ser que este tenha irmãos, conquanto haja o costume de as divinas Escrituras não chamarem de “primogênito” alguém a quem [necessariamente] se seguem irmãos, mas sim alguém que foi o primeiro em nascer. Lê o supracitado livrinho contra Helvídio.¹⁰⁴

2,2 “[Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?] Vimos a sua estrela no Oriente” – Para a confusão dos judeus, a fim de que viessem estes a tomar conhecimento do nascimento do Cristo por meio dos pagãos, surgiu no Oriente uma estrela, que eles tinham conhecido por vaticínio de Balaão – cujos sucessores eram¹⁰⁵ –, como algo que se haveria de manifestar. Lê o livro dos Números.¹⁰⁶ Os magos são conduzidos à Judeia, guiados pelo sinal da estrela, para que os sacerdotes, uma vez interrogados por eles a respeito do lugar em que o Cristo haveria de nascer, não tivessem qualquer escusa quanto ao reconhecimento da sua vinda.

5 “Disseram-lhes: ‘Em Belém, da Judeia’” – Há [aqui] um erro dos copistas. Pensamos, com efeito, que, por parte do evangelista, foi publicado primeiro o texto tal como lemos no próprio hebraico: “de Judá”, e não “da Judeia”.¹⁰⁷ E qual é a Belém de outras nações, para que, no intuito de distinguir esta, se pusesse aqui a expressão “da Judeia”? Escreve-se, no entanto, “de Judá” pelo fato de haver também outra Belém na Galileia. Lê o livro de Josué.¹⁰⁸ É por isso que se tem, no próprio testemunho que se tomou da profecia de Miqueias,¹⁰⁹ um texto assim: “E tu, Belém, terra de Judá”.

11 “[Entrando na casa, acharam o menino e o adoraram.] Depois, abrindo

seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra” – O presbítero Juvenco,¹¹⁰ em um só versinho, abrange belissimamente os mistérios desses dons: incenso, ouro e mirra, dons que trazem ao rei, ao homem, ao Deus.¹¹¹

12 “Avisados em sonho de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro caminho” – Os que haviam oferecido dons ao Senhor recebem, por conseguinte, um aviso. O fato de terem sido avisados – o que, em grego, se diz chrēmatissthéntes – não ocorreu por intermédio de um anjo, mas foi obra do próprio Senhor, para que assim se demonstrasse o privilégio dos méritos de José.¹¹² [Os magos] voltam, porém, por outro caminho porque não se haviam de misturar com a infidelidade dos judeus.

13 “Eis que um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, dizendo: ‘Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito’” – Quando ele tomou o menino e sua mãe para passar ao Egito, fê-lo de noite e em meio às trevas; quando, porém, retornou à Judeia, não se faz menção a noite nem a trevas no Evangelho.

15 “[Ali permaneceu até a morte de Herodes] para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, através do profeta que dizia: ‘Do Egito, chamei meu filho’” – Respondam os que negam a veracidade dos volumes dos hebreus: onde é que isso se lê nos tradutores [da versão] dos Setenta?¹¹³ Ao não encontrarem isso nelas, nós lhes diremos que está escrito no profeta Oseias,¹¹⁴ tal como podem comprovar também os exemplares que publicamos há não muito tempo.¹¹⁵ Podemos, porém, ser consolados também de outro modo por essa passagem, em razão dos contenciosos, cujo costume o apóstolo Paulo nega ter, assim como nega que o tenha a Igreja de Cristo,¹¹⁶ e proferimos o testemunho [do livro] dos Números, ao dizer Balaão: “Deus o chamou do Egito, sua glória é como a do unicórnio”.¹¹⁷

17-18 “Cumpriu-se, então, o que foi dito pelo profeta Jeremias: ‘Em Ramá,

ouviu-se uma voz, choro e grandes lamentos: é Raquel a chorar seus filhos; não quis consolação, porque já não existem” – De Raquel nascera Benjamim, em cuja tribo não se situa Belém. Pergunta-se, então: como é que Raquel chora os filhos de Judá, isto é, de Belém, como se fossem dela? Responderemos brevemente que isso se dá porque ela foi sepultada junto a Belém, em Éfrata,¹¹⁸ um local que teria recebido o renome da mãe em virtude da morada de permanência daquele frágil corpo, ou porque as duas tribos de Judá e Benjamim eram contíguas, e Herodes ordenara que não só em Belém, mas também em todos os seus arredores, os meninos fossem mortos. Por ocasião do acontecido em Belém, entendemos que, igualmente, muitos de Benjamim teriam caído. Ela chora, por outro lado, os seus filhos e não recebe consolação segundo um duplo sentido, ou porque os estimava mortos para sempre, ou porque não queria ser consolada por causa da morte daqueles que, como sabia, haviam de sair vencedores. Não pensemos, porém, que se diz “em Ramá” em referência ao nome do lugar que se encontra junto a Gábaa, mas traduz-se “ramá” por “elevado”,¹¹⁹ de forma que o sentido da frase seja: “Ouvir-se uma voz do alto”, ou seja, uma voz amplamente difusa.

20 “[Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e retorna à terra de Israel,] porque morreram os que atentavam contra a vida do menino” – Por essa passagem, entendemos que não só Herodes, mas também os sacerdotes e os escribas tramaram, naquele tempo, a morte do Senhor.

21 “José levantou-se, tomou o menino e sua mãe, [e foi para a terra de Israel]” – Não disse: “tomou seu filho e sua esposa”, mas sim “o menino e sua mãe”, em referência a alguém que é [pai] nutrício, e não marido.

22 “Ao ouvir, porém, que Arquelau reinava na Judeia, em lugar de seu pai Herodes, [não ousou ir para lá]” – Há muitos que, por ignorância da história, caem em erro, pensando que o Herodes por quem foi o Senhor ridicularizado em sua paixão e este a que agora se refere o texto, dizendo que morreu, seriam a mesma pessoa. Aquele Herodes, portanto, que travou

depois amizade com Pilatos, é filho desse Herodes e irmão de Arquelau, a quem o próprio Tibério César desterrou a Lião, que é uma cidade das Gálias, ao fazer de seu irmão Herodes o sucessor do seu reino. Lê a história de Josefo.¹²⁰

23 “E veio habitar na cidade de Nazaré para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: ‘Será chamado Nazareno’” – Se tivesse colocado aqui uma citação exata das Escrituras, jamais teria dito “o que foi dito pelos profetas”, mas simplesmente “pelo profeta”; agora, porém, ao referir-se pluralmente a profetas, mostra que não tomou palavras da Escritura, mas sim o seu sentido. “Nazareno” traduz-se como “santo”. E toda a Escritura recorda que o Senhor havia de sê-lo. Podemos até dizer, de outra forma, o que também se acha escrito com as mesmas palavras, de acordo com a verdade hebraica, em Isaías: “Sairá um renovo da raiz de Jessé, brotará de sua raiz um nazareno”.¹²¹

O modo de vida de João, o batismo de Cristo, a tentação

3,2 “[Naqueles dias, apareceu João Batista, pregando no deserto da Judeia. Dizia ele:] ‘Fazei penitência; aproximou-se, pois, o Reino dos Céus’” – João Batista prega o Reino dos Céus em primeiro lugar, de modo a ser o precursor do Senhor honrado com esse privilégio.

3 “Este é aquele de quem foi dito por meio do profeta Isaías, quando disse: ‘Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas’” – Ele preparava as almas dos fiéis, nas quais haveria o Senhor de andar, para que aquele que é puro andasse em puríssimos caminhos, e dissesse: “Habituarei no meio deles e aí andarei, e serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”.¹²² Porfírio¹²³ compara essa passagem ao início do evangelista Marcos, em que está escrito: “Início do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus; conforme está escrito no profeta Isaías: ‘Eis que envio o meu anjo diante da tua face: ele preparará o teu caminho’. ‘Uma voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas’”.¹²⁴ Ora, uma vez que se acha entrelaçado o testemunho quer de Malaquias,¹²⁵ quer de Isaías,¹²⁶ ele se pergunta como é que podemos pensar que uma citação como essa teria sido tomada apenas de Isaías. E varões eclesiásticos já lhe responderam de forma mui completa. Por nossa parte, pensamos que ou se acrescentou aí o nome de Isaías por um erro dos copistas, coisa que podemos provar ter acontecido também noutras passagens, ou então se criou um corpo único a partir de diversos testemunhos das Escrituras. Lê o 13º salmo, e encontrarás isso mesmo.¹²⁷

4 “João usava uma vestimenta de pelos de camelo e um cinto de couro em volta dos rins” – Diz que ele tinha [uma veste feita] de pelos, e não de lã. Nesse caso, trata-se de um indício de austera vestimenta; no outro, seria de uma luxúria mais complacente. O cinto de couro, porém, com o qual se achava cingido também Elias, é um símbolo de mortificação.¹²⁸ Quanto ao que vem em seguida: “Alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre”, era

conveniente a um morador do deserto que não satisfizesse [o desejo de] delícias das comidas, mas sim a necessidade da carne humana.

9 “Deus é poderoso para suscitar destas pedras filhos a Abraão” – Chama “pedras” aos pagãos em razão da dureza do coração. Lê Ezequiel: “Tirar-vos-ei do peito, diz, o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne”.¹²⁹ A dureza é significada na pedra; a moleza, na carne. Ou, então, isso está a indicar simplesmente o poder de Deus, porque quem do nada criou todas as coisas pode suscitar um povo até mesmo de duríssimas pedras.

10 “O machado já está posto à raiz das árvores” – A pregação da Palavra evangélica, qual afiada espada de dois gumes, é chamada de machado conforme o profeta Jeremias, que compara a Palavra do Senhor a um machado que corta a pedra.¹³⁰

11 “[Aquele que virá depois de mim é mais poderoso do que eu,] e nem sou digno de carregar seus calçados” – Noutro Evangelho, diz-se: “a quem não sou digno de lhe desatar a correia do calçado”.¹³¹ Demonstra-se aqui humildade, ali, um mistério;¹³² porque Cristo é o esposo, e João não merece desatar a correia do esposo, para que a casa deste não se venha a chamar, de acordo com a Lei de Moisés¹³³ e o exemplo de Rute,¹³⁴ “casa do descalçado”.¹³⁵

“Ele vos batizará no Espírito Santo e em fogo” – Isso pode significar que fogo é o Espírito Santo, o qual, como ensinam os Atos dos Apóstolos, tendo descido, tomou assento como um fogo sobre as línguas dos que creem, e assim cumpriu-se a Palavra do Senhor, que diz: “Eu vim lançar fogo à terra, e que tenho eu a desejar senão que arda?”.¹³⁶ Ou, então, que somos, no presente momento, batizados no Espírito e o seremos, futuramente, no fogo; e, com essa interpretação, também se conforma o Apóstolo: “O fogo provará o que vale o trabalho de cada um”.¹³⁷

13 “Veio então Jesus da Galileia ao Jordão ter com João, para ser batizado por ele” – O Salvador recebeu o batismo de João por uma tripla causa: em primeiro lugar, uma vez que nascera homem, para cumprir toda a justiça e a humildade da Lei; em segundo lugar, para aprovar, com o seu batismo, o batismo de João; e, enfim, para demonstrar, ao santificar as águas do Jordão por meio da descida da pomba, a vinda do Espírito Santo no banho [baptismal] dos fiéis.

15 “Deixa por agora” – Belamente disse “por agora”, de modo a mostrar que o Cristo havia de ser batizado na água e que João, por sua vez, o havia de ser no Espírito, por obra de Cristo; ou, então, “deixa por agora” quer dizer: “Para que eu, que assumi a forma de escravo, cumpra também a sua humildade. Hás de saber, no entanto, que serás batizado, no dia do juízo, com o meu batismo”. “Deixa por agora” – diz o Senhor – “tenho um outro batismo com o qual hei de ser batizado”,¹³⁸ “tu me batizas na água para que eu te batize por amor de mim, no teu sangue”.

“Pois convém cumpramos a justiça completa” – Não acrescentou que tipo de justiça [se havia de cumprir], a da Lei ou a da natureza, para que entendamos ambas; e, se Deus recebeu o batismo de um homem, que ninguém faça pouco de recebê-lo de um companheiro de serviço.

16 “Eis que os céus se abriram e viu descer sobre ele, em forma de pomba, o Espírito” etc. – Demonstra-se, no batismo, o mistério da Trindade. O Senhor é batizado, o Espírito desce em forma de pomba, ouve-se a voz do Pai a dar testemunho do Filho. Abrem-se os céus, porém, não pelo descortinar-se dos elementos, mas em face de olhos espirituais, ante os quais também Ezequiel, no início do seu volume, recorda terem eles aberto.¹³⁹ Pousou ainda uma pomba sobre a cabeça de Jesus, para que não viesse alguém a pensar que a voz do Pai se referia a João, e não ao Senhor.

4,1 “Em seguida, Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto” – Não há dúvida de que o foi pelo Espírito Santo, ao que se segue, com efeito: “para ser tentado pelo diabo”. Foi conduzido, pois, não a contragosto, nem cativo,

mas com vontade de lutar.

2 “Jejuou quarenta dias e quarenta noites. Depois teve fome” – Mostra-se-nos um mistério nesse número dos quarenta [dias e noites], segundo o qual também Moisés jejuou no monte Sinai, assim como Elias, ao pé do monte Horeb.¹⁴⁰ Permite-se, pois, que o corpo sinta fome para que se dê ao diabo ocasião de tentar.

3 “Dize que estas pedras se tornem pães” – Apropriadamente se diz a alguém que sente fome: “Dize que estas pedras se tornem pães”, mas te vês colhido, ó diabo, entre dois escolhos contrários: se, a uma ordem dele, podem as pedras tornar-se pães, então tentas à toa a quem detém tamanho poder; se, pelo contrário, ele não pode fazer isso, suspeitas, em vão, que seja ele o Filho de Deus: “Se és Filho de Deus, dize que estas pedras se tornem pães”.

4 “Jesus respondeu: ‘Está escrito: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus’” – O testemunho foi tomado do Deuteronômio.¹⁴¹ E o Senhor assim respondeu porque era seu propósito vencer o diabo pela humildade, não pelo poder. Ao mesmo tempo, deve-se notar que, se não tivesse o Senhor começado a jejuar, não se teria dado ao diabo ocasião de tentá-lo, conforme aquela Palavra: “Filho, ao entrares para o serviço de Deus, prepara a tua alma para a tentação”.¹⁴² Mas a própria resposta do Salvador indica que quem foi tentado era um homem: “Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”. Se alguém, portanto, não se alimenta da Palavra de Deus, tal pessoa não vive.

5 “O diabo transportou-o à cidade santa” – Esse transporte a que aqui se alude não se deu em virtude da fragilidade do Senhor, mas por causa da soberba do inimigo, que pensa tratar-se de necessidade o que era vontade do Salvador. A partir dessa passagem, entende-se também aquilo que noutro

lugar se escreve: “Entraram na cidade santa e a muitos apareceram”.¹⁴³ “Colocou-o no ponto mais alto do templo” – Para tentar, também pela vanglória, aquele a quem tentara pela fome.

6 “Se és Filho de Deus, lança-te abaixo” – Em todas as tentações, o diabo age para saber se ele era de fato Filho de Deus, mas o Senhor modera de tal forma a sua resposta que o deixa na dúvida. “Lança-te abaixo” – [eis] a voz do diabo, por meio da qual sempre deseja que caiam todos no que há de mais baixo. “Lança-te”, diz; ele pode persuadir, mas não precipitar. “Pois está escrito: ‘Ele deu a Seus anjos ordens a teu respeito; para que te levem nas mãos, para que não venhas talvez a machucar o teu pé numa pedra’” – Lemos isso no nonagésimo salmo.¹⁴⁴ A bem da verdade, ele contém uma profecia relativa não ao Cristo, mas a um santo varão. O diabo interpreta mal, então, as Escrituras. Por certo, se conhecesse verdadeiramente o que foi escrito a respeito do Salvador, deveria ter dito também, e contra si, o que, no mesmo salmo, vem a seguir: “Sobre a áspide e o basilisco andarás, calcarás aos pés o leão e o dragão”.¹⁴⁵ Fala do auxílio dos anjos como se a alguém fraco se dirigisse; cala, porém, qual tergiversador, a respeito do próprio esmagamento.

7 “Disse-lhe Jesus: ‘Ainda está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus’”¹⁴⁶ – [O Senhor] quebra as falsas flechas do diabo, tomadas das Escrituras, com verdadeiros escudos das Escrituras. E há de notar-se que ele tão somente apresentou os necessários testemunhos tomando-os do Deuteronomio, de modo a manifestar os mistérios da segunda Lei.¹⁴⁷

8 “O demônio transportou-o, uma vez mais, a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a sua glória” – A glória do mundo, que com o mundo há de perecer, é mostrada no monte, e na arrogância. O Senhor, porém, desceu às realidades humildes e às terras campestres para, com a humildade, superar o diabo. Além do mais, o diabo se apressa em levá-lo aos montes, no intuito de fazer com que se precipitem também outros daquelas elevações através das quais ele próprio se precipitou, de

acordo com a palavra do Apóstolo: “Não aconteça que, inchado, venha a cair no juízo do diabo”.¹⁴⁸

9 “Dar-te-ei tudo isto, se, prostrando-te diante de mim, me adorares” – Arrogante e soberbo, o diabo fala também isso, no auge da sua jactância, não porque tenha ele potestade no mundo inteiro, a ponto de poder outorgar todos os reinos, visto sabermos que diversos varões santos foram por Deus constituídos reis. Ele diz: “se, prostrando-te diante de mim, me adorares”; logo, quem está para adorar o diabo já se precipitou antecipadamente.

10 “Respondeu-lhe, então, Jesus: ‘Vai-te, Satanás, pois está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a ele servirás’”¹⁴⁹ – E, contrariamente a como muitos pensam, Satanás e o apóstolo Pedro não são condenados pela mesma sentença.¹⁵⁰ A Pedro, com efeito, diz-se: “Vai para trás de mim, Satanás”,¹⁵¹ isto é, segue-me tu, que te opuseste à minha vontade; este aqui, porém, ouve: “Vai-te, Satanás”, e não se lhe diz: “para trás”, de modo a subentender-se: “Vai para o fogo eterno, que preparado foi para ti e os teus anjos”.¹⁵²

“Adorarás o Senhor teu Deus” – Ao dizer o diabo ao Salvador: “se, prostrando-te diante de mim, me adorares”, ouve, pelo contrário, que ele próprio deve, antes, adorar o Senhor seu Deus.

11 “Em seguida, o diabo o deixou, e os anjos aproximaram-se dele para servi-lo” – Precedeu a tentação para que se seguisse a vitória. Os anjos servem para que se comprove a dignidade do vencedor.

Jesus prega, chama os apóstolos, ensina as bem-aventuranças

15 “A terra de Zabulon e de Neftali” etc. – Foram esses [lugares] os que ouviram, primeiramente, o Senhor a pregar, de sorte que onde se dera o primeiro cativo de Israel por parte dos assírios, ali mesmo haveria de nascer a proclamação do Redentor.

17 “Desde então, Jesus começou a pregar, dizendo: ‘Fazei penitência; aproximou-se, pois, o Reino dos Céus’” – Uma vez que João fora entregue, ele começa diretamente a pregar: cessada a Lei, nasce, por conseguinte, o Evangelho. Se, por outro lado, o Salvador prega as mesmas palavras que dissera anteriormente João Batista, mostra, com isso, ser Filho do mesmo Deus de quem aquele fora um profeta.

19 “[Caminhando ao longo do mar..., viu dois irmãos, Simão... e André..., e disse-lhes:] ‘Vinde após mim, e vos farei pescadores de homens’” – Foram estes os primeiros chamados a seguir o Senhor. Pescadores e iletrados são enviados a pregar, para não se estimar que a fé dos que creem se constitua não a partir do poder de Deus, e sim da eloquência e da erudição.

24 “[...]os lunáticos e os paralíticos. E ele curava a todos” – Não eram, na verdade, lunáticos, mas sim pessoas tidas por lunáticos, graças à falácia dos demônios, os quais, observando os ciclos lunares, desejavam difamar a criação, para que disso redundassem blasfêmias dirigidas contra o Criador.

5,1 “Vendo aquelas multidões, Jesus subiu a um monte e, tendo-se sentado, aproximaram-se dele os seus discípulos” – Subiu o Senhor a uma montanha para levar consigo as multidões às realidades mais altas, mas as multidões

não têm condições de subir. Seguem-no os discípulos, os mesmos aos quais fala também ele, não de pé, mas sentado, e como que diminuído. De fato, não poderiam entendê-lo refulgente em sua majestade. De acordo com o sentido literal, alguns dos irmãos mais simples pensam que o Senhor teria ensinado as bem-aventuranças e as demais palavras que a elas se seguem no monte das Oliveiras, o que não corresponde, de forma alguma, à verdade. Comprova-se pelas linhas precedentes, com efeito, assim como pelas seguintes, que na Galileia se situa o dito lugar, que julgamos ser o Tabor ou qualquer outro monte elevado. Além disso, depois que o Senhor acabou de proferir as suas palavras, logo se segue: “Tendo, pois, entrado em Cafarnaum”.¹⁵³

3 “[E lhes ensinava, dizendo:] Bem-aventurados os pobres em espírito” – É o que lemos noutra passagem: “Salvará os que têm espírito humilhado”.¹⁵⁴ Para que alguém não viesse, por outro lado, a considerar que se prega, por parte do Senhor, aquela pobreza que se tolera, algumas vezes, por necessidade, ele acrescentou: “em espírito”, para que entendesses humildade, e não penúria. São bem-aventurados os pobres em espírito, ou seja, os que, por causa do Espírito Santo, são pobres por vontade própria. Daí que, a respeito dessa classe de pobres, também fale o Senhor, por intermédio de Isaías:¹⁵⁵ “O Senhor me ungiu, e, por essa razão, enviou-me a evangelizar os pobres”.

4 “Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra” – Não a terra da Judeia, nem uma terra deste mundo; não uma terra amaldiçoada, que produz espinhos e abrolhos:¹⁵⁶ até mesmo alguém muito cruel e guerreiro pode vir a possuí-la. Trata-se, no entanto, daquela terra que o salmista deseja: “Creio que hei de ver os benefícios do Senhor na terra dos vivos”.¹⁵⁷ Tal possuidor, que é também triunfador após a vitória, descreve-se no 44º salmo: “Dirige teu olhar, avança na prosperidade e reina em defesa da verdade, da mansidão e da justiça”.¹⁵⁸ Ora, ninguém possui pela mansidão esta terra [em que vivemos], mas sim pela soberba.

5 “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” – Menciona-se aqui não o luto pelos mortos em virtude da lei comum da natureza, mas por aqueles que morreram em decorrência dos pecados e dos vícios. Assim chorou também Samuel por Saul, uma vez que o Senhor se arrependera de tê-lo ungido rei sobre Israel;¹⁵⁹ assim diz, do mesmo modo, o apóstolo Paulo, que chora e se lamenta por aqueles que, depois da fornicação e da imundície, não fizeram penitência.¹⁶⁰

6 “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça” – Não nos basta querer a justiça, a menos que tenhamos fome de justiça, de sorte que, sob essa imagem, entendamos que nunca seremos justos o suficiente, mas sempre havemos de sentir fome das obras de justiça.

7 “Bem-aventurados os misericordiosos” – Entende-se a misericórdia não apenas nas esmolas, mas diante de todo e qualquer pecado do irmão, caso carreguemos os fardos uns dos outros.¹⁶¹

8 “Bem-aventurados os de coração puro, porque verão a Deus” – São aqueles a quem não acusa qualquer consciência de pecado. Reconhece-se quem é puro por um coração puro: o templo de Deus não pode estar maculado.¹⁶²

9 “Bem-aventurados os pacíficos” – São aqueles que promovem a paz, em primeiro lugar, no próprio coração e, então, também entre irmãos que se encontrem em dissidência. De que adianta, com efeito, que outros sejam pacificados por ti, quando no teu coração campeiam as guerras dos vícios?

10 “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça” – Claramente se acrescenta: “por causa da justiça”, pois muitos são perseguidos por causa de seus próprios pecados e não são justos. Considera,

ao mesmo tempo, que a oitava bem-aventurança, a da verdadeira circuncisão,¹⁶³ é coroada pelo martírio.

11 “Bem-aventurados sereis quando vos amaldiçoarem, quando vos perseguirem e disserem, mentindo, todo o mal contra vós [por causa de mim]” – Tal ato de amaldiçoar é coisa a ser menosprezada e produz bem-aventurança, porque é proferido pela falsa boca de quem amaldiçoa.¹⁶⁴ Daí que o Senhor tenha especialmente definido em que consiste essa bem-aventurada maldição, dizendo: “Quando disserem, mentindo, todo o mal contra vós por causa de mim”. Quando o Cristo é sua causa, desejável é a maldição.

12 “Alegrai-vos e exultai, [porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós]” – Ignoro quem de nós pode cumprir o que aqui se diz, a ponto de, enquanto se dilacera a nossa fama com opróbrios, nós exultarmos no Senhor. Quem anda atrás de uma glória vã não pode cumpri-lo. Devemos, pois, alegrar-nos e exultar, a fim de que se prepare a nossa recompensa nas moradas celestes. Lemos que elegantemente se escreveu em certo volume: “Não andes atrás da glória, e não te lamentarás quando inglório fores”.¹⁶⁵

13 “Vós sois o sal da terra” – Os apóstolos são chamados de sal porque, por meio deles, é sazonado todo o gênero humano.

“Se o sal perde o sabor, com que lhe será restituída a faculdade de salgar?” – Se um doutor errar, por obra de que outro doutor será corrigido?

“Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e calcado pelos homens” – Tomou-se um exemplo da agricultura. O sal, de fato, é necessário ao condimento da comida e à secagem das carnes e, assim, outro uso não tem. É bem verdade que lemos, nas Escrituras, que certas cidades foram semeadas de sal pela ira dos vencedores, de modo que semente alguma nascesse nelas já.¹⁶⁶ Cuidem-se, portanto, os doutores e os bispos, ao considerar que “os poderosos hão de suportar poderosos tormentos”,¹⁶⁷ e não há mais remédio algum, antes, a ruína

dos maiores leva ao tártaro.¹⁶⁸

14-15 “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha, nem se acende uma lâmpada para colocá-la debaixo do alqueire”, e o restante. – Ensina aqui [o Senhor] a coragem de pregar, para que os apóstolos não se escondam por medo, assemelhando-se a uma lâmpada sob o alqueire, mas se deem a conhecer, com toda a liberdade, e preguem, assim, sobre os telhados, o que ouviram nos quartos.¹⁶⁹

O Senhor não vem abolir a Lei

17 “Não penseis que vim abolir a lei ou os profetas. Não vim para os abolir, mas sim para levá-los a cumprimento” – Significando, com isso, ou que veio cumprir o que se profetizou a seu respeito por meio de outros, ou então que cumpriu com a sua pregação realidades que tinham sido, anteriormente, rudes e imperfeitas em decorrência da enfermidade dos ouvintes, ao remover a ira e a reciprocidade de talião, e ao excluir até mesmo a concupiscência oculta na mente.

18 “[Pois, em verdade, vos digo,] passará o céu e a terra” – São-nos prometidos novos céus e nova terra, que o Senhor Deus há de fazer. Ora, se hão de ser criados [céus e terra] novos, os antigos, por conseguinte, passarão.¹⁷⁰ Quanto, porém, ao que se segue: “antes que desapareça um jota, um traço da lei” [até que tudo se cumpra], mostra-se, pela imagem de uma letra, que até mesmo realidades que se consideram coisa de menor importância na Lei estão cheias de mistérios espirituais, e todas elas são recapituladas no Evangelho. Ora, à erudição de quem e à doutrina de quem cabe demonstrar que até os diversos sacrifícios e as realidades que parecem supersticiosas nas vítimas se cumprem todos os dias?¹⁷¹

19 “Aquele que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e ensinar assim aos homens, será declarado o menor no Reino dos Céus. Mas aquele que os praticar e os ensinar será declarado grande no Reino dos Céus” – O presente trecho enraíza-se no testemunho anterior, em que se dissera: “antes que desapareça um jota, um traço da lei” [até que tudo se cumpra]. Indica, com efeito, os fariseus, os quais, tendo desprezado os mandamentos de Deus, constituíam suas próprias tradições, porque o ensinamento deles aos povos não lhes serve de nada a eles próprios se chegam a destruir, ainda que seja um pouco, o que na Lei se acha preceituado. Podemos entendê-lo, porém, de outro modo, ou seja, o ensinamento de um mestre, caso este se encontre submetido ao pecado, por

menor que seja, demove-o do mais alto grau, e de nada lhe serve ensinar uma justiça que, por culpa bem pequena, ele destrói, mas a bem-aventurança perfeita é cumprir com as obras o que ensinares com a palavra.

Não se irar contra o irmão para fazer em paz a própria oferta

22 “Todo aquele que se irar contra seu irmão” – Nalguns códices, acrescenta-se: “sem motivo”. De resto, a sentença foi definida nos [códices] verdadeiros e elimina-se a ira por completo, ao dizer a Escritura: “Todo aquele que se irar contra seu irmão...”. Uma vez que se nos manda oferecer a outra face a quem nos bate, amar os nossos inimigos e orar pelos que nos perseguem,¹⁷² elimina-se toda e qualquer ocasião de ira. Risque-se, portanto, a expressão “sem motivo”, pois “a ira do homem não cumpre a justiça de Deus”.¹⁷³

“Aquele que disser a seu irmão: ‘Raca’” – Esse termo é, propriamente, dos hebreus. “Raca” [em grego] diz-se, com efeito, kenós, isto é, inane ou vazio; e isso daquele a quem podemos, numa injúria comum, chamar de cabeça oca.¹⁷⁴ Se já havemos de prestar contas de uma palavra ociosa, quanto mais [o deveremos] em se tratando de uma injúria? Mas se acrescenta de forma ainda mais contundente: “Aquele que disser a seu irmão: ‘Raca’”. Ora, irmão nosso é ninguém mais que aquele que tem em comum conosco o mesmo pai. E se ele crê, de modo semelhante, em Deus e conhece o Cristo, Sabedoria de Deus,¹⁷⁵ por que motivo pode ser designado com um epíteto de estultícia?

“Aquele que lhe disser: ‘Louco’ será condenado à geena” – Apò koinoũ¹⁷⁶ com o que precede, subentende-se: “Aquele que disser a seu irmão: ‘Louco’ será condenado à geena”. Ora, quem chama de louco a alguém que crê retamente em Deus é um ímpio em matéria de religião.

23 “Se estás, portanto, para oferecer o teu dom ao altar e ali te lembrares de que teu irmão tem algo contra ti” – Não diz: “de que tens algo contra teu irmão”, mas “de que teu irmão tem algo contra ti”, para que se te imponha uma necessidade mais exigente de reconciliação. Pois durante o tempo em que não podemos aplacá-lo, não sei se oferecemos convenientemente a Deus os nossos dons.

O amor aos inimigos, a cobiça da mulher, o arrancar o próprio olho

25-26 “Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás em caminho com ele, para que não suceda que te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao ministro e sejas posto no cárcere. Em verdade te digo, dali não sairás antes que pagues o último quadrante” – No lugar da expressão “em acordo”¹⁷⁷ que temos nos códices latinos, está escrito, nos gregos, εὐνοῶν, que se traduz por “benévolo” ou “benigno”. A partir do que precede, bem como do que se segue, o sentido manifesto é que o Senhor, nosso Salvador, nos exorta à paz e à concórdia enquanto corremos no caminho deste século, de acordo com o Apóstolo, que diz: “Se vos for possível, enquanto depender de vós, vivei em paz com todos os homens”.¹⁷⁸ Com efeito, no versículo anterior dissera: “Se estás, portanto, para oferecer o teu dom ao altar e ali te lembrares de que teu irmão tem algo contra ti...”, e, tendo-o terminado, imediatamente acrescenta: “sê benévolo ou benigno para com o teu adversário” e o que daí se segue. E, nos seguintes, manda: “Amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos vossos perseguidores”.¹⁷⁹ Embora fossem claras essas palavras e o seu conseqüente entendimento, muitos estimaram que isso teria sido dito com relação à carne e à alma, ou à alma e ao espírito, um pensamento que, simplesmente, não se sustenta.¹⁸⁰ Ora, como é que será posta a carne no cárcere se não tiver entrado em acordo com a alma, quando tanto a carne como a alma haveriam de ser igualmente encarceradas, e a carne não poderia fazer coisa alguma a não ser o que lhe fosse imperado pela alma? Ou como o Espírito Santo que habita em nós¹⁸¹ entregará ao juiz a carne ou a alma que lutam entre si,¹⁸² quando ele próprio é o juiz? Outros, conforme a epístola de Pedro, que diz: “Vosso adversário, o diabo, anda ao redor de vós qual leão que ruge”,¹⁸³ interpretam e pretendem ter sido ordenado pelo Salvador que, enquanto depender de nós, sejamos benévolos para com o diabo, que é inimigo e vingador, para não fazermos com que tenha de suportar castigos por nossa causa; ora, na medida em que ele próprio fornece os incentivos dos vícios, mesmo aos que pecamos por vontade própria, se entrarmos em acordo com aquele que nos aconselha práticas viciosas, também há de ser ele atormentado por nossa causa. E dizem que é benévolo com respeito ao seu adversário quem quer que, dentre os santos, não o leva a sofrer tormentos

por si. Certos [intérpretes] explicam-no, de um modo mais forçado, que, no batismo, cada um entra num pacto com o diabo, dizendo: “Renuncio a ti, diabo, e à tua pompa, e aos teus vícios, e ao teu mundo, que jaz sob o poder do Maligno”.¹⁸⁴ Se observarmos, então, dito pacto, seremos benévolos para com o nosso adversário, entraremos em acordo com ele e, assim, jamais havemos de ser postos no cárcere. Se, pelo contrário, em algo transgredirmos aquilo que ao diabo prometêramos, seremos entregues ao juiz e ao ministro, e seremos postos no cárcere, sem que dali saíamos até pagarmos o último quadrante. O quadrante é uma espécie de moeda que contém dois miúdos. Daí que se diga, num Evangelho,¹⁸⁵ que aquela mulher pobre e viúva teria lançado um quadrante no tesouro [do templo] e, noutro,¹⁸⁶ que teria lançado dois miúdos, não porque os Evangelhos dissintam, mas porque um único quadrante contém duas moedas miúdas. E isso é o que [o Senhor] diz: “Não hás de sair do cárcere até pagares inclusive pelos menores pecados”.

28 “Todo aquele que dirigir o olhar a uma mulher para cobiçá-la já cometeu adultério com ela em seu coração” – Entre os termos gregos páthos e propátheia, ou seja, entre a paixão e uma “pré-paixão”, existe a seguinte diferença, a saber, que a paixão se tem na conta de vício, ao passo que a “pré-paixão”¹⁸⁷ – por mais que já tenha um início de culpa – não é reputada, no entanto, como crime. Assim sendo, quem vê uma mulher e sente sua alma como que despertada foi golpeado por uma “pré-paixão”; se nisso consentir e fizer de um pensamento um afeto, tal como está escrito em Davi: “Passaram ao afeto do coração”,¹⁸⁸ transitou da “pré-paixão” à paixão e já não lhe falta a este a vontade de pecar, e sim tão somente a ocasião. Quem olhar, portanto, para uma mulher no intuito de cobiçá-la, isto é, se lhe dirigir de tal modo o olhar de forma a cobiçá-la, com a disposição de fazê-lo, diz-se corretamente que este já adulterou com ela em seu coração.

29 “Se teu olho direito te escandaliza”,¹⁸⁹ e o restante. – Haja vista que dissera acima algo acerca da cobiça da mulher, apropriadamente chamou, agora, de olho tanto o pensamento como o sentimento, que voam em diversas direções. Com a mão direita, por outro lado, e as outras partes do corpo, indicam-se os inícios da vontade e do afeto, à proporção que levamos

a cabo com o obrar o que com a mente concebemos. Deve-se tomar precaução, portanto, para que não caia rapidamente no vício o que em nós há de melhor. Se, de fato, o olho direito e a mão direita escandalizam, quanto mais não o farão aqueles membros que são esquerdos em nós! Se a alma decai, quanto mais não o fará o corpo, que mais inclinado é aos pecados! Explicando-o de outro modo: no olho direito e na mão direita, indica-se o afeto pelos irmãos, pela esposa, pelos filhos, parentes e achegados, os quais, se considerarmos servirem para nós de impedimento a que contemplemos a verdadeira luz, devemos semelhantemente cortar partes deles para não acontecer que, enquanto pretendemos lucrar outros, venhamos nós mesmos a perecer eternamente.¹⁹⁰ Por isso se diz também a respeito do sumo sacerdote, cuja alma fora dedicada ao culto de Deus: “Não se contaminará por seu pai, nem por sua mãe ou por seus filhos”,¹⁹¹ o que significa que não haveria ele de reconhecer afeto algum a não ser o daquele a cujo culto fora dedicado.

Sobre o repúdio da esposa, jamais jurar, sempre resistir ao mau

31-32 “Foi também dito: ‘Todo aquele que rejeitar sua mulher, dê-lhe libelo de repúdio’. Eu, porém, vos digo: Todo aquele que rejeita sua mulher”, e o restante.¹⁹² – Num momento posterior, o Salvador expõe de modo mais completo essa passagem, dizendo que Moisés mandara dar um libelo de repúdio em razão da dureza de coração dos maridos, sem fazer concessões ao divórcio, mas eliminando o homicídio.¹⁹³ É, de fato, preferível que ocorra um divórcio, por mais lúgubre que isso seja, a que, por causa do ódio, o sangue se derrame.

34 “Eu, porém, vos digo: Não jureis de modo algum: nem pelo céu”, e o restante. – Sempre tiveram os judeus esse péssimo costume de jurar pelos elementos, tal como a palavra profética com frequência os acusa.¹⁹⁴ Quem jura ou venera ou ama aquele por quem jura. Preceituou-se na Lei que não jurássemos a não ser pelo Senhor nosso Deus.¹⁹⁵ Ao jurarem os judeus pelos anjos, pela cidade de Jerusalém, pelo templo e pelos elementos, veneravam criaturas e realidades carnis prestando a honra e o serviço devidos a Deus. Considera, enfim, que aqui o Salvador não proibiu que se jurasse por Deus, mas sim pelo céu, pela terra, por Jerusalém e por tua própria cabeça. Isso fora concedido pela Lei como que a pequeninos, a fim de que, como imolavam suas vítimas a Deus para não o fazerem aos ídolos, tivessem também a permissão de jurar por Deus não porque, ao fazê-lo, agissem corretamente, mas porque seria melhor darem a Deus o seu juramento do que aos demônios. A verdade evangélica, por outro lado, não acolhe o juramento, a partir do momento em que toda palavra de um fiel se há de tomar qual se juramento fosse.

38-39 “Tendes ouvido o que foi dito: ‘Olho por olho, dente por dente’. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao mau” – Quem diz “olho por olho” não quer tirar um dos olhos, mas preservá-los a ambos.¹⁹⁶ Ao retirar a ocasião da reciprocidade [na vingança], nosso Senhor corta pela raiz os inícios dos

pecados. E, na Lei, fala-se de retribuição, mas, no Evangelho, de graça; ali, emenda-se a culpa, mas, aqui, eliminam-se os exórdios dos pecados.

39-40 “Se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém te citar em juízo para tirar-te a túnica, cede-lhe também a capa” – Descreve-se o varão eclesiástico, imitador daquele que diz: “Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração”,¹⁹⁷ e comprova sua palavra ao ser golpeado por uma bofetada: “Se falei mal, prova-o; mas, se falei bem, por que me bates?”.¹⁹⁸ Tal como o que também Davi falava no salmo: “Se acaso fiz o mal aos que me compensavam”;¹⁹⁹ e Jeremias, nas Lamentações:²⁰⁰ “É bom para o homem que tenha permanecido sentado desde a sua adolescência; dará sua face a quem o golpeia, fartar-se-á de opróbrios”. Isso vai contra os que pensam ser um o Deus da Lei e outro o do Evangelho, pois tanto lá como cá se ensina a mansidão. De acordo com místicas interpretações, uma vez que se golpeou a nossa face direita, não se nos manda que ofereçamos a face esquerda, mas sim a outra, isto é, a outra face direita, uma vez que o justo não tem face esquerda. Se o herege nos golpear numa disputa e quiser ferir o dogma direito,²⁰¹ que se lhe oponha outro testemunho tomado das Escrituras e, assim, ofereçamos continuamente sucessivas faces direitas a quem as golpeia, até que a ira do inimigo arrefeça.

Dar a quem pede, amar os inimigos

42 “Dá a quem te pede, e não te desvies daquele que te quer pedir emprestado” – Se entendermos o que se disse tão somente com relação à esmola, isso não se poderá aplicar no caso da maior parte dos pobres. Demais, tampouco os ricos, conquanto tenham sempre dado [esmolas], poderão dá-las a cada momento. Por isso, depois de se abordar o bem da esmola, dão-se aos apóstolos, isto é, aos doutores, preceitos no sentido de darem gratuitamente o que gratuitamente receberam.²⁰² Essa espécie de dinheiro jamais falta, mas, quanto mais for dada, tanto mais amplamente ver-se-á duplicada; e por mais que se lhe endureça o campo adjacente, jamais se secará a água da fonte.

44 “Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam” – Muitos, ao considerar os preceitos de Deus à luz da própria debilidade, e não das forças dos santos, pensam que as realidades preceituadas são impossíveis, e dizem bastar, no tocante às virtudes, que não se odeiem os inimigos; de resto, que se mande amá-los é coisa que vai além do que pode tolerar a natureza humana. Há de saber-se, no entanto, que Cristo não manda o que é impossível, mas sim obras perfeitas, tais como as que praticara Davi com relação a Saul e a Absalão.²⁰³ Também o mártir Estêvão orou pelos inimigos que o lapidavam,²⁰⁴ e Paulo almejou converter-se em anátema em favor dos que o perseguiam.²⁰⁵ Jesus, por outro lado, tanto ensinou tais coisas como as praticou, ao dizer: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.²⁰⁶

45 “Assim sereis filhos de vosso Pai que está nos céus” – Se, ao guardar os preceitos de Deus, alguém se torna filho de Deus, logo não é filho por natureza, mas em virtude de sua escolha.

As esmolas e a oração de Cristo

6,2 “Quando, pois, dás esmola, não toques a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem honrados pelos homens” – Quem, ao dar esmola, faz soar a trombeta é um hipócrita; quem ora nas sinagogas e nas esquinas das praças para ser visto pelos homens é um hipócrita; quem, ao jejuar, desfigura a sua face para mostrar no rosto a vacuidade do ventre, também este é um hipócrita. De tudo isso se conclui que são hipócritas todos quantos fazem seja lá o que for para serem glorificados pelos homens. Parece-me que também quem diz a seu irmão: “Deixa-me tirar a palha do teu olho”²⁰⁷ fá-lo no intuito de glória, para parecer que ele próprio é justo. Daí que se lhe diga, por parte do Senhor: “Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho”.²⁰⁸ Só então a virtude da observância é aceita por Deus, a saber, quando se pratica por causa de Deus. Assim, não é a virtude em si que encontra recompensa junto a Deus, mas a causa da virtude. E se te desvias um pouco da vereda reta, não importa se vais pela direita ou pela esquerda, já que perdeste o verdadeiro caminho.

3 “Quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a direita” – E não apenas a esmola, mas tudo quanto fizermos de boa obra, a esquerda deve ignorá-lo; pois, se ela o conhecer, uma obra reta ficará, de imediato, conspurcada.²⁰⁹

5 “Em verdade, eu vos digo: [os hipócritas que oram para serem vistos] já receberam sua recompensa” – Não a recompensa de Deus, mas a sua própria: são, com efeito, louvados pelos homens, em razão dos quais praticaram as virtudes.

6 “Quando orares, entra no teu quarto e, fechada a tua porta, ora ao teu Pai em segredo” – E, com tais palavras, segundo um entendimento simples,

instrui o ouvinte a fugir da vanglória ao orar. Parece-me, contudo, que mais se mandou que orássemos ao Senhor, tendo contido o pensamento do nosso coração e comprimido os nossos lábios, algo que lemos ter feito Ana, no volume dos Reis: “Apenas se moviam os seus lábios – diz o texto –, sem se lhe ouvir a voz”.²¹⁰

7 “Orando, não faleis demais, como os pagãos” – Se o pagão fala demais na oração, quem é cristão deve, então, falar pouco; pois Deus é ouvinte não de palavras, mas do coração.²¹¹

8 “Porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes que vós lho peçais” – Ergue-se com base nesta passagem certa heresia de filósofos, que é também a perversa doutrina dos que dizem: “Se Deus conhece o que havemos de orar e sabe, antes mesmo que lho peçamos, aquilo de que temos necessidade, falamos à toa a quem já tem conhecimento”. A estes brevemente se há de responder que não somos narradores, mas sim rogadores. Uma coisa é narrar um fato a quem o ignora, outra pedir algo a quem já sabe. No primeiro caso, dá-se informação; no segundo, obedece-se. Ali, fielmente informamos; aqui, miseravelmente suplicamos.

9 “[Eis como deveis rezar:] Pai nosso, que estás nos céus” – Ao dizerem “Pai”, [os que o fazem] confessam-se filhos.

“Santificado seja o teu nome” – Não em ti, mas em nós. Pois se o nome de Deus é blasfemado entre as nações por causa dos pecadores, é, pelo contrário, santificado por causa dos justos.

10 “Venha o teu Reino” – Ou se pede aqui, em geral, por um Reino que se estenda ao mundo todo, a fim de que o diabo desista de reinar no mundo; ou então que reine Deus em cada um, e não reine o pecado no corpo mortal dos homens.²¹² Ao mesmo tempo, deve-se notar ser empresa de grande audácia, própria de uma consciência pura, suplicar o Reino de Deus e não temer o

juízo.

“Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” – Para que, assim como os anjos te servem inocentemente nos céus, também os homens te sirvam na terra. Enrubescam-se, ante esta sentença, os que mentem todos os dias acerca de quedas havidas no céu,²¹³ pois de que nos serve a semelhança com os céus, se também no céu existe o pecado?

11 “O pão nosso, necessário à nossa subsistência, dá-nos hoje” – O que nós dizemos “necessário à subsistência”,²¹⁴ diz-se em grego *epioúsios*, termo que os intérpretes dos Setenta com muita frequência traduziram *perioúsios*. Nós consideramos, por isso, no hebraico, e em todas as passagens que aqueles tradutores [gregos] tinham escrito *perioúsios*, encontramos [no hebraico] *sogolla*,²¹⁵ que Símaco²¹⁶ traduziu por *exaíretos*, isto é, “precípua” ou “egrégio”, conquanto em certa passagem se tenha traduzido por “peculiar”. Quando pedimos, então, que Deus nos conceda o que é peculiar ou precípua, pedimos-lhe aquele Pão que diz: “Eu sou o Pão que desci do céu”.²¹⁷ No Evangelho que se designa “segundo os hebreus”,²¹⁸ em lugar de *supersubstancial*, encontra-se *mahar*,²¹⁹ que quer dizer “próprio do dia de amanhã”, de modo que o sentido seja: “O pão nosso de amanhã, ou seja, o pão futuro, dá-nos hoje”. Podemos entender também de outra forma esse pão *supersubstancial*, como aquele que se acha acima de todas as substâncias e ultrapassa todas as criaturas. Outros simplesmente pensam, conforme a palavra do Apóstolo, que diz: “Tendo alimento e vestuário, contentemo-nos com isso”,²²⁰ que os santos se preocupam apenas com o alimento presente, razão pela qual também se preceitua no que vem a seguir: “Não vos preocupeis com o dia de amanhã”.²²¹

13 “Amém”²²² – É o selo da oração do Senhor, que Áquila²²³ traduz por “fielmente”; e nós podemos dizer “verdadeiramente”.²²⁴

O perdão dos irmãos, o ungir-se, o tesouro no céu

14 “Se, com efeito, perdoardes aos homens os seus pecados” – O que está escrito: “Eu disse, sois deuses e filhos do Altíssimo todos e, não obstante, como homens morrereis e como qualquer dos príncipes caireis”,²²⁵ diz-se àqueles que, em razão dos pecados, mereceram ser homens, de deuses que eram. Corretamente, portanto, também aqueles a quem se perdoam os pecados são chamados homens.

16 “[Os hipócritas] exterminam o semblante, para parecerem aos homens como quem jejua” – A forma verbal “exterminam”,²²⁶ que é, nas Escrituras eclesiásticas, de uso comum, por um erro dos tradutores, significa algo muito diferente de como vulgarmente se entende. Exterminam-se,²²⁷ por certo, os exilados, que se enviam para além dos termos²²⁸ de um território. No lugar dessa palavra, então, devemos sempre tomar “desfiguram”.²²⁹ O hipócrita desfigura, por sua vez, o próprio semblante para simular tristeza e, com espírito talvez alegre, dar impressão de luto no rosto.

17 “Quando jejuares, unge a tua cabeça e lava o teu rosto” – Fala-se conforme um costume da província da Palestina, em que se sói ungir a cabeça nos dias de festa. Ordena, pois, que, quando jejuamos, havemos de mostrar-nos alegres e com um ar festivo. Muitos, ao ler aquela passagem do salmista: “O óleo do pecador não unja minha cabeça”,²³⁰ querem, pelo contrário, que haja um óleo bom, a respeito do qual noutra passagem se diz: “Ungiu-te Deus, o teu Deus, com óleo de exultação, de preferência a teus companheiros”,²³¹ e, então, mandaria [o Senhor] que, praticando as virtudes, unjamos com esse óleo espiritual a parte principal do nosso coração.

21 “Porque onde está o teu tesouro, lá também está o teu coração” – Isso

não se há de entender com relação apenas ao dinheiro, mas a todas as paixões. O deus do guloso é o ventre;²³² é lá, portanto, que ele tem o coração, ou seja, onde está o seu tesouro. O tesouro do luxurioso são os festins; o do lascivo, os divertimentos; o do amante, o prazer. “Cada um serve àquilo por que é vencido.”²³³

O olho simples, o serviço a um senhor, a preocupação com o pão

22 “[O olho é a luz do corpo.] Se teu olho é simples, todo o teu corpo estará iluminado” – Quem tem os olhos inflamados costuma ver numerosos pontos de luz. Um olho simples e puro divisa realidades simples e puras. E isso se traslada ao pensamento. Assim, pois, como o corpo estará todo em trevas, se não houver olho, do mesmo modo, ao ter perdido a alma o seu principal resplendor, todo o pensamento permanecerá na escuridão.

23 “Se, portanto, a luz que está em ti são trevas, quão espessas deverão ser as trevas!” – Se o pensamento, que é a luz da alma, se vir obscurecido pelo vício, com que trevas pensas tu que a própria escuridão não estará envolvida?

24 “Não podeis servir a Deus e a mammona” – Mammona, no idioma siríaco, significa “riquezas”. “Não podeis servir a Deus e a mammona.” Ouça-o o avaro, ouça que quem se distingue pelo apelativo de cristão não pode servir, ao mesmo tempo, às riquezas e a Cristo.²³⁴ E, não obstante, não se referiu a quem tem riquezas, mas a quem serve às riquezas. Quem, com efeito, é escravo das riquezas guarda as próprias riquezas como o faria um escravo; quem, por outro lado, sacode o jugo da escravidão distribui-as como senhor.

25 “Portanto, eis que vos digo: Não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis; nem por vosso corpo, como vos vestireis” – Nalguns códices, acrescentou-se: “nem pelo que bebereis”. Logo, somos de todo liberados do cuidado disso que a todos a natureza concedeu e é comum tanto aos animais domésticos, como às feras e aos homens. Mas, se nos manda que não nos preocupemos com o que havemos de comer, porque preparamos o nosso pão com o suor do rosto.²³⁵ Exerça-se o trabalho, elimine-se a preocupação.

Tomemos, pois, isso que se diz: “Não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis; nem por vosso corpo, como vos vestireis”, em relação ao alimento e ao vestuário carnal. De resto, com os alimentos e vestuários espirituais, sempre nos havemos de preocupar.

“A vida não é mais que o alimento, e o corpo não é mais que as vestes?” – O que diz, dessa maneira, é: quem se dedica ao que tem mais importância dedicar-se-á, por certo, também ao que tem menos.

As aves e os lírios do campo, a preocupação com o amanhã e o não julgar

26 “Olhai as aves do céu: não semeiam, nem ceifam, nem recolhem nos celeiros, e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais que elas?” – O Apóstolo ordena que não saibamos mais do que convém saber.²³⁶ Esse testemunho se há de conservar também na presente passagem. Há certas pessoas, pois, que, à proporção que querem ir além dos limites dos Padres e alçar voo às alturas, se precipitam nas profundezas, dizendo que tais aves do céu seriam anjos e outros poderes que, sem cuidado de si próprios, são alimentados pela providência de Deus. Se isso é mesmo assim como querem que seja entendido, como se segue que aos homens foi dito: “Não valeis vós muito mais que elas”? Há de entender, portanto, de modo simples, que, se as aves são alimentadas, sem cuidado e dificuldades, pela providência de Deus – aves que hoje existem e amanhã não existirão, aves cuja alma é mortal e que, quando tiverem deixado de existir, não estarão já definitivamente na existência –, quanto mais os homens, aos quais se promete a eternidade, não se regerão pela vontade de Deus!

27-28 “Qual de vós pode acrescentar um só côvado à sua estatura? E por que vos inquietais com as vestes?” – Assim como demonstrou, pela comparação com as aves, que a vida vale mais que a comida, do mesmo modo mostra que o corpo vale mais que a veste a teor do que se segue, dizendo: “Considerai como crescem os lírios do campo” e o restante. [29.30: “Entretanto, eu vos digo que o próprio Salomão, no auge de sua glória, não se vestiu como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje cresce e amanhã será lançada ao forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé!”] – E, de fato, que seda, que púrpura de reis, que recamado de tecelãs pode comparar-se com as flores? O que rubeja de tal modo como a rosa? O que resplandece tal como o lírio? A púrpura da violeta, por sua vez, por nenhum múrex²³⁷ é superada: trata-se de um juízo dos olhos, mais que das palavras.

34 “Não vos preocupeis com o dia de amanhã” – Concedeu, portanto, que com as realidades presentes nos preocupássemos aquele que proíbe que nutramos preocupação com as futuras. Daí que também o Apóstolo diga: “Trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós”.²³⁸ Entende-se por “amanhã”, nas Escrituras, o tempo futuro, no dizer de Jacó: “E amanhã me ouvirá minha justiça”;²³⁹ e, no fantasma de Samuel, a pitonisa fala a Saul: “Amanhã estarás comigo”.²⁴⁰

“A cada dia basta a sua malícia”²⁴¹ – Não pôs aqui “malícia” como algo contrário à virtude, mas sim dando a entender a fadiga, a aflição e as angústias do século. É a malícia com que também Sara afligiu a sua escrava Agar,²⁴² o que, de modo significativo, se diz em grego ekákōsen autén.²⁴³ Basta-nos, em suma, o pensamento do tempo presente; deixemos de lado o cuidado para com as realidades futuras, que é incerto.

7,1 “Não julgueis, e não sereis julgados” – Se [o Senhor] proíbe julgar, com que fundamento Paulo julga, em Corinto, um fornicador,²⁴⁴ e Pedro increpa Ananias e Safira por mentirem?²⁴⁵ Ele mostra, porém, na seguinte sentença, o que tinha de fato proibido, ao dizer: “Do mesmo modo como julgardes, sereis julgados também vós”. Assim sendo, não proibiu que se julgasse, mas ensinou a fazê-lo.

A palha no olho alheio, o dar aos cães o que é santo, o que se deve pedir

3 “Por que olhas a palha que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu?”, e o restante. – Fala daqueles que, enquanto eles mesmos se mantêm agrilhoados num pecado mortal, não concedem aos irmãos nem sequer pecados menores, coando um mosquito e tragando-se um camelo.²⁴⁶ Apropriadamente, portanto, por sua simulação de justiça, também se chamam hipócritas, como dissemos, estes que por meio da trave de seu próprio olho olham para a palha no olho do irmão.²⁴⁷

6 “Não lanceis aos cães o que é santo” – Santo é o pão dos filhos;²⁴⁸ não devemos, pois, tomar o pão dos filhos para dá-lo aos cães.

“Não atireis aos porcos as vossas pérolas” – O porco não recebe um ornato, pois chafurda na poça de lama e, de acordo com os Provérbios de Salomão, ainda que tivesse um anel de ouro,²⁴⁹ mais sujo se encontraria. Certas pessoas querem que se entenda serem esses cães os que, depois de professar a fé de Cristo, regressam ao vômito dos seus pecados;²⁵⁰ e esses porcos, por sua vez, os que ainda não creram no Evangelho e chafurdam na lama da incredulidade e nos vícios. Não convém, pois, que a homens de tal espécie se confie de uma vez a pérola do Evangelho, para que não a calquem aos pés nem, voltando-se, comecem a despedaçar-vos.

7 “Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto” – Quem acima proibira que se pedissem realidades carnis mostra o que devemos procurar. E se a quem pede se dá, se quem busca acha e se a quem bate abre-se-lhe a porta, logo parece claro que aquele a quem não se dá, que não acha e a quem a porta não se abre não terá pedido, buscado nem batido à porta de forma adequada. Batamos, então, à porta de Cristo, da qual foi dito: “Esta é a porta do Senhor, os justos por ela entrarão”,²⁵¹ para que se nos abram, quando tivermos entrado, tesouros escondidos e secretos em Cristo Jesus, no qual está toda a ciência.²⁵²

11 “Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos” – Deve-se notar que foi dito serem os apóstolos maus; [seria difícil entendê-lo] a menos que, talvez, na pessoa dos apóstolos, se condenasse o gênero humano em sua totalidade, cujo coração, na comparação da divina clemência, está desde a infância inclinado ao mal. Lê o Gênesis.²⁵³ Nem admira que os homens deste século se digam maus, quando até o apóstolo Paulo recorda: “aproveitando o tempo, porque os dias são maus.”²⁵⁴

É preciso entrar pela porta estreita e guardar-se dos falsos profetas

13-14 “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduzem à perdição e numerosos são os que por aí entram. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho da vida e raros são os que o encontram” – O caminho espaçoso são os prazeres do século, que os homens apeteçam; estreito é aquele que se percorre por fadigas e jejuns, no qual o Apóstolo tanto ingressou,²⁵⁵ como exorta a que nele ingresse também Timóteo.²⁵⁶ Considera, ao mesmo tempo, quão assinaladamente falou [o Senhor] desses dois caminhos. Pelo espaçoso, caminham muitos; poucos encontram, não obstante, o estreito. Não procuramos o espaçoso, nem há necessidade de encontrá-lo, pois espontaneamente se mostra, é caminho dos que erram. Nem todos, por outro lado, encontram o estreito, nem entram de imediato por ele os que o encontraram. De fato, há muitos que, uma vez encontrado o caminho da verdade, tomados como estão pelos prazeres do século, voltam atrás da metade do percurso.

15 “Guardai-vos dos falsos profetas. Eles vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos arrebatadores” – Isso pode ser entendido, por certo, de todos aqueles que prometem uma coisa com seu porte externo e sua palavra, mas fazem ver outra com seu obrar. Especialmente, porém, deve-se entendê-lo dos hereges, que, pela continência, pela castidade, pelo jejum, parecem rodear-se como que com uma veste de piedade, conservando, na verdade, um espírito envenenado em seu interior, e enganam o coração dos irmãos mais simples. Pelos frutos, portanto, dessa alma, através dos quais arrastam eles a inocência ao estado de ruína, são comparados a lobos arrebatadores.

A árvore boa e seus frutos, dizer “Senhor, Senhor!” não salva

18 “Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má, bons frutos” – Perguntemos aos hereges que dizem haver duas naturezas contrárias entre si,²⁵⁷ se, de acordo com o entendimento deles, uma árvore boa nunca pode dar maus frutos, como é que Moisés, uma árvore boa, pecou junto à água da contradição;²⁵⁸ que Davi, tendo assassinado Urias, deitou-se com Betsabé,²⁵⁹ e também que Pedro, na paixão do Senhor, negou-o dizendo: “Nem conheço tal homem”?²⁶⁰ Ou, então, com que fundamento Jetro, o sogro de Moisés, árvore certamente má, uma vez que não cria no Deus de Israel, teria dado a Moisés um bom conselho;²⁶¹ ou Aquior teria falado algo útil a Holofernes;²⁶² ou o poeta cômico²⁶³ teria dito, em frase que o Apóstolo aprovou como bem falada:²⁶⁴ “Más companhias corrompem os bons costumes”? Ao não encontrarem o que responder, acrescentaremos ainda que Judas, outrora árvore boa, deu frutos maus depois que traiu o Salvador,²⁶⁵ e que Paulo, outrora árvore má, no tempo em que perseguia a Igreja de Cristo, deu, em seguida, frutos bons, quando, de perseguidor que era, foi transformado em vaso de eleição.²⁶⁶ Uma árvore boa, portanto, não dá maus frutos durante todo o tempo em que persevera num empenho de bondade; e uma árvore má, por sua vez, permanece em meio aos frutos dos pecados durante todo o tempo em que não se converte à penitência. Ninguém, com efeito, que permanece no que foi, passa a ser aquilo que ainda não começou a ser.

21 “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” – Assim como dissera acima, não se hão de receber os que apresentarem as vestimentas de uma vida regrada em razão da maldade de sua doutrina, agora também afirma, no sentido oposto, que não se há de dar crédito àqueles que, mesmo distinguindo-se pela integridade da fé, vivem de forma torpe e destroem, com suas obras más, a integridade da doutrina. Ambos os aspectos são, pois, necessários aos servos de Deus, de tal sorte que seu obrar seja cancelado pela palavra, e sua palavra, pelas obras. A esta sentença

pode parecer contrário aquilo: “Ninguém pode dizer ‘Jesus é o Senhor’, a não ser no Espírito Santo”.²⁶⁷ É, no entanto, do costume das Escrituras tomar ditos por feitos, de modo que, logo a seguir, se comprova serem rejeitados os que se jactam, sem obras, do conhecimento do Senhor e ouvem, da parte do Salvador: “Retirai-vos de mim, obreiros da iniquidade; não vos conheço”;²⁶⁸ também o Apóstolo fala nesse sentido: “Proclamam que conhecem a Deus, mas com seus feitos o renegam”.²⁶⁹

22-23 “Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome, e não foi em teu nome que expulsamos demônios e muitos prodígios fizemos?’ E, no entanto, eu lhes direi: Nunca vos conheci. Retirai-vos de mim os que operais a iniquidade!” – Profetizar, operar prodígios e expulsar demônios são atos que, vez por outra, não se devem aos méritos de quem os realiza, mas ou é a invocação do nome de Cristo que o faz, ou se permite que o façam em vista quer da condenação daqueles mesmos que o invocam, quer da utilidade dos que os veem e ouvem, de modo que, mesmo desprezando os homens que fazem determinados sinais, honrem, não obstante, a Deus, por cuja invocação tantos milagres se realizam.²⁷⁰ De fato, tanto Saul²⁷¹ como Balaão²⁷² e Caifás²⁷³ profetizaram sem saber o que diziam; e tanto o faraó²⁷⁴ como Nabucodonosor²⁷⁵ conheceram, através de sonhos, realidades futuras. Também nos Atos dos Apóstolos,²⁷⁶ os filhos de Cevas pareciam expulsar demônios, e o apóstolo Judas – também se narra –, com espírito de traidor, teria feito muitos sinais entre os outros apóstolos.²⁷⁷

“E, no entanto, eu lhes direi” – Disse de forma bastante significativa o que havia muito tempo evitara dizer: “Nunca vos conheci”. Não conhece o Senhor aqueles que perecem. Observa, por outro lado, por que motivo teria acrescentado: “Nunca vos conheci”, se, de acordo com alguns, todos os homens sempre viveram entre criaturas racionais.²⁷⁸

“Retirai-vos de mim os que operais a iniquidade!” – Não disse: “que operastes a iniquidade”, para que não parecesse anular a penitência, mas “que operais”, isto é, os que pecais até a hora presente e, tendo-se apresentado o momento do juízo, conquanto não tenhais já a faculdade de pecar, tendes ainda, não obstante, o afeto inclinado a fazê-lo.

A casa edificada sobre a rocha onde Jesus ensina como Senhor

25 “Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos” – Essa chuva que se empenha em derrubar a casa é o diabo; rios [transbordados] são todos os anticristos que pensam contrariamente a Cristo, e os ventos são perversidades espirituais nos espaços celestes.²⁷⁹

“Não caiu, porque estava edificada na rocha” – Sobre essa pedra, o Senhor fundou a Igreja,²⁸⁰ e dela também recebeu seu nome o apóstolo Pedro. Sobre esta espécie de pedra não se encontram os rastros da serpente.²⁸¹ Dela também fala o profeta, com confiança: “Firmou sobre a rocha os meus pés”,²⁸² e noutra passagem: “É a pedra um refúgio para lebres e marmotas”.²⁸³ Acolhe-se, pois, um animal tímido às cavernas das rochas, à sua áspera superfície, toda eriçada de pontas, e com tal proteção se resguarda. Daí que também a Moisés se tenha dito, no tempo em que tinha fugido do Egito e era a pequena lebre do Senhor: “Fica de pé na fenda da rocha, [...] e me verás por detrás”.²⁸⁴

26 “[...] que construiu sua casa na areia” – O fundamento que o Apóstolo arquiteto lançou²⁸⁵ é nosso único Senhor Jesus Cristo. Sobre esse fundamento estável e firme, alicerçado por si mesmo em virtude de sua mole robusta, edifica-se a Igreja de Cristo; sobre a areia, porém, que é fluida e não pode adquirir consistência nem ser reunida em composição única, edifica-se toda palavra dos hereges, com a finalidade de arruinar-se.

29 “Com efeito, ele a ensinava como quem tinha autoridade, e não como os escribas” – Aqueles, com efeito, ensinavam aos povos o que estava escrito em Moisés e nos profetas; Jesus, por outro lado, como Deus que era e Senhor do próprio Moisés, de acordo com a liberdade da sua vontade, ou acrescentava na Lei aqueles pontos que pareciam faltar, ou pregava-a aos povos com alguma alteração, como acima também lemos: “Foi dito aos antigos...; eu, porém vos digo...”.

O leproso, a sogra de Pedro, os possessos

8,1-2 “Tendo Jesus descido da montanha, uma grande multidão o seguia. Eis que um leproso, aproximando-se, prostrou-se diante dele” – Tendo o Senhor descido da montanha, acodem-lhe as multidões que não tiveram condições de ascender aos mais altos cimos. E, em primeiro lugar, aproxima-se dele um leproso. Não tinha ainda podido, em decorrência da lepra, ouvir a tão diversificada Palavra do Salvador na montanha. E deve-se notar que este foi curado, em primeiro lugar, de modo especial; em segundo lugar [o seria] o servo do centurião; em terceiro, a sogra febril de Pedro, em Cafarnaum; em quarto lugar, os que lhe foram apresentados e eram atormentados pelo demônio, cujos espíritos ele expelia com uma palavra, quando também curou a todos [os demais] que tinham algum mal.²⁸⁶

“Eis que um leproso, aproximando-se, prostrou-se diante dele” – É apropriado que, depois da pregação e do ensinamento, se lhe ofereça ocasião de fazer um sinal, de modo que, por meio dos milagres de poder, fosse confirmada, ante os ouvintes, a Palavra anteriormente pronunciada.

“Senhor, se queres, podes curar-me” – Quem roga à vontade [do Senhor] não duvida do [seu] poder.

3 “Estendendo a mão, Jesus o tocou e disse: ‘Eu quero, sê curado’” – Ao estender o Senhor a mão, a lepra desapareceu de imediato. Considera, ao mesmo tempo, que resposta humilde e desprovida de jactância [ele deu]. Aquele leproso dissera: “Se queres”; o Senhor respondeu: “Eu quero”. Aquele se antecipara: “podes curar-me”; o Senhor acrescenta, dizendo: “sê curado”. Não se hão de unir, portanto, ambas as respostas e lê-las, como estimam diversos autores dentre os latinos: “Eu quero curar[-te]”;²⁸⁷ mas sim tomá-las em separado, de modo que primeiro [se entenda que] o Senhor diz: “Eu quero” e, em seguida, ordena: “sê curado”.²⁸⁸

4 “Jesus então lhe disse: ‘Vê que não o digas a ninguém’” – Ora, a bem da verdade, que necessidade havia de propalar com a palavra algo que já mostrava com o corpo?

“Vai, porém, mostrar-te ao sacerdote e oferece o dom prescrito por Moisés em testemunho para eles” – Envia-o ao sacerdote por diversos motivos. Em primeiro lugar, em atenção à humildade, para ser visto como quem condescende com os sacerdotes. Fora, com efeito, preceituado na Lei que os que tivessem sido curados de lepra oferecessem dons aos sacerdotes.²⁸⁹ Em segundo lugar, para que, ao verem eles o leproso curado, ou cressem no Salvador ou não. Se cressem, seriam salvos; se não cressem, tornar-se-iam inescusáveis. Ao mesmo tempo o fazia para não parecer que infringia a Lei, coisa de que muito amiúde o acusavam.²⁹⁰

5-7 “Entrou Jesus em Cafarnaum. Um centurião veio a ele e lhe fez esta súplica: ‘Senhor, meu servo jaz em casa, paralítico, e sofre muito’. Disse-lhe Jesus: ‘Eu irei e o curarei’”, e o restante. – Não devemos acusar o Senhor de jactância por prometer de imediato que havia de ir e de curar [o servo], ao ver a fé, a humildade e a prudência do centurião. Viu a sua fé no fato de crer, e proveniente – como era – de pagãos, que um leproso²⁹¹ pode ser curado pelo Salvador; sua humildade por ter-se ele julgado indigno de que o Senhor entrasse sob o seu teto; e sua prudência por ter visto a divindade oculta para além da aparência corporal, ciente de que não lhe aproveitaria o que até mesmo por incrédulos se podia ver, mas sim o que interiormente se ocultava. Movido por essa prudência, disse ainda o seguinte:

9 “Pois eu também sou um subordinado [e tenho soldados às minhas ordens]. Eu digo a um: ‘Vai’, e ele vai”, e o restante. – Queria ele, com isso, mostrar que o Senhor também podia realizar o que queria não apenas pela presença física, mas pelo ministério de anjos.

10 “Ouvindo isto, Jesus admirou-se” – Admirou-se porque viu que o centurião compreendia a majestade dele. Ora, haviam de ser expulsos quer enfermidades corporais, quer poderes contrários, a que o homem, conforme

a própria debilidade, se encontra frequentemente sujeito; e tal coisa se havia de fazer tanto pela palavra do Senhor como pelos ministérios dos anjos.

“[E disse aos presentes:] ‘Em verdade, eu vos digo: não encontrei semelhante fé em Israel’” – Fala dos presentes, não de todos os patriarcas e profetas de antes, a menos que, talvez, na pessoa do centurião, a fé dos pagãos seja posta aqui em posição preferencial com relação a Israel.

11 “Por isso, eu vos declaro que muitos virão do Oriente e do Ocidente e se assentarão no Reino dos Céus com Abraão, Isaac e Jacó...” – Visto que o Deus de Abraão, o Criador do céu, é o Pai de Cristo, logo, no Reino dos Céus, está também Abraão, com quem se hão de assentar as nações que crerem no Cristo, o Filho do Criador. E cumpre-se, de um modo semelhante, aquele sentido a respeito do que dissemos acima, a saber, que, na fé do centurião, a prerrogativa dos pagãos surgia à proporção que, ante a sua prontidão em crer, trazem-se à memória os povos que haviam de crer, tanto do Oriente como do Ocidente.

12 “[...] enquanto os filhos do Reino” – Por “filhos do Reino”, dá a entender os judeus, nos quais reinou Deus anteriormente.

“[...] enquanto os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores” – Ora, trevas são sempre interiores, e não exteriores; como, porém, quem é expulso pelo Senhor abandona a luz, por isso as trevas se nomeiam exteriores.

“Aí haverá choro e ranger de dentes” – Se o choro é algo próprio dos olhos, e o ranger de dentes demonstra haver ossos, verdadeira é, portanto, a ressurreição dos corpos e dos seus membros que tinham morrido.

14-15 “Foi, então, Jesus à casa de Pedro, viu a sogra dele de cama e com febre. Tocou-lhe a mão, e a febre a deixou. Ela levantou-se e pôs-se a servi-los” – Toca-se a mão da mulher e, uma vez curadas as obras dela, a enfermidade dos pecados foge. A natureza dos homens comporta-se da

seguinte maneira: depois de uma febre, os corpos ficam mais prostrados e, tendo-se iniciado a cura, sentem ainda os males da enfermidade. A saúde conferida pelo Senhor, por sua vez, vem toda de uma só vez; e não basta que tenha sido ela curada, mas, para que se indicasse a epítasis²⁹² da sua fortaleza, acrescentou-se: “Ela levantou-se e pôs-se a servi-los”. Servia aquela mão que fora tocada e curada.

O seguimento daquele que, despertado, dá ordens ao vento e ao mar

16 “Pela tarde, apresentaram-lhe muitos possessos de demônios, e ele expulsava os espíritos com uma palavra e curava todos os que tinham algum mal” – Curam-se todos não de manhã, nem ao meio-dia, mas pela tarde, quando o sol está para pôr-se, quando o grão de trigo morre na terra para produzir muitos frutos.²⁹³

19-20 “Nisto, aproximou-se dele um escriba e lhe disse: ‘Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores’. E Jesus lhe disse: ‘As raposas têm suas tocas, e as aves do céu, seus ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça’” – Se esse escriba, que conhecia tão somente a letra da Lei, uma letra que mata,²⁹⁴ tivesse dito: “Senhor, seguir-te-ei para onde quer que fores”, não teria sido rejeitado pelo Senhor; mas porque o tinha na conta de um mestre a mais, entre outros, e era um literato – o que de modo bastante significativo se diz, em grego, *grammateús* –, e não um ouvinte espiritual, não tinha ele, por isso, um lugar em que Jesus pudesse reclinar a cabeça. Mostra-se-nos, por outro lado, que tal escriba foi repudiado também porque, tendo visto a grandeza dos sinais, quis seguir o Salvador no intuito de obter lucro dos milagrosos gestos, desejando aquilo mesmo que também Simão, o mago, quisera comprar de Pedro.²⁹⁵ Uma fé dessa espécie é justamente condenada por sentença do Senhor, e se lhe diz: “Por que desejas seguir-me com interesse em riquezas e lucros do século, quando vivo eu em tão grande pobreza, a ponto de não ter sequer um pequeno lugar de pouso e de não fazer uso de um telhado meu?”.

21 “Outra vez, outro de seus discípulos lhe disse: ‘Senhor, deixa-me ir primeiro enterrar meu pai’” – O que há de semelhante entre o escriba e o discípulo? Chama-o aquele de Mestre, este o confessa Senhor; este último deseja ir enterrar o pai, como num ato de piedade, aquele promete que há de segui-lo aonde quer que fosse, ainda que não procurasse um mestre, e sim o lucro que do mestre obteria.

22 “Jesus lhe diz: ‘Segue-me e deixa que os mortos enterrem seus mortos’” – Morto é todo aquele que não crê. Se, porém, um morto enterra outro morto, não devemos preocupar-nos com os mortos, mas sim com os vivos; não aconteça que, enquanto dedicamos aos mortos a nossa solicitude, também nós venhamos a ser chamados de mortos.²⁹⁶

23 “Tendo ele subido a uma barca, seguiram-no os seus discípulos...”, e o restante. – Fez Jesus o quinto sinal quando, subindo a uma embarcação em Cafarnaum, deu ordem aos ventos e ao mar; o sexto, quando, na região dos gerasenos, deu aos demônios a faculdade de irem para os porcos; o sétimo, quando, entrando em sua cidade, curou um segundo paralítico, [que jazia] em maca – o primeiro paralítico foi, com efeito, o servo do centurião.²⁹⁷

24-25 “Ele, no entanto, dormia. Os discípulos chegaram-se a ele e o acordaram, dizendo: ‘Senhor, salva-nos’” – Lemos em Jonas um tipo deste sinal,²⁹⁸ quando, vendo os demais aterrorizados, ele próprio mostrou-se seguro, pôs-se a dormir e, ao ser acordado, liberta com uma ordem os que o acordam, e com o mistério do seu sofrimento.²⁹⁹

26 “Então, levantando-se, deu ordens aos ventos e ao mar” – A partir dessa passagem, entendemos que todas as criaturas percebem o seu Criador; aqueles seres os quais se increpam e aos quais se dá uma ordem percebem quem é aquele que ordena; e não por causa do erro dos hereges, que pensam que todas as coisas são animadas, mas pela majestade do Criador é que coisas insensíveis para nós são sensíveis para ele.

27 “Admirados, os homens diziam: ‘Quem é este homem a quem até os ventos e o mar obedecem?’” – Não se admiravam os discípulos, mas sim os marinheiros e os outros que estavam na barca. Se, pelo contrário, alguém

quiser contenciosamente que quem se admirava eram discípulos, responderemos que foram corretamente chamados de homens,³⁰⁰ pois ainda não conheciam o poder do Salvador.

Os demônios e o paralítico

29 [“Dois possessos se puseram a gritar:] ‘Que tens a ver conosco, Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar antes do tempo?’” – Não se trata aqui da confissão oriunda da vontade, à qual se segue a recompensa de ter confessado;³⁰¹ é, antes, a extorsão da necessidade, que se impõe a quem não tem vontade; tal como se daria caso escravos fugitivos vissem o seu senhor depois de um longo tempo, nada suplicariam estes a não ser que fossem poupados dos açoites, do mesmo modo, ao constatarem também os demônios que, de repente, o Senhor vivia sobre a terra, acreditavam que tinha vindo para julgá-los. A presença do Salvador é tormento dos demônios. Ridiculamente, pensam alguns que os demônios sabem quem é o Filho de Deus³⁰² enquanto o diabo o ignora,³⁰³ pelo fato de terem aqueles menor malícia do que este, de quem são satélites. Ora, como todo o conhecimento dos discípulos se há de referir ao mestre, deve-se entender que tanto os demônios como o diabo suspeitavam, na verdade, que fosse ele Filho de Deus, mais do que conheciam. De fato, “ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo”.³⁰⁴

31-32 “[Os demônios imploraram a Jesus:] ‘Se nos expulsas, envia-nos para aquela manada de porcos’. ‘Ide!’, disse-lhes” – Não por conceder o Salvador aos demônios o que lhe pediam, disse-lhes: “Ide”, mas para que, por meio do morticínio dos porcos, se oferecesse aos homens uma ocasião de salvação. Ao verem isso os pastores, vão de imediato anunciá-lo à cidade. Enrubesça o maniqueu:³⁰⁵ se as almas dos homens e das bestas são de uma só e mesma substância e provêm do mesmo autor, como é que, em vista da salvação de um único homem, dois milhares de porcos se afogam?

34 “E eis que a cidade toda saiu ao encontro de Jesus. Quando o viram, suplicaram-lhe que deixasse a região deles” – Os que suplicam que [Jesus] deixe a região deles não o fazem por soberba – conforme pensam alguns –, mas pela humildade, em virtude da qual se julgavam indignos da presença

do Senhor, assim como Pedro, que, por ocasião da pesca, caindo ante os joelhos do Salvador, disse: “Retira-te de mim, Senhor, pois sou um homem pecador”.³⁰⁶

9,1-2 “[Jesus] veio para a sua cidade. Eis que lhe apresentaram um paralítico estendido numa padiola. Jesus, vendo a fé daquela gente, disse ao paralítico: ‘Confia, filho, teus pecados te são perdoados’”, e o restante. – Não entendamos que a cidade dele seja outra a não ser Nazaré, daí que seja inclusive chamado de Nazareno. Apresentaram-lhe, pois, como dissemos acima,³⁰⁷ um segundo paralítico, estendido numa padiola, visto que não conseguia, ele próprio, encaminhar-se [até onde Jesus estava]. Vendo Jesus, porém, não a fé de quem lhe era apresentado, mas a daqueles que o apresentavam, disse ao paralítico: “Confia, filho, teus pecados te são perdoados”. Oh, humildade admirável! Chama de filho a alguém desprezado, fraco e desarranjado em todas as articulações dos seus membros, alguém a quem os sacerdotes não se dignavam tocar. Ou, por certo, fora ele tornado filho pelo fato de se lhe terem perdoado os pecados. Segundo a tropologia,³⁰⁸ é por vezes apresentada para ser curada pelo Senhor, o perfeito Doutor, uma alma que jaz em seu corpo, tendo-se desarranjado todas as forças dos seus membros; e esta, se for curada pela misericórdia dele, tão grande cabedal de robustez adquire, a ponto de carregar logo em seguida a sua maca.³⁰⁹

3 “Eis que [ouvindo isso], alguns dos escribas disseram lá consigo: ‘Este homem blasfema’” – Lemos no profeta, ao dizê-lo Deus: “Sou eu que apago as tuas iniquidades”.³¹⁰ Os escribas, por conseguinte, acusam-no de blasfêmia, já que pensavam fosse ele um homem e compreendiam as palavras de Deus. Vendo-lhes, porém, os pensamentos, o Senhor mostra ser Deus, aquele que pode conhecer o que vai oculto no coração e, calando-se, de certo modo fala: “Com a mesma majestade, com o mesmo poder com que vejo os vossos pensamentos, posso também perdoar aos homens os seus delitos. Entendei por vós mesmos a graça que obtém o paralítico”.

5 “Que é mais fácil dizer: ‘Teus pecados te são perdoados’, ou: ‘Levanta-te e anda’?” – Entre dizer e fazer, muita distância existe. Se os pecados foram de fato perdoados ao paraplético, só o sabia quem os perdoava. Quanto, porém, a dizer-lhe: “Levanta-te e anda”, tratava-se de coisa que podiam comprovar tanto aquele que se levantava como os que o viam levantar-se. Faz-se, portanto, um sinal carnal para que se comprove a realização de algo espiritual, por mais que ao mesmo poder se deva a remissão dos delitos, quer do corpo, quer da alma. E a nós se concede entender que ocorrem diversas debilidades dos corpos em razão dos pecados, e talvez por isso sejam perdoados, em primeiro lugar, os pecados, para que, uma vez suprimidas as causas da debilidade, seja a saúde restituída.

6 “Toma a tua maca e volta para tua casa” – A alma paraplética, se é que se levantou, se é que recuperou a prístina robustez, toma a sua maca, na qual jazia, anteriormente, decomposta e carrega-a para a casa de suas virtudes.

Jesus chama Mateus e come com os pecadores

9 “Partindo dali, Jesus viu um homem sentado no posto de pagamento de taxas, de nome Mateus, e disse-lhe: ‘Segue-me’. O homem levantou-se e o seguiu” – Os outros evangelistas, em razão do respeito e da honra devidos a Mateus, não quiseram chamá-lo pelo nome mais comum, chamando-o, em vez disso, de Levi.³¹¹ Tinha ele, de fato, dois nomes. O próprio Mateus, por sua vez, de acordo com o que se preceitua por parte de Salomão: “O justo é acusador de si mesmo tão logo começa a falar”,³¹² e noutra passagem: “Confessa os teus pecados para que te justifiques”,³¹³ se designa como publicano, para mostrar aos leitores que ninguém deve desesperar da salvação caso se tenha convertido a uma vida melhor, quando ele mesmo foi de repente transformado em apóstolo, de publicano que era. Porfírio e Juliano Augusto³¹⁴ condenam, nesse ponto, quer a imperícia de um historiador que mente, quer a estultícia daqueles que seguiram o Salvador de repente, como a de quem teria seguido de modo irracional a qualquer um que chamasse, conquanto tão grandes demonstrações de poder e tantos sinais milagrosos tenham precedido [a esse chamamento] e não haja dúvida de que os apóstolos os viram, antes de crerem. Por certo, o próprio fulgor e a majestade da divindade oculta, que reluziam mesmo num rosto humano, poderiam atrair a quem os visse no primeiro golpe de vista. Se, com efeito, na pedra imantada e no âmbar, diz-se residir uma força que as faz unir a si anéis, hastes e varetas,³¹⁵ quanto mais não podia o Senhor de todas as criaturas atrair a si os que ele quisesse?

10 “Como Jesus estivesse à mesa na casa deste homem, tendo-se achegado numerosos publicanos e pecadores, sentavam-se à mesa com Jesus e seus discípulos”, e o restante. – [Os demais publicanos e pecadores] tinham visto que um publicano, convertido de seus pecados a uma vida melhor, encontrara ocasião de arrependimento. Por esse motivo, eles próprios não desesperam da salvação e vêm a Jesus – de modo que os fariseus e os escribas murmuram –, [vêm a Jesus,] não obstante, sem permanecerem nos seus primitivos vícios, mas em atitude de arrependimento, tal como dá a

entender a palavra seguinte do Senhor,³¹⁶ que diz:

13 “‘Quero misericórdia, e não sacrifício’. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores” – Ia, pois, o Senhor aos banquetes de pecadores para que ali tivesse ocasião de ensinar e de proporcionar a seus anfitriões alimentos espirituais. Afinal, ainda que se descreva com frequência que ele vai a banquetes, a outra coisa não se faz referência, senão ao que fez e ensinou, demonstrando-se, assim, tanto a humildade do Senhor em dirigir-se a pecadores como o poder do seu ensinamento na conversão dos arrependidos. Ao proferir, porém, o que se segue, a saber, “‘Quero misericórdia, e não sacrifício’”³¹⁷ e “‘Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores’”, um testemunho tomado do profeta, [o Senhor] ataca os escribas e os fariseus, que, tendo-se na conta de justos, evitavam o convívio de pecadores e publicanos.

Por que os filhos do Esposo não jejuam, o remendo velho, os odres novos

14 “Então, os discípulos de João aproximaram-se dele, dizendo: ‘Por que jejuamos nós e os fariseus, e os teus discípulos não?’” – Uma pergunta soberba e cheia da arrogância dos fariseus. Há de ser certamente repreendida a jactância do jejum, para não dizermos outra coisa. Pois tampouco poderiam os discípulos de João eximir-se de culpa ao caluniarem aquele que sabiam ter sido anunciado pelas palavras do seu mestre, juntando-se aos fariseus, que, conforme tinham ciência, foram condenados por João [quando dizia]: “Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera vindoura?”.³¹⁸

15 “Jesus respondeu: ‘Podem por acaso os amigos do Esposo afligir-se enquanto o Esposo está com eles? Dias virão em que lhes será tirado o Esposo. Então eles jejuarão’” – Esposo é Cristo, esposa é a Igreja. Desse santo e espiritual conúbio, gerados foram os apóstolos, os quais não podem chorar enquanto veem a esposa no tálamo e sabem que o Esposo está com ela. Quando, porém, tiverem passado as núpcias e chegado for o tempo da paixão e da ressurreição, então, sim, os filhos do Esposo jejuarão. Alguns pensam, por isso, que jejuns devem ser feitos depois dos quarenta dias da Paixão, conquanto o dia de Pentecostes e o Espírito Santo que vem nos indiquem, de imediato, uma festividade. E, por causa desse testemunho, Montano, Prisca e Maximila³¹⁹ fazem uma quaresma mesmo depois de Pentecostes, já que, tendo-se-lhes retirado o Esposo, os filhos do Esposo hão de jejuar. O costume da Igreja, porém, abeira-se da paixão do Senhor e da ressurreição pela humilhação da carne, de sorte a nos prepararmos com o jejum do corpo para o festim espiritual. Conforme as leis da tropologia, por outro lado, deve-se saber que, enquanto o Esposo está conosco, estamos na alegria e não podemos jejuar nem chorar; quando ele, porém, de nós se tiver afastado em decorrência dos pecados e tiver desaparecido, então se há de convocar o jejum, então se há de assumir o luto.

16-17 “Ninguém põe um remendo de pano novo numa veste velha, porque arrancaria uma parte da veste, e o rasgão ficaria pior. Não se coloca tampouco vinho novo em odres velhos; do contrário, os odres se romperão, o vinho se derramará e os odres se perderão. Coloca-se, porém, vinho novo em odres novos, e tanto um como os outros se conservam” – O que diz [o Senhor] é o seguinte: enquanto não tiver alguém renascido e não se tiver revestido do homem novo, uma vez deposto o homem velho em virtude da minha paixão,³²⁰ não pode suportar jejuns mais severos nem preceitos de continência; não aconteça que, por uma excessiva austeridade, venha a perder até mesmo a predisposição para a fé, que agora parece ter.³²¹ Ele deu, ainda, dois exemplos, o da veste e o dos odres velhos e novos. Devemos entender como sendo velhos os escribas e os fariseus. Como pano de vestimenta nova e vinho novo hão de entender-se os preceitos evangélicos, que os judeus não podem suportar, sob pena de que maior rasgão se faça. Algo assim também almejaram fazer os gálatas, que misturavam os preceitos da Lei com o Evangelho, colocando em odres velhos o vinho novo. Mas o Apóstolo lhes fala: “Ó insensatos gálatas! Quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade?”³²² A Palavra evangélica, portanto, se há de infundir antes nos apóstolos do que nos escribas e fariseus, os quais, deformados pelas tradições dos antigos, não podiam guardar a sinceridade dos preceitos de Cristo. Uma coisa é, com efeito, a pureza da alma virginal, não maculada por contágio algum de vício anterior; outras são as sujidades daquela que ao capricho de muitos vícios se submeteu.

A filha de um homem importante, os cegos, um mudo, outros enfermos, os operários da messe

18-19 “Falava ele ainda, quando se apresentou um principal [da sinagoga] e prostrou-se diante dele, dizendo: ‘Minha filha acaba de morrer; mas vem, impõe a mão sobre ela e viverá’. Levantando-se Jesus, seguia-o na companhia dos seus discípulos” – O oitavo sinal é aquele em que o chefe suplicou que fosse ressuscitada a sua filha, não querendo ver-se excluído do mistério da verdadeira circuncisão. Insinua-se, no entanto, uma mulher que padecia de fluxo de sangue e é curada em oitavo lugar, de modo que a filha do chefe, como que excluída desse número, acaba deslocada ao nono, conforme o que se diz nos salmos: “Levantará a Etiópia suas mãos para Deus”,³²³ e: “Quando tiver entrado a plenitude das nações, então Israel em peso será salvo”.³²⁴

20 “Ora, uma mulher que era atormentada por um fluxo de sangue, havia doze anos, aproximou-se dele por trás e tocou-lhe a orla da veste” – No Evangelho segundo Lucas, escreve-se que a filha do principal tinha doze anos de idade.³²⁵ Nota, pois, que no mesmo tempo em que essa mulher, isto é, o povo dos pagãos, começou a padecer, é que o povo dos judeus abraçou a fé. O vício não se mostra, com efeito, senão por comparação com as virtudes. Essa mulher que padecia do fluxo de sangue não se acerca do Senhor, além do mais, numa casa, nem dentro da cidade, pois, de acordo com a Lei, estava excluída das cidades,³²⁶ mas pelo caminho, estando o Senhor a andar, de sorte que, enquanto ele se dirige a uma, outra ficasse curada. Daí que digam, também, os apóstolos: “Era a vós que se devia anunciar, certamente, a palavra, mas porque vos julgais indignos da salvação, eis que nos voltamos para os pagãos”.³²⁷

21 “Dizia ela consigo: ‘Se eu somente tocar na fímbria da veste dele, estarei salva’” – Conforme a Lei, quem tocasse numa mulher menstruada ou que padecesse de fluxo de sangue ficaria impuro.³²⁸ Por isso mesmo, ela toca o

Senhor, ou seja, para curar-se também ela própria do defeito do sangue.

22 “Tem confiança, filha, tua fé te salvou” – [Confia] por causa disso, filha, porque tua fé te salvou. E não disse: “Tua fé te há de salvar”, mas sim “te salvou”; pois, no momento em que creste, já te salvaste.

23 “Chegando à casa do chefe [da sinagoga], viu Jesus os tocadores de flauta e uma multidão em alvoroço” – Morta jaz até hoje a menina em casa do chefe, e os que parecem mestres são tocadores de flauta, que cantam um lúgubre poema. A multidão dos judeus tampouco é uma multidão de crentes, mas multidão de tumultuadores.

24 “Retirai-vos, porque a menina não está morta; ela dorme” – Porque todos vivem para Deus.³²⁹

25 “Tendo saído a multidão, ele entrou, tomou a menina pela mão” – Não eram dignos, com efeito, de ver o mistério da que havia de ressurgir os que zombavam com indignas contumélias de quem estava por ressuscitá-la.

“Tomou a menina pela mão e ela levantou-se” – A menos que tenham sido, primeiro, purificadas as mãos dos judeus, que estão cheias de sangue, a sua morta sinagoga não há de levantar-se.

27-28 “Partindo Jesus dali, dois cegos o seguiram, gritando: ‘Filho de Davi, tem piedade de nós!’” – Voltando Jesus para casa, saíram-lhe ao encontro os cegos. Tendo o Senhor Jesus se dirigido à casa do chefe e tomando, então, o caminho até sua casa, conforme lemos acima: “Tomou de novo a barca e passou o lago e veio para a sua cidade”,³³⁰ gritavam-lhe os dois cegos, dizendo: “Filho de Davi, tem piedade de nós!”, e, contudo, não são estes curados pelo caminho, não de passagem, como o teriam imaginado, mas,

depois que [o Senhor] entrou em sua casa, aproximam-se dele, entram e, antes de outra coisa, examina-se a sua fé para que, assim, recebam a luz da verdadeira fé. Ao sinal anterior, que expusemos acerca da filha do chefe e da mulher hemorroíssa, junta-se apropriadamente este, de modo que ali se fizessem ver a morte e a fraqueza, e aqui, a cegueira. Ambos os povos eram, de fato, cegos ao atravessar o Senhor por este século, desejoso de voltar para sua casa. E a menos que tivessem confessado, dizendo: “Filho de Davi, tem piedade de nós!” e, ao perguntar-lhes Jesus: “Credes que eu posso fazer isso?”,³³¹ tivessem respondido: “Sim, Senhor!”, não receberiam a primeira luz. Noutra evangelista, descreve-se um único cego, de vestes rotas e assentado em Jericó, que pelos apóstolos é proibido de gritar, mas recebe a cura por sua impudência.³³² Tal cego diz respeito propriamente ao povo dos pagãos, e isso se há de explicar no seu correspondente tomo.

“Filho de Davi, tem piedade de nós!” – Ouça-o Marcião, ouça-o Manes³³³ e os outros hereges que rasgam o Antigo Testamento, e aprendam que o Salvador é chamado de “Filho de Davi”. Ora, se ele não nasceu na carne, como é que se chama Filho de Davi?

30-31 “Recomendou-lhes Jesus em tom severo: ‘Vede que ninguém o saiba’. Mas apenas haviam saído, espalharam a sua fama por toda aquela terra” – Tanto o Senhor o tinha ordenado em razão da sua humildade, fugindo à glória da jactância, como eles, por causa da recordação da graça, não podem calar o benefício. Nota, portanto, que há uma contrariedade entre atitudes igualmente justas. Esses cegos são curados em décimo lugar.

32-33 “Logo que se foram, apresentaram-lhe um mudo, possuído de um demônio. Uma vez expulso o demônio, o mudo falou” – Em undécimo lugar, recobrou o mudo a língua para falar. O que em grego, por outro lado, se diz *kōphós* é mais habitual que se entenda, no linguajar corrente, como “surdo”, antes que como “mudo”. É do costume das Escrituras, no entanto, que se use indiferentemente o termo *kōphós* quer para mudo, quer para surdo. Em perspectiva espiritual, diga-se ainda, assim como os cegos recebem a luz, do mesmo modo se solta aos mudos a língua para falar, a fim de confessar aquele a quem antes negava.

33-34 “E a multidão exclamava admirada, dizendo: ‘Jamais apareceu algo assim em Israel’. Os fariseus, porém, diziam: ‘É pelo príncipe dos demônios que expulsa os demônios’” – A multidão confessa as obras de Deus e diz: “Jamais apareceu algo assim em Israel”. Faz-se ver na multidão a confissão das nações. Os fariseus, por seu lado, como não podiam negar o milagre, caluniam as obras: “É pelo príncipe dos demônios que expulsa os demônios”, manifestando até hoje, por sua calúnia, a infidelidade dos judeus.

35 “Jesus percorria todas as cidades e aldeias, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando toda doença e toda enfermidade” – Vês que, de igual modo, tanto a campos, como a cidades e aldeias, ou seja, tanto a grandes como a pequenos, ele pregou o Evangelho, para que não se tivesse em vista o poder dos nobres, mas sim a salvação dos fiéis. “Jesus percorria todas as cidades”: considerando-o como parte da obra que o Pai lhe incumbira, assim como essa fome de salvar os infiéis com o seu ensinamento. Ensinava, pois, nas sinagogas e nas redondezas, o Evangelho do Reino e, depois da pregação e do ensinamento, curava toda doença e toda enfermidade, de modo a serem persuadidos pelas obras os que a palavra não tivesse convencido. Diz-se apropriadamente a respeito do Senhor que curava toda doença e toda enfermidade, pois nada é impossível para ele.³³⁴

36 “Vendo a multidão, ficou tomado de compaixão por ela, porque estavam enfraquecidos e abatidos como ovelhas sem pastor” – O abatimento do rebanho, das ovelhas e das multidões é culpa dos pastores, vício dos mestres. Daí que se siga:

37 “[Disse, então, aos seus discípulos:] ‘A messe é grande, mas os operários são poucos’” – A grande messe significa a multidão dos povos, os poucos operários estão a indicar a penúria de mestres. E [o Senhor] ordena que roguem ao Senhor da messe a fim de que mande operários para sua messe. Operários são aqueles de que fala o salmista: “Os que semeiam entre

lágrimas recolherão com alegria. Caminhando, iam a chorar, quando levavam suas sementes; na volta, virão com exultação, quando trouxerem seus feixes”.³³⁵ Para dizê-lo mais claramente: a grande messe é toda a multidão de fiéis, ao passo que os poucos operários são os apóstolos e seus imitadores, que à messe são enviados.

O poder de curar dado aos apóstolos e seus nomes, a ordem de não ir por caminho de gentios

10,1 “E, reunidos os seus doze discípulos, deu-lhes o poder sobre os espíritos imundos e para curar toda doença e toda enfermidade” – O benigno e clemente Senhor e Mestre não tem inveja dos servos e discípulos no que diz respeito a seus poderes e, tal como ele próprio curara toda doença e toda enfermidade, confere também a seus apóstolos a potestade de curarem toda doença e toda enfermidade.³³⁶ Muita distância há, contudo, entre ter e conferir, entre dar e receber. Ele faz pelo poder do Senhor tudo o que faz; aqueles, porém, se chegam a fazer algo, confessam a própria fraqueza e o poder do Senhor, dizendo: “Em nome de Jesus, levanta-te e anda”.³³⁷ Deve-se notar, por outro lado, que se concede aos apóstolos, no duodécimo lugar, o poder de obrar prodígios.

2 “Os nomes dos doze apóstolos são, pois, os seguintes” – Põe-se aqui o catálogo dos apóstolos para que se excluam deles os pseudoapóstolos que haveriam de surgir.

“O primeiro, Simão, chamado Pedro, depois André, seu irmão” – Coube estabelecer a ordem dos apóstolos e o mérito de cada um deles àquele que sonda os segredos do coração. Como primeiro, institui-se Simão, de sobrenome Pedro, para distingui-lo de outro Simão que é chamado cananeu, originário de uma aldeia da Galileia de nome Caná, onde o Senhor converteu águas em vinho.³³⁸ [O evangelista] chama Tiago, de igual modo, como [filho] de Zebedeu porque também se lhe segue outro Tiago, o de Alfeu. E reúne como que pares ou parselhas de apóstolos. Une os irmãos Pedro e André não tanto em virtude da carne, mas em espírito; une Tiago e João, que, deixando o pai do corpo, seguiram o verdadeiro Pai; assim como o faz em relação a Filipe e Bartolomeu, e também a Tomé e ao publicano Mateus. Outros evangelistas põem em primeiro lugar Mateus, nessa união de nomes, e depois Tomé, e não ajuntam a denominação de publicano para não parecer que, ao recordar seu antigo teor de vida, estivessem a ultrajar o evangelista. Este, porém, como dissemos acima,³³⁹

tanto se posiciona depois de Tomé como se designa por publicano, para que, “onde abundou o pecado, superabunde a graça”.³⁴⁰

4 “Simão, o Cananeu” – Este é quem, noutra evangelista, aparece descrito como zelote. Caná, por certo, traduz-se por “zelo”. A história eclesiástica³⁴¹ traz notícia de que o apóstolo Tadeu fora enviado a Edessa, à presença de Abgar, rei de Osdroene. Pelo evangelista Lucas, é chamado como Judas de Tiago e alhures se chama “Lebeu”,³⁴² que se traduz por “prudente”, o que leva a crer que tivesse três nomes, assim como Simão ostentava igualmente o de Pedro e os filhos de Zebedeu foram nomeados Boanerges em virtude da firmeza e da magnitude da sua fé.³⁴³

“Judas Iscariotes, que foi o traidor” – Judas Iscariotes, por sua vez, tomou o apelativo ou da aldeia em que nasceu ou da tribo de Issacar, de modo tal que, através de certo vaticínio, tenha nascido já em conformidade com a sua condenação. Com efeito, Issacar traduz-se por “recompensa” e, assim, estaria a significar o preço do traidor.

5-6 “Não ireis ao meio dos gentios, nem entrareis em cidades de samaritanos; ide, antes, às ovelhas que se perderam da casa de Israel” – E não é essa passagem contrária àquele preceito que, depois, se daria: “Ide, pois, ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”,³⁴⁴ porque esta se deu anteriormente à ressurreição, ao passo que aquilo se ordenou após a ressurreição. Convinha anunciar a vinda de Cristo em primeiro lugar aos judeus, para que não tivessem uma justa escusa, alegando que rejeitaram o Senhor pelo fato de ele ter enviado apóstolos a pagãos e samaritanos. De acordo com a tropologia, por outro lado, ordena-se a nós, que nos distinguimos pelo nome de Cristo, que não andemos no erro pelo caminho de pagãos e de hereges, de modo que a vida daqueles cuja religião é separada também se separe.

7-8 “Por onde andardes, anunciai que o Reino dos Céus está próximo. Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. Recebestes de graça, de graça dai!” – Para impedir que ninguém desse

crédito a homens rústicos, desprovidos de um discurso elegante, indoutos e iletrados, que prometiam o Reino dos Céus, [o Senhor] dá-lhes poder: “Curai os doentes, purificai os leprosos, expulsai os demônios”, no intuito de que a magnitude dos sinais provasse a magnitude das realidades prometidas. E, haja vista que os dons espirituais sempre mais vis se fazem se houver pelo meio uma recompensa, ajunta-se uma condenação da avareza: “Recebestes de graça, de graça dai”. Eu, que sou Mestre e Senhor, concedi-vos-lo sem preço, dai sem preço também vós para que não se corrompa a graça do Evangelho.

Os apóstolos não possuam ouro,mas anunciem a paz onde se hospedarem

9-10 “Não tendes convosco ouro nem prata, nem dinheiro em vossos cintos, nem mochila para a viagem, nem duas túnicas, nem calçados, nem bastão na mão, pois o operário é digno de seu alimento” – Apropriadamente preceituou tais coisas aos evangelizadores da verdade, aos quais dissera antes: “Recebestes de graça, de graça dai”. Ora, se pregam eles de tal forma que não recebem pagamento, é-lhes supérflua a posse de ouro, de prata e de moedas; pois, se tivessem tido ouro e prata, poderia parecer que não pregavam visando à salvação dos homens, mas sim ao lucro. “Nem dinheiro em bolsas.” Quem já renunciara a riquezas abrevia também aos poucos os bens necessários à vida, como os apóstolos, doutores da verdadeira religião, que ensinavam serem todas as coisas regidas pela providência, davam mostras de que eles próprios não pensavam em absoluto no amanhã. “Nem mochila para a viagem.” Por meio deste preceito, censura os filósofos que vulgarmente se chamam “bactroperitas”,³⁴⁵ já que, desprezadores do mundo como eram, e tendo todas as coisas na conta de nada, carregavam consigo suas provisões. “Nem duas túnicas.” Parece-me que, nas duas túnicas, está a mostrar-se uma dupla vestimenta; não que, por isso, alguém deva contentar-se com uma única túnica nas regiões da Cítia³⁴⁶ e nas que congelam por efeito de uma neve glacial, mas temos de entender na túnica a vestimenta, de modo a não nos reservarmos algo, vestidos com outra, por temor das realidades futuras. “Nem calçados.” Também Platão ordenou que as duas extremidades do corpo não se cobrissem e que não se deveria alguém acostumar com a delicadeza da cabeça e dos pés; quando essas partes gozarem, com efeito, de firmeza, as demais se farão mais robustas.³⁴⁷ “Nem bastão.” Por que havemos de procurar o apoio de um bastão os que contamos com o auxílio do Senhor? E já que enviara os apóstolos a pregar, de certo modo desprovidos e ligeiros, e parecia ser dura a condição dos mestres, temperou com a seguinte sentença a severidade do preceito, dizendo: “Pois o operário é digno de seu alimento”. Recebi, diz ele, no alimento e vestuário, tanto quanto vos for necessário. Daí que também o Apóstolo replique: “Tendo alimento e vestuário, contentemo-nos com isso”,³⁴⁸ e noutra parte: “Quem é catequizado partilhe, por sua vez, todos os seus bens com aquele que o catequiza”;³⁴⁹ assim, os discípulos façam

partícipes dos seus bens materiais não para a avareza, mas, em caso de necessidade, aqueles cujos bens espirituais colhem. Dissemos isso em sentido literal. De resto, conforme a anagogia,³⁵⁰ não é lícito aos mestres possuir ouro, prata ou dinheiro que se leva nos cintos. Tomamos amiúde o ouro pelo entendimento, a prata pelo discurso, o dinheiro pela palavra. Não nos é lícito receber tais coisas de outros, mas possuir o que se nos deu de parte do Senhor; tampouco nos convém receber os ensinamentos de hereges, de filósofos e de uma perversa doutrina; não havemos de ser oprimidos pelo peso do século, nem ter um espírito duplo, nem deixar que nossos pés sejam agrilhoados por mortíferos vínculos, mas manter descalços os pés que entram numa terra santa;³⁵¹ não devemos ter um bastão que se converta em cobra,³⁵² nem apoiar-nos nalgum amparo de carne, porque essa espécie de bastão ou de báculo é de cana e, caso o pressionemos um pouco, quebrar-se-á e perfurará a mão de quem sobre ele se apoia.³⁵³

11 “Em qualquer cidade ou aldeia onde entrardes, informai-vos se há aí alguém que seja digno, e ali permaneci até que de lá saiais” – A respeito da ordenação do bispo e do diácono, Paulo fala: “Importa, outrossim, que gozem de boa consideração por parte dos de fora”.³⁵⁴ Ao entrarem numa cidade nova, os apóstolos não podiam conhecer como era cada um [dos seus habitantes]; portanto, o hospedeiro se havia de escolher pelo renome que tivesse entre o povo e pelo juízo dos vizinhos, para que a dignidade da pregação não fosse deturpada pela infâmia de quem a acolhesse. E muito embora devam pregar a todos, escolhe-se um hospedeiro único, que não faz um benefício àquele que junto a si havia de permanecer, mas que [dele] o recebe. Diz-se, pois, isto: “alguém aí que seja digno”, para que se reconheça como alguém que recebe uma graça, mais que como alguém que a dá.

12-13 “Entrando numa casa, saudai-a. E se, por certo, aquela casa for digna, virá sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, vossa paz a vós retornará” – Expressou, de forma disfarçada, a saudação dos idiomas hebraico e siríaco. Pois o que se diz em grego chaïre e em latim ave diz-se, nos idiomas hebraico e siríaco, salom lach ou salama lach,³⁵⁵ isto é, “a paz esteja contigo”. O que [o Senhor] mandou é o seguinte: que, entrando numa casa, desejeis a paz ao hospedeiro e, na medida do que de vós depende,

apaziguai os conflitos de discordância. Se, pelo contrário, uma controvérsia se levantar, tereis a vossa recompensa pela paz que oferecestes, e eles possuirão a guerra que quiseram ter.

14 “Se não vos receberem e não ouvirem vossas palavras, quando sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés” – Sacode-se o pó dos pés em testemunho do seu trabalho, pois ingressaram na cidade, e chegou até eles a pregação apostólica, ou então para que nada recebam, nem sequer em vista do necessário sustento, daqueles que desprezaram o Evangelho.

15 “Em verdade vos digo: ‘No dia do juízo, haverá mais tolerância com Sodoma e Gomorra que com aquela cidade’” – Se mais tolerância haverá com Sodoma e Gomorra que com aquela cidade que não tiver recebido o Evangelho – e mais tolerância pelo fato de que este não foi pregado em Sodoma e Gomorra, mas a ela sim e, apesar disso, não o recebeu –, logo, também entre pecadores, há diversos gêneros de suplício.

Os enviados como ovelhas entre lobos o dever de não fugir da perseguição

16 “Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos” – Chama de lobos os escribas e fariseus, que são os clérigos dos judeus.

“Sede, pois, prudentes como as serpentes, mas simples como as pombas” – Para que, por meio da prudência, escapem às insídias e, por meio da simplicidade, não façam o mal. A astúcia da serpente põe-se como exemplo porque dito animal, com todo o corpo, oculta a cabeça e protege aquela parte em que reside a vida. Assim também nós, mesmo com completo risco do corpo, custodiamos a nossa Cabeça, que é Cristo. A simplicidade das pombas mostra-se pela imagem do Espírito Santo. Daí que também diga o Apóstolo: “Sede crianças na malícia”.³⁵⁶

19.17.18 “Quando fordes presos, não vos preocupeis nem pela maneira com que haveis de falar, nem pelo que haveis de dizer” – Dissera acima: “Sereis por minha causa levados diante dos governadores e dos reis”. Quando, então, formos conduzidos aos juízes por causa de Cristo, havemos de oferecer tão somente a nossa vontade por Cristo. De resto, o próprio Cristo, que habita em nós, falará por si, e a graça do Espírito Santo ser-nos-á oferecida no momento em que tivermos de responder.

21 “O irmão entregará seu irmão à morte. O pai, seu filho. Os filhos levantar-se-ão contra seus pais” – Vemos que isso se realiza amiúde nas perseguições; e que não há qualquer sentimento de fidelidade entre aqueles cuja fé é diferente.

22 “Mas aquele que perseverar até o fim será salvo” – Com efeito, não é característico da virtude o ter começado, mas sim o ter perseverado.

23 “Se vos perseguirem numa cidade, fugi para outra. Em verdade vos digo: não acabareis de percorrer as cidades de Israel antes que volte o Filho do Homem” – Hão de referir-se essas palavras ao tempo em que os apóstolos eram enviados à pregação e se lhes disse propriamente: “Não ireis ao meio dos gentios, nem entrareis em cidades de samaritanos”, porque não deviam temer a perseguição, e sim desviar-se dela. Coisa que, por certo, vemos terem feito os fiéis no princípio, quando, tendo-se levantado a perseguição em Jerusalém, se dispersaram por toda a Judeia, de modo que uma ocasião de tribulação se fizesse sementeira do Evangelho.³⁵⁷ Espiritualmente, porém, podemos dizer: quando nos perseguirem numa cidade, isto é, num único livro ou testemunho das Escrituras, fuja-mos nós a outras cidades, isto é, a outros volumes. Por contencioso que seja o perseguidor, o amparo do Salvador chegará antes que aos adversários se conceda a vitória.

25 “Se ao pai de família chamaram Beelzebul, quanto mais o farão à sua criadagem!” – Beelzebul é o ídolo de Acaron, chamado, no livro dos Reis,³⁵⁸ “ídolo de mosca”. Beel é o mesmo que Bel ou Baal; Zebul, por sua vez, quer dizer mosca. Chamavam, portanto, o príncipe dos demônios pelo nome do imundo ídolo que significa “mosca” em razão da imundície que corrompe a suavidade do óleo.³⁵⁹

Não há o que não será descoberto, não se tema quem mata o corpo

26 “[Não os temais, pois,] porque nada há de escondido que não venha à luz, nada de secreto que não se venha a saber” – Como é isso? No presente século, os vícios de muitos são desconhecidos, mas aqui se escreve com relação ao tempo futuro, quando Deus julgará as ações ocultas dos homens, porá às claras o que se acha escondido nas trevas e manifestará as intenções dos corações.³⁶⁰ O sentido é o seguinte: não temais a sanha dos perseguidores nem a raiva dos que blasfemam, porque virá o dia do juízo, no qual se demonstrarão tanto a vossa virtude como a maldade deles.

27 “O que vos digo na escuridão, dizei-o às claras. O que vos é dito ao ouvido, publicai-o de cima dos telhados” – O que ouvistes no mistério, pregai-o abertamente; o que aprendestes de forma oculta, falai-o publicamente; a instrução que vos dei no pequenino território da Judeia, dizei-a audaciosamente em todas as cidades e no mundo inteiro.

28 “Não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma” – Se os que matam o corpo não podem matar a alma, logo a alma é invisível e incorpórea, comparada, digo eu, com a mais grosseira substância do nosso corpo. Pois a alma será punida, certamente, e experimentará suplícios ao menos naquele tempo em que tiver recebido de volta o corpo para ser castigada ela também, juntamente com aquele com quem pecou.

“Temei, antes, aquele que pode perder a alma e o corpo na geena” – O nome “geena” não se encontra nos antigos livros, mas é citado, em primeiro lugar, pelo Salvador.³⁶¹ Procuremos, então, o que enseja o uso dessa palavra. Não lemos apenas uma vez que o ídolo Baal estava nas proximidades de Jerusalém, ao pé do monte Moriá, por onde corre [a torrente de] Siloé. Esse vale e a pequena planície daquele campo eram irrigados, arborizados e cheios de delícias, e o seu bosque foi consagrado ao ídolo. A tão grande demência chegara, por sua vez, o povo de Israel, que, deixadas as proximidades do templo, imolava ali suas

vítimas, e aquelas delícias venciam o rigor da religião, queimavam eles os seus filhos ao demônio ou os iniciavam [em seus mistérios], e aquele lugar era chamado gehennon, ou seja, vale dos filhos de Enom. Escrevem-no de forma muito completa o volume dos Reis,³⁶² o das Crônicas³⁶³ e o de Jeremias.³⁶⁴ E Deus ameaça que aquele lugar se há de encher com cadáveres, de modo que jamais se chame Tofet e Baal, mas sim poluándrion, isto é, túmulo de mortos.³⁶⁵ Com o nome desse lugar, portanto, são designados os futuros suplícios e os castigos perpétuos com que os pecadores hão de ser atormentados. Lemos mais completamente em Jó que a geena há de ser dupla, de intenso fogo e também de frio.³⁶⁶

O valor dos pássaros, Cristo que divide, a não preferência pelos pais a Cristo

29-31 “Não se vendem dois pássaros por um asse? No entanto, nenhum deles cairá por terra sem o consentimento de vosso Pai. Até os cabelos de vossa cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais que muitos pássaros valeis vós” – A Palavra do Senhor é coerente consigo mesma, e o que vem a seguir depende do que foi dito. Prudente leitor, toma sempre cuidado com um entendimento supersticioso, para não adaptares as Escrituras ao teu entendimento, mas une às Escrituras o teu entendimento para que entendas o que vem a seguir. Antes dissera: “Não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma”; agora diz, conseqüentemente: “Não se vendem dois pássaros por um asse? No entanto, nenhum deles cairá por terra sem o consentimento de vosso Pai”. E o sentido é este: se os pequenos e vis animais não perecem sem que nisso consinta o Deus criador; se em todas as coisas existe providência e aqueles seres que, em meio a elas, hão de perecer, não perecem sem a vontade de Deus, vós, que sois eternos, não deveis temer que vivais à margem da providência de Deus. Nesse sentido, também foi dito acima: “Olhai as aves do céu: não semeiam, nem ceifam, nem recolhem nos celeiros, e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais que elas?”³⁶⁷ e, logo em seguida: “Considerai como crescem os lírios do campo...”, e o restante.³⁶⁸ “Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje cresce e amanhã será lançada ao forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé!”³⁶⁹ Certos autores interpretam forçadamente os dois pássaros como a alma e o corpo,³⁷⁰ e referem também os cinco pássaros que se vendem, segundo Lucas,³⁷¹ por dois asses, aos sentidos.³⁷² Não há, porém, dificuldade pequena em ajustar aquele entendimento da Palavra evangélica ao corpo todo: “Até os cabelos de vossa cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais que muitos pássaros valeis vós”. Mais claramente se expressou o sentido anterior da nossa exposição, segundo o qual não se devem temer os que podem matar o corpo, mas não a alma, haja vista que, se nem mesmo os pequenos animais perecem sem o conhecimento de Deus, quanto menos perecerá o homem, que pela dignidade apostólica foi consolidado! Quanto, porém, ao que diz: “Até os cabelos de vossa cabeça estão contados”, vemos mostrar-se aí a imensa providência de Deus para com os homens e assinalar-se o inefável afeto em decorrência do qual nada

do que é nosso passa despercebido para Deus e até os pequenos e ociosos ditos não escapam à sua ciência. Zombam da interpretação eclesial, nessa passagem, os que negam a ressurreição da carne, como se disséssemos que não de ressuscitar tanto os cabelos que estão contados como todos os cortados pelo barbeiro; muito embora não tenha dito o nosso Salvador: “todos os vossos cabelos se não de salvar”, mas “estão contados”. Onde se faz menção do número, demonstra-se existir conhecimento do número, não a sua conservação.

34 “Não penseis que vim trazer a paz à terra. Vim trazer não a paz, mas a espada” – Acima dissera: “O que vos digo na escuridão, dizei-o às claras. O que vos é dito ao ouvido, publicai-o de cima dos telhados”. Apresenta agora o que se há de seguir depois da pregação. Ante a fé de Cristo, o mundo inteiro dividiu-se contra si mesmo; cada casa chegou a ter tanto infiéis como crentes; e, em vista da guerra, foi enviado um bem para que se quebrantasse uma paz má. Tal como se escreve no Gênesis, que, contra os homens rebeldes que se tinham movido do Oriente e se apressavam em construir uma torre por meio da qual penetrassem nas alturas do céu, Deus fizera com que se dividissem as suas línguas.³⁷³ Daí que, também num salmo, reze Davi: “Dissipa, Senhor, as nações que querem a guerra”.³⁷⁴

35-36 “Eu vim trazer a divisão entre o homem e seu pai, entre a filha e sua mãe, entre a nora e sua sogra, e os inimigos do homem serão gente de sua casa” – Esta passagem, quase com as mesmas palavras, está escrita no profeta Miqueias.³⁷⁵ E há de notar-se, onde quer que se aduza um testemunho do Antigo Testamento, se é tão somente o seu sentido que apresenta concordância, ou também a sua palavra.

37 “Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a mim não é digno de mim”, e o restante. – Haja vista que, anteriormente, adiantara: “Vim trazer não a paz, mas a espada, e dividir o homem contra o próprio pai, a própria mãe e a própria sogra”; para que não houvesse quem antepusesse a piedade à religião, acrescentou, dizendo: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a

mim não é digno de mim”. Também no Cântico dos Cânticos, lemos: “Ordenai em mim a caridade”.³⁷⁶ Faz-se aqui necessária a ordem e todo e qualquer afeto. Depois de Deus, ama teu pai, ama tua mãe, ama teus filhos; se, no entanto, vier um momento de necessidade em que o amor dos pais e dos filhos se meça com o amor de Deus, de modo tal que não se possam guardar todos, o ódio em relação aos seus é piedade para com Deus. Não proibiu, portanto, que se ame o pai ou a mãe, mas acrescentou de forma significativa: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a mim...”.

38 “Quem não toma a sua cruz e não me segue não é digno de mim” – Noutro Evangelho, está escrito: “Quem não tomou cada dia a sua cruz...”.³⁷⁷ Para não pensarmos que o ardor da fé uma única vez pode bastar, sempre se há de levar a cruz, a fim de aprendermos sempre a amar Cristo.

40 “Quem vos recebe, a mim recebe. E quem me recebe, recebe aquele que me enviou” – Belíssima ordem! Ele envia à pregação, ensina a não temer os perigos, subordina o afeto à religião; antes, retirara o ouro, sacudira do cinto o dinheiro. Dura é a condição dos evangelistas. Donde, pois, sufragarão suas despesas, donde tirarão o necessário sustento? Com a esperança dos bens prometidos, tempera [o Senhor] a austeridade dos mandados: “Quem vos recebe” – ele diz – “a mim recebe. E quem me recebe, recebe aquele que me enviou”, para que, ao ter recebido os apóstolos, qualquer um dos fiéis tivesse em conta que recebeu o próprio Cristo.

41 “Aquele que recebe um profeta, na qualidade de profeta, receberá uma recompensa de profeta”, e o restante. – Quem recebe um profeta, como profeta, e entende que ele fala das realidades futuras, há de receber uma recompensa de profeta. Logo, os judeus, que entendiam carnalmente os profetas, não receberão recompensa de profetas. Em outras palavras: em todo estado de vida, o joio se acha misturado ao trigo. Dissera antes: “Quem vos recebe, a mim recebe. E quem me recebe, recebe aquele que me enviou”, e estimulara os discípulos a que recebessem os mestres. Poderia haver aqui

uma oculta resposta por parte dos fiéis: ora, então também havemos de receber os falsos profetas e o traidor Judas, e de oferecer-lhes alimento. Indo ao encontro desse pensamento, diz o Senhor, anteriormente, que não se hão de receber pessoas particulares, mas aquelas que desempenham uma função, e que não perdem sua recompensa os que as recebem, conquanto seja indigno aquele que for recebido.

42 “Todo aquele que der ainda que seja somente um copo de água fresca a um destes pequeninos, porque é meu discípulo, em verdade eu vos digo, não perderá sua recompensa” – Lemos no profeta Davi: “para alegar escusas nos pecados”,³⁷⁸ porque muitos como que alegam serem justas as ocasiões de seus pecados para que, ao pecarem por vontade, pareçam pecar por necessidade. O Senhor, perscrutador de coração e rins, considera em cada um os seus futuros pensamentos. Dissera: “Quem vos recebe, a mim recebe”, mas muitos falsos profetas e falsos pregadores poderiam anular este preceito. Pôs ele também um remédio a esse escândalo, dizendo: “Aquele que recebe um justo, na qualidade de justo, receberá uma recompensa de justo”. Mais uma vez, poderia outro objetar e dizer: “Sou impedido de fazê-lo em decorrência da pobreza; retém-me a escassez, de modo que não posso ser hospitaleiro”. E [o Senhor] também dilui essa escusa, mediante preceito muito leve, a fim de oferecermos, de todo o coração, um copo de água fresca. Ele diz: “de água fresca”, não quente, para que, se tivesse de ser quente, não se procurasse a escusa da pobreza ou da escassez de lenha. Assim também o Apóstolo, conforme já dissemos antes, ordena aos gálatas: “Quem é catequizado partilhe, por sua vez, todos os seus bens com aquele que o catequiza”,³⁷⁹ e exorta os discípulos a confortar os mestres; mas, porque poderia alegar alguém a pobreza e eludir o preceito, antes mesmo que o fizesse, ele resolveu a iminente questão, dizendo: “Não vos enganéis: de Deus não se zomba. O que o homem semeia, isso mesmo colherá”.³⁸⁰ E eis o sentidodessas palavras: alegas em vão a escassez quando a consciência tem outra coisa dentro de si; podes enganar-me enquanto te exorto, mas hás de saber que tanto quanto semeares, isso mesmo hás de colher.

Livro 2

[Mt 11,2–16,12]

João envia discípulos a Cristo, Cristo fala de João

11,2-3 “Tendo João, em sua prisão, ouvido falar das obras de Cristo, mandou-lhe dizer pelos seus discípulos: ‘És tu aquele que deve vir, ou esperamos por outro?’” – Não interroga como quem ignorasse a resposta, pois ele próprio o mostra a outros que se achavam na ignorância, dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus, eis aquele que tira os pecados do mundo”,³⁸¹ e ouvira a voz do Pai que estrondeava: “Eis meu Filho muito amado em quem ponho minha afeição”;³⁸² mas assim como o Salvador pergunta onde tinha sido posto Lázaro³⁸³ para que aqueles que lhe indicavam o lugar do sepulcro ao menos assim se preparassem para a fé e vissem um morto que ressurgue, do mesmo modo João, que estava para ser assassinado por Herodes, envia seus discípulos a Cristo para que, através dessa circunstância, ao virem eles os sinais prodigiosos e demonstrações de poder, cressem nele e, enquanto o seu mestre interrogava, eles próprios aprendessem. Também uma interrogação anterior demonstrou que os discípulos de João, por outro lado, se ensoberbeciam contra o Senhor e guardavam-lhe algo de mordacidade em decorrência da inveja e da antipatia, referindo-a o evangelista: “Então, os discípulos de João aproximaram-se dele dizendo: ‘Por que jejuamos nós e os fariseus, e os teus discípulos não?’”,³⁸⁴ e noutra parte [dirigindo-se a João]: “Mestre, aquele que estava contigo além do Jordão, de quem tu deste testemunho, eis que seus discípulos estão a batizar e muitos vão ter com ele”,³⁸⁵ como se tivessem dito: nós ficamos abandonados, pouca gente está aqui; a ele acode a multidão.

“És tu aquele que deve vir, ou esperamos por outro?” – Não diz: “És tu que vieste?”, mas “És tu aquele que deve vir?”, e este é o sentido: dá-me a saber, visto que estou para descer aos infernos, se também aos infernos te devo anunciar eu, que já te anunciei à superfície da terra; ou então se, ao não ser conveniente ao Filho de Deus que passe pela morte, há de enviar outro a esses mistérios?³⁸⁶

4-5 “Respondeu-lhes Jesus: ‘Ide e contai a João o que ouvistes e o que

vistes: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam” – João interrogara por meio dos discípulos: “És tu aquele que deve vir, ou esperamos por outro?”; Cristo mostra sinais, sem responder àquilo que lhe fora perguntado, mas, para escândalo dos mensageiros, diz: “Ide e contai a João os sinais que vedes: os cegos veem, os coxos andam” e o restante, e ainda algo que não fica atrás dessas coisas: “E os pobres são evangelizados”. Trata-se ou dos pobres em espírito, ou, por certo, dos pobres em meios, de modo tal que, na pregação, não haja distância alguma entre nobres e ignóbeis, entre ricos e necessitados. E tais coisas comprovam o rigor de um mestre, a verdade de um preceptor, ao estar em igualdade de condições ante ele todo aquele que pode ser salvo.

6 “Bem-aventurado aquele que não ficar escandalizado por causa de mim”, golpeia os intermediários, tal como no que vem a seguir se demonstrará.

7-8 “Tendo eles partido, começou Jesus a dizer às multidões a respeito de João: ‘Que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Que fostes ver, então? Um homem vestido de roupas finas?’, e o restante. – Se a sentença anterior fora proferida contra João, como muitos estimam, naquilo em que diz: “Bem-aventurado aquele que não ficar escandalizado por causa de mim”, como é que agora é João enaltecido com tão grandes louvores? Mas, uma vez que a multidão circunstante ignorava o mistério da pergunta e pensava que João duvidasse do Cristo que ele próprio mostrara, para que entendessem que João não fizera a pergunta por si mesmo, mas sim pelos seus discípulos, [o Senhor] diz: “Que fostes ver no deserto?”. Fostes até lá, por acaso, para verdes um homem semelhante a um caniço, que gira por qualquer vento, chegando mesmo a duvidar, por ligeireza de espírito, daquele que antes pregara? Ou então se eleva contra mim por ânimos de inveja, sua pregação anda atrás de uma glória vã de modo a auferir dela lucros? E por que desejaria riquezas? Para abundar em banquetes? Alimenta-se de gafanhotos e mel silvestre. Ou para vestir-se com roupas finas? Sua veste são pelos de camelo. Uma comida e uma veste como essas são acolhidas na hospedagem do cárcere, e a pregação da verdade tal morada encontra. Os que são, por outro lado, aduladores e andam atrás de lucros, procuram riquezas, correm às delícias e vestem-se finamente, estes

estão nos palácios dos reis. Por aí se mostra que uma vida rigorosa e uma pregação austera devem evitar os salões dos reis e desviar-se dos palácios de homens finos.

9 “Mas, então, por que fostes para lá? Para ver um profeta? Sim, digo-vos eu, mais que um profeta” – Nisto é João maior que os outros profetas, a saber, em que, com o dedo, indicou ter vindo aquele que eles pregaram como quem havia de vir, dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus, eis aquele que tira os pecados do mundo”. E porque ao Batista coube o privilégio profético, tocou-lhe ainda o prêmio de batizar a seu Senhor; por essa razão se apresenta, como que fazendo uma *aúxēsis*³⁸⁷ de méritos, o testemunho [tomado] de Malaquias³⁸⁸ no qual também é exaltado como anjo.³⁸⁹ E não pensemos que aqui se diz ser João um anjo por sociedade de natureza, mas sim por dignidade de ofício, ou seja, [por ser um] mensageiro, porque anunciou o Senhor que havia de vir.

11 “Em verdade vos digo, entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior que João Batista” – Entre os nascidos, diz, de mulher. João ostenta, portanto, uma condição preferencial em relação àqueles que nasceram de mulher e do concúbito de varão, não àquele que nasceu da Virgem e do Espírito Santo. Ainda que, no que disse – “entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior que João Batista” –, não tenha colocado João à frente dos outros profetas, patriarcas e de todos os homens, mas sim igualado os outros a João. Não se segue, com efeito, imediatamente, que, se os outros não são maiores que ele, seja ele maior que os outros, mas sim que esteja em igualdade de condições com os outros santos.

“No entanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele” – Muitos querem que isso se entenda com relação ao Salvador, porque aquele que menor se fez no tempo é maior quanto à dignidade. Nós, porém, havemos de entender simplesmente que todo santo que já está com Deus é maior que aquele que ainda resiste em combate. Uma coisa é, pois, possuir a coroa da vitória, outra é ainda pelejar na batalha. Alguns querem entender que o último anjo que serve ao Senhor nos céus é melhor que qualquer primeiro homem que se encontra sobre a terra.³⁹⁰

12 “Desde os dias de João Batista até o presente, o Reino dos Céus sofre violência” – Se João foi o primeiro a anunciar, como dissemos acima, a conversão aos povos, dizendo: “Fazei penitência; aproximou-se, pois, o Reino dos Céus”,³⁹¹ por conseguinte, desde os dias dele sofre violência o Reino dos Céus e os violentos o conquistam. Grande violência é, com efeito, que tenhamos sido gerados na terra e procuremos a morada dos céus, que possuamos por virtude o que não adquirimos por natureza.

13 “Porque os profetas e a Lei profetizaram até João” – Não que, depois de João, se excluam os profetas – lemos, pois, nos Atos dos Apóstolos, que Ágabo profetizou,³⁹² bem como as quatro filhas virgens de Filipe³⁹³ –, mas isso se diz porque tudo quanto profetizaram a Lei e os profetas, que lemos por escrito, vaticinaram sobre o Senhor. Quando então se diz: “Porque os profetas e a Lei profetizaram até João”, mostra-se o tempo de Cristo, de tal sorte que aquele que eles disseram estar para vir, João mostrou ter vindo.

14-15 “E, se quereis compreender, é ele o Elias que devia voltar. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça” – Isto que foi dito, “se quereis compreender, é ele o Elias”, tem um sentido místico e requer inteligência, conforme o demonstra a seguinte Palavra do Senhor, que diz: “Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça”. Pois, se o sentido fosse direto, e a frase, clara, por que teria sido necessário que fôssemos nós preparados para a sua compreensão? João é dito Elias não de acordo com o pensamento de estultos filósofos e certos hereges que expõem a metempsychōsis,³⁹⁴ mas porque, segundo outro testemunho do Evangelho, veio com o espírito e o poder de Elias,³⁹⁵ tendo como que a mesma graça ou medida do Espírito Santo. Mas também a austeridade de vida e o rigor da mente de Elias e de João são iguais. Aquele viveu no deserto, este também; aquele cingia-se com um cinto de pelos, este teve cinto semelhante; aquele foi obrigado a fugir por ter arguido o rei Acab e Jezabel de impiedade,³⁹⁶ este teve cortada a cabeça porque censurou as ilícitas núpcias de Herodes e Herodíades. Há quem pense que João é chamado de Elias porque, assim como na segunda vinda do Salvador, conforme Malaquias, há de precedê-lo Elias e de anunciar o Juiz que estará

por vir,³⁹⁷ também João o fez na primeira, e ambos são pregoeiros, quer da primeira vinda do Senhor, quer da segunda.

16-19 “A quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos sentados na praça, que gritam aos seus companheiros: ‘Tocamos a flauta, e não dançastes; cantamos um lamento, e não chorastes’. João veio: não comia, nem bebia, e dizem: ‘Tem um demônio’. O Filho do Homem vem, come e bebe, e dizem: ‘Eis um homem comilão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores’. Mas a sabedoria foi justificada por seus filhos” – A meninos sentados na praça, que gritam e dizem a seus colegas: “Tocamos a flauta, e não dançastes; cantamos um lamento, e não chorastes”, é comparada a geração dos judeus, uma vez que o diz a Escritura: “A quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos sentados na praça”, e o restante. Não se nos concede, portanto, um entendimento livre e indiferente na interpretação da alegoria, mas tudo quanto houvermos de dizer dos meninos deve ser referido à semelhança da geração. Esses meninos que se sentam na praça são aqueles dos quais fala Isaías: “Eu e os filhos que Deus me deu”;³⁹⁸ e, no décimo oitavo salmo: “O testemunho de Deus é fiel, dá sabedoria aos pequeninos”;³⁹⁹ e alhures: “Da boca das crianças e meninos de peito fizeste sair um louvor”.⁴⁰⁰ Ditos meninos sentaram-se na praça, ou em agora, termo que se refere em grego, de forma bastante significativa, ao ambiente em que há muitos artigos à venda. E já que o povo dos judeus não queria ouvir, não apenas lhe falaram, mas interpelaram-no com a goela escancarada: “Tocamos a flauta, e não dançastes”, provocamos-vos a que, ao som do nosso cântico, praticásseis boas obras e dançásseis com a melodia da nossa flauta, tal como dançou Davi diante da arca do Senhor,⁴⁰¹ mas não quisestes; “cantamos um lamento” e incitamos-vos ao arrependimento, nem sequer isso quisestes fazer, desprezando ambas as pregações, tanto a de exortação às virtudes, como a do arrependimento depois dos pecados. Não admira que tenhais desdenhado o caminho duplo da salvação, quando desprezastes igualmente tanto o jejum como a saciedade. Se o jejum vos apraz, por que vos desagradou João? Se da saciedade é que gostais, por que vos desagradou o Filho do Homem? Tachastes um deles de possesso de um demônio; o outro, de comilão e beberrão. Por conseguinte, porque não quisestes receber o ensinamento de nenhum dos dois, “a sabedoria foi justificada por seus filhos”, ou seja, a dispensação e o ensinamento de Deus; e eu, diz o Senhor, que sou o poder de

Deus e a sabedoria de Deus,⁴⁰² fui reconhecido como quem procedeu justamente por parte dos apóstolos, meus filhos, aos quais revelou o Pai o que escondera dos sábios e dos que se têm por prudentes lá para consigo. Em certos Evangelhos, lê-se: “A sabedoria foi justificada por suas obras”.⁴⁰³ A sabedoria certamente não procura testemunho de palavra, e sim de obras.

20 “Depois, Jesus começou a censurar as cidades em que se tinham feito vários prodígios seus, por não se terem convertido” – Descortina-se a censura das cidades de Corozaim, Betsaida e Cafarnaum como título desse trecho.⁴⁰⁴ E exprobrou-lhes que, depois dos prodígios realizados e dos mais variados sinais, não se tenham convertido.

21-22 “Ai de ti, Corozaim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se tivessem sido feitos em Tiro e em Sidônia os milagres que foram feitos em vós, há muito tempo se teriam elas arrependido sob o cilício e a cinza. Por isso vos digo: no dia do juízo, haverá menor rigor para Tiro e Sidônia, que para vós!” – Corozaim e Betsaida, cidades da Galileia, são pranteadas pelo Salvador porque, depois de tão numerosos sinais e prodígios, não se tinham arrependido, e, em situação preferencial com relação a elas, estabelecem-se Tiro e Sidônia, cidades entregues à idolatria e aos vícios. Ora, Tiro e Sidônia são preferidas pelo fato de terem calcado aos pés tão somente a lei natural, ao passo que aquelas outras, depois da transgressão da lei natural e da escrita, consideraram pouca coisa até mesmo os sinais que se realizaram em seu meio. Procuramos onde está escrito que o Senhor realizou prodígios em Corozaim e Betsaida. Lemos acima: “Jesus percorria todas as cidades e aldeias, curando toda doença”, e o restante,⁴⁰⁵ portanto, entre outras cidades e aldeias, há de estimar-se que também em Corozaim e Betsaida o Senhor terá feito sinais.

23 “E tu, Cafarnaum, serás elevada até o céu? Não! Serás baixada ao inferno!” – Noutra cópia, encontramos: “E tu, Cafarnaum, que até o céu te elevaste, até o inferno descerás!”. E há aqui um duplo entendimento: ou serás baixada aos infernos porque resististe, mui arrogantemente, contra a

minha pregação; ou então porque foste elevada até o céu por dar-me hospedagem e pelos meus sinais e prodígios, tendo assim um tão grande privilégio, com maiores suplícios serás punida, já que tampouco quiseste crer nisso.

“Porque, se em Sodoma tivessem sido feitos os prodígios que se fizeram em ti, talvez subsistisse até o dia de hoje” – Que o prudente leitor procure entender e diga: ora, se Tiro, Sidônia e Sodoma teriam podido arrepender-se ante a pregação do Salvador e os prodígios dos [seus] sinais, não estão em culpa por não terem crido, mas o vício do silêncio está naquele que não quis pregar a quem haveria de arrepender-se. Uma resposta fácil e clara a essa questão é que nós ignoramos os juízos de Deus e desconhecemos os mistérios de suas singulares dispensações. Fora propósito do Senhor não ir além dos confins da Judeia, para não dar aos fariseus e sacerdotes uma justa ocasião de mover-lhe perseguição. Daí que também aos apóstolos, antes da paixão, tenha ordenado: “Não ireis ao meio dos gentios, nem entrareis em cidades de samaritanos”.⁴⁰⁶ Corozaim e Betsaida, portanto, são condenadas porque não quiseram crer no Senhor ali presente; Tiro e Sidônia são justificadas porque creram nos apóstolos dele.⁴⁰⁷ Não procure os momentos quando tens em vista a salvação dos que creem. Em Cafarnaum, porém, que se traduz por “belíssima herdade”,⁴⁰⁸ condena-se a incrédula Jerusalém, a quem se diz por meio de Ezequiel: “Justificou-se Sodoma por tua causa”.⁴⁰⁹

Jesus louva o Pai, os discípulos comem espigas, o homem da mão ressequida

25 “Por aquele tempo, Jesus, tomando a palavra, disse: ‘Eu te confesso, Pai, Senhor do céu e da terra’” – Confissão não significa sempre arrependimento, mas também ação de graças, como lemos muito amiúde nos salmos.⁴¹⁰ Ouçam os que caluniam o Salvador, dizendo-o não nascido, mas criado, que ele chama seu Pai o Senhor do céu e da terra. Ora, se ele é uma criatura e pode uma criatura chamar o Criador de Pai, foi estúpido não chamar de igual maneira o Senhor ou o Pai, tanto seu como do céu e da terra.

“Porque escondeste estas coisas aos sábios e prudentes, e as revelaste aos pequeninos” – [O Senhor] dá graças e exulta no Pai por ter revelado aos apóstolos, com a sua vinda, mistérios que ignoraram os escribas e os fariseus, os quais se tinham por sábios e prudentes aos seus próprios olhos. “A sabedoria foi justificada por seus filhos.”⁴¹¹

26 “Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado” – Fala ao Pai, com o afeto de quem demonstra carinho, para que leve a termo o benefício começado nos apóstolos.

27 “Todas as coisas me foram dadas por meu Pai” – Hás de entender misticamente tanto o Pai que dá, como o Filho que recebe. Do contrário, se quisermos pensar de acordo com a nossa fragilidade, quando quem recebeu tiver começado a ter, quem tiver dado começará a não ter. Por outro lado, as coisas todas que lhe foram dadas não se devem entender como o céu, a terra e os elementos, bem como as outras que ele próprio fez e criou, mas como aqueles homens que, por meio do Filho, têm acesso ao Pai, os quais, tendo sido antes rebeldes, começaram depois a reconhecer Deus.

“E ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar” – Enrubesça Eunômio,⁴¹² que se

jacta de ter para si um tão grande conhecimento do Pai e do Filho, quanto entre ambos eles mesmos têm. Pois, se por esse motivo se esforça, reconforta a sua insânia uma vez que se segue: “e aquele a quem o Filho quiser revelar”. Uma coisa é, porém, conhecer o que conhece por igualdade de natureza; outra, por dignação de quem o revela.

28 “Vinde a mim, vós todos que vos afadigais e vos encontrais sobrecarregados, e eu vos aliviarei” – Que sejam os pecados pesados fardos, também o atesta o profeta Zacarias, ao dizer que a iniquidade se assenta sobre um talento de chumbo,⁴¹³ e o salmista lamenta-se juntamente: “Minhas iniquidades pesaram sobre mim”.⁴¹⁴ Ou, se queres, [o Senhor] convida à graça do Evangelho os que se encontravam acabrunhados pelo pesadíssimo jugo da Lei.

30 “Porque meu jugo é suave e meu fardo é leve” – Como pode ser o Evangelho mais leve do que a Lei, se, na Lei, é condenado o homicídio, ao passo que, no Evangelho, a ira se condena? Por que razão é a graça do Evangelho mais fácil, se, na Lei, é punido o adultério, ao passo que, no Evangelho, a concupiscência é castigada? Há, na Lei, muitos preceitos que o Apóstolo ensina, de modo muito completo, não poderem ser cumpridos. Na Lei, requerem-se obras, em virtude das quais quem as praticar viverá. No Evangelho, procura-se a vontade que, conquanto não alcance efeito, não perde, entretanto, o seu prêmio. O Evangelho ordena atos que podemos executar, por exemplo, que não cobicemos, coisa que está em nosso arbítrio; a Lei, mesmo que não puna a vontade, pune o efeito, para que não chegues a cometer um adultério. Imagina que, numa perseguição, uma virgem se disfarce de prostituta. Segundo o Evangelho, uma vez que ela não peca por sua vontade, é tomada por uma virgem; segundo a Lei, é repudiada como se corrompida estivesse.

12,1 “Atravessava Jesus os campos de trigo num dia de sábado. Seus discípulos, tendo fome, começaram a arrancar as espigas para comê-las” – Como vemos também noutro evangelista, em razão da excessiva

importunidade, nem sequer tinham ocasião de alimentar-se⁴¹⁵ e, por isso, como homens, tinham fome. Por outro lado, o fato de esfregarem com as mãos as espigas dos campos e consolarem assim sua abstinência é indício da vida mais austera de quem anda atrás de alimentos simples, não de manjares elaborados.

2 “Os fariseus, vendo isto, disseram-lhe: ‘Eis que teus discípulos fazem o que é proibido no dia de sábado’” – Observa que os primeiros apóstolos do Salvador destroem a letra do sábado contra os ebionitas que, embora recebam os outros apóstolos, a Paulo repudiam qual se fosse um transgressor.

3-4 “Jesus respondeu-lhes: ‘Não lestes o que fez Davi num dia em que teve fome, ele e seus companheiros, como entrou na casa de Deus e comeu os pães da proposição? Ora, nem a ele, nem àqueles que o acompanhavam, era permitido comer desses pães, a não ser tão somente aos sacerdotes’” – Para refutar a calúnia dos fariseus, recorda-se [Jesus] de uma velha história, de quando Davi, enquanto fugia de Saul, foi a Nobe e, acolhido pelo sacerdote Aquimelec, pediu comida. Ao não dispor de pães comuns, o sacerdote lhe deu dos consagrados, dos quais não era lícito comer, a não ser tão somente aos sacerdotes e levitas. Tendo-lhe o sacerdote interrogado apenas se os seus companheiros estavam puros do contato com mulheres, ao que Davi respondeu [não terem tido tal contato] na véspera, nem no dia anterior, aquele não hesitou em dar-lhes os pães, considerando ser preferível – uma vez que diz o profeta: “Quero misericórdia, e não sacrifício”⁴¹⁶ – livrar uns homens do risco da fome a oferecer a Deus um sacrifício.⁴¹⁷ Hóstia agradável a Deus é, com efeito, a salvação dos homens. Opõe-se o Senhor, portanto, e como que diz: se Davi é santo, e o pontífice Aquimelec não é por vós censurado, mas transgrediram ambos um preceito da Lei com uma escusa aceitável, ao tratar-se de um caso de fome, por que não aceitais nos apóstolos a mesma fome que aceitais em outros? Muito embora, ainda assim, grande distância exista entre as situações. Estes esfregam espigas com a mão num sábado, aqueles comeram pães levíticos, e acrescentavam à solenidade do sábado os dias da lua nova, durante os quais, requisitado a comparecer ao banquete, [Davi] fugiu da sala régia.⁴¹⁸ Observa que nem

Davi nem seus companheiros receberam os pães da proposição antes de responderem que estavam puros do contato com mulheres.

5 “Não lestes na Lei que, nos dias de sábado, os sacerdotes transgridem no templo o descanso do sábado sem culpa de sua parte?” – Vós caluniais, diz, os meus discípulos porque colheram espigas ao atravessarem os campos, tendo-o feito pressionados pela necessidade da fome, quando violais o próprio sábado no templo, ao imolardes vítimas, ao matardes touros, ao consumirdes com o fogo os holocaustos sobre uma pilha de lenha e – de acordo com a asseveração de outro Evangelho⁴¹⁹ – ao circuncidardes os pequeninos no sábado, de modo que, enquanto almejais guardar outra lei, destruís o sábado. As leis de Deus, todavia, jamais são contrárias entre si. E habilmente, no momento em que seus discípulos poderiam ser acusados de transgressão, aduz que seguidos foram Davi e Aquimelec, quais exemplos. Uma verdadeira prevaricação contra o sábado, porém, e sem alegação de necessidade, faz recair sobre aqueles mesmos que levantaram a calúnia.

6 “Ora, eu vos declaro que aqui está quem é maior que o templo” – Há de ler-se não um pronome, mas um advérbio de lugar,⁴²⁰ porque maior que o templo é o lugar que contém o Senhor do templo.

7 “Se compreendêsseis o sentido desta palavra: ‘Quero a misericórdia, e não o sacrifício’, jamais condenaríeis os inocentes” – Dissemos acima o que quer dizer “Quero a misericórdia, e não o sacrifício”;⁴²¹ quanto, porém, ao que segue, “jamais condenaríeis os inocentes”, há de entender-se como referido aos apóstolos, e o sentido é o seguinte: se aprovais a misericórdia de Aquimelec por ter confortado Davi, que passava fome, e a seus companheiros, por que condenais os meus discípulos, que nada de semelhante fizeram?

9-10 “Partindo dali, Jesus entrou na sinagoga deles. Encontrava-se lá um homem que tinha a mão seca” – Este, que é curado na sinagoga, é o 13°. E

há de notar-se que a mão seca não se encontrou pelo caminho, nem do lado de fora, mas no conciliábulo dos judeus.

“E interrogavam-no, dizendo: ‘É permitido curar no sábado?’ Isto, para poder acusá-lo” – Haja vista que, com um exemplo aceitável, se tinha [o Senhor] justificado com relação à destruição do sábado, que os fariseus acusavam nos discípulos, querem caluniá-lo agora pessoalmente e perguntam se era lícito curar no sábado no intuito de o acusarem, se não curasse, de crueldade ou fraqueza, e se curasse, de transgressão.

11-12 “Jesus respondeu-lhes: ‘Há alguém entre vós que, tendo uma única ovelha, caso tenha esta caído num poço em dia de sábado, não irá resgatá-la e conduzi-la? Não vale o homem muito mais que uma ovelha? É permitido, pois, fazer o bem no dia de sábado’” – Assim resolveu a questão proposta, condenando por avareza aqueles que o interrogavam. Se vós, dizia, vos apressais, no sábado, a retirar uma ovelha ou qualquer outro animal que caia num poço, ocupando-vos não do animal, mas da vossa avareza, quanto mais devo eu libertar um homem, que é muito melhor que uma ovelha!

13 “Disse, então, ao homem: ‘Estende a mão’. Ele a estendeu, e ela tornou-se sã como a outra” – No Evangelho de que fazem uso os nazarenos e ebionitas, e que há algum tempo traduzimos do idioma hebraico ao grego, sendo tido por muitos como o [texto] autêntico de Mateus, este homem que tem a mão seca é referido como um pedreiro, que suplicava ajuda com palavras do seguinte teor: era eu um pedreiro, que procurava meu sustento com o trabalho das mãos; suplico-te, Jesus, que me restituas à saúde a fim de que não tenha de mendigar vergonhosamente por comida.⁴²² Até a vinda do Salvador, a mão seca esteve na sinagoga dos judeus e as obras de Deus não se praticavam ali; depois que veio ele, restaurada foi a destra, nos apóstolos que creem, e restituída ao primeiro obrar.

14 “Os fariseus saíram dali e deliberavam contra ele, sobre os meios de o matar” – Que se maquinem insídias contra o Senhor é uma questão de inveja. Ora, o que fizera ele que provocasse os fariseus a procurar a sua

morte? Sem dúvida, que [a uma ordem sua] aquele homem tivesse estendido a mão. E quem é que, dentre os fariseus, não estende, em dia de sábado, a mão que carrega alimentos, que oferece um cálice e outras coisas que se fazem necessárias à alimentação? Se, portanto, não é crime estender a mão e tomar alimentos ou bebida num sábado, por que condenam noutra pessoa o que se demonstra que eles mesmos fazem, máxime quando aquele pedreiro nada disso teria portado, mas estendeu tão somente a mão a uma ordem do Senhor?

15 “Jesus, ao sabê-lo, afastou-se dali” – Conhecendo as insídias deles, ao quererem matar seu próprio Salvador, Jesus afastou-se dali para retirar dos fariseus a ocasião de [cometerem] uma impiedade contra ele.

O testemunho de Isaías, o mudo e o cego, a expulsão dos demônios

18 “Eis o meu servo a quem escolhi, meu bem-amado”, e o restante. – Por meio do profeta Isaías, ao Pai convém isto que se diz: “Farei repousar sobre ele o meu Espírito”.⁴²³ Faz-se repousar o Espírito não sobre o Verbo de Deus, sobre o Unigênito que saiu do seio do Pai, mas sobre aquele de quem foi dito: “Eis o meu servo”.

19 “[Ele não disputará;] não elevará a sua voz, ninguém ouvirá sua voz nas praças públicas” – “Larga é a porta e espaçoso o caminho que conduzem à perdição, e numerosos são os que por aí entram.”⁴²⁴ Quem são esses numerosos? Os que não ouvem a voz do Salvador por não estarem no caminho estreito, e sim no espaçoso.

20 “Não quebrará o caniço rachado, nem apagará a mecha que ainda fumeja” – Aquele que não oferece a mão ao pecador, nem carrega o peso do irmão, quebra o caniço rachado. E quem despreza uma diminuta centelha de fé nos pequeninos apaga a mecha que fumeja. E Cristo não fez nenhuma dessas duas coisas. Viera, com efeito, para isto: para salvar o que estava perdido.⁴²⁵

22 “Apresentaram-lhe, então, um possesso cego e mudo. Jesus o curou de tal modo que este passou a falar e a ver” – Três sinais prodigiosos foram feitos simultaneamente num só homem: o que era cego vê, era mudo e fala, estava possesso e é libertado. Obra que, naquele momento, foi feita de forma carnal; realiza-se também, porém, cotidianamente na familiaridade dos que creem, de sorte que, sendo primeiro expulso o demônio, brilhe a luz da fé e, em seguida, as bocas anteriormente caladas se abram nos louvores de Deus.

25 “Jesus, porém, penetrando nos seus pensamentos, disse-lhes: ‘Todo reino dividido contra si mesmo será destruído’” – As multidões achavam-se estupefatas e confessavam que quem fazia tantos sinais era o Filho de Davi. Os fariseus, por sua vez, atribuíam as obras de Deus ao príncipe dos demônios, e não a suas palavras, mas a seus pensamentos responde o Senhor, para que fossem, ao menos assim, compelidos a crer no poder daquele que via os recônditos do coração.⁴²⁶

26 “Se Satanás expelle Satanás, está dividido contra si mesmo. Como, pois, subsistirá o seu reino?” – Um reino e uma cidade divididos contra si mesmos não podem perdurar; mas assim como, com a concórdia, as pequenas coisas crescem, do mesmo modo desaparecem as maiores com a discórdia.⁴²⁷ Se, portanto, Satanás luta contra si mesmo e um demônio se faz inimigo de outro, deveria ter vindo já a consumação do mundo e nele não teriam lugar os poderes adversários, cuja guerra intestina significaria a paz dos homens. Se pensais, no entanto, ó escribas e fariseus, que a retirada dos demônios se dá em obediência ao príncipe deles, para que enganem assim a homens ignorantes mediante fraudulenta simulação, o que podeis dizer das saúdes dos corpos, que o Senhor restabeleceu por completo? Outra coisa é que atribuais igualmente aos demônios as debilidades dos membros e as insignes demonstrações de poderes espirituais.⁴²⁸

27 “E se eu expulso os demônios por Beelzebul, por quem é que vossos filhos os expulsam? Por isso, eles mesmos serão vossos juízes” – Designa como filhos dos judeus, segundo o costume, os exorcistas daquela nação ou os apóstolos, gerados da estirpe deles. Se designava os exorcistas, que expulsavam os demônios a uma invocação do nome de Deus, o Senhor os força com uma hábil pergunta a confessar que se tratava de obra do Espírito Santo. Ora, dizia, se a expulsão dos demônios, quando feita entre os vossos filhos, é atribuída a Deus, e não aos demônios, por que, quando sou eu quem a faz, a mesma obra não tem também a mesma causa? Logo, eles mesmos serão os vossos juízes, não pela potestade, mas pela comparação, na medida em que atribuem eles a expulsão dos demônios a Deus, e vós a atribuíis a Beelzebul,⁴²⁹ o príncipe dos demônios. Se, pelo contrário, aquilo se disse dos apóstolos – o que devemos, de preferência, entender –, estes

mesmos serão juízes deles, porque se assentarão em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.⁴³⁰

28 “Mas se é pelo Espírito de Deus que expulso os demônios, então, chegou para vós o Reino de Deus” – Em Lucas, lemos essa passagem escrita assim: “Mas, se expulso os demônios pelo dedo de Deus...”⁴³¹ Este é o dedo que também proclamam os magos que contra Moisés e Aarão realizavam sinais prodigiosos, dizendo: “Isto é o dedo de Deus”,⁴³² pelo qual foram escritas as tábuas de pedra no monte Sinai.⁴³³ Se, pois, o Filho é a mão e o braço de Deus, é o Espírito Santo o seu dedo. Uma só é a substância do Pai, do Filho e do Espírito Santo: não te escandalize a desigualdade dos membros, visto que edifica a unidade do corpo.

“Então, chegou para vós o Reino de Deus” – Ou diz isso de si mesmo, acerca de quem está escrito noutra passagem: “O Reino de Deus está no meio de vós”,⁴³⁴ e ainda: “No meio de vós está quem vós não conheceis”;⁴³⁵ ou, por certo, daquele Reino que tanto João como o próprio Senhor pregaram: “Fazei penitência; aproximou-se, pois, o Reino dos Céus”.⁴³⁶ Há ainda um terceiro reino, o da santa Escritura, que é tirado dos judeus e entregue a um povo que o faça produzir frutos.⁴³⁷

29 “Como pode alguém penetrar na casa de um homem forte e roubar-lhe os bens, sem ter primeiro amarrado este homem forte para só então poder roubar a casa dele?” – Não devemos ficar tranquilos; nosso adversário é forte, o que se comprova também pelas palavras do Vencedor. Sua casa é o mundo, que jaz sob o Maligno,⁴³⁸ não pela dignidade do Criador, e sim pelo poderio de quem peca. E vasos dele fomos não apenas por um dado momento. O forte foi amarrado, confinado no tártaro,⁴³⁹ pisado pelo pé do Senhor e, derrubados os tronos do tirano, cativo foi conduzido ao cativoiro.⁴⁴⁰

30 “Quem não está comigo, está contra mim, e quem não ajunta comigo, espalha” – Não pense alguém que isso se disse a respeito de hereges e cismáticos, por mais que assim se possa entender redundantemente; no

entanto, pelo que vem a seguir e pelo contexto do discurso, refere-se ao diabo, já que não se podem comparar as obras do Salvador às de Beelzebul. Este almeja manter cativas as almas dos homens, o Senhor deseja libertá-las; um prega os ídolos, outro, o conhecimento do único Deus; um arrasta aos vícios, outro chama às virtudes. Como podem, portanto, ter alguma concórdia entre si aqueles cujas obras são diferentes?

A blasfêmia contra o Espírito Santo, o cultivo da árvore, o pedido dos escribas, o espírito impuro no deserto

32 “Todo o que tiver falado contra o Filho do Homem será perdoado. Se, porém, falar contra o Espírito Santo, não alcançará perdão nem neste século, nem no século vindouro” – E como é que certos dentre os nossos acolhem em sua ordem a bispos e presbíteros depois da blasfêmia contra o Espírito Santo, quando diz o Salvador que todo pecado e toda blasfêmia se perdoam aos homens, mas quem tiver blasfemado contra o Espírito Santo não será perdoado nem no tempo presente, nem no futuro?⁴⁴¹ A não ser que tomemos, talvez, aquele exemplo do evangelista Marcos, que expressou mui claramente as causas de tão grande ira, dizendo: “Porque diziam eles: ‘Ele tem um espírito imundo’”.⁴⁴² Logo, todo aquele que atribuir as obras do Salvador a Beelzebul, o príncipe dos demônios, e disser que o Filho de Deus tem um espírito imundo, tal blasfêmia não se lhe perdoará em tempo algum.⁴⁴³ Ou então se há de entender esta passagem da seguinte maneira: quem disser uma palavra contra o Filho do Homem, escandalizado com minha carne e pensando que eu seria tão somente um homem, que seria filho do carpinteiro e teria como irmãos a Tiago, José e Judas,⁴⁴⁴ um homem comilão e bebedor de vinho,⁴⁴⁵ tal opinião, que é uma blasfêmia, conquanto não esteja isenta de culpa, recebe, não obstante, o perdão desse erro, em razão da insignificância do corpo. Quem, por outro lado, entende claramente tratar-se de obras de Deus, mas, por não poder negar o poder, calunia ditas obras, aguilhoado pela inveja, assim como o Cristo, Verbo de Deus, dizendo serem de Beelzebul as obras do Espírito Santo, a este não lhe será perdoado nem no século presente nem no futuro.

33 “Ou dizeis que a árvore é boa e seu fruto é bom, ou dizeis que é má e seu fruto, mau; porque é pelos frutos que se conhece a árvore” – Acorrenta-os com um silogismo que os gregos chamam áphukton, e nós podemos designar “inevitável”, que encerra os interrogados tanto por um lado como por outro, pressionando-os por ambas as partes. Se – diz ele – o diabo é mau, não pode fazer obras boas; se, porém, boas são as obras que vedes realizadas, segue-se

daí que não seja o diabo quem as faz. Nem poderia dar-se, com efeito, que de alguém mau provenha coisa boa, ou que se origine algo mau de quem é bom. O que vem a seguir:

34 “Raça de víboras, maus como sois, como podeis dizer coisas boas?” – Mostra que aqueles homens eram árvore má e produziam, como que por transbordamento, frutos de blasfêmia tais quais eram as sementes do diabo que possuíam.

35 “O homem bom tira boas coisas do bom tesouro do seu coração. O mau, porém, tira coisas más de seu mau tesouro” – Ou mostra de que tesouro tiravam blasfêmias aqueles mesmos judeus que blasfemavam contra o Senhor, ou então, por unir-se essa frase com a questão acima, que, assim como não pode um homem bom proferir palavras más, nem um homem mau, palavras boas, tampouco pode o Cristo fazer obras más, ou o diabo fazer boas.

36 “Eu vos digo: no dia do juízo, os homens prestarão contas de toda palavra ociosa que tiverem proferido” – Também isto vai unido ao que se disse antes, e eis o seu sentido: se uma palavra ociosa, que jamais edifica os ouvintes, não se profere sem risco para aquele que a fala, e cada um, no dia do juízo, há de prestar contas de suas palavras, quanto mais vós, que caluniais as obras do Espírito Santo e dizeis que eu expulso os demônios pelo poder de Beelzebul, o príncipe dos demônios, haveis de prestar contas da vossa calúnia! Palavra ociosa é a que se diz sem utilidade tanto para quem a fala como para quem a ouve, como quando, omitidas as coisas sérias, passamos a falar de assuntos frívolos e a narrar antigas fábulas.⁴⁴⁶ Quanto ao mais, quem replica gracejos insolentes, solta a boca em gargalhadas ou profere algo de torpeza não se terá por réu de palavra ociosa, mas criminosa.

38 “Então alguns escribas e fariseus tomaram a palavra: ‘Mestre,

quiséramos ver-te fazer um milagre” – Assim pedem eles um sinal, como se os que tinham visto não o fossem. Noutra evangelista, contudo, explica-se de modo mais completo o que pedem: “Mestre, queremos ver um sinal do céu feito por ti”.⁴⁴⁷ Ou desejavam que viesse fogo das alturas ao modo de Elias,⁴⁴⁸ ou, à semelhança de Samuel, que em tempo estival roncasse o trovão, dardejasse o raio, irrompesse a chuva,⁴⁴⁹ como se não pudessem caluniar também aqueles sinais e dizer que teriam acontecido por causas ocultas e diversas alterações do ar. Pois tu que calunias o que com teus olhos podes ver, com tua mão podes tocar, com proveito teu podes experimentar, o que hás de fazer com relação a sinais que vierem do céu? Responderás, por certo, que também os magos, no Egito, fizeram muitos sinais do céu.⁴⁵⁰

39-40 “Respondeu-lhes Jesus: ‘Esta geração perversa e adúltera’” – Disse perfeitamente “adúltera” porque tinha abandonado o marido e, conforme Ezequiel, unira-se a muitos amantes.⁴⁵¹

“Pede um sinal; mas não lhe será dado outro sinal a não ser aquele do profeta Jonas. Do mesmo modo que Jonas esteve três dias e três noites no ventre do cetáceo, assim o Filho do Homem ficará três dias e três noites no coração da terra” – Discutimos mais largamente acerca desta passagem nos Comentários ao profeta Jonas,⁴⁵² e àquela obra, portanto, remetemos a diligência do leitor, satisfeitos com ter dito agora brevemente que, ao modo de uma sinédoque, o todo se deve entender pela parte, ou seja, não é que o Senhor tenha passado todos os três dias e as três noites no inferno, mas que, na parte da Parasceve, na do domingo e no inteiro dia de sábado, hão de entender-se os três dias e as outras tantas noites.

41 “No dia do juízo, os ninivitas se levantarão com esta raça e a condenarão” – Não pelo poder da sentença, mas pelo exemplo de comparação [“porque fizeram penitência à voz de Jonas”].

“Ora, aqui está quem é mais do que Jonas” – Que entendas aqui um advérbio de lugar, não um pronome.⁴⁵³ Jonas – conforme os Setenta tradutores⁴⁵⁴ – pregou por três dias, eu, por minha parte – diz o Senhor –, por tão longo tempo. Ele o fez à incrédula nação dos assírios, enquanto eu, aos judeus, o povo de Deus. Ele

pregou a estrangeiros, eu, a cidadãos. Ele falou através de um simples discurso, sem realizar coisa alguma em termos de sinais, eu, tendo feito tão grandes sinais, tenho de aguentar ser caluniado qual se fosse Beelzebul. Por isso é que está aqui quem é maior do que Jonas, ou seja, está na vossa presença.

42 “No dia do juízo, a rainha do Sul se levantará com esta raça e a condenará, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão” – Do mesmo modo que a um Israel incrédulo condenarão os homens de Nínive, a rainha do Sul condenará o povo dos judeus. Esta é, por sua vez, a rainha de Sabá, a respeito de quem lemos no volume dos Reis e no das Crônicas,⁴⁵⁵ a qual, passando por tão numerosas dificuldades, tendo deixado sua nação e seu império, veio à Judeia para ouvir a sabedoria de Salomão e trouxe-lhe muitos dons. Em Nínive, porém, e na rainha de Sabá, dá-se um estatuto preferencial, com relação a Israel, à fé oculta das nações.

43-45 “Quando o espírito impuro sai de um homem, deambula por lugares áridos à procura de um repouso, e não o acha”, e o restante. – Há quem pense que essa passagem se refira aos hereges, uma vez que o espírito imundo que neles habitava antes, quando eram pagãos, é expulso ante a confissão da verdadeira fé; depois, no entanto, quando se tiverem passado à heresia e ornamentado sua casa com virtudes simuladas, retorna a eles o diabo, em companhia de outros sete espíritos piores que se lhe ajuntam, e habita neles, tornando-se assim a última situação deles pior que a do início. Os hereges encontram-se, por certo, em situação muito pior que os pagãos, pois nesses últimos se acha a esperança da fé, ao passo que, nos primeiros, a luta da discórdia. Conquanto essa interpretação mostre certa plausibilidade e algum aspecto de doutrina, não sei se tem de sua parte a verdade. Em decorrência, com efeito, do que se segue, uma vez terminada a parábola ou exemplo: “Tal será a sorte desta geração perversa”,⁴⁵⁶ somos compelidos a referir a parábola não a hereges nem a outros homens quaisquer, mas sim ao povo dos judeus, para que o contexto da passagem não flutue aqui e ali, inerte e vago, perturbado pela usança dos insensatos, mas se mostre coerente em si mesmo, tanto em relação ao que se disse antes como ao que se vai dizer depois. O espírito imundo saiu dos judeus quando estes receberam a Lei e deambulou por lugares áridos, em busca de repouso para si. Em

outras palavras, tendo sido expulso dos judeus, deambulou pelas solidões dos pagãos, nas quais, porque haviam de crer posteriormente no Senhor, ele não encontrou lugar e disse:

44 “Voltarei para a casa donde saí”, isto é, vou-me aos judeus, a quem, antes, eu deixara.

“E, voltando, encontra-a vazia, limpa e enfeitada” – Vazio estava o templo dos judeus, e não tinha como hóspede a Cristo, que dizia: “Levantai-vos, vamo-nos daqui!”,⁴⁵⁷ e noutro trecho: “Eis que vos ficará deserta a vossa casa”.⁴⁵⁸ Ora, como não contavam com a proteção de Deus, nem dos anjos, e ornamentados estavam com as supérfluas observâncias da Lei e das tradições dos fariseus, volta o diabo à sua prístina sede e passa a habitar a sua antiga casa, unindo a si o setenário número de demônios: torna-se, assim, a situação posterior daquele povo pior que a de antes. Pois, agora, aqueles que blasfemam o Cristo Jesus em suas sinagogas por número muito maior de demônios são possuídos do que o foram no Egito, antes que tivessem conhecimento da Lei; uma coisa é, com efeito, não crer em quem há de vir, outra não ter recebido a quem já veio. Entende, por outro lado, o número setenário que ao diabo se associou ou em razão do sábado, ou em razão do número do Espírito Santo: de sorte que, como se narra, em Isaías,⁴⁵⁹ que desceram os sete espíritos de virtudes sobre o renovo da raiz de Jessé e a flor que brota dessa raiz, assim também, e pelo contrário, um número equivalente de vícios consagrou-se no diabo.

A mãe e os irmãos de Jesus, a parábola do semeador

46-47 “Jesus falava ainda à multidão, quando vieram sua mãe e seus irmãos, e esperavam de pé, do lado de fora, a ocasião de lhe falar. Disse-lhe alguém: ‘Eis que tua mãe e teus irmãos estão aí fora e querem falar-te’” – Estava o Senhor ocupado na obra da Palavra, na instrução das multidões, no ofício de pregar, e eis que vêm sua mãe e seus irmãos, esperam de pé ao lado de fora e desejam falar-lhe. Alguém anuncia, então, ao Salvador que sua mãe e seus irmãos estavam de pé, ao lado de fora, a procurá-lo. Parece-me que esta pessoa que anuncia não o faz ao acaso e simplesmente, mas tem uma insídia para ver se, à obra espiritual, o Senhor preferiria a carne e o sangue. Daí que também o Senhor tenha desdenhado sair, não no intuito de negar a mãe e os irmãos, mas para responder com isso a quem o insidiava.

49 “E, apontando com a mão para os seus discípulos, acrescentou: ‘Eis aqui minha mãe e meus irmãos’” – Minha mãe são estes, que me geram cotidianamente nas almas dos fiéis; irmãos meus são estes, que fazem as obras de meu Pai. Logo, não negou a mãe, segundo dizem Marcião e o maniqueu, para que se pensasse que teria nascido de um fantasma, mas preferiu os apóstolos à parentela, a fim de que também nós prefiramos o espírito à carne, quando se trata da comparação do afeto. “Eis que tua mãe e teus irmãos estão aí fora e querem falar-te.” Alguns suspeitam, ao seguirem os delírios dos apócrifos, que os irmãos do Senhor eram filhos que tivera José de outra esposa, a qual imaginam ser certa mulherzinha de nome Esca. Nós, porém, tal como aparece no livro que escrevemos contra Helvídio,⁴⁶⁰ entendemos que os irmãos do Senhor não eram filhos de José, mas primos do Salvador e filhos daquela Maria, tia materna do Senhor, que se diz mãe de Tiago, o menor, de José e de Judas, todos os quais chamados de irmãos do Senhor, segundo lemos, noutra passagem do Evangelho.⁴⁶¹ Por outro lado, toda a Escritura demonstra que primos são designados por irmãos. Digamo-lo de outra forma. Fala o Salvador às multidões; dentro de casa, instrui as nações. Sua mãe e seus irmãos, isto é, a sinagoga e o povo dos judeus, estão de pé do lado de fora, desejam entrar e fazem-se indignos

da Palavra dele. Tendo eles rogado e insistido, tendo inclusive mandado um mensageiro, recebem a resposta de que tinham seu livre-arbítrio e podiam entrar, desde que quisessem crer eles também, os quais, entretanto, não poderão entrar a menos que o tenham rogado a outras pessoas.

13,1-2 “Naquele dia, saiu Jesus e sentou-se à beira do lago. Acercou-se dele, porém, uma tal multidão” – O povo não podia entrar na casa onde se achava Jesus nem permanecer ali, no lugar em que os apóstolos ouviam os mistérios; por isso, o Senhor clemente e misericordioso saiu de casa e sentou-se junto ao mar deste século para que as multidões se congregassem ao seu redor e ouvissem, na praia, o que não mereciam escutar lá dentro.

“Que precisou entrar numa barca. Nela se assentou, enquanto a multidão ficava à margem” – Jesus está em meio às ondas, é batido de um lado e de outro pelo mar e, seguro em sua majestade, faz com que sua barca se abeire da terra, enquanto o povo, sem correr qualquer perigo, sem ver-se circundado por tentações que não pode suportar, fica de pé na praia, em firme posição, para ouvir o que se diz.

3 “E falou-lhes muitas coisas, expressando-se em parábolas” – A multidão não tinha um sentimento único, mas tantas vontades diferentes quantos eram os indivíduos que a compunham. Por isso fala-lhes em muitas parábolas, para que, de acordo com essas diferentes vontades, recebessem os ensinamentos. Há de notar-se também que não lhes falou tudo em parábolas, mas muitas coisas; pois, se tivesse dito tudo em parábolas, as pessoas teriam saído dali sem proveito. Ele mistura palavras de todo claras a outras obscuras, de modo que, por meio daquilo que entendem, sejam os ouvintes provocados ao conhecimento das realidades que não entendem.

“Um semeador saiu a semear” – O Senhor estava do lado de dentro, permanecia em casa, falava de mistérios aos discípulos. Saiu, então, de sua casa aquele que semeia a Palavra de Deus para semear nas multidões. Dá-se a entender, por outro lado, que esse semeador que semeia é o Filho de Deus, que semeia nas multidões a Palavra do Pai. Observa ainda, ao mesmo tempo, que esta é a primeira parábola que se cita acompanhada de sua interpretação; e muito cuidado se há de tomar, sempre que o Senhor explica suas palavras e, instado pelos discípulos,

discorre na intimidade, para não tratarmos de entender coisa distinta do que por ele foi exposto, quer indo além do que disse, quer ficando aquém.

4-5 “E, semeando, parte da semente caiu ao longo do caminho; os pássaros vieram e a comeram. Outra parte caiu em solo pedregoso, onde não havia muita terra, e nasceu logo, porque a terra era pouco profunda”, e o restante. – Valentino⁴⁶² toma essa parábola como justificação da sua heresia, introduzindo a doutrina de que existiriam três naturezas, a espiritual, a animal e a terrena – apesar de que, na parábola, se descrevam quatro situações: uma ao longo do caminho, outra pedregosa, uma terceira entre os espinhos e a quarta em terra boa. Diferimos por alguns instantes a sua interpretação, desejosos como estamos de ouvir com os discípulos, em segredo, o que se diz:

9 “Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça” – Somos provocados ao entendimento do que se disse, toda vez que, com estas palavras, se nos admoesta.

10 “Os discípulos aproximaram-se dele, então, para dizer-lhe” – Deve-se perguntar como é que se aproximaram dele os discípulos, uma vez que Jesus se achava sentado na barca, a menos, talvez, que se dê a entender que, havia já algum tempo, tinham subido com ele à barca e, estando de pé ali, tê-lo-iam consultado a respeito da interpretação da parábola.

12 “Ao que tem, se lhe dará e terá em abundância; mas ao que não tem, será tirado até mesmo o que tem” – Não é em igualdade de juízo que se acrescenta a quem já tem e se tira a quem não tem até mesmo o que parece ter; mas se concede aos apóstolos, que tinham fé no Cristo, inclusive aquele cabedal de virtudes de que careciam, ao passo que se tira aos judeus, que não creram no Filho de Deus, até mesmo o que possuíam pelo bem da natureza. Com efeito, não podem entender sabiamente coisa alguma aqueles que não têm o princípio da sabedoria.

13-14 “Eis por que lhes falo em parábolas: para que vendo, não vejam, e ouvindo, não ouçam” – Fala isso daqueles que permanecem de pé na praia e se encontram separados de Jesus, daqueles que, ao retumbar o som das ondas, não ouvem claramente as palavras que se dizem. “Cumpra-se neles a profecia de Isaías:⁴⁶³ ‘Ovireis com vossos ouvidos e não entenderéis, olhareis com vossos olhos e não vereis.’” Tais palavras se profetizaram das multidões que permanecem de pé na praia e não merecem ouvir a Palavra de Deus. Aproximemo-nos de Jesus, portanto, também nós em companhia dos discípulos, e roguemos-lhe a explicação da parábola, para não parecer que, com as multidões, temos debalde ouvidos e olhos.

15 “Porque o coração deste povo endureceu-se, ouviram mal com seus ouvidos, e fecharam seus olhos”, e o restante. – Deu aqui a razão pela qual, vendo, eles não veem e, ouvindo, não ouvem, a saber, porque o coração desse povo, diz, endureceu-se e ouviram mal com seus ouvidos, e, para não pensarmos que o endurecimento do coração ou o impedimento dos ouvidos se devesse à natureza, e não à vontade, acrescenta a culpa do arbítrio, dizendo: “Fecharam seus olhos para que seus olhos não vejam, e seus ouvidos não ouçam, nem seu coração compreenda; para que não se convertam e eu os sare”. Ouvem, portanto, em parábolas e em enigma os que, de olhos fechados, não querem ver a verdade.

16 “Mas, quanto a vós, bem-aventurados os vossos olhos, porque veem! Ditosos os vossos ouvidos, porque ouvem!” – Se não tivéssemos lido acima que os ouvintes foram provocados ao entendimento, dizendo-lhes o Salvador: “Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça”, pensaríamos agora tratar-se dos olhos e dos ouvidos da carne, que seriam objeto da bem-aventurança. Parecem-me bem-aventurados, no entanto, aqueles olhos que podem conhecer os mistérios de Cristo e que Jesus mandou que se elevassem ao que há de sublime, para olharem as messes a lourejar,⁴⁶⁴ e aqueles ouvidos, a respeito dos quais fala Isaías: “O Senhor abriu-me o ouvido”.⁴⁶⁵

17 “Eu vos declaro, em verdade: muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não o viram; ouvir o que ouvís, e não o ouviram” – Parece contrário a esta passagem o que alhures se diz: “Abraão almejou ver o meu dia, viu-o e ficou cheio de alegria”.⁴⁶⁶ Ora, aí não se diz que todos “os profetas e justos desejaram ver o que vedes”, mas “muitos”. Entre os muitos, pode dar-se que uns tenham visto e outros não, ainda que haja nisto uma perigosa interpretação, ao parecermos fazer certa discriminação entre os méritos dos santos. Abraão viu-o, pois, em enigma, em imagem; e vós, contudo, o tendes diante dos olhos, dispondes do vosso Senhor, à vontade o interrogais e vos sentais à mesa com ele.

19 “Quando um homem ouve a palavra do Reino e não a entende” – Começando por tais palavras, exorta-nos a que ouçamos com muita diligência o que se diz.

“O Maligno vem e arranca o que foi semeado no seu coração” – O Maligno arranca a boa semente. Entende, ao mesmo tempo, que se semeou no coração e que a diversidade do terreno são as almas dos fiéis.

21 “Sobrevindo uma tribulação ou uma perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza” – Presta atenção no que foi dito: “logo se escandaliza”. Há, portanto, alguma distância entre quem é compelido a negar Cristo por muitas tribulações e sofrimentos, e quem, quando da primeira perseguição, logo se escandaliza e cai.⁴⁶⁷

22 “O terreno que recebeu a semente entre os espinhos representa aquele que ouviu bem a palavra, mas nele os cuidados deste mundo e a falácia das riquezas a sufocam e a tornam infrutuosa” – Parece-me que assim como aquilo que, literalmente, se diz a Adão: “Entre espinhos e abrolhos, comerás o teu pão”,⁴⁶⁸ isso significa, em sentido místico, que todo aquele que se tiver dado aos prazeres do século e aos cuidados deste mundo há de comer entre espinhos o pão celeste, o alimento verdadeiro. E acrescentou elegantemente

que “a falácia das riquezas sufoca a palavra”. As riquezas são, com efeito, sedutoras, fazem uma coisa e prometem outra. A posse delas é escorregadia, à medida que giram de um lado para outro, mostrando-se de instável consistência: ora abandonam quem as possui, ora acumulam quem as não possui. Daí que o Senhor também tenha afirmado que dificilmente entram os ricos no Reino dos Céus,⁴⁶⁹ pelo fato de as riquezas sufocarem a Palavra de Deus e afrouxarem o rigor das virtudes.

23 “O que foi semeado, por fim, em terra boa, é aquele que ouve a palavra e a compreende, produzindo fruto” – Tal como, ao se falar da terra má, três variedades houve, a saber, a terra à beira do caminho, os terrenos pedregosos e espinhosos, assim também, com relação à terra boa, há uma tríplice variedade: o fruto de cem por um, de sessenta por um e de trinta por um. Quer naquela, porém, quer nesta, a substância não muda, mas a vontade; e a semente é igualmente recebida pelos corações tanto de incrédulos como de fiéis. O Senhor diz: “O Maligno vem e arranca o que foi semeado no seu coração”, assim como, na segunda e na terceira vez, afirma: “É aquele que ouve a palavra”. Do mesmo modo, na explicação da terra boa: “É aquele que ouve a palavra”. Primeiro devemos, portanto, ouvir, e depois entender; e, depois do entendimento, produzir frutos dos ensinamentos, dando ou um fruto de cem por um, ou de sessenta por um, ou ainda de trinta por um. Tendo tratado a respeito deles de forma mais completa no livro contra Joviniano,⁴⁷⁰ resumimo-los agora brevemente, atribuindo o centésimo fruto às virgens, o sexagésimo às viúvas e aos continentes, e o trigésimo ao santo matrimônio. Dignos de honra são, com efeito, as núpcias e o leito imaculado.⁴⁷¹ Alguns dos nossos⁴⁷² conferem o centésimo fruto aos mártires; e, se for mesmo assim, excluem-se do bom fruto os santos consórcios das núpcias.

24-25 “Jesus propôs-lhes outra parábola, dizendo: ‘O Reino dos Céus é semelhante a um homem que semeou boa semente em seu campo. Na hora, porém, em que os homens dormiam, veio um homem inimigo; semeou joio no meio do trigo, e partiu’, e o restante. – Essa segunda parábola não se faz acompanhar imediatamente da sua interpretação, mas é explicada depois de outras parábolas que se intercalam, pois é aí que a explicação se propõe,

quando, depois de ter despedido as multidões, o Senhor entrou em casa e seus discípulos se agruparam ao redor dele para pedir-lhe: “Explica-nos a parábola do joio no campo...”, e o restante.⁴⁷³ Não devemos, portanto, por um desejo precipitado de entender, procurar o conhecimento dela antes que seja explicada pelo Senhor.

31 “Em seguida, propôs-lhes outra parábola” – Sentava-se o Senhor na barca, a multidão estava de pé na praia. Aquela gente ouvia de longe; os discípulos, mais de perto. O Senhor lhes propõe também outra parábola ao modo de um rico chefe de família que regala os convivas com diversos pratos, para que cada um tomasse, conforme a natureza do próprio estômago, alimentos variados. Daí que [o evangelista] tampouco tenha dito, na parábola precedente, que se tratava da segunda,⁴⁷⁴ mas sim de outra.⁴⁷⁵ Ora, se tivesse dito tratar-se ali da segunda, poderíamos não esperar que houvesse uma terceira; disse, porém, tratar-se de outra, de modo a mostrar que outras muitas se seguiriam.

O grão de mostarda, o fermento, a cizânia

31-32 “O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem toma e semeia em seu campo. É esta a menor de todas as sementes, mas, quando cresce, torna-se um arbusto maior que todas as hortaliças, de sorte que os pássaros vêm aninhar-se em seus ramos” – Não seja molesto ao leitor que proponhamos aqui as parábolas todas. Aquilo que for obscuro há de explicar-se com mais vagar; não aconteça que, por excessiva brevidade, o seu significado mais se complique do que se explique. O Reino dos Céus é a pregação do Evangelho e o conhecimento das Escrituras, que conduz à vida e a respeito do qual se diz aos judeus: “Ser-vos-á tirado o Reino de Deus e será dado a um povo que produzirá os frutos dele”.⁴⁷⁶ Tal Reino assemelha-se, pois, a um grão de mostarda que um homem, tendo-o tomado, semeou em seu campo. O homem que semeia em seu campo é por muitos entendido como o Salvador, pelo fato de que semeia nas almas dos fiéis; por outros, é entendido tratar-se mesmo de um homem que semeia em seu campo, isto é, em si mesmo e em seu coração. Quem é este que semeia senão o nosso entendimento, o nosso espírito que, tomando o grão da pregação e cultivando a semente com a umidade da fé, faz com que ela venha a germinar no campo do seu peito? A pregação do Evangelho é a menor entre todas as matérias de ensino. Quando do seu primeiro ensinamento, não tem certamente a credibilidade da verdade ao pregar o Homem-Deus, o Cristo morto e o escândalo da cruz. Compara esse ensinamento com as doutrinas dos filósofos, com os livros destes, o esplendor da sua eloquência e a composição dos seus discursos, e verás quão menor é a dimensão da semente do Evangelho com relação às outras sementes. Aquelas, no entanto, quando crescem, nada de afiado manifestam, nada de vívido, nada de vital; mas tudo nelas é flácido, murcho, resultando em hortaliças e ervas que logo secam e se corrompem. Esta pregação, por sua vez, que parecia pequena a princípio, quando tiver sido semeada quer no coração do fiel, quer no mundo todo, não despontará como hortaliça, e sim como árvore, de modo tal que os pássaros do céu – que devemos entender quer como as almas dos fiéis, quer como as forças empregadas ao serviço de Deus – vêm habitar em seus ramos. Penso que os ramos da evangélica árvore, que cresceu a partir do grão de mostarda, são as diversidades dos dogmas, nos quais cada uma

das supracitadas aves descansa. Tomemos também nós as asas da pomba,⁴⁷⁷ para que, voejando ao que há de mais alto, possamos habitar nos ramos dessa árvore e fazer-nos ninhos de doutrinas; e, ao fugirmos, assim, do que é terreno, apressemo-nos em direção ao que é do céu. Há muitos que, lendo ser o grão de mostarda a menor de todas as sementes e aquilo que, no Evangelho, é dito pelos discípulos: “Senhor, aumenta-nos a fé!”, bem como o que se lhes responde por parte do Salvador: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: arranca-te daí, e ele se arrancaria”,⁴⁷⁸ pensam que os apóstolos pedem uma fé pequena, ou então que o Senhor duvida de uma fé pequena, quando o apóstolo Paulo considera a fé algo muito grande se comparado ao grão de mostarda. O que diz ele, pois? “Mesmo que eu tivesse tão grande fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, isso de nada me serviria.”⁴⁷⁹ Logo, aquilo que o Senhor disse poder-se realizar com uma fé que se compara ao grão de mostarda, o Apóstolo ensina que se pode fazer com toda a fé.

33 “Disse-lhes outra parábola: ‘O Reino dos Céus é semelhante ao fermento que, tomando, uma mulher esconde em três medidas de farinha até que tudo esteja fermentado’” – De diversa natureza é o estômago dos homens: uns se deleitam com alimentos amargos, outros, com manjares doces; uns se agradam de comidas mais austeras, outros, de pratos mais suaves. O Senhor propõe, então, como já dissemos acima, parábolas diversas, para que, conforme a variedade de feridas, seja também variado o medicamento. Essa mulher que tomou o fermento e o escondeu em três medidas de farinha até que tudo fermentasse parece-me referir-se ou à pregação apostólica ou à Igreja, que foi reunida a partir de várias nações. Ela toma o fermento, isto é, o conhecimento e a compreensão das Escrituras, e o esconde nas três medidas de farinha, a fim de que o espírito, a alma e o corpo, reduzidos a uma só realidade, não discrepem entre si, mas, tendo entrado dois ou três em acordo,⁴⁸⁰ impetrem do Pai tudo quanto tiverem pedido. Explica-se esta passagem também de outra forma. Lemos em Platão⁴⁸¹ – e o ensinamento dos filósofos divulgou – que, na alma humana, há três paixões: tò logikón, que podemos traduzir por “racional”;⁴⁸² tò thumikón, que dizemos “cheio de ira” ou “irascível”;⁴⁸³ e tò epithumētikón, que chamamos de “concupiscível”.⁴⁸⁴ E aquele filósofo pensa que nossa faculdade racional reside no cérebro, a ira, no fel, e o desejo, no fígado. E se nós, então, tomarmos o fermento evangélico das santas Escrituras, a respeito do qual se

falou, as três paixões da alma humana se hão de reduzir a uma só realidade, de modo tal a possuímos, na razão, a prudência; na ira, o ódio contra os vícios; no desejo, o afã das virtudes. Tudo isso se faz pela doutrina evangélica, que a Mãe Igreja nos concedeu. Direi, ainda, um terceiro entendimento, proveniente de alguns, para que o leitor curioso escolha dentre vários o que lhe aprouver. Também eles interpretam essa mulher como a Igreja, que misturou, nas três medidas de farinha, a fé do homem na crença do Pai, do Filho e do Espírito Santo; assim, à medida que tudo estiver fermentado em uma só massa, sejamos levados ao conhecimento não de um deus tríplice, mas da única divindade. As três medidas de farinha, igualmente, ao serem todas e cada uma da mesma natureza, remontam à unidade de substância. Trata-se, por certo, de um entendimento piedoso, mas a dúbia interpretação de uma parábola e de alguns enigmas nunca pode promover a autoridade dos dogmas. A medida aqui referida,⁴⁸⁵ por outro lado, é uma espécie de unidade, segundo o uso da província da Palestina, que contém um alqueire e meio. Dizem-se ainda outras coisas a respeito desta parábola, mas não é da alçada do presente tratado dizer tudo de todas as coisas.

34 “Tudo isso disse Jesus à multidão em parábolas e, sem parábolas, não lhes falava” – Por meio de parábolas falava não aos discípulos, mas à multidão. Até hoje, escutam-no as multidões em parábolas, e os discípulos interrogam, em casa, o Salvador.

35 “Para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta, que diz: ‘Abrirei a boca para ensinar em parábolas, revelarei coisas ocultas desde a criação do mundo’” – Tomou-se esse testemunho do 77º salmo.⁴⁸⁶ Li nalguns códices, e o leitor esforçado talvez encontre o mesmo que eu, a saber, que naquele lugar em que nós pusemos – e a edição divulgada traz: “Para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta, que diz”, aparece escrito: “pelo profeta Isaías, que diz”. Haja vista que tal dito não se encontra de forma alguma em Isaías, penso que tenha sido eliminado, posteriormente, por obra de varões prudentes. Parece-me, contudo, que assim foi editado a princípio: “pelo profeta Asaf, que diz” – de fato, o 77º salmo, de que se tomou o referido testemunho, é intitulado ao profeta Asaf –, mas o primeiro copista

não teria entendido “Asaf” e, pensando tratar-se de um erro de quem o escreveu, corrigiu-o pelo nome de “Isaiás”, cujo apelativo lhe era mais conhecido. Deve-se saber, com efeito, que nos salmos, hinos e cânticos de Deus, não só Davi deve ser designado como profeta, mas também aqueles outros cujos nomes aparecem escritos à frente das referidas obras, tais como Asaf, Iditum,⁴⁸⁷ Hemã, o ezraíta,⁴⁸⁸ Etã,⁴⁸⁹ os filhos de Coré⁴⁹⁰ e outros que a Escritura recorda. E, se considerarmos com mais atenção o que se diz em nome do Senhor: “Abrirei a boca para ensinar em parábolas, revelarei coisas ocultas desde a criação do mundo”, veremos que aí se acha descrita a saída de Israel do Egito e são narrados todos os sinais contidos na história do Êxodo. Em decorrência disso, entendemos que tudo aquilo que foi escrito há de ser tomado como parábola, ao não ressoar tão somente o manifesto sentido literal, mas também mistérios ocultos. É o que, na verdade, o Salvador prometeu que haveria de dizer, abrindo sua boca em parábolas e revelando coisas ocultas desde a criação do mundo.

36 “Então despediu as multidões e, em seguida, entrou em casa. E agruparam-se ao seu redor os discípulos dele, dizendo-lhe: ‘Explica-nos a parábola do joio no campo’” – Jesus despede as multidões e volta para casa a fim de que se lhe acerquem os discípulos e interroguem em privado aquilo que o povo não merecia nem podia ouvir.

36-37 “‘Explica-nos a parábola do joio no campo.’ Jesus respondeu: ‘O que semeia a semente é o Filho do Homem’” – Claramente, explicou que o campo é o mundo, o semeador é o Filho do Homem, a boa semente são os filhos do Reino, o joio são os filhos de quem é em extremo mau, o diabo é quem semeia o joio, a colheita é a consumação do século, e os ceifadores são os anjos; todos os escândalos referem-se ao joio, ao passo que os justos são tidos por filhos do Reino. Como disse acima,⁴⁹¹ portanto, devemos acomodar nossa fé ao que foi explicado pelo Senhor; quanto ao que foi, porém, calado e deixado ao nosso entendimento, havemos de fazer-lhe brevemente um aceno. Entende que os homens que dormem são os mestres das igrejas, e não tomes os servidores do chefe de família por outros, a não ser pelos anjos, que veem cotidianamente a face do Pai.⁴⁹² O diabo, por sua vez, é chamado de homem inimigo porque deixou de ser um deus e, a seu respeito, está

escrito no nono salmo: “Levanta-te, Senhor, não seja confortado o homem!”.⁴⁹³ Que não durma, então, aquele que foi posto à frente da Igreja, não aconteça que, por negligência de sua parte, o homem inimigo semeie o joio por cima, isto é, as doutrinas dos hereges. Por aquilo que se diz, por outro lado: “arrancando o joio, arriscais a tirar também o trigo”, dá-se ocasião à penitência e somos admoestados a não amputar de uma vez o irmão, pois pode acontecer que quem hoje se acha depravado por uma doutrina nociva caia em si amanhã e comece a defender a verdade. O que a isso se segue, “deixai-os crescer juntos até à colheita”, parece ainda ser contrário àquele preceito:⁴⁹⁴ “Tirai o mal do vosso meio”,⁴⁹⁵ e nenhuma sociedade seja tida com os que se chamam irmãos, mas são adúlteros e fornicadores.⁴⁹⁶ Ora, se a erradicação é proibida e se há de ter paciência até a colheita, como é que se devem tirar alguns do nosso meio? Entre o trigo e a cizânia, que nós chamamos joio,⁴⁹⁷ enquanto são apenas ervas e sua extremidade não formou ainda a espiga, há uma grande semelhança, e, para distingui-los, não há diferença alguma ou então mui difícil é esta de ver-se. O Senhor previne-nos, pois, logo de início, para não proferirmos rapidamente uma sentença caso haja algum elemento ambíguo, mas reservarmos a Deus, que é Juiz, o desenlace da questão; assim, quando vier o dia do juízo, ele tire da assembleia dos santos não a suspeita de crime, mas a culpa manifesta. Quanto, por fim, a ter dito que os feixes de joio serão lançados no fogo e o trigo será recolhido no celeiro, está claro que todos e quaisquer hereges, bem como os hipócritas da fé, hão de ser queimados no fogo da geena, ao passo que os santos, que são designados como trigo, serão acolhidos no celeiro, isto é, nas mansões celestes.

43 “Então, os justos refulgirão como o sol no Reino de seu Pai” – No século presente, a luz dos santos refulge em presença dos homens; depois da consumação do mundo, porém, os mesmos justos refulgirão como o sol no Reino de seu Pai.

O tesouro no campo, a pérola preciosa, a rede no mar

44 “O Reino dos Céus é também semelhante a um tesouro escondido num campo. Um homem o encontra, mas o esconde de novo. E, cheio de alegria, vai, vende tudo o que tem para comprar aquele campo” – Retardados pelas frequentes obscuridades das parábolas, vamos além de uma exposição concisa a ponto de quase parecermos transitar de um gênero de interpretação a outro.⁴⁹⁸ Esse tesouro, em que se encontram escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência,⁴⁹⁹ ou é o Verbo de Deus, que parece como que escondido na carne de Cristo, ou são as santas Escrituras, nas quais foi colocado o conhecimento do Salvador. Quando alguém aí o encontra, deve desprezar todos os bens deste século para que possa possuir o que encontrou. Quanto ao que se segue: “Um homem o encontra, mas o esconde de novo”, diz-se que o faz não por ciúme, mas que, pelo temor de quem guarda e não quer perder, esconde no coração o que preferiu a suas antigas faculdades.

45-46 “O Reino dos Céus é ainda semelhante a um negociante que procura pérolas preciosas. Encontrando uma de grande valor, vai, vende tudo o que possui, e a compra” – Com outras palavras, trata-se daquilo mesmo que acima se diz. As pérolas preciosas que um mestre⁵⁰⁰ procura são a Lei e os profetas. Ouve, ó Marcião! Ouve, ó maniqueu!⁵⁰¹ As pérolas preciosas são a Lei e os profetas, e o conhecimento do Antigo Testamento, enquanto uma só pérola há de grande valor: o conhecimento do Salvador, o mistério da sua paixão e o arcano da sua ressurreição. Quando o encontra um negociante, semelhante ao apóstolo Paulo, despreza todos os mistérios da Lei e dos profetas e as anteriores observâncias em meio às quais vivera sem culpa alguma, qual se fossem imundície e ninharias, a fim de ganhar Cristo.⁵⁰² Não se diz com isso que o encontro de uma nova pérola signifique a condenação das pérolas antigas, mas sim que, em comparação com ela, qualquer outra gema é mais vil.

47-49 “O Reino dos Céus é semelhante ainda a uma rede que, jogada no mar, recolhe peixes de toda espécie. Quando está repleta, os pescadores puxam-na para a praia, sentam-se e separam nos cestos o que é bom, jogando fora o que não presta. Assim será no fim do mundo”, e o restante. – Uma vez cumprido o vaticínio de Jeremias, que diz: “Vou mandar-vos muitos pescadores”,⁵⁰³ depois que Pedro, André e os filhos de Zebedeu, Tiago e João, ouviram: “Segui-me, e farei de vós pescadores de homens”,⁵⁰⁴ urdiram para si, a partir do Antigo e do Novo Testamento, a rede das doutrinas evangélicas e lançaram-na ao mar deste século. Essa rede acha-se até hoje estendida em meio às ondas, tomando das salgadas e amargas profundezas tudo quanto nela cai, ou seja, homens bons e maus, peixes ótimos e péssimos. Quando vier, enfim, a consumação e o fim deste mundo, como o próprio Senhor explica abaixo de modo mais claro, a rede será então puxada para a praia e patente se fará o verdadeiro juízo dos peixes que se hão de separar e, como que num mui tranquilo porto, os bons serão colocados nos cestos das mansões celestes, enquanto aos maus recebê-los-á a chama da geena para estorricá-los e ressecá-los.

51 “Compreendestes tudo isso? ‘Sim, Senhor’, responderam-lhe” – Aos apóstolos se dirige propriamente esta palavra e se lhes diz: “Compreendestes tudo isso?” àqueles que o Senhor não quer que ouçam tão somente, como o faz o povo, mas que compreendam, como mestres que haveriam de ser.

52“Por isso, todo escriba instruído nas coisas do Reino dos céus é comparado a um pai de família que tira de seu tesouro coisas novas e velhas” – Os apóstolos, sendo como que escribas e notários do Salvador, que gravavam nas tábuas do seu coração de carne as palavras e os preceitos dele, tinham-se instruído nos mistérios do Reino celeste e estavam em condições de, com a ajuda do pai de família e tirando do tesouro das suas doutrinas coisas novas e velhas, comprovar quanto pregavam no Evangelho com as palavras da Lei e dos profetas. Daí que diga a esposa no Cântico dos Cânticos: “Frutos novos e velhos que guardei para ti, meu bem-amado”.⁵⁰⁵

A admiração com a sabedoria de Jesus, chamado “filho do carpinteiro”

53-54 “Após ter exposto as parábolas, Jesus partiu. Foi para a sua cidade e ensinava na sinagoga deles, de modo que diziam admirados” – Depois das parábolas que narrou ao povo e só os apóstolos compreenderam, foi para a sua pátria a fim de ensinar ali mais abertamente.

“Donde lhe vem esta sabedoria e esta força miraculosa?” – Admirável estultícia a dos nazarenos! Admira-lhes que a sabedoria tenha sabedoria, que a força tenha força, mas à vista de todos está o erro de o suspeitarem filho do carpinteiro.

55-56 “Não é este o filho do carpinteiro? Não é Maria sua mãe? Não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E suas irmãs, não vivem todas entre nós?” – O erro dos judeus é a nossa salvação e a condenação dos hereges. De tal forma, com efeito, tomavam Jesus Cristo por simples homem, que pensavam fosse ele o filho do carpinteiro: “Não é este o filho do carpinteiro?”. E te admira que errem acerca dos irmãos, quando erram no que diz respeito ao Pai? Essa passagem foi explicada de forma bem completa no supracitado livro contra Helvídio.⁵⁰⁶

57 “Disse-lhes, porém, Jesus: ‘É só em sua pátria e em sua casa que um profeta é menosprezado’” – É algo quase natural que cidadãos façam sempre pouco dos seus concidadãos, pois não levam em conta os feitos presentes de um varão, ao se recordarem de sua frágil infância, como se tampouco eles próprios, pelos mesmos degraus da idade, tivessem chegado à idade madura.

58 “E, por causa da falta de confiança deles, operou ali poucos milagres” – Não é que Jesus não tenha podido fazer muitos milagres ainda que se mostrassem aqueles homens incrédulos, mas assim agiu para não condenar

seus incrédulos concidadãos caso operasse ali muitos prodígios. Pode-se entender, também, de outra maneira que Jesus foi desprezado em sua casa e em sua pátria, isto é, no povo dos judeus e, por isso, fez ali poucos sinais para que aquele povo não se tornasse de todo inescusável. Sinais maiores, porém, ele faz diariamente por meio dos apóstolos entre os pagãos, no tocante não tanto à cura dos corpos quanto à salvação das almas.

A execução de João Batista, o retiro de Jesus no deserto

14,1-2 “Naquele tempo, o tetrarca Herodes ouviu falar de Jesus e disse aos seus cortesãos: ‘É João Batista que ressuscitou dos mortos. É por isso que ele faz tantos milagres’” – Algum dos intérpretes eclesiásticos procura a causa por que Herodes teve essas suspeitas, a ponto de pensar que João teria ressuscitado dos mortos e que, por isso, operavam nele faculdades prodigiosas, como se tivéssemos de prestar contas de um erro alheio e como se, a partir dessas palavras, encontrasse ensejo a doutrina da metempsychōsis,⁵⁰⁷ quando se sabe, por certo, que, no tempo em que João foi degolado, o Senhor teria uns trinta anos,⁵⁰⁸ enquanto a metempsychōsis diz que as almas entram em corpos diversos depois de muitos ciclos de anos.

3-4 “Com efeito, Herodes havia mandado prender e acorrentar João, e o tinha mandado meter na prisão, por causa de Herodíades, esposa de seu irmão Filipe. João lhe tinha dito: ‘Não te é permitido tomá-la por mulher!’” – Uma história antiga⁵⁰⁹ narra que Filipe, filho de Herodes, o Grande – sob cujo reinado fugiu o Senhor para o Egito –, e irmão desse Herodes, sob o qual padeceu Cristo, tomou por mulher Herodíades, filha do rei de Phetra,⁵¹⁰ e que, depois, seu sogro, ao surgirem certas animosidades contra o genro, tomou-lhe a filha de volta e, para agravar o primeiro marido, uniu-a em casamento com Herodes, seu inimigo. A respeito de quem era esse Filipe, por outro lado, é o evangelista Lucas quem mais completamente nos ensina: “No ano décimo quinto do reinado do imperador Tibério, sendo Pôncio Pilatos procurador da Judeia, Herodes, tetrarca da Galileia, seu irmão Filipe, tertrarca da Itureia e da região da Traconítide...”⁵¹¹ João Batista, portanto, que viera com o espírito e o poder de Elias, com a mesma autoridade com que aquele repreendera Acab e Jezabel,⁵¹² censurou Herodes e Herodíades por terem contraído núpcias ilícitas, visto não ser permitido que, em vida do irmão, a esposa deste seja tomada por seu irmão, preferindo correr risco de vida ante o rei a, em vista da adulação, esquecer-se dos preceitos de Deus.

5 “De boa mente o mandaria matar, temia, porém, o povo que considerava João um profeta” – Temia, pois, uma sedição do povo por causa de João,⁵¹³ por quem sabia que grandes multidões tinham sido batizadas no Jordão, mas era vencido pelo amor da mulher, ante cujo ardor negligenciara inclusive os preceitos de Deus.

6 “Mas, na festa de aniversário de nascimento de Herodes, a filha de Herodíades dançou no meio dos convidados e agradou a Herodes” – Não encontramos que qualquer outro tenha celebrado o aniversário do próprio nascimento, a não ser Herodes e o Faraó,⁵¹⁴ e não admira que para estes, cuja impiedade era parelha, houvesse a mesma solenidade.

7 “Por isso, ele lhe prometeu com juramento dar-lhe tudo o que lhe pedisse” – Eu não desculpo Herodes por ter perpetrado um homicídio à revelia, sem o querer, em virtude de juramento, pois pode ser que talvez tenha jurado para preparar maquinações com vistas a uma futura oportunidade. De resto, se disser que o fez por causa do juramento, perguntaria eu: caso aquela jovem suplicasse a morte do pai ou da mãe, haveria ele de levá-la a cabo ou não? O que ele estava, portanto, por repudiar em si mesmo, deveu desprezar também no profeta.

8 “Dá-me aqui, neste prato, a cabeça de João Batista” – Temendo Herodíades que Herodes alguma vez voltasse atrás ou se reconciasse com o irmão Filipe, e que aquelas núpcias ilícitas viessem a dissolver-se por meio de repúdio, admoesta a filha a que, de imediato, no mesmo banquete, peça a cabeça de João Batista qual digno prêmio de sangue ao digno esforço da dança.

9 “O rei entristeceu-se” – É do costume das Escrituras que o historiador narre a opinião de muitos de modo tal a conformar-se com aquilo que, no

referido tempo, era crido por todos. Assim como José era chamado, inclusive pela própria Maria, de pai de Jesus,⁵¹⁵ também agora se diz que Herodes entristeceu-se, porque isso lhes pareceu aos convivas. Qual dissimulador do próprio pensamento, com efeito, aquele artífice homicida deixava transparecer a tristeza em sua face, quando albergava alegria no espírito.

“Mas como havia jurado diante dos convidados, ordenou que lha dessem” – Escusa o crime com o juramento, para, sob um pretexto de piedade, tornar-se ímpio. O que se acrescentou em referência aos convidados revela-nos que Herodes queria que todos fossem partícipes do seu crime e, no luxurioso e impuro banquete, se servissem cruentos manjares.

11 “A cabeça foi trazida num prato e dada à moça, que a entregou à sua mãe” – Lemos, na história romana, que Flamínio, comandante romano, ao estar à mesa junto a uma meretriz que lhe dizia nunca ter visto um homem degolado, consentiu em que certo réu de crime capital fosse morto ali no banquete e acabou expulso da cúria pelos censores por ter misturado manjares com sangue e exibido a morte de um homem, conquanto fosse criminoso, para deleite de outrem, fazendo misturar-se em igual medida a luxúria e o homicídio.⁵¹⁶ Quão mais criminosos foram Herodes, Herodíades e a jovem que dançou e pediu, como preço de sangue, a cabeça do profeta para ter em seu poder a língua que censurava o ilícito enlace. Isso se deu segundo o sentido literal. Nós até hoje vemos, por outro lado, na cabeça do profeta João, que os judeus suplicaram a Cristo, que é Cabeça dos profetas.⁵¹⁷

12 “Vieram, então, os discípulos dele transladar seu corpo e o enterraram. Depois, foram dar a notícia a Jesus” – Josefo⁵¹⁸ relata que João foi decapitado em certa praça-forte da Arábia. E o que se diz a seguir: “Vieram, então, os discípulos dele transladar seu corpo”, podemos entender tanto acerca dos discípulos do próprio João, como dos do Salvador. “Depois, foram dar a notícia a Jesus.”

13 “A esta notícia, Jesus partiu dali numa barca para se retirar a um lugar deserto” – Anunciam a morte do Batista ao Salvador, que, ao ouvir falar dela, se retira a um lugar deserto; não, como alguns pensam, por temor da morte, mas para poupar os seus inimigos, de sorte que não viessem estes a acrescentar homicídio a homicídio, ou então por diferir sua própria morte para o dia da Páscoa, no qual, em vista do mistério, o cordeiro haveria de ser imolado e as ombreiras dos fiéis seriam marcadas com o seu sangue.⁵¹⁹ Talvez até se tenha ele retirado para dar-nos um exemplo, e assim se evitasse a temeridade dos que espontaneamente se entregam, já que nem todos perseveram em meio aos tormentos com a mesma constância com que se oferecem a sofrê-los.⁵²⁰ Por essa razão é que, noutra passagem, ordena: “Se vos perseguirem numa cidade, fugi para outra”.⁵²¹ O evangelista, igualmente, e de forma elegante, não diz que ele tenha fugido para um lugar deserto, mas que se retirou, antes para evitar os perseguidores que por temê-los. Pode-se explicar isso ainda de outro modo: depois que foi cortada a cabeça do profeta por parte dos judeus e do rei dos judeus, e que a profecia perdeu diante deles a sua língua e a sua voz, Jesus retirou-se ao deserto da Igreja, a qual não tivera anteriormente marido.⁵²²

“Mas o povo o soube, e a multidão das cidades o seguiu a pé” – Pode o Senhor se ter retirado ao deserto também por outro motivo, a saber, para provar a fé dos que criam. Em suma, o povo seguiu-o a pé, não montado em jumentos, não transportado por veículos diversos, mas com a fadiga própria do caminho a pé, a fim de mostrar o ardor do espírito. Se quisermos esclarecer as razões de cada uma das palavras, excederemos o propósito de brevidade da obra. Deve-se dizer de passagem, não obstante, que, depois que o Senhor veio ao deserto, grandes multidões o seguiram, pois, antes que viesse às soledades dos pagãos, rendia-se-lhe culto tão somente por parte de um único povo.

14 “Quando desembarcou, vendo Jesus esta numerosa multidão” – Nas palavras evangélicas, sempre vai o espírito unido à letra, e tudo aquilo que nelas parece frio à primeira vista, se o tocares, aquece. O Senhor estava num lugar deserto e seguiram-no até ali as multidões que deixavam as suas cidades, isto é, suas anteriores formas de viver e as variedades de doutrinas que abraçavam. No fato de Jesus ter saído, no entanto, dá-se a entender que as multidões tiveram, certamente, vontade de ir atrás dele, mas não tinham forças para isso; é por esse motivo que o Salvador sai do lugar em que

estava, toma a dianteira e, tal como noutra parábola em relação ao filho arrependido,⁵²³ vendo a multidão, move-se de compaixão para com ela e cura-lhe as doenças, para que a plena fé consiga obter de imediato a recompensa.

15 “Caía a tarde. Agrupados em volta dele, os discípulos disseram-lhe”, e o restante. – Tudo isso está repleto de mistérios. Retira-se da Judeia e vai para um lugar deserto, seguem-no multidões que abandonam suas cidades, Jesus sai até elas, compadece-se daquela gente, cura os seus doentes. E o faz não de manhã cedo, nem em momento mais avançado do dia, nem ao meio-dia, mas ao cair da tarde,⁵²⁴ quando se pôs o sol da justiça.

Os cinco pães e os cinco peixes, Pedro afunda na água

16 “Jesus, porém, respondeu: ‘Não é necessário: dai-lhes vós mesmos de comer’” – Não têm eles necessidade de procurar alimentos diversos, nem de comprar pães desconhecidos para comer, ao terem consigo o Pão celeste. “Dai-lhes vós mesmos de comer.” Estimula os apóstolos a que partam o pão, para que, vindo eles a testemunhar que não o tinham, mais clara se faça a grandeza do prodígio.

17 “‘Mas’ – disseram eles – ‘nós não temos aqui mais que cinco pães e dois peixes’” – Noutro evangelista, lemos: “Está aqui um menino que tem cinco pães [de cevada!]”⁵²⁵ – que me parece significar Moisés. Os dois peixes, por sua vez, entendemo-los ou como ambos os testamentos, ou porque um número igual se refere à Lei.⁵²⁶ De fato, não tinham os apóstolos, antes da paixão do Salvador e do resplandecer do fulgurante Evangelho, senão cinco pães e dois peixinhos que viviam em águas salgadas e amargas ondas.

18 “‘Trazei-mos’, disse-lhes ele” – Ouve, ó Marcião! Ouve, ó maniqueu!⁵²⁷ Jesus manda que os cinco pães e os dois peixinhos sejam levados até ele, para que ele os santifique e os multiplique.

19 “Mandou, então, a multidão assentar-se na relva” – O sentido literal é manifesto; esclareçamos os mistérios da interpretação espiritual. Manda-se que a multidão se assente na relva e, de acordo com outro evangelista, no chão,⁵²⁸ em grupos de cinquenta e de cem,⁵²⁹ a fim de, tendo calcado aos pés a própria carne e todas as suas flores e submetido a si os prazeres do século qual feno seco, ascenderem então, pela penitência do número quinquagenário, ao perfeito cume do centésimo número.

“Tomou os cinco pães e os dois peixes e, elevando os olhos ao céu, abençoou os

pães, partiu e deu aos seus discípulos” – Elevou os olhos para o céu de modo a ensinar que para lá se hão de dirigir os olhares. Tomou nas mãos os cinco pães e os dois peixinhos, partiu-os e os entregou aos discípulos. Ao parti-los o Senhor, faz-se uma sementeira de alimentos. Se, com efeito, tivessem os pães permanecido inteiros, e não se tivessem partido em pedaços e dividido como que em múltipla colheita, não teriam podido alimentar as turbas, as crianças, as mulheres e tão grande multidão. Parte-se, portanto, a Lei com os profetas e faz-se em pedaços, e os mistérios contidos em seu meio são proferidos, de sorte que aquilo que estava inteiro e, enquanto permanecia em seu primitivo estado, não alimentava, alimente agora, uma vez que se dividiu em partes a multidão das nações.

“E deu aos seus discípulos, que os distribuíram à multidão” – Recebem as multidões o alimento das mãos do Senhor, por intermédio dos apóstolos.

20 “[E,] dos pedaços que sobraram, recolheram doze cestos cheios” – Cada um dos apóstolos enche o próprio cesto com o que sobra do Salvador, quer para ter com que oferecer alimentos, mais tarde, aos pagãos, quer para, em virtude das sobras, ensinar que verdadeiros foram os pães que vieram a ser, depois, multiplicados. Podes perguntar, ao mesmo tempo, como é que num deserto e em soledade tão vasta não se achem pães senão tão somente cinco e dois peixinhos e, por outro lado, tão facilmente se encontrem doze cestos.

21 “Ora, os convivas foram aproximadamente cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças” – De acordo com o número dos cinco pães, a multidão dos que comem é de cinco mil homens. Ainda não tinha chegado, conforme a narrativa de outra passagem,⁵³⁰ ao número setenário; os que comem são quatro mil, número próximo ao dos Evangelhos. Os cinco mil homens que comem são, por outro lado, os que cresceram até atingir o estado de varão perfeito, ao seguir aquele de quem diz Zacarias: “Eis o homem cujo nome é Oriente”.⁵³¹ As mulheres e as crianças, por sua vez, o sexo frágil e a menoridade, são indignos de integrar dito número. Daí que, no livro dos Números, toda vez que se enumeram os sacerdotes e levitas, bem como o exército ou o contingente dos que têm condições de lutar, de fora do cômputo se deixem os escravos, as mulheres, as crianças e a arraia-

miúda.

22 “Logo depois, Jesus obrigou seus discípulos a entrar na barca e a passar antes dele para a outra margem, enquanto ele despedia a multidão” – Mandou que os discípulos passassem à outra margem e os obrigou a entrar na barca. Mostra-se com essa palavra que eles, contrariando a própria vontade, se afastaram do Senhor, já que, levados pelo amor do Mestre, nem sequer por um instante de tempo quereriam separar-se dele.

23 “Feito isso, subiu a montanha para orar na solidão” – Se estivessem com ele os discípulos Pedro, Tiago e João, que tinham visto a glória e foram transformados, talvez subissem também ao monte em sua companhia, mas a multidão não pode acompanhá-lo às regiões sublimes,⁵³² a menos que ele a tenha instruído perto do mar, na praia, e alimentado no deserto. Não deves atribuir o ter subido sozinho à montanha para orar àquele que saciou, com cinco peixes, os cinco mil homens, excetuadas mulheres e crianças, mas sim a quem, tendo tido notícia da morte de João, retirou-se ao deserto, e não é que devamos separar a Pessoa do Senhor, mas porque suas obras se distinguem entre as que se devem atribuir a Deus e as que são próprias do homem.

24 “Entretanto, já a boa distância da margem, a barca era agitada pelas ondas” – Os apóstolos acertadamente se tinham afastado do Senhor como que de má vontade e resistindo a fazê-lo, com medo de vir a sofrer um naufrágio em sua ausência. Enfim, enquanto ele permanecia no cume do monte, eis que surge um vento contrário, agita o mar e os apóstolos correm perigo; e mantém-se a iminência do naufrágio durante todo o tempo que resta até que Jesus venha.

25 “Pela quarta vigília da noite, Jesus veio a eles, caminhando sobre o mar” – As estações e vigílias militares dividem-se em espaços tríplexes de horas. Quando, portanto, se diz que, pela quarta vigília da noite, veio a eles o

Senhor, mostra-se que correram perigo a noite inteira e que só se lhes há de prestar auxílio no fim da noite, bem como na consumação do mundo.

26 “Quando os discípulos o perceberam caminhando sobre as águas, ficaram com medo: ‘É um fantasma!’ – disseram eles” – Se, de acordo com Marcião e com o maniqueu, nosso Senhor não nasceu da Virgem, mas apareceu qual um fantasma, como é que agora os apóstolos temem ver um fantasma?

“Soltando gritos de terror” – O grito confuso e a voz incerta são indícios de grande temor.

27 “Mas Jesus logo lhes disse: ‘Tende confiança, sou eu, não tendes medo!’” – Cura o primeiro mal que se fazia notar e ordena aos que temiam, dizendo: “Tende confiança, não tendes medo!”. E não acrescenta quem era com a palavra seguinte, “sou eu”, quer porque, a partir de uma voz que lhes era conhecida, ditos homens podiam reconhecer quem era aquele que lhes dirigia a palavra em meio às densas trevas da noite, quer porque recordavam tratar-se do mesmo que, como sabiam, tinha falado a Moisés: “Eis o que dirás aos filhos de Israel: Aquele que é enviou-me a vós”.⁵³³

28 “Pedro tomou a palavra e falou: ‘Senhor, se és tu, manda-me ir sobre as águas até junto de ti’” – Em todas as passagens, vê-se que Pedro é homem de ardentíssima fé. Ao serem os discípulos interrogados sobre quem diziam os homens que fosse Jesus, confessa-o como Filho de Deus e, quando o Senhor manifesta sua vontade de dirigir-se à paixão, ao não querer Pedro que morra aquele que ele mesmo confessara havia pouco como Filho de Deus, não erra no seu afeto, conquanto tenha errado no que disse;⁵³⁴ em companhia do Salvador, subiu ao monte qual primeiro entre os primeiros⁵³⁵ e, na paixão, seguiu-o sozinho e lavou no mesmo instante, com lágrimas amargas, o pecado da negação em que caíra por um repentino temor;⁵³⁶ depois da paixão, quando estavam no lago de Genesaré e pescavam, enquanto o Senhor lhes aparecia na praia, ao navegarem mais lentamente os outros, ele não tolera demoras, mas, cingido com sua túnica, precipita-se

logo nas ondas.⁵³⁷ Com esse mesmo ardor de fé por que sempre se destacara, crê também agora, enquanto os demais se calavam, poder fazer por vontade do Mestre aquilo que ele podia por natureza. “Manda-me ir sobre as águas até junto de ti.” Manda tu, e ao instante se consolidarão as águas, e o corpo, que por si mesmo é pesado, leve se fará.

29 “Pedro saiu da barca e caminhava sobre as águas” – Quem pensa que o corpo do Senhor não era verdadeiro pelo fato de ter avançado como que ligeiro e vaporoso sobre as ligeiras águas responda de que forma terá caminhado Pedro, pois certamente não há de negar ter sido este um homem verdadeiro.

30 “Mas, redobrando a violência do vento, teve medo e, começando a afundar, gritou: ‘Senhor, salva-me!’” – A fé de seu espírito ardia, mas a humana fragilidade o arrastava para o fundo. Por um pouco de tempo, portanto, é abandonado à tentação para que sua fé aumente e ele entenda que foi preservado não pela facilidade de sua súplica, mas pelo poder do Senhor.

31 “No mesmo instante, Jesus estendeu-lhe a mão, segurou-o e lhe disse: ‘Homem de pouca fé, por que duvidaste?’” – Se ao apóstolo Pedro, a respeito de cuja fé e de cujo ardor do espírito algo dissemos acima, e que rogara confiante ao Salvador, dizendo: “Senhor, se és tu, manda-me ir sobre as águas até junto de ti”, só porque temeu um pouquinho se diz: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?”, o que se nos há de dizer a nós, que não temos, por certo, sequer uma porçãozinha mínima dessa pouca fé?

33 “Então aqueles que estavam na barca prostraram-se diante dele e disseram: ‘Tu és verdadeiramente o Filho de Deus’” – Ao restabelecer-se, ante um único sinal, a tranquilidade do mar, coisa que costuma dar-se por vezes depois de grandes tormentas e ao acaso, os marinheiros e condutores da barca confessam-no como sendo verdadeiramente o Filho de Deus, ao

passo que Ário o prega, na Igreja, como se fosse uma criatura.

34 “E, tendo atravessado, chegaram a Genesaré” – Se soubéssemos o que significa em nossa língua o termo “Genesaré”,⁵³⁸ entenderíamos como Jesus, por meio da figura dos apóstolos e da barca, conduz a Igreja, libertada do naufrágio da perseguição, à praia, fazendo-a descansar em mui tranquilo porto.

35 “As pessoas do lugar o reconheceram e mandaram anunciar por todos os arredores” – Reconheceram-no pela fama, não pelo rosto, ou então ele era conhecido para muitos, também de rosto, em decorrência da grandeza dos sinais que realizava em meio às multidões. E vê quão grande era a fé dos homens da terra de Genesaré, a ponto de não se contentarem tão somente com a salvação dos presentes, mas de mandarem anunciar por outras cidades dos arredores, a fim de que todos acudam ao Médico.

35-36 “Apresentaram-lhe, então, todos os doentes, rogando-lhe que ao menos deixasse tocar na orla de sua veste. E todos aqueles que nele tocaram foram curados” – Os que estão doentes não toquem o corpo de Jesus, nem mesmo toda a sua veste, mas sim a extrema orla desta: e todo aquele que a tocar ficará curado.⁵³⁹ Entende que a orla da sua veste significa quer o menor dos mandamentos, cujo transgressor será chamado o menor no Reino dos Céus,⁵⁴⁰ quer sua assunção de um corpo,⁵⁴¹ por meio da qual tivemos acesso ao Verbo de Deus e havemos de fruir, mais tarde, da sua majestade.

Os costumes dos antigos, a plantação que não é do Pai

15,2 “Por que transgridem teus discípulos a tradição dos antigos?” – Admirável é a estupidez dos fariseus e dos escribas! Censuram o Filho de Deus por não observar tradições e preceitos de homens.

“Nem mesmo lavam as mãos antes de comer o pão” – Hão de lavar-se as mãos, isto é, as obras, não do corpo, mas da alma, para que nelas se realize a Palavra de Deus.

3 “Jesus respondeu-lhes: ‘E vós, por que violais o mandamento de Deus por causa de vossa tradição?’” – Uma resposta verdadeira refuta a falsa calúnia. Ao negligenciardes vós, diz ele, os preceitos de Deus por causa da tradição dos homens, por que pensais que se devem repreender os meus discípulos por fazerem pouco dos preceitos dos antigos a fim de guardar as ordens de Deus?

4-6 “Deus disse: ‘Honra teu pai e tua mãe, aquele que amaldiçoar seu pai ou sua mãe, será castigado de morte’,⁵⁴² mas vós dizeis: ‘Aquele que disser ao seu pai ou à sua mãe: ‘o que ofereci a Deus tornará em proveito vosso’, conquanto não tenha honrado o pai ou a mãe, [será aprovado]” – Percebe-se, nas Escrituras, consistir a honra não tanto nas saudações e obséquios prestados quanto nas esmolas e no oferecimento de dons. “Honra” – diz o Apóstolo – “as viúvas que são realmente viúvas”:⁵⁴³ a honra entende-se aqui como um dom [que se lhes há de fazer]; e, noutra passagem, “os presbíteros... sejam honrados com dupla remuneração, principalmente os que trabalham na pregação e no ensino”.⁵⁴⁴ Por isso é que se nos dá o preceito de não fecharmos a boca ao boi que tritura,⁵⁴⁵ e de que o operário seja digno do seu salário.⁵⁴⁶ Ordenara o Senhor que, ao considerarem as fraquezas, a idade avançada ou penúrias dos genitores, os filhos honrassem a seus pais também no que refere a brindar-lhes o necessário à vida. Querendo os escribas e fariseus subverter essa providentíssima lei de Deus,

de sorte a fazer passar a própria impiedade sob o nome de piedade, ensinaram a péssimos filhos⁵⁴⁷ que, se alguém quisesse votar a Deus, que é o verdadeiro Pai, o que aos próprios pais se haveria de oferecer, teria a oblação feita ao Senhor preferência em relação aos dons que caberia fazer aos pais; assim sendo, os próprios pais, por certo, para não incorrer em crime de sacrilégio, declinavam dos dons que viam terem sido consagrados a Deus e conformavam-se com viver na penúria. Sem dizer que a oblação dos filhos, sob o pretexto de fazer-se ao templo e a Deus, redundava em lucro dos sacerdotes. Essa péssima tradição dos fariseus provinha ainda de outra ocasião. Havia muitos que, tendo contraído dívidas com dinheiro alheio e não querendo prestar contas do que lhe fora confiado, entregavam aos sacerdotes a exata quantia devida para que servisse aos ministérios do templo e a seus usos. Pode, enfim, aquilo de “o que ofereço tornará em proveito teu” ter, em síntese, o seguinte sentido: vós obrigais os filhos, diz o Senhor, a dizer a seus pais: “Tudo aquilo que eu havia de oferecer a Deus, gasto em tua alimentação e te é de proveito, ó pai, ó mãe”, para que, temendo estes tomar o que veem ser votado ao Senhor, queiram antes levar vida miserável que comer de bens consagrados.

11 “Não é aquilo que entra pela boca que envilece⁵⁴⁸ o homem, mas o que sai dele: eis o que envilece o homem” – O termo *communicat* é especialmente característico das Escrituras e não é usado pelo linguajar público. O povo dos judeus, jactando-se amiúde de ser a porção de Deus, chama de alimentos comuns aqueles dos quais todos os homens fazem uso, a saber, a carne suína, as ostras, as lebres e animais desse tipo, que não têm a unha rachada, nem ruminam, nem possuem escamas, em se tratando de peixes. Daí que, nos Atos dos Apóstolos, esteja escrito: “O que Deus santificou não chames tu de comum”.⁵⁴⁹ “Comum”, portanto, é o que aos outros homens se faculta e que, ao não ser próprio da porção de Deus, é designado por “imundo”. “Não é aquilo que entra pela boca que mancha o homem, mas o que sai dele: eis o que mancha o homem.” Objete o prudente leitor e diga: se o que entra pela boca não mancha o homem, por que não nos alimentamos de carne consagrada aos ídolos? E o Apóstolo escreve: “Não podeis beber ao mesmo tempo o cálice do Senhor e o cálice dos demônios”.⁵⁵⁰ Há de saber-se, portanto, que são todos puros os alimentos em si mesmos, bem como a criação de Deus por si mesma, mas é a invocação dos ídolos e dos demônios que os torna impuros.

12 “Então se aproximaram dele os seus discípulos e disseram-lhe: ‘Sabes que os fariseus se escandalizaram ao ouvirem isso?’” – Em virtude de uma única palavra, vira-se condenada toda a superstição das observâncias dos judeus, os quais estimavam consistir sua religião em alimentos a tomar e a abominar. E porque com muita frequência se usa, nas Escrituras eclesiásticas, falar de escândalo, há de dizer-se brevemente o que isso significa. Podemos nós traduzir skōlon e escândalo por “pedra de tropeço”, ou por um agravo ou choque que sofre o pé. Quando lemos, pois, que “alguém escandalizou um destes pequeninos”,⁵⁵¹ entendemos isso no sentido de que proporcionou, por um dito ou um gesto, ocasião de queda a certa pessoa.

13 “Jesus respondeu: ‘Toda planta que meu Pai celeste não plantou será arrancada pela raiz’” – Até mesmo o que parece claro nas Escrituras está cheio de questões a resolver. “Toda planta” – diz – “que meu Pai celeste não plantou será arrancada pela raiz”, logo será erradicada também aquela planta de que o Apóstolo fala: “Eu plantei, Apolo regou...”. Resolve-se a questão, no entanto, pelo que se segue: “mas Deus é quem fez crescer”.⁵⁵² Diz ainda ele próprio: “Vós sois o campo de Deus, o edifício de Deus”⁵⁵³ e, noutro lugar [também se diz]: “Somos cooperadores de Deus”.⁵⁵⁴ Ora, se eles eram cooperadores, por conseguinte, ainda que plante Paulo, ainda que regue Apolo, é Deus quem, com os seus operadores, planta e rega. Abusam dessa passagem os que aí insinuam a existência de diversas naturezas [de planta], dizendo que, se a planta que o Pai não plantou será arrancada pela raiz, logo não se poderá arrancar a que ele plantou. Ouçam, porém, aquilo de Jeremias: “Eu vos plantei vinha verdadeira, como é que vos tornastes em amargura de vinha estranha?”.⁵⁵⁵ Deus, por certo, os plantou e ninguém pode arrancar a plantação dele; mas, porque essa planta se deixa à vontade do próprio arbítrio, nenhum outro poderá erradicá-la a menos que ela própria lhe dê o seu assentimento.

14 “Deixai-os. São cegos e guias de cegos” – Isso é o que o Apóstolo ordenara: “Ao homem herético, depois de advertido uma primeira e uma

segunda vez, evita-o, visto que esse tal é um perverso que a si próprio se condenou”.⁵⁵⁶ Nesse sentido, também o Salvador ordenou que se haviam de abandonar aqueles péssimos doutores a seu arbítrio, visto que dificilmente poderiam eles deixar-se conduzir à verdade, uma vez que eram cegos e conduziam ao erro um povo igualmente cego.

15-16 “Tomando então a palavra, Pedro disse: ‘Explica-nos esta parábola’. Jesus respondeu: ‘Sois também vós de tão pouca compreensão?’” – O que fora dito de forma clara e manifesto ao ouvido, o apóstolo Pedro pensa que se dissera por parábola e, em matéria evidente, procura um entendimento místico, sendo advertido então pelo Senhor, por considerar parabolicamente dito o que de modo perspícuo se falou. Com isso, observamos ser vicioso o ouvinte que ou quer entender de modo claro o que é obscuro, ou de modo obscuro o que claramente se disse.

17 “Não compreendeis que tudo o que entra pela boca vai ao ventre, e depois é lançado num lugar secreto?” – Todas as passagens dos Evangelhos estão, para hereges e perversos, repletas de escândalos. E, em decorrência dessa frase, há quem calunie o Senhor, dizendo que, ignorante como era do debate acerca da natureza, pensava que todos os alimentos iriam para o ventre e, uma vez digeridos, seriam lançados na fossa, conquanto, de imediato, os nutrientes ministrados se espalhem por meio de membros e veias, por medulas e nervos, a ponto de que muitos que padecem de vômito constante por defeito do estômago vomitem depois de jantares e almoços o que ingeriram, mas se mantenham corpulentos, já que, ao primeiro contato, o alimento tornado mais líquido e a bebida se espalham pelos membros. Homens desse jaez, contudo, ao querer repreender a imperícia de outrem, revelam a própria. Por mais que a comida se tenha tornado em sutil e liquefeito humor, quando se tiver assimilado nas veias e nos membros e digerido por entre os ocultos condutos do corpo, que os gregos chamam de pórous, há de escorrer para baixo e vai para a fossa.

19 “Porque é do coração que provêm os maus pensamentos, os homicídios,

os adultérios, as fornicações”, e o restante. – “É do coração” – diz ele – “que provêm os maus pensamentos”; portanto, o principal da alma não radica, segundo pensa Platão,⁵⁵⁷ no cérebro, mas no coração, conforme diz Cristo,⁵⁵⁸ e, com esta frase, hão de ser impugnados os que pensam que os pensamentos são insuflados pelo diabo e não nascem da própria vontade. O diabo pode ser um coadjuvante e um incentivador dos maus pensamentos; não pode ser o seu autor. Se, por um lado, sempre posto em atitude insidiosa, ele inflamaria, com seus estímulos, uma leve centelha dos nossos pensamentos, não devemos ser de opinião que também possa perscrutar os recônditos do coração, mas o que faz é estimar, a partir da postura do corpo e dos gestos, o que trazemos dentro; por exemplo, se vê que dirigimos amiúde o olhar para uma bela mulher, entende que o coração está ferido pela flecha do amor.

A cananeia, os famintos, os sete pães

21 “Jesus partiu dali e retirou-se para os arredores de Tiro e Sidônia” – Deixados para trás os escribas e fariseus caluniadores, ele passa aos confins de Tiro e de Sidônia para curar os tírios e os sidônios. Mas eis que uma mulher cananeia sai daquelas paragens em que vivera antes para, clamando, impetrar a cura da filha. Observa que a filha da cananeia é curada em 15º lugar.

22 “Senhor, Filho de Davi, tem piedade de mim! Minha filha está cruelmente atormentada por um demônio” – Eis por que ela soube chamar “Filho de Davi”, pois tinha já saído dos seus confins e deixara o erro dos tírios e dos sidônios, numa troca de lugar e de fé. “Minha filha está cruelmente atormentada por um demônio.” Penso eu que a filha representa as almas dos fiéis da Igreja,⁵⁵⁹ que se encontravam cruelmente atormentados pelo demônio, à medida que ignoravam o seu Criador e adoravam pedras.

23 “Jesus não lhe respondeu palavra alguma” – E agiu não movido pela soberba farisaica, nem pela sobranceria dos escribas, mas para que não parecesse contradizer a própria sentença, por meio da qual ordenara: “Não ireis ao meio dos gentios, nem entrareis em cidades de samaritanos”.⁵⁶⁰ Não queria, com efeito, dar ocasião aos caluniadores e reservava a perfeita salvação dos pagãos ao tempo da sua paixão e ressurreição.

“Seus discípulos vieram a ele e lhe rogavam, dizendo: ‘Despede-a; ela nos persegue com seus gritos’” – Ignorando os discípulos, ainda naquele tempo, os mistérios do Senhor, rogavam-lhe tal coisa ou tomados de misericórdia pela mulher cananeia – que outro evangelista chama de siro-fenícia⁵⁶¹ –, ou almejando livrar-se da sua importunação, pois gritava com muita insistência, como se o fizesse a médico insensível, e não clemente.

24 “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” – Não o diz como se não fosse enviado aos pagãos, mas porque o foi, em primeiro lugar, a Israel, de modo que, ao não receberem eles o Evangelho, se procedesse a uma justa transmigração para as nações. E significativamente disse: “às ovelhas perdidas da casa de Israel”, para que, por esta passagem, compreendêssemos também aquela única ovelha errante de outra parábola.⁵⁶²

25 “Mas aquela mulher veio prostrar-se diante dele, dizendo” – Na pessoa da mulher cananea, deixa-se ver a fé, a paciência e a humildade admiráveis da Igreja. A fé com a qual creu que sua filha podia curar-se; a paciência com que, tendo sido por tantas vezes desprezada, persevera nos pedidos; a humildade com que não se compara aos cães, mas aos cachorrinhos. Os pagãos, por sua vez, são ditos cães em razão da idolatria, por serem dados à ingestão do sangue e por lançar-se aos cadáveres em seus acessos de loucura. Nota que esta cananea o chama, com perseverança, em primeiro lugar de Filho de Davi, em seguida de Senhor e, por fim, adora-o como a Deus.

27 “‘Certamente, Senhor’, replicou-lhe ela, ‘mas os cachorrinhos também comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos’” – “Eu sei”, diz ela, “que não mereço o pão dos filhos, nem posso tomar alimentos íntegros ou sentar-me à mesa com o pai de família; contento-me, no entanto, com os restos destinados aos cachorrinhos, para que, pela humildade das migalhas, chegue à magnitude do íntegro pão”. Oh, admirável mudança das coisas! Israel era outrora o filho, enquanto nós éramos cães. Em decorrência da diversidade da fé, muda-se a ordem das designações. Acerca deles, diz-se depois: “Cães numerosos me rodearam”,⁵⁶³ e ainda: “Vede esses cães, vede os maus operários, vede a mutilação”.⁵⁶⁴ Nós ouvimos, em companhia da siro-fenícia e da mulher que padecera do fluxo de sangue: “Grande é tua fé! Seja-te feito como desejas”, e também: “Filha, tua fé te salvou!”.⁵⁶⁵

29-30 “Jesus saiu daquela região e voltou para perto do mar da Galileia.

Subiu a uma colina e sentou-se ali. Então, numerosas multidões aproximaram-se dele, trazendo consigo mudos, coxos, cegos, enfraquecidos e outros muitos, e os puseram a seus pés” – No lugar em que o intérprete latino traduziu “enfraquecidos”⁵⁶⁶ está escrito em grego kulloús, que não é designação geral de fraqueza, mas o nome de uma enfermidade em particular, de modo que, tal como coxo⁵⁶⁷ se diz de quem coxeia⁵⁶⁸ de um pé, assim kullós se chama quem tem uma das mãos enfraquecida. Nós não temos o sentido próprio dessa palavra, e por isso ainda, no que segue, o evangelista expôs as curas de outros doentes, calando a respeito destes. E o que vem a seguir?

30-31 “E ele os curou, de sorte que o povo estava admirado ante o espetáculo dos mudos que falavam, de coxos que andavam, dos cegos que viam, e glorificavam o Deus de Israel” – Calou a respeito dos kyloí, pois não tinha termo oposto a empregar. Fique dito isso a respeito de um único termo. Vejamos, por outro lado, que, tendo curado a filha da cananeia, o Senhor volta à Judeia e ao mar da Galileia, e sobe a uma colina. Como ave, convida os jovens filhotes a voar, e ali se senta. As multidões acodem a ele, conduzindo ou portando consigo gente oprimida por enfermidades as mais diversas, gente que ele, em seguida, curou, e a quem deu de comer. Ao completar essa obra, subiu à barca e foi para os confins de Magadã.

“Subiu a uma colina e sentou-se ali. Então, numerosas multidões aproximaram-se dele” – Observa que muitos coxos e cegos são conduzidos à colina para serem ali curados pelo Senhor.

32 “Jesus, porém, reuniu os seus discípulos, e disse-lhes: ‘Tenho piedade desta multidão: eis que há três dias estão perto de mim e não têm nada para comer. Não quero despedi-los em jejum, para que não desfaleçam no caminho’” – Jesus quer dar alimento aos que curou. Primeiro, retira deles as fraquezas; depois, oferece alimento aos sadios. Convoca também os seus discípulos e fala o que estava por fazer, ou a fim de dar um exemplo de mestre na situação em que se hajam de comunicar as decisões aos pequeninos e aos discípulos, ou para que, em virtude dessa conversa, entendam eles, que respondem não dispor de pães no deserto, a grandeza do

sinal. “Tenho piedade desta multidão: eis que há três dias estão perto de mim”, diz. Ele se apieda da multidão porque criam no Pai, no Filho e no Espírito Santo, conforme o número dos dias que perfazem um tríduo. “E não têm nada para comer.” A multidão sempre está a passar fome e carece de alimentos, a menos que seja saciada pelo Senhor. “Não quero despedi-los em jejum, para que não desfaleçam no caminho.” Tinham fome depois de grandes enfermidades e, pela paciência, estavam a esperar por alimentos futuros. Jesus não quer despedi-los em jejum para que não desfaleçam no caminho. Corre perigo, portanto, quem, sem o pão celeste, se apressa em chegar à desejada mansão. Daí que também o anjo fale a Elias: “Levanta-te e come, porque tens um longo caminho a percorrer”.⁵⁶⁹

33-34 “Disseram-lhe os discípulos: ‘De que maneira procuraremos, neste lugar deserto, pão bastante para saciar tal multidão?’ Pergunta-lhes Jesus: ‘Quantos pães tendes?’ ‘Sete, e alguns peixinhos’ – responderam eles”, e o restante. – Já dissemos algo anteriormente com respeito a este sinal, e próprio de gente ociosa é repetir as mesmas coisas; demoremo-nos tão somente naqueles detalhes que discrepam. Lemos acima: “Caía a tarde. Agrupados em volta dele, os discípulos disseram-lhe: ‘Este lugar é deserto’”, e o restante.⁵⁷⁰ – Aqui, no entanto, é o próprio Senhor quem fala aos discípulos convocados: “Tenho piedade desta multidão: eis que há três dias estão perto de mim”. Na primeira ocasião, havia cinco pães e dois peixes; aqui, fala-se de sete pães e uns poucos peixinhos. Sentam-se lá sobre a relva, ao passo que aqui se sentam no chão. Os que lá comem são cinco mil, de acordo com o número dos pães que comem; aqui são quatro mil. Enchem ali doze cestos dos restos de pedaços; aqui, sete. No primeiro milagre, pois, porque aqueles homens estavam estreitamente ligados e próximos aos cinco sentidos, não é o próprio Senhor que deles se recorda, e sim os discípulos, e o fazem ao cair da tarde, ao aproximar-se a noite e à medida que o sol se punha. Aqui, no entanto, o próprio Senhor se recorda deles e diz ter piedade deles, expondo a causa dessa piedade: “Eis que há três dias estão perto de mim”; e não quer despedi-los em jejum para que não desfaleçam no caminho. Os que se alimentam dos sete pães, isto é, de um número sagrado e perfeito, não são cinco mil, mas quatro mil, um número que sempre se elogia; e uma pedra quadrangular não se move, não é instável e, por essa mesma razão, foram também os Evangelhos consagrados em dito número.

16,2-3 “Ele lhes respondeu: ‘Quando vem a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado. E, de manhã: Hoje haverá tormenta, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis distinguir o aspecto do céu, e não podeis discernir os sinais dos tempos?’” – Em diversos códices, não se tem isso, mas seu sentido é manifesto, pois, a partir da ordem e da constância dos elementos, podem-se conhecer antecipadamente os dias serenos e de chuva. Os escribas, por sua vez, e os fariseus, que pareciam ser doutores da Lei, não poderão compreender, porém, a vinda do Salvador a partir do vaticínio dos profetas.

4.5.4 “Depois, deixando-os, partiu. Ora, passando para a outra margem do lago, os discípulos dele se haviam esquecido de levar pães” – Deixados para trás os escribas e fariseus, aos quais dissera: “Essa raça perversa e adúltera pede um milagre! Mas não lhe será dado outro sinal senão o de Jonas!”, Jesus dirigiu-se diretamente à outra margem, no encalço do povo das nações. Já foi dito acima,⁵⁷¹ por outro lado, o que significa o sinal de Jonas.

6 “Guardai-vos com cuidado do fermento dos fariseus e dos saduceus” – Quem se acautela do fermento dos fariseus e dos saduceus não guarda os preceitos da Lei e da letra, negligencia as tradições dos homens para cumprir o mandamento de Deus.

8-9.12 “Homens de pouca fé! Por que julgais que vos falei por não terdes pão? Ainda não compreendeis? Nem vos lembrais dos cinco pães e dos cinco mil homens, e de quantos cestos recolhestes?”, e o restante. – Por ocasião do preceito com o qual ordenara o Salvador, dizendo: “Guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus”, ele lhes ensina o que querem dizer os cinco pães e os outros sete, os cinco mil homens e os outros quatro mil que foram alimentados no deserto, o que, conquanto seja manifesta a grandeza dos sinais, leva a conhecer outro conteúdo deles, por meio de sua compreensão espiritual. Se, com efeito, o fermento dos fariseus e dos saduceus não está a significar aqui o pão corporal, mas as perversas

tradições e as doutrinas heréticas, por que então também os alimentos com que o povo de Deus se nutriu não hão de significar a verdadeira e íntegra doutrina? Pergunte alguém, e diga: como não tinham pães os que, logo após ter enchido sete cestos, subiram à barca e vieram aos confins de Magadã, tendo ouvido então ali, enquanto navegavam, que deviam guardar-se do fermento dos fariseus e dos saduceus? Mas a Escritura atesta que eles se tinham esquecido de tomá-los consigo. Trata-se daquele fermento de que também fala o Apóstolo: “Um pouco de fermento leveda a massa toda”.⁵⁷² Fermento dessa espécie, que com toda a razão se há de evitar, foi o que tiveram Marcião, Valentino⁵⁷³ e todos os hereges. O fermento tem um poder tal que, se misturado for à farinha, o que parecia pequeno cresce, tornando-se maior, e leva a massa toda a ter o seu próprio sabor. Assim também a doutrina herética: se tiver lançado no teu peito ainda que seja uma pequena centelha, uma ingente chama desponta em pouco tempo, trazendo a si o domínio total do homem.

Por fim, segue: “Então entenderam que não dissera que se guardassem do fermento do pão, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus”.

³⁸¹ [Jo 1,29.](#)

³⁸² [Mt 3,17.](#)

³⁸³ [Cf. Jo 11,34.](#)

³⁸⁴ [Mt 9,14.](#)

³⁸⁵ [Jo 3,26.](#)

³⁸⁶ [Cf. ep. 121,1.](#)

³⁸⁷ [Aúxēsis, um acrescentamento.](#)

³⁸⁸ [Cf. Ml 3,1.](#)

³⁸⁹ [Isto é, “mensageiro”.](#)

³⁹⁰ [Cf. ep. 121,1.](#)

[391 Mt 3,2.](#)

[392 Cf. At 21,11.](#)

[393 Cf. At 21,9.](#)

[394 A reencarnação, ou doutrina que professa essa crença e aprofunda raízes nas concepções órficas e pitagóricas, passando pelo platonismo, e encontra semelhanças em filosofias orientais como o budismo e o hinduísmo.](#)

[395 Cf. Lc 1,17.](#)

[396 Cf. 1Rs 19,3.](#)

[397 Cf. Ml 3,23.](#)

[398 Is 8,18.](#)

[399 Sl 18,8.](#)

[400 Sl 8,3.](#)

[401 Cf. 2Sm 6,5.](#)

[402 Cf. 1Cor 1,24.](#)

[403 Cf. Lc 7,35. É a referência apresentada pela edição de Migne \(PL 26,73\), muito embora não seja essa a versão corrente do texto do Evangelho tal como o temos hoje. Pode tratar-se aqui de alguns códices de que o autor teria conhecimento, e daí o plural que ele emprega.](#)

[404 O texto do Evangelho de que o Santo dispunha diante de si, ao comentá-lo, devia ter títulos, ou subtítulos, ou no início de uma divisão em seções ou à margem do texto de cada perícopo.](#)

[405 Cf. Mt 4,23.](#)

[406 Mt 10,5.](#)

[407 Cf. Mc 3,8. Vejam-se também Mt 15,21; At 21,3 e 27,3.](#)

⁴⁰⁸ Mas, cf. Liber interpretationis hebraicorum nominum 64,11-12, onde Cafarnaum significa cidade da consolação.

⁴⁰⁹ Cf. Ez 16,52.

⁴¹⁰ De fato, as traduções correntes da forma verbal confiteor no presente versículo costumam ser: “bendigo” ou “dou graças”. Optou-se, no entanto, por manter a forma “confesso” – que não tem em português tal acepção, por assim dizer, positiva – apenas por uma questão de nexo com a explicação seguinte do autor acerca da polissemia do termo latino confessio, “confissão”.

⁴¹¹ Cf. Mt 11,19.

⁴¹² Eunômio (séc. IV), bispo de Cízico, ariano e feroz opositor do Concílio de Niceia (325), defendia que Cristo não é semelhante ao Pai.

⁴¹³ Cf. Zc 5,7.

⁴¹⁴ Sl 37,5.

⁴¹⁵ Cf. Mc 6,31.

⁴¹⁶ Os 6,6.

⁴¹⁷ Cf. 1Sm 21,1-6.

⁴¹⁸ Cf. 1Sm 20,5.

⁴¹⁹ Cf. Jo 7,22.

⁴²⁰ Tanto o pronome demonstrativo “este” como o advérbio de lugar “aqui” têm, em latim, a mesma forma: hic. Daí a aclaração pertinente do autor, pois se há de ler hic realmente como “aqui”. No entanto, pelo teor da observação que se faz em seguida (“maior que o templo é o lugar que contém o Senhor do templo”), talvez fosse melhor traduzir o verbo em maior templo est hic, diferentemente das versões bíblicas correntes, por “ser”, e não por “estar”: “maior que o templo é aqui (= este lugar)” – uma leitura legítima se considerarmos que a diferença tão marcada, em português, entre os sentidos de “ser” e “estar” não é tão marcada assim na língua latina. É provável que São Jerônimo assim tenha entendido dito versículo.

[421 Os 6,6. Cf. Com. Mt. 2,12,4.](#)

[422 Cf. Evangelho segundo os hebreus, fragmento 23.](#)

[423 Is 42,1.](#)

[424 Mt 7,13.](#)

[425 Cf. Mt 18,11.](#)

[426 Cf., acima, Com. Mt. 1,9,3.](#)

[427 Cf. SALÚSTIO, De bello Iugurthino 10,6.](#)

[428 Cf. ep. 42,1.](#)

[429 Cf., acima, Com. Mt. 1,10,25.](#)

[430 Cf. Mt 19,28; Lc 22,30.](#)

[431 Lc 11,20.](#)

[432 Ex 8,19.](#)

[433 Cf. Ex 31,18.](#)

[434 Lc 17,21.](#)

[435 Jo 1,26.](#)

[436 Mt 3,2.](#)

[437 Cf. Mt 21,43.](#)

[438 Cf. 1Jo 5,19.](#)

[439 Sobre o Tártaro, cf., acima, n. 92, p. 50.](#)

[440 Cf. Sl 67,19.](#)

[441 Cf. ep. 42.](#)

[442 Mc 3,30.](#)

[443 Mc 3,22.29.](#)

[444 Cf. Mc 6,3.](#)

[445 Cf. Mt 11,19.](#)

[446 Cf. ep. 121,10.](#)

[447 Cf. Mc 8,11.](#)

[448 Cf. 1Rs 18,38.](#)

[449 Cf. 1Sm 12,18.](#)

[450 Cf. Ex 7,11-12.22.](#)

[451 Cf. Ez 16,15.](#)

[452 Cf. In Ionam 2,3.](#)

[453 Como, aliás, já se observou ao comentar-se acima o versículo 6 deste mesmo capítulo do Evangelho.](#)

[454 O texto hebraico anuncia a destruição num prazo de quarenta dias caso não houvesse a conversão da cidade, que, de tão grande, três dias seriam necessários para percorrê-la. Mas Jonas a percorreu por um só dia. Um lapso, muito provavelmente, do Santo. Sobre Jonas figura de Cristo, cf., acima, Com. Mt. 1,8,24.](#)

[455 Cf. 1Rs 10,1-7; 2Cr 9,1-9.](#)

[456 Cf., em seguida, Mt 12,45.](#)

[457 Jo 14,31.](#)

[458 Lc 13,35.](#)

[459 Cf. 11,1-3.](#)

[460 Cf. Adversus Helvidium 5 e 12-14.](#)

[461 Cf. Mt 13,55; Mc 16,1.](#)

[462 Gnóstico do séc. II. Cf. TERTULIANO, Adversus Valentinianos; IRINEU DE LYON, Adversus Haereses 3,4,3; HE 4,10-11.](#)

[463 Cf. 6,9-10.](#)

[464 Cf. Jo 4,35.](#)

[465 Is 50,5.](#)

[466 Jo 8,56.](#)

[467 Cf., acima, 2,12,32.](#)

[468 Cf. Gn 3,18.](#)

[469 Cf. Mt 19,23.](#)

[470 Cf. Adversus Iovinianum 1,5.](#)

[471 Cf. Hb 13,4. Cf. também Adversus Iovinianum 1,3 e ep. 49,2.](#)

[472 Cf., por exemplo, TERTULIANO, De cultu feminarum; CIPRIANO DE CARTAGO, De habitu virginum.](#)

[473 Cf. Mt 13,36ss.](#)

[474 Altera.](#)

[475 Alia.](#)

[476 Mt 21,43.](#)

[477 Cf. Sl 54,6.](#)

[478 Cf. Lc 17,5-6; Mt 21,21; Mc 11,23.](#)

[479 1Cor 13,2.](#)

[480 Cf. Mt 18,20.](#)

[481 Republica 4,439d-440e. Cf., também, abaixo, neste mesmo livro, 15,19.](#)

[482 Rationabile.](#)

[483 Plenum irae vel irascibile.](#)

[484 Concupiscibile.](#)

[485 Isto é, satum.](#)

[486 Cf. Sl 77,2.](#)

[487 Cf., a título de exemplo, Sl 38,1.](#)

[488 Cf. Sl 87,1.](#)

[489 Cf. Sl 88,1.](#)

[490 Cf. Sl 83,1.](#)

[491 13,2; 13,24.](#)

[492 Cf. Mt 18,10.](#)

[493 Sl 9,20.](#)

[494 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 13,37.](#)

[495 Cf. Dt 13,5; Is 1,16.](#)

[496 Cf. Hb 13,4.](#)

[497 VIRGÍLIO, Georgica 1,152.154.](#)

[498 Cf., “Introdução”, acima, p. 9.](#)

[499 Cf. Cl 2,3.](#)

[500 A edição aqui seguida traz institutor, “mestre”; enquanto o texto de Migne](#)

(PL 26,94) apresenta a leitura institor, “negociante”.

⁵⁰¹ Acerca de ambos – que rejeitavam o Antigo Testamento –, veja-se, acima, n. 257, p. 98.

⁵⁰² Cf. Fl 3,8.

⁵⁰³ Jr 16,16.

⁵⁰⁴ Cf. Mt 4,19.

⁵⁰⁵ Ct 7,14.

⁵⁰⁶ Cf. Adversus Helvidium 5 e 12.

⁵⁰⁷ Veja-se, acima, n. 14, p. 126.

⁵⁰⁸ Cf. Lc 3,23.

⁵⁰⁹ JOSEFO, Antiquitates Iudaicae 18,5,1-2.

⁵¹⁰ O termo regis Phetraí possivelmente se refira ao rei da Arábia Pétria, província então fronteira do Império Romano a leste da Judeia, que viria a ser incorporada no século II, sob Trajano, e correspondia em parte ao antigo reino nabateu. Seu nome deve-se à sua capital, Petra, hoje um sítio arqueológico ao sul do reino da Jordânia. A edição de Migne (PL 26,97) traz a leitura filiam Aretae regis.

⁵¹¹ Lc 3,1.

⁵¹² Cf. 1Rs 21,19.

⁵¹³ Cf. JOSEFO, Antiquitates Iudaicae 15,5,1-2.

⁵¹⁴ Cf. Gn 40,20. Veja-se também ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 10,22.

⁵¹⁵ Cf. Lc 2,48.

⁵¹⁶ TITO LÍVIO, Ab Urbe condita 39,43.

[517 Cf., abaixo, neste mesmo livro, 14,13.](#)

[518 Antiquitates Iudaicae 18,5,2.](#)

[519 Cf. Ex 12,1-11.](#)

[520 Cf. HE 4,15,8.](#)

[521 Mt 10,23.](#)

[522 Cf. Gl 4,27; ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 14,13.](#)

[523 Cf. Lc 15,20.](#)

[524 Cf., acima, 1,8,16.](#)

[525 Cf. Jo 6,9.](#)

[526 Entendida como Lei e Profetas? É a conjectura que faz, em nota, a edição de Migne \(PL 26,100\).](#)

[527 Acerca de ambos, cf., acima, n. 257, p. 98.](#)

[528 Trata-se aqui não de outro evangelista, mas do relato conhecido como “segunda multiplicação dos pães”, presente tanto em Mateus \(15,29-39\) como em Marcos \(8,1-10\). Lucas, ao narrar a única multiplicação de pães a que se refere \(9,10-17\), limita-se a dizer que se sentaram \(Cf. v. 14-15\).](#)

[529 Cf. Lc 9,14ss. Veja-se também ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 11,3.](#)

[530 Cf. Mt 15,34.38.](#)

[531 Zc 6,12.](#)

[532 Cf., acima, 1,5,1.](#)

[533 Ex 3,14.](#)

[534 Cf. Mt 16,16.22.](#)

[535 Cf. Mt 17,1.](#)

[536 Cf. Mt 26,75.](#)

[537 Cf. Jo 21,7.](#)

[538 A etimologia do hebraico mais tardio ginēsar ou ginnēsar remonta provavelmente à designação de “mar da\(s\) harpa\(s\)” \(yām-kinerôt ou yām-kinnéret\), dado o formato do lago. Migne observa, em nota, que, apesar de São Jerônimo desconhecer dita etimologia – uma ignorância, aliás, já confessada pelo próprio Orígenes –, seus editores trataram em vão de conjecturá-la, quase sempre em alusão à tranquilidade do porto mencionada pelo Santo no comentário que faz a este versículo \(cf. PL 26,103, nota b\). Veja-se ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 11,6.](#)

[539 Cf., acima, 1,9,20.](#)

[540 Cf. Mt 5,19.](#)

[541 Cf. ep. 121,10.](#)

[542 Cf. Ex 20,12; 21,17.](#)

[543 1Tm 5,3.](#)

[544 1Tm 5,17.](#)

[545 Cf. Dt 25,4; 1Cor 9,9.](#)

[546 Cf. Lc 10,7.](#)

[547 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 11,9.](#)

[548 A forma verbal que aparece na citação que faz São Jerônimo deste versículo, aqui traduzida por “envilece”, é communicat e teria o sentido de “tornar \(o homem\) comum”, isto é, vil, profano, alheio à exclusividade de que gozava por pertencer ao povo de Deus.](#)

[549 Cf. At 10,15.](#)

[550 1Cor 10,21.](#)

[551 Cf. Mt 18,6.](#)

552 1Cor 3,6.

553 1Cor 3,9.

554 Cf. 3Jo 8.

555 Jr 2,21.

556 Cf. Tt 3,10-11.

557 Republica 3,439d; Timaeus 44d e 73b-d.

558 Cf. ep. 64,1.

559 Cf., abaixo, neste mesmo livro, 15,25.

560 Mt 10,5.

561 Cf. Mc 7,24-30.

562 Cf. Mt 18,12-14.

563 Sl 21,17.

564 Fl 3,2.

565 Cf. Mt 9,2.

566 Debiles.

567 Claudus.

568 Claudicat.

569 1Rs 19,7.

570 Mt 14,15.

571 Neste mesmo livro,12,40; cf. também 1,8,25.

572 Cf. 1Cor 5,6.

⁵⁷³ A seu respeito, vejam-se, respectivamente, n. 257, p. 98, e n. 82, p. 153.

O que dizem os homens e o que diz Pedro a respeito de Cristo

16,13 “Chegando Jesus ao território de Cesareia de Filipe” – Esse Filipe é o irmão de Herodes, a respeito do qual falamos antes.⁵⁷⁴ Era tetrarca das regiões Itureia e da Traconítide⁵⁷⁵ e, em honra de Tibério César, chamou a dita cidade, que agora se chama Banias,⁵⁷⁶ de Cesareia de Filipe, a qual se localiza na província da Fenícia. Imitou, com isso, a seu pai, Herodes, o qual, em honra de César Augusto, chamou de Cesareia⁵⁷⁷ a cidade que, antes, se chamava Torre de Estratão, e, por causa do nome da filha daquele príncipe, construiu Livíade⁵⁷⁸ além do Jordão. O lugar de que aqui se trata é Cesareia de Filipe, onde o Jordão surge ao pé do Líbano e tem duas nascentes, uma chamada Jor e outra Dã, cujos nomes, escritos juntos, dão origem à denominação de “Jordão”.

“Jesus perguntou a seus discípulos: ‘No dizer do povo, quem é o Filho do Homem?’” – Não disse: “Quem dizem os homens que eu seja”, mas sim “que o Filho do Homem seja”, para não parecer que, jactancioso, procurasse saber de si. E nota que, em todas as passagens em que foi escrito “Filho do Homem”, no Antigo Testamento, aparece no hebraico “filho de Adão”; assim, o que lemos num salmo: “Filhos dos homens, até quando tereis o coração endurecido?”,⁵⁷⁹ se diz, no hebraico, “filhos de Adão”. Belamente, pois, ele interroga: “Quem dizem os homens que o Filho do homem seja?” – de fato, os que falam do Filho do Homem, homens são; os que, por outro lado, compreendem a divindade dele não se chamam homens, e sim deuses.⁵⁸⁰

14 “Responderam: ‘Uns dizem que é João Batista; outros, Elias; outros, Jeremias ou um dos profetas’” – Admira-me que certos tradutores andem à cata das causas de cada um desses erros e componham mui longa discussão do motivo por que uns teriam pensado que nosso Senhor Jesus Cristo fosse João, outros que fosse Elias, outros, por sua vez, que fosse Jeremias ou algum dos profetas, quando poderiam ter-se equivocado com relação a Elias e a Jeremias, da mesma forma como Herodes errou com relação a João, dizendo: “É João, a quem mandei decapitar; ele ressuscitou dos mortos, e

nele se operam milagres”.⁵⁸¹

15-16 “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!” – Atenta, prudente leitor, para o fato de que, a partir do que vem a seguir e do contexto do discurso, os apóstolos não sejam chamados já, de forma alguma, de homens, mas sim de deuses. Tendo dito o Senhor, com efeito: “No dizer do povo, quem é o Filho do Homem?”, acrescentou: “E vós, quem dizeis que eu sou?”; enquanto aquelas outras pessoas que, pelo fato de serem humanas, nutrem opiniões humanas, vós, que sois deuses, quem dizeis que eu sou? Pedro professa em nome de todos os apóstolos: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!”. Fala de Deus vivo em comparação com aqueles deuses que se têm por tais, mas que estão mortos, a saber, dando aqui a entender Saturno, Júpiter, Ceres, Líbero, Hércules e outras ficções de ídolos, em suma.

17 “Jesus então lhe disse: ‘Feliz és, Simão bar Jona, porque não foi a carne nem o sangue quem te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus’” – Retribui o testemunho que dele o Apóstolo dera. Pedro dissera: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!”, e sua verdadeira confissão recebeu uma recompensa: “Feliz és, Simão bar Jona”. Feliz por quê? “Porque não foi a carne nem o sangue quem te revelou isto, mas o Pai.” O que a carne e o sangue não puderam revelar, pela graça do Espírito Santo, foi revelado. Logo, em virtude da confissão, obtém em sorte um apelativo por ter uma revelação do Espírito Santo, do qual há de ser chamado filho, dado que bar Jona, em nossa língua, soa como “filho da pomba”.⁵⁸² Outros entendem simplesmente que Simão, isto é, Pedro, seja filho de João, de acordo com a pergunta de outra passagem: “Simão de João, tu me amas?”, ao que ele respondeu: “Senhor, tu sabes”,⁵⁸³ e querem ver como que corrompido o texto, por erro de copistas, de modo que, em vez de bar Johanna, isto é, “filho de João”, se tenha escrito bar Jona, suprimindo-se uma das sílabas. Johanna, por sua vez, traduz-se “graça do Senhor”.⁵⁸⁴ Ambos os nomes, portanto, podem entender-se de forma mística, tanto por designar a pomba o Espírito Santo, como por ser a graça de Deus um dom espiritual. Compara aquilo que, por outro lado, diz: “porque não foi a carne nem o sangue quem te revelou isto”, com a narrativa apostólica em que [Paulo]

diz: “imediatamente, sem consultar a carne nem o sangue”,⁵⁸⁵ dando a entender que carne e sangue eram os judeus, tal como aí, também noutra sentido, se explica ao dizer-se que o Cristo, Filho de Deus, lhe fora revelado não pela doutrina dos fariseus, mas pela graça de Deus.

18 “E eu te declaro” – O que é isso que ele diz: “E eu te declaro”? Porque tu me disseste: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!”, também eu te digo, não através de uma palavra vazia e ineficaz, mas te declaro, porquanto ter dito algo de minha parte, significa que o fiz.

“Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” – Tendo ele próprio dado aos apóstolos a luz, para que fossem chamados luz do mundo, foram estes agraciados também, pelo Senhor, com outros apelativos. Assim sendo, a Simão, que cria na pedra-Cristo, deu-se o nome de Pedro e, de acordo com a metáfora da pedra, diz-se-lhe apropriadamente: “Edificarei sobre ti a minha Igreja”.

“E as portas do inferno não prevalecerão contra ela” – Sou de opinião que as portas do inferno são os vícios e pecados, ou ainda, certamente, as doutrinas dos hereges, por meio das quais homens seduzidos são guiados ao tártaro.⁵⁸⁶ Ninguém pense, por conseguinte, que isto se diga a respeito da morte, como se não tivessem sido submetidos ao condicionamento da morte aqueles apóstolos cujos martírios vê resplandecer.

19 “Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus” – Ao não entenderem esta passagem, alguns bispos e presbíteros assumem para si algo da soberania dos fariseus, pensando que podem condenar inocentes ou absolver culpados, quando, aos olhos de Deus, mais atenção se dá à vida dos réus que à sentença dos sacerdotes.⁵⁸⁷ Lemos, no Levítico,⁵⁸⁸ acerca dos leprosos, quando se diz que se lhes ordena mostrar-se aos sacerdotes e, caso tenham lepra, sejam então proclamados impuros pelo sacerdote – e não é que os sacerdotes criem os leprosos e os imundos, mas eles têm conhecimento acerca do que significa estar leproso e não estar leproso, e podem discernir quem está puro ou quem não está. Assim, portanto, como o sacerdote proclama ali alguém impuro, também aqui o

bispo ou o presbítero liga ou desliga, não aos que são, respectivamente, inocentes ou culpados, mas, por causa do seu ofício, depois de ouvir a diversidade de pecados, sabe quem há de ser ligado, quem há de ser desligado.

20 “Depois ordenou aos seus discípulos que não dissessem a ninguém que ele era Jesus Cristo” – Enviando antes os discípulos a pregar, ordenara-lhes que anunciassem a sua vinda; agora mandou que eles não dissessem ser ele o Cristo Jesus. Parece-me que uma coisa é pregar o Cristo, outra o Cristo Jesus. “Cristo” é o nome comum de uma dignidade, “Jesus” é o nome próprio do Salvador. Pode dar-se, pois, que ele não tenha querido ser pregado antes da paixão e da ressurreição para que depois, uma vez realizado o mistério do sangue, pudesse dizer mais oportunamente aos apóstolos: “Ide, ensinai a todas as gentes”, e o restante.⁵⁸⁹ E para que não venha alguém a pensar dever-se esta leitura tão somente ao nosso entendimento, e não ao sentido evangélico, as palavras que se seguem mostram as razões por que então se proibiu a dita pregação.

21 “Desde então, Jesus começou a manifestar a seus discípulos que precisava ir a Jerusalém, e sofrer muito da parte dos anciãos, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que seria morto e ressuscitaria ao terceiro dia” – O sentido é o seguinte: pregai-me então, quando eu tiver padecido essas coisas, pois não é conveniente pregar publicamente o Cristo e divulgar entre os povos a majestade daquele que, depois de pouco tempo, haviam de ver flagelado e crucificado, e que havia de sofrer muito da parte dos anciãos, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes. Também agora, Jesus sofre muito da parte daqueles que em si crucificam de novo o Filho de Deus⁵⁹⁰ e, tendo-se na conta de anciãos e de príncipes dos sacerdotes na Igreja, à medida que seguem a mera letra, matam o Filho de Deus, que só se pode perceber inteiramente no Espírito.

22-23 “Pedro então começou a interpelá-lo e a dizer: ‘Que Deus não permita isto, Senhor! Isto não te acontecerá!’ Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro:

‘Vai para trás de mim, Satanás; tu és para mim um escândalo, porque não pensas no que é de Deus, e sim no que é dos homens’” – Tivemos amiúde ocasião de dizer algo acerca do excessivo zelo e do tão grande amor que tinha Pedro pelo Senhor Salvador. Ora, depois daquela confissão sua, em que dissera: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!”, e do prêmio do Salvador que ouvira: “Feliz és, Simão bar Jona, porque não foi a carne nem o sangue quem te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus”, eis que ouve de repente do Senhor ser necessário que ele fosse a Jerusalém e que sofresse muito ali da parte dos anciãos, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes, que fosse morto e que ressuscitasse ao terceiro dia, e não quer ver destruída a confissão que fizera, nem pensa que o Filho de Deus possa morrer. Toma-o então em seu afeto, ou levando-o a um lugar à parte, para que o Mestre não pareça ser repreendido em presença dos demais discípulos, e começa a interpelá-lo com o afeto de quem ama e a dizer augurando: “Que Deus não permita isto, Senhor!”, ou como melhor se tem em grego: *híleôs soi, Kúrie*, isto é, “sê propício, Senhor”, “isto não te acontecerá!”. Não pode acontecer tal coisa, não podem acolher meus ouvidos que o Filho de Deus haja de ser morto. E, voltando-se a ele o Senhor, diz: “Vai para trás de mim, Satanás; tu és para mim um escândalo”. “Satanás” traduz-se por adversário ou contrário. Porque falas, pois, palavras contrárias à minha vontade, deves ser chamado de adversário. Muitos pensam que não tenha sido Pedro o repreendido, mas sim o espírito adversário, o qual sugeria ao apóstolo que dissesse tais palavras; nunca me parecerá, contudo, ser o erro apostólico, proveniente de um afeto de piedade, algo incentivado pelo diabo. “Vai para trás de mim, Satanás!” Ao diabo, diz-se: “Vai para trás”; Pedro, porém, ouve: “Vai para trás de mim”, isto é, segue o meu parecer, “porque não pensas no que é de Deus, e sim no que é dos homens”. É da minha vontade, e da vontade do Pai, cuja vontade eu vim fazer,⁵⁹¹ que eu morra pela salvação dos homens. Tu, ao considerares tão somente a tua própria vontade, não queres que o grão de trigo caia em terra para que produza muitos frutos.⁵⁹² Indague o prudente leitor como é possível que, depois de tão grande bem-aventurança: “Feliz és, Simão bar Jona”, e: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”, e ainda: “Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus”, Pedro agora ouça: “Vai para trás de mim, Satanás; tu és para mim um escândalo”, ou que mudança repentina foi essa que o levou, depois de tantas recompensas, a ser chamado de Satanás. Considere, porém, quem indaga isso que a Pedro foram prometidas aquela bênção, aquela bem-

aventurança, bem como aquela potestade e a edificação da Igreja sobre ele, no tempo futuro, e não na presente data. “Edificarei” – diz o Senhor – “a minha Igreja” sobre ti “e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”, e ainda: “Eu te darei as chaves do Reino dos Céus”. Todas essas são realidades futuras, as quais, caso lhe tivessem sido dadas no mesmo instante, jamais teria nele encontrado lugar o erro de uma perversa confissão.

Negar-se a si mesmo e seguir a Cristo, a transfiguração

24 “Em seguida, Jesus disse a seus discípulos: ‘Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e me siga’”, e o restante. – Quem se despe do homem velho com suas obras⁵⁹³ renuncia-se a si mesmo, dizendo: “Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim”,⁵⁹⁴ toma a sua cruz e crucifica-se para o mundo. E aquele para quem o mundo está crucificado segue o Senhor crucificado.⁵⁹⁵

26 “Ou que dará um homem em troca da sua alma?” – Em troca de Israel, dão-se em compensação o Egito, a Etiópia e Siene;⁵⁹⁶ em troca da alma humana, só há aquela compensação que o salmista canta: “Que hei de oferecer ao Senhor por tudo o que ele me tem dado? Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor”.⁵⁹⁷

27 “Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com seus anjos, e então recompensará a cada um segundo as suas obras” – Pedro escandalizara-se ante a pregação da morte do Senhor e foi increpado por uma sentença dele, e assim foram estimulados os discípulos a renunciar a si mesmos, a tomar sua cruz e a seguir o Mestre com o espírito de quem morre para si. Grande era o espanto dos que o ouviam, algo que podia instilar medo também neles, uma vez que o príncipe dos apóstolos se amedrontara. Por isso, alegres considerações sucedem-se às tristes, e ele diz: “O Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com seus anjos”. Tu temes a morte, ouve então a glória do Triunfador! Receias a cruz, escuta os cortejos de anjos! “E então”, prossegue, “recompensará a cada um segundo as suas obras”. Não há diferença entre judeu e pagão, entre varão e mulher, entre pobres e ricos onde não se consideram pessoas, mas obras.

28 “Em verdade vos declaro, alguns destes, que aqui estão, não verão a

morte sem que tenham visto o Filho do Homem voltar no seu Reino” – O Senhor tinha querido medicar o terror dos apóstolos com a esperança do que se lhes prometia, ao dizer: “O Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com seus anjos”, ao que se acrescentou, além disso, a autoridade do Juiz: “E então recompensará a cada um segundo as suas obras”. O tácito pensamento dos apóstolos poderia conservar um escândalo deste tipo: dizes tu agora que há de vir assassinato e morte, quanto, porém, a prometeres que há de vir na glória do Pai com os cortejos dos anjos e investido na potestade de Juiz, isso se dará mais tarde, há de diferir-se por longos tempos. Então, ao prever o Conhecedor dos recônditos quanto se lhe pudesse objetar, compensa o presente temor com um prêmio presente. O que diz, pois? “Alguns destes, que aqui estão, não verão a morte sem que tenham visto o Filho do Homem voltar no seu Reino”, de modo que, em razão da vossa incredulidade, ele se deixe ver, no tempo presente, tal qual há de vir mais tarde.

17,1 “Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão” – Já dissemos com bastante frequência por que Pedro, Tiago e João, em certas passagens dos Evangelhos, eram separados dos outros, ou que tinham eles de privilégio com relação aos outros apóstolos. Trata-se agora de perguntar por que, depois de seis dias, os tomou consigo e os conduziu à parte a uma montanha elevada, quando o evangelista Lucas fala de oito dias.⁵⁹⁸ A resposta é, porém, fácil, uma vez que aqui se consideram os dias intermediários, ao passo que ali, a estes se acrescentam o primeiro e o último. Não se diz, de fato, que, depois de oito dias, tenha Jesus tomado consigo Pedro, Tiago e João, mas “no oitavo dia”.

“E conduziu-os à parte a uma alta montanha” – Conduzir os discípulos à montanha é uma participação no Reino. São eles conduzidos à parte porque “muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos”.⁵⁹⁹

2 “E transfigurou-se diante deles” – Apareceu aos apóstolos tal qual há de manifestar-se no tempo de julgar. Com relação, porém, ao que diz o texto: “E transfigurou-se diante deles”, ninguém pense que tenha ele perdido sua forma e seu aspecto inicial, nem que se tenha despojado da verdade do

corpo e tomado um corpo quer espiritual, quer aéreo; o evangelista mostra, porém, de que modo ele se transformou, dizendo: “Seu rosto brilhou como o sol, suas vestes tornaram-se alvas como a neve”. Onde se mostra o resplendor do aspecto e se descreve a brancura das vestes, não se suprime a substância, mas transforma-se em virtude da glória. “Seu rosto brilhou como o sol.” O Senhor transformou-se, certamente, ao assumir aquela glória na qual há de vir, mais tarde, no seu Reino. A transformação acrescentou o resplendor, não suprimiu o rosto. Admita-se que fosse um corpo espiritual, não se mudaram por acaso também as vestes, as quais se fizeram de tal forma brancas, conforme disse outro evangelista, “que nenhum lavadeiro sobre a terra as pode fazer assim tão brancas”?⁶⁰⁰ Ora, o que um lavadeiro sobre a terra pode fazer é algo corporal, sujeito ao tato, e não espiritual nem aéreo, capaz de iludir os olhos e de ser visto tão somente como um fantasma.

3 “E eis que apareceram Moisés e Elias conversando com ele” – Aos escribas e fariseus que o punham à prova e lhe pediam sinais do céu, não quis dá-los, mas refutou aquela perversa súplica com uma prudente resposta. Aqui, porém, para aumentar a fé dos apóstolos, oferece um sinal do céu, ao descer Elias do lugar para onde subira⁶⁰¹ e ressurgir Moisés da mansão dos mortos,⁶⁰² algo que também a Acaz se ordena, por meio de Isaías, a saber, que peça para si um sinal do alto ou das profundezas do inferno.⁶⁰³ Com efeito, pelo que foi dito: “E eis que apareceram Moisés e Elias conversando com ele”, e noutro Evangelho se relata: “Anunciando-lhe o que havia de padecer em Jerusalém”,⁶⁰⁴ mostram-se a Lei e os profetas, que anunciaram com frequentes palavras quer a paixão, quer a ressurreição do Senhor.

4 “Pedro tomou então a palavra e disse-lhe: ‘Senhor, é bom estarmos aqui’” – Quem subira às montanhosas alturas não quer descer às realidades terrenas, mas permanecer sempre ali, nos cumes sublimes.

“Se queres, farei aqui três tendas, uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias” – Erras, Pedro, tal como outro evangelista atesta, não sabes o que dizes.⁶⁰⁵ Não procures três tendas quando uma só é a tenda do Evangelho, no qual a Lei e

os profetas não de ser recapitulados. Se, porém, procuras três tendas, que jamais ponhas os servos em pé de igualdade com o Senhor; faze, sim, três tendas, ou melhor, uma só para o Pai, o Filho e o Espírito Santo, de modo que haja, também no teu peito, uma só tenda para aqueles cuja divindade é uma só.

5 “Falava ele ainda, quando veio uma nuvem luminosa e os envolveu. E daquela nuvem fez-se ouvir uma voz que dizia: ‘Eis o meu Filho muito amado, em quem pus toda a minha afeição: ouvi-o’” – Visto que formulara imprudentemente o seu pedido, Pedro não merece uma resposta do Senhor, mas o Pai responde pelo Filho, de forma a cumprir-se a palavra do Senhor: “Eu não dou testemunho de mim mesmo, mas o Pai que me enviou, ele é quem testemunha por mim”.⁶⁰⁶ Vê--se então uma nuvem luminosa que os envolve, de tal forma que quem procurava uma tenda carnal, feita de ramos ou de peles de animais, fosse coberto pelo abrigo da luminosa nuvem. Ouve-se ainda a voz do Pai, a falar do céu, voz que dá testemunho do Filho e, removido o erro, ensina a Pedro a verdade, ou melhor, aos outros apóstolos por meio de Pedro. “Eis o meu Filho muito amado”, aqueles são servos. Moisés e Elias devem, também eles, preparar juntamente convosco uma tenda para o Senhor no mais profundo do seu coração.

6 “Ouvindo esta voz, os discípulos caíram com a face por terra e tiveram medo” – Tomados foram eles de pavor por uma causa tríplice: quer por terem sabido que erraram, quer porque uma nuvem luminosa os envolvera, quer, ainda, porque ouviram a voz de Deus Pai que falava. A humana fragilidade não suporta defrontar-se com a manifestação de uma glória maior e, tremendo em todo o seu espírito e em seu corpo, cai em terra. Quanto mais amplas forem as realidades que alguém procurar, tanto mais será precipitado ao que há de mais baixo, caso ignore a sua própria medida.

7 “Mas Jesus aproximou-se deles e tocou-os...” – Visto que aqueles homens jaziam e não podiam levantar-se, ele se aproxima com clemência e os toca, a fim de que, pelo tato, o temor se ponha em fuga e os membros debilitados se consolidem.

“Dizendo: ‘Levantai-vos e não temais’” – Aos que curara ao toque de sua mão, cura por uma ordem. “Não temais.” Expele-se, primeiro, o temor, para que, em seguida, se ofereça o ensinamento.

8 “Eles levantaram os olhos e não viram mais ninguém, senão unicamente Jesus” – É razoável que, depois de se terem levantado, não tenham visto mais ninguém, senão unicamente Jesus, pois, se Moisés e Elias tivessem continuado com o Senhor, pareceria incerta a voz do Pai quanto à pessoa de quem teria dado o principal testemunho. Eles veem, portanto, Jesus de pé, uma vez que se esfumara a nuvem, e Moisés e Elias desapareceram, porque depois que se tiver dissipado a sombra da Lei e dos profetas, que cobrira os apóstolos com o seu véu, ambas as realidades se reencontrarão no Evangelho.⁶⁰⁷

9 “E, quando desciam, Jesus lhes fez esta proibição: ‘Não conteis a ninguém o que vistes, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos’” – Uma previsão do Reino que há de vir e a glória do Triunfador foram mostradas na montanha. Ele não quer, portanto, que se pregue isso aos povos, quer para que não lhes resultasse incrível em decorrência da magnitude do fato, quer para que, depois de tão grande glória, a cruz que se havia de seguir não ocasionasse um escândalo naqueles espíritos rudes.

10 “Em seguida, os discípulos o interrogaram: ‘Por que dizem os escribas que Elias deve voltar primeiro?’” – Se não conhecêssemos as causas por que fizeram os discípulos essa pergunta acerca do nome de Elias, estulta pareceria, e descabida, a sua interrogação. Que relação existe, com efeito, entre os fatos acima narrados e a pergunta acerca da vinda de Elias? É tradição dos fariseus, conforme o profeta Malaquias – que é o último dentre os doze –, que Elias venha antes da vinda do Salvador e reconduza o coração dos pais aos filhos, e o dos filhos aos pais, restituindo tudo a seu antigo estado.⁶⁰⁸ Pensam, então, os discípulos que a referida transformação de glória era aquela mesma que tinham visto na montanha e dizem: “Ora, se já vieste na glória, como é que o teu precursor não aparece?”, sobretudo

quando viram que Elias se retirara. Quando, porém, acrescentam: “Dizem os escribas que Elias deve vir primeiro”, ao dizer “primeiro”, dão a entender que, a menos que tenha vindo Elias, não se dará, segundo as Escrituras, a vinda do Salvador.⁶⁰⁹

11-12 “Jesus respondeu-lhes: ‘Elias, de fato, há de voltar e restabelecerá todas as coisas. Mas eu vos digo que Elias já veio”, e o restante. – O próprio Elias que há de vir na realidade do seu corpo, quando da segunda vinda do Salvador, veio agora, em poder e espírito, na pessoa de João, mas não o conheceram e fizeram com ele quanto quiseram, isto é, desprezaram-no e degolaram-no.

O filho lunático, o estáter na boca do peixe, a humildade como de criancinha

12 “Do mesmo modo farão sofrer o Filho do Homem” – Pergunta-se, não obstante, uma vez que Herodes e Herodíades tinham assassinado João, como é que se diz que eles mesmos também haveriam de crucificar Jesus, se nós lemos que ele morreu pelas mãos de escribas e fariseus. E a isso brevemente se responde que igualmente na morte de João consentira a facção dos fariseus e, por outro lado, Herodes vinculou sua vontade à morte do Senhor ao remetê-lo, escarnecido e desprezado, a Pilatos para que este o crucificasse.⁶¹⁰

15-16 “Senhor, tem piedade de meu filho, porque é lunático e sofre muito: ora cai no fogo, ora na água [...]. Já o apresentei a teus discípulos, mas eles não o puderam curar” – Acima já dissemos por que razão o demônio, observando o curso da lua, castiga os homens e trata de difamar, pelas criaturas, o Criador. Parece-me, por outro lado, que é lunático, de acordo com a tropologia, quem, ao sabor das horas, recai nos vícios e não persiste no propósito que abraçou, mas cresce e decresce; ora cai no fogo em que ardem os corações dos adúlteros,⁶¹¹ ora nas águas que não podem extinguir a caridade.⁶¹² O que se diz, ainda: “Já o apresentei a teus discípulos, mas eles não o puderam curar”, acusa veladamente os apóstolos, ainda que a impossibilidade de curar não diga respeito, por vezes, à fraqueza dos que curam, e sim à fé daqueles que se hão de curar, conforme diz o Senhor: “Faça-se de acordo com a tua fé”.⁶¹³

17 “Respondeu Jesus: ‘Raça incrédula e perversa, até quando estarei convosco? Até quando hei de aturar-vos?’” – Não é que tenha sido ele vencido pelo cansaço, nem que manso e humilde, qual cordeiro que não abriu a boca ante quem o tosquiou,⁶¹⁴ tenha irrompido em palavras de furor, mas, à semelhança do médico, caso veja o doente se portar contra as suas prescrições, diz: “Até quando terei de vir à tua casa, até quando hei de desperdiçar o desempenho da minha arte, enquanto te mando uma coisa e

tu fazes outra?”. E de tal modo não se irou contra aquele homem, mas num só homem repreendeu os judeus pelo vício da infidelidade, que imediatamente acrescentou: “Trazei-mo cá”.

18 “Jesus ameaçou o demônio, e este saiu do menino” – Não se devia increpar a quem sofria, mas sim o demônio. Ou então increpou o menino e dele saiu o demônio, porque em razão dos seus pecados fora dominado pelo demônio.

19-20 “Então os discípulos lhe perguntaram em particular: ‘Por que não pudemos nós expulsar este demônio?’ Jesus respondeu-lhes: ‘Por causa de vossa falta de fé’” – É o mesmo que, noutra passagem, diz: “Tudo o que pedirdes em meu nome, se tiverdes fé, recebereis”.⁶¹⁵ Logo, toda vez que não recebemos, não se trata de impossibilidade de quem no-lo há de dar, mas de culpa dos que lhe suplicam.

“Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: Transporta-te daqui para lá, e ela irá” – Alguns pensam que se diz pequena a fé que se compara ao grão de mostarda, assim como o Reino dos Céus é comparado ao grão de mostarda, conquanto diga o Apóstolo: “Mesmo que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas”,⁶¹⁶ e, portanto, se deva concluir que é grande a fé que se compara ao grão de mostarda.⁶¹⁷ O transporte da montanha não se refere àquela que contemplamos com os olhos da carne, mas sim à que fora removida do lunático pelo Senhor. Ora, o que ele diz? “Direis a esta montanha: Transporta-te daqui para lá, e ela irá”, razão pela qual se hão de considerar estultos os que acusam os apóstolos e todos os fiéis de não terem sequer uma pequena fé, visto que nenhum deles chegou a transportar montanhas. Tampouco aproveita tanto a quem quer que seja, deve-se dizer, o transporte de uma montanha de um lugar para outro, com que se haveria de procurar uma vã ostentação de prodígios, quanto, para utilidade de todos, se faz necessário transportar aquela outra montanha que, por meio do profeta, se diz que corrompe a terra inteira.⁶¹⁸

21 “Quanto a esta espécie de demônios, só se pode expulsar à força de oração e de jejum” – Enquanto ensina como se pode expelir tão maligno

demônio, a todos instrui no caminho da vida.

22-23 “Enquanto caminhavam pela Galileia, Jesus lhes disse: ‘O Filho do Homem deve ser entregue às mãos dos homens. Matá-lo-ão, mas ao terceiro dia ressuscitará’. E eles ficaram profundamente aflitos” – O Senhor sempre mistura um laivo de tristeza às realidades propícias, a fim de que, ao apresentar-se repentinamente aquela, não aterrorize os apóstolos, mas seja sobrelevada por espíritos preparados. Se, com efeito, os contrista o fato de que deva ele ser morto, deve alegrá-los que se diga que há de ressuscitar ao terceiro dia. Além disso, que fiquem entristecidos – e que o fiquem de modo veemente – não é coisa que lhes advenha da infidelidade; de resto, sabiam que Pedro fora repreendido por não pensar no que é de Deus, e sim no que é dos homens. Entristeciam-se, na verdade, porque, em vista de seu amor ao Mestre, não suportavam ouvir nada de funesto a respeito dele, nada de humilhante.

24 “Logo que chegaram a Cafarnaum, aqueles que cobravam o imposto da didracma aproximaram-se de Pedro e lhe perguntaram: ‘O vosso mestre não paga a didracma?’ ‘Paga, sim’, respondeu Pedro” – Depois de César Augusto, a Judeia tornou-se tributária e todos os seus habitantes eram obrigados ao imposto de capitação. Daí que José, com Maria, sua esposa, foi a Belém. Tendo Jesus, por sua vez, sido criado em Nazaré, que é uma aldeia da Galileia subordinada a Cafarnaum, os tributos se lhe cobram aí. Haja vista a grandeza dos seus sinais prodigiosos, os cobradores do imposto não ousam interpelá-lo pessoalmente, mas dirigem-se ao discípulo, como que de forma maliciosa, para perguntar-lhe se seu Mestre paga os impostos ou contraria a vontade de César, de acordo com o que lemos noutra passagem: “É permitido que se pague o imposto a César ou não?”.⁶¹⁹

25 “Mas, quando chegaram a casa, Jesus preveniu-o, dizendo” – Os que cobravam a didracma tinham-se achegado a Pedro, tomando-o à parte. Tendo entrado em casa e antes que Pedro diga qualquer coisa, o Senhor o interroga, para que os discípulos, ao verem que ele sabe o que se passou em

sua ausência, não fiquem escandalizados ante a cobrança do tributo.

25-26 “Que te parece, Simão? Os reis da terra, de quem recebem os tributos ou os impostos? De seus filhos ou dos estrangeiros?’ Pedro respondeu: ‘Dos estrangeiros’. Jesus replicou: ‘Os filhos, então, estão isentos’” – Nosso Senhor, tanto segundo a carne como segundo o Espírito, era filho de rei, tanto por ser gerado da estirpe de Davi, como por ser o Verbo do Pai todo-poderoso; portanto, como filho de reis que era, não devia tributos, mas quem assumira a humildade da carne teve de cumprir toda a justiça.⁶²⁰ Infelizes de nós, que somos distinguidos pelo nome de Cristo e nada fazemos que seja digno de tão grande majestade. Ele suportou por nós a cruz e pagou tributos; nós, por honra dele, não pagamos tributos e, quais filhos de rei, somos isentos de taxações.⁶²¹

27 “Vai ao mar, lança o anzol e, ao primeiro peixe que pegares, abrirás a boca e encontrarás um estáter. Toma-o e dá-o por mim e por ti” – Não sei o que mais me admira nesta passagem, se a presciência ou se a grandeza do Salvador: se a presciência, pelo fato de ter ele sabido que um peixe teria um estáter na boca e que este mesmo peixe havia de ser o primeiro a pescar-se; se a grandeza, ou o poder, se a uma palavra sua teria sido criado no mesmo instante um estáter na boca do peixe e se ele teria feito, ao falar, o que havia de suceder. Parece-me, porém, segundo místicos entendimentos, ser ele o peixe que primeiro foi pescado, que estava nas profundezas do mar e vivia em meio aos salgados e amargos sorvedouros para que, pelo segundo Adão, o primeiro Adão fosse libertado e aquilo que em sua boca fosse encontrado, isto é, na confissão, se entregasse por Pedro e pelo Senhor. E de modo belo, por certo, aquele mesmo preço se dá, mas dividido, porque por Pedro, como que por um pecador, entregava-se o resgate, mas nosso Senhor não cometera pecado, nem se achou engano em sua boca.⁶²² Diz-se estáter a moeda que contém duas didracmas, para que se mostrasse a similitude da carne, à medida que, em virtude do mesmo preço, são libertados tanto o Senhor como o servo. Mas também um entendimento simples edifica a quem ouve, pois em tão grande pobreza viveu o Senhor que nem teve meio com que pagar tributos por si e pelo apóstolo. E, se alguém quiser objetar, perguntando como, então, trazia Judas dinheiro na caixa comum,⁶²³

responderemos que ele teve por ato indigno empregar os bens dos pobres em suas necessidades próprias e deu-nos um exemplo quanto a isso.

18,1 “Neste momento, os discípulos aproximaram-se de Jesus e perguntaram-lhe: ‘Quem é o maior no Reino dos Céus?’” – Há de observar-se aqui algo que amiúde tenho advertido, a saber, devem-se procurar as causas de cada um dos ditos e dos gestos do Senhor. Depois de encontrado o estáter, depois de pagos os tributos, o que quer dizer a repentina interrogação dos apóstolos? “Neste momento, os discípulos aproximaram-se de Jesus e perguntaram-lhe: ‘Quem é o maior no Reino dos Céus?’” Porque tinham visto o mesmo tributo pago tanto por Pedro como pelo Senhor em igualdade de valor, estimaram estar Pedro à frente de todos os apóstolos, ao ter sido ele equiparado ao Senhor, no pagamento do tributo. É por isso que interrogam acerca de quem seria o maior no Reino dos Céus. Vendo Jesus os pensamentos deles e compreendendo as causas desse erro, quer curar o desejo de glória mediante a contenção da humildade.

2 “Chamando Jesus uma criancinha, colocou-a no meio deles” – Ou chamou um pequenino qualquer para perguntar-lhe a idade e mostrá-lo como exemplo de inocência, ou, certamente, pôs-se como criança no meio deles, ao não ter vindo para ser servido, e sim para servir,⁶²⁴ a fim de dar-lhes um exemplo de humildade. Outros interpretam o pequenino como o Espírito Santo que ele pusera no coração dos discípulos para que estes transformassem sua soberba pela humildade.⁶²⁵

3 “Em verdade vos declaro, se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no Reino dos Céus” – Não se ordena aos apóstolos que tenham a idade de criancinhas, mas sim que possuam a inocência e adquiram por sua laboriosidade o que possuírem através dos anos, de modo a serem pequeninos na malícia, não na sabedoria.

4 “Aquele que se fizer humilde como esta criança será maior no Reino dos

Céus” – Como esta criança cujo exemplo vos dou não persiste na iracúndia, não se recorda de uma injúria, não se deleita ao ver uma bela mulher, não pensa numa coisa e fala outra, assim tampouco vós, se não tiverdes uma inocência tal e pureza de espírito, podereis entrar no Reino dos Céus. Ou, dito de outro modo: “Todo aquele que se humilhar como esta criança será maior no Reino dos Céus”, que me tiver imitado e, seguindo o meu exemplo, se tiver humilhado, a ponto de rebaixar-se tanto quanto eu me rebaixei ao tomar a forma de escravo,⁶²⁶ este entrará no Reino dos Céus.

5 “E o que recebe em meu nome a um menino como este, é a mim que recebe” – Quem viver de modo a imitar a humildade e a inocência de Cristo, Cristo será nele recebido. E, prudentemente, para que os apóstolos não se viessem a ter na conta de gente honrada quando tal realidade lhes fosse concedida, acrescentou que eles haviam de ser recebidos não por mérito próprio, mas em honra do Mestre.

6 “Mas, se alguém escandalizar a um só destes pequeninos” – Nota que quem fica escandalizado é um pequenino; os maiores, com efeito, não são atingidos por escândalos.

“Melhor fora que lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho, e o lançassem no fundo do mar” – Ainda que esta possa ser uma sentença geral contra todos aqueles que escandalizam alguém, conforme o prosseguimento do discurso, no entanto, pode entender-se proferida contra os apóstolos que, ao interrogar acerca de quem seria o maior no Reino dos Céus, pareciam contender entre si em matéria de dignidade e, caso tivessem persistido nesse vício, poderiam perder, por seu escândalo, aqueles que chamavam à fé, na medida em que estes vissem os apóstolos a lutar entre si por questão de honraria. O que disse, porém: “Melhor fora que lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho”, fala-se seguindo uma usança daquela província, de acordo com a qual tinha sido esta a pena dos maiores crimes entre os antigos judeus, a saber, que os condenados fossem atirados às profundezas do mar com uma pedra atada. Mais lhe valia isso, por outro lado, ao condenado, porque muito melhor é receber uma breve pena pela

culpa do que ser poupado para os eternos tormentos, visto que o Senhor não vingará duas vezes o mesmo crime.⁶²⁷

7 “Ai do mundo por causa dos escândalos! Eles são inevitáveis: mas ai do homem que os causa!” – Não quer dizer que os escândalos não se possam evitar – do contrário, sem culpa estariam os que causam escândalos –, mas, porquanto é inevitável que neste mundo se produzam escândalos, cada um está sujeito a ocasioná-los com seu próprio vício. E, ao mesmo tempo, por uma sentença geral, é fustigado Judas, que já dispusera o seu espírito para a traição.

8-9 “Por isso, se tua mão ou teu pé te escandalizam, corta-os e lança-os longe de ti”, e o restante. – É, sem dúvida, inevitável que venham os escândalos; ai, porém, daquele homem que faz com que, por vício seu, ocorra aquilo cuja ocorrência é inevitável no mundo. Corta-se, portanto, todo afeto, extirpa-se toda proximidade, para que não se exponha qualquer dos fiéis a escândalos sob o pretexto de piedade. Se, diz o Senhor, alguém está de tal modo unido a ti, qual se fosse mão, pé ou olho teu, e te é útil e solícito, assim como perspicaz, mas te ocasiona um escândalo e, por causa da dissonância de costumes, te arrasta à geena, é melhor careceres da sua proximidade e dessas vantagens carnis que, enquanto pretendes lucrar teus parentes e aqueles que te são necessários, encontrares motivo de ruína. Assim, pois, não se há de antepor ao amor do Senhor um irmão, nem uma esposa, nem filhos, nem amigos,⁶²⁸ em suma, nem qualquer afeto que nos pode excluir do Reino dos Céus. Cada um dos fiéis sabe bem o que lhe prejudica, ou aquilo em que seu espírito se vê solicitado e amiúde tentado. É melhor levar vida solitária que perder a vida eterna em decorrência de realidades necessárias à presente existência.

10 “Guardai-vos de menosprezar um só destes pequeninos! Porque eu vos digo que seus anjos no céu contemplam sem cessar a face de meu Pai que está nos céus” – Dissera antes, por meio da imagem da mão, do pé e do olho, que todas as proximidades e necessidades que puderem dar ensejo a

escândalo devem ser extirpadas; modera, então, a austeridade dessa sentença com um preceito adicional, dizendo: “Guardai-vos de menosprezar um só destes pequeninos!”. De tal modo ordeno, diz ele, a severidade, que ensino, misturada com ela, a clemência. No que depender de vós, guardai-vos de menosprezar, mas, com vistas à vossa salvação, procurai também a salvação dos demais. Se, pelo contrário, virdes gente que persevera nos pecados e serve aos vícios, é preferível que sozinhos vos salveis a que, juntamente com muitos outros, pereçais. “Porque seus anjos no céu contemplam sem cessar a face do Pai.” Grande é a dignidade das almas, a ponto de ter cada uma delas, desde o seu nascimento, um anjo designado para sua guarda. Daí que leiamos no Apocalipse de João: “Escreve” tais palavras “ao anjo da igreja de Éfeso, da de Tiatira, ao anjo da igreja de Filadélfia e aos anjos das restantes quatro igrejas”.⁶²⁹ O Apóstolo preceituou igualmente que se cobrisse a cabeça das mulheres nas igrejas “por causa dos anjos”.⁶³⁰

A ovelha perdida, o perdão do pecado do irmão

12 “Que vos parece? Um homem possui cem ovelhas: uma delas se desgarrar. Não deixa ele as noventa e nove na montanha, para ir buscar aquela que se desgarrou?” – Insta, por conseguinte, à clemência aquele que dissera antes: “Guardai-vos de menosprezar um só destes pequeninos!”. E acrescenta a parábola das noventa e nove ovelhas deixadas na montanha e da única erradia que o bom Pastor traria sobre os ombros para juntá-la ao resto do rebanho, uma vez que, por sua grande fraqueza, não podia ela andar.⁶³¹ Há quem pense ser este o Pastor que, existindo na forma de Deus, não se apegou ciosamente a essa igualdade com Deus, mas esvaziou-se, tomando a forma de escravo, tornado assim obediente ao Pai até a morte, e morte de cruz,⁶³² e que por isso descera ele à realidade terrena, ou seja, para salvar a única ovelhinha que se perdera, isto é, o gênero humano. Outros, porém, pensam que, nas noventa e nove ovelhas, deve ser entendido o número dos justos, enquanto, na única ovelhinha, o dos pecadores, de acordo com o que noutra passagem foi dito: “Não vim chamar os justos, mas sim os pecadores”, pois “não são os homens sadios que têm necessidade de médico, mas sim os enfermos”.⁶³³ Essa parábola foi escrita no Evangelho segundo Lucas com outras duas parábolas: a das dez dracmas e a dos dois filhos.⁶³⁴

14 “Assim, não é vontade do vosso Pai que está nos céus que se perca um só desses pequeninos” – Faz referência ao que acima propusera, dizendo: “Guardai-vos de menosprezar um só destes pequeninos!”. Por isso, ensina a parábola que aí se colocou, ou seja, para que os pequeninos não venham a ser menosprezados. Naquilo que diz, por outro lado: “Não é vontade do vosso Pai que está nos céus que se perca um só desses pequeninos”, mostra-se que, toda vez que algum dos pequeninos perecer, não é por vontade do Pai que terá perecido.

15-17 “Se teu irmão tiver pecado contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele somente”, e o restante. – Se nosso irmão tiver pecado contra nós e nos tiver

prejudicado seja lá no que for, temos o poder, aliás, a necessidade, de perdoar, segundo a qual se nos ordena que perdoemos aos nossos devedores as suas dívidas;⁶³⁵ se, por outro lado, alguém tiver pecado contra Deus, isso não é da nossa alçada. Diz, com efeito, a Escritura divina que, se um homem pecar contra outro, o sacerdote rogará por ele; se, porém, pecar contra Deus, quem por ele há de rogar?⁶³⁶ Nós, pelo contrário, benignos nos portamos ante uma injúria feita a Deus, enquanto exercitamos nosso ódio nas humilhações que sofremos. O irmão, porém, há de ser chamado a si em privado, para que não venha a persistir em seu pecado, caso perca de uma vez todo e qualquer pudor, toda e qualquer vergonha. E, se nos ouvir, ganhamos sua alma e, por meio da salvação de outra pessoa, adquirimos também para nós a salvação. Se, porém, não quiser ouvir-nos, tome-se outro irmão. E, se nem a este quiser ouvir, tome-se ainda um terceiro para cuidar quer da sua correção, quer da constituição de um juízo em presença de testemunhas. Por fim, se tampouco a estes quiser ouvir, o fato há de levar-se então a muitos, para que dele se afastem e venha a ser salvo pelos opróbrios quem não se pôde salvar pelo pudor. Quando, porém, se diz: “Seja ele para ti como um pagão e um publicano”, mostra-se que é mais de detestar quem, sob o nome de fiel, pratica as obras dos infiéis do que os que são abertamente pagãos. Chamam-se publicanos, no entanto, segundo a tropologia, os que almejam os ganhos do mundo e exigem compensações financeiras por meio de negócios escusos e fraudes ou furtos, de crimes e perjúrios.

18 “Em verdade vos digo: tudo o que ligardes sobre a terra será ligado no céu, e tudo que desligardes sobre a terra será também desligado no céu” – Porque dissera: “E se recusar ouvir também a Igreja, seja ele para ti como um pagão e um publicano”, e poderia ser esta a resposta oculta do irmão desprezador ou seu silencioso pensamento: “Se me desprezas, também eu te desprezo; se me condenas tu, serás condenado também por minha sentença”, ele concedeu aos apóstolos um poder, para que saibam os que por tais pessoas vierem a ser condenados, que a humana sentença é corroborada pela divina e que tudo que for ligado na terra ficará igualmente ligado no céu.

19-20 “Digo-vos ainda isso: se dois de vós se unirem sobre a terra para pedir, seja o que for, consegui-lo-ão de meu Pai que está nos céus. Porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” – Tudo o que acima se dissera instigara-nos à concórdia; promete-se, portanto, também uma recompensa, para que de forma mais solícita nos apressemos na consecução da paz, tendo ele dito que haveria de estar presente entre dois ou três que se reunissem. É tal como naquele exemplo do tirano⁶³⁷ que quis provar de tal maneira a dois amigos que tinham sido capturados, quando um deles obteve poder sair para ver sua mãe e o outro se oferecera como garantia por ele, que deixou ir a um, mantendo na prisão o outro. Quando aquele voltou, no dia combinado, admirando a fidelidade de ambos, teria o tirano rogado aos dois que o tivessem por terceiro na sua amizade. Podemos entendê-lo também espiritualmente, dizendo que quando o espírito, a alma e o corpo vão de acordo e não alimentam entre si uma guerra de vontades diversas, ao nutrir a carne desejos contra o espírito e o espírito, por sua vez, desejos contra a carne,⁶³⁸ impetram do Pai tudo quanto pedem. E não é duvidoso para ninguém que seja uma súplica de boas coisas, aquela segundo a qual o corpo quer ter o mesmo que o espírito.

21-22 “Então, Pedro se aproximou dele e disse: ‘Senhor, quantas vezes devo perdoar a meu irmão, quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?’”, e o restante. – A Palavra do Senhor é coerente em si mesma e, ao modo de um tríplice cordão, não se pode partir. Dissera antes: “Guardai-vos de menosprezar um só destes pequeninos!”, e acrescentara: “Se teu irmão tiver pecado contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele somente”, prometendo, em seguida, um prêmio: “Se dois de vós se unirem sobre a terra para pedir, seja o que for, consegui-lo-ão”, e: “Aí estou eu no meio deles”. Movido por essas palavras, o apóstolo Pedro pergunta quantas vezes deverá perdoar aquele que tiver pecado contra ele e, com a pergunta, adianta uma resposta: “Até sete vezes?”, a que Jesus responde: “Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete”, isto é, 490 vezes, para que se dispusesse a perdoar tantas vezes ao irmão que peca quantas ele próprio não seria capaz de pecar num só dia.

O servo que não perdoa o cosservo, o repúdio da esposa, os eunucos

23 “Por isso, o Reino dos Céus é comparado a um rei que quis ajustar contas com seus servos” – É usança familiar entre os sírios e, sobretudo, entre os palestinos ajuntar parábolas a seu discurso, a fim de que algo que não se poderia reter pelos ouvintes caso fosse dito em forma de simples preceito seja assimilado através de comparações e exemplos. Ordenou, assim, a Pedro, através da comparação do rei e senhor, e do servo que, sendo devedor de dez mil talentos, impetrara, rogando, o perdão do seu senhor, que também perdoasse aos seus companheiros de serviço as faltas menores que pudessem ter contra ele. Se aquele rei e senhor, com efeito, perdoou tão facilmente ao servo que lhe devia dez mil talentos, quanto mais devem os servos perdoar a seus companheiros faltas menores! E, para que isso fique ainda mais claro, expliquemo-lo com um exemplo: se algum de nós tiver cometido adultério, homicídio, sacrilégio e crimes ainda maiores que equivalham aos dez mil talentos, será perdoado ao rogar, caso também ele perdoe aos que pecam em matéria mais leve. Se, porém, implacavelmente nos portamos ante uma injúria sofrida, e, por causa de uma palavra mais amarga, mantemos perpétuas discórdias, por acaso não parece que seríamos corretamente recolhidos ao cárcere e que, conforme o nosso proceder, levaríamos a que não se nos concedesse o perdão de delitos maiores?

24 “Trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos” – Conheço alguns⁶³⁹ que interpretam este que devia dez mil talentos como se fosse o diabo, e querem que sua mulher e seus filhos que se haviam de vender, ao perseverar ele em sua malícia, sejam entendidos respectivamente como a insipiência e os maus pensamentos; pois, do mesmo modo como a sabedoria é dita mulher do justo, a estultícia é chamada esposa do injusto e pecador. Não obstante, de que forma o Senhor lhe perdoa os dez mil talentos e ele, por sua parte, não perdoa os cem denários a nós, seus companheiros de serviço, não é coisa que se explique segundo a interpretação eclesiástica, nem que se haja de acolher por varões prudentes.

35 “Assim vos tratará meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar a seu irmão, de todo seu coração” – Assustadora sentença: conforme a atitude do nosso espírito, a decisão de Deus dobra-se, muda-se! Se não perdoarmos aos irmãos as pequenas faltas, não se nos perdoarão as grandes, da parte de Deus. E porque pode dizer qualquer um: “Nada tenho eu contra ele, ele o sabe; tem a Deus por juiz, não é de minha conta o que pretende fazer, por mim o perdoar”, o Senhor confirma sua sentença e deita por terra toda simulação de uma fingida paz, dizendo: “Se cada um de vós não perdoar a seu irmão, de todo seu coração”.

19,3 “Os fariseus vieram perguntar-lhe para pô-lo à prova: ‘É permitido a um homem rejeitar sua mulher por um motivo qualquer?’” – Viera da Galileia à Judeia e, então, o partido dos fariseus e escribas lhe pergunta se é permitido a um homem rejeitar a sua mulher por um motivo qualquer para, como que por um silogismo dilemático, armar-lhe uma cilada, de modo a expô-lo a uma situação embaraçosa, qualquer fosse a resposta que lhes desse. Se dissesse que a esposa devia ser rejeitada por qualquer motivo e outras podiam tomar-se, entraria em contradição consigo mesmo aquele pregador da pudicícia; se, pelo contrário, respondesse que não se podia rejeitá-la por qualquer motivo, seria tido como réu de sacrilégio ao proceder contra a doutrina de Moisés e, através de Moisés, contra a doutrina de Deus. O Senhor, portanto, modera de tal forma a sua resposta que contorna a armadilha, aduzindo como testemunhas a Escritura santa e a lei natural, e opondo a primeira sentença de Deus à segunda, que não foi concedida por vontade de Deus, mas por necessidade, em vista dos que pecam.

4 “Não lestes que o Criador, no começo, fez o homem e a mulher [...]?” – Isso está escrito no início do Gênesis. Ora, ao dizer “homem e mulher”, mostra que se devem evitar as segundas núpcias; pois não disse: “homem e mulheres”, o que se procuraria por repúdio às primeiras, mas “homem e mulher”, para que unidos estivessem pelos laços de um só matrimônio.

5 “Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher” – De modo semelhante, diz: “E se unirá à sua mulher”, não “às suas mulheres”.

“E os dois formarão uma só carne” – Prêmio das núpcias é constituir-se, de duas, uma só carne. A castidade unida ao espírito constitui um só espírito.

6 “Portanto, não separe o homem o que Deus uniu” – Deus uniu ao tornar uma só a carne do homem e a da mulher, e o homem não pode separar esta carne única, só Deus talvez o possa. Separa o homem quando, em decorrência do desejo de uma segunda esposa, rejeitamos a primeira; separa Deus, o mesmo que havia unido, quando, em consentimento mútuo e por causa do serviço a Deus, porquanto o tempo se faz breve, temos esposas como se as não tivéssemos.⁶⁴⁰

7 “Disseram-lhe eles: ‘Por que, então, Moisés ordenou dar um documento de divórcio à mulher, ao rejeitá-la?’” – Deixam ver a calúnia que prepararam. E o Senhor, por certo, não proferira sentença própria, mas recordara uma antiga história e os mandamentos de Deus.

8 “Jesus respondeu-lhes: ‘É por causa da dureza de vosso coração que Moisés havia tolerado o repúdio das vossas mulheres; mas no começo não foi assim’” – O que quer dizer com isso é o seguinte: porventura pode Deus contradizer-se ou ter ordenado antes uma coisa e destruir a própria sentença com uma nova ordem? Não se há de pensar dessa maneira. Moisés, no entanto, ao ver que as primeiras esposas acabavam mortas ou levando vida indigna em razão do desejo de outras, que fossem ou mais ricas, ou mais jovens, ou mais belas do que elas, antes quis fazer uma concessão à discórdia que deixar persistirem aqueles ódios e homicídios.⁶⁴¹ Considera, ao mesmo tempo, que não disse: “É por causa da dureza de vosso coração que” Deus “havia tolerado...”, e sim “que Moisés havia tolerado...”, e, conforme o Apóstolo, trata-se aqui do conselho de um homem, não de uma ordem de Deus.⁶⁴²

9 “Ora, eu vos declaro que todo aquele que rejeita sua mulher, exceto no caso de fornicção, e desposa outra, comete adultério. E aquele que desposa uma mulher rejeitada comete também adultério” – Somente a fornicção⁶⁴³ é o que vence o afeto que se tem a uma esposa; aliás, quando ela tiver dividido essa carne única em duas e se tiver separado do marido por fornicção, não deverá ser mantida como tal, para não vir a fazer com que também o marido caia sob uma maldição, conforme diz a Escritura: “Quem conserva uma adúltera é um estulto e um ímpio”.⁶⁴⁴ Onde quer que haja, portanto, fornicção e suspeita de fornicção, despede-se livremente a uma esposa. E, porque poderia ocorrer que alguém fizesse uma calúnia a uma mulher inocente e, com vistas ao segundo enlace nupcial, impingisse uma acusação à primeira esposa, ordena-se que se despeça a primeira mulher contanto que não se despose uma segunda enquanto a primeira viver. Eis aqui o sentido, com efeito, daquilo que diz: se não despedes tua esposa por concupiscência, mas sim pela injúria, por que é que, tendo experimentado primeiras núpcias infelizes, logo te sujeitas ao perigo de novas núpcias? E como, segundo a mesma lei, podia também a esposa dar um repúdio ao marido, preceitua-se com a mesma cautela que não tome um segundo marido. E, porque a meretriz bem como a que fora surpreendida apenas uma vez em adultério não temiam o opróbrio, faz-se ver ao segundo marido que, se tomar uma mulher tal, incorrerá, ele também, no crime de adultério.

10 “Seus discípulos disseram-lhe: ‘Se tal é a condição do homem a respeito da mulher, é melhor não se casar!’” – Pesada é a carga de se ter uma esposa se, à exceção de um caso de fornicção, não é permitido despedi-la. O que dizer, então, se ela for dada à bebida, iracunda, de maus costumes, luxuriosa, gulosa, inconstante, intrigante e maldizente? Há de ser mantida esposa assim? Queiramo-lo ou não, deve ser tolerada. Quando éramos livres, deve-se dizer, submetemo-nos por vontade nossa à servidão. Vendo, então, os apóstolos o pesado jugo que consiste em ter uma esposa,⁶⁴⁵ deixam transparecer um movimento de seu espírito e dizem: “Se tal é a condição do homem a respeito da mulher, é melhor não se casar!”.

11 “Respondeu ele: ‘Nem todos são capazes de compreender o sentido desta palavra, mas somente aqueles a quem foi dado’” – Ninguém pense que, sob essa fala, se introduza a ideia do fado ou da fortuna, como se virgens fossem aqueles a quem por Deus foi dado ser ou aqueles que o acaso a isso teria levado, mas que tal graça foi dada àqueles que a pediram, que a quiseram e que trabalharam para recebê-la. A todo aquele que pede, de fato, se lhe dará; quem busca encontrará, e a quem bate a porta lhe será aberta.⁶⁴⁶

12 “Porque há eunucos que o são desde o ventre de suas mães; e há eunucos tornados tais pelas mãos dos homens, e há eunucos que a si mesmos se fizeram eunucos por amor do Reino dos Céus. Quem puder compreender, compreenda” – Há três espécies de eunucos,⁶⁴⁷ duas das quais correspondem a eunucos carnais, enquanto a terceira diz respeito a eunucos espirituais. Uns são os que nasceram tais desde o ventre de suas mães, outros os que o cativo torna tais, ou os prazeres das matronas. Os terceiros, porém, são os que a si mesmos se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus e que, podendo casar-se, fazem-se eunucos por Cristo. A estes se promete uma recompensa; aos anteriores, no entanto, para quem a necessidade de se manterem castos não é voluntária, nada em absoluto se deve. Podemos dizê-lo ainda, de outra maneira: são eunucos desde o ventre de suas mães os que são frios por natureza e não apetezem o prazer sensual; outros que se fazem tais por mãos humanas são os que a isso são levados pelos filósofos, ou são emasculados com vistas ao culto dos ídolos, ou ainda simulam a castidade, por persuasão herética, a fim de aparentar a verdade da religião. Nenhum deles consegue os Reinos dos Céus, senão os que por causa de Cristo se tornaram eunucos. Daí que ajunte: “Quem puder compreender, compreenda”, para que cada um considere as próprias forças e veja se tem condições de cumprir os preceitos virginais e da pudicícia. Por si mesma, na verdade, a castidade é suave, atrai qualquer um a si; mas se hão de considerar as forças para abraçá-la, de sorte que “quem puder compreender, compreenda”. A palavra do Senhor é como a de quem exorta e instiga os seus soldados à recompensa da pudicícia: “Quem puder compreender, compreenda”; quem puder lutar, lute, vença e triunfe.

13 “Foram-lhe, então, apresentadas algumas criancinhas para que pusesse

as mãos sobre elas e orasse por elas. Os discípulos, porém, as afastavam” – Não é que não quisessem que fossem elas abençoadas pela mão e pela palavra do Salvador, mas, ao não terem ainda uma fé muito desenvolvida, pensavam que ele ficaria cansado, à semelhança dos homens, pela importunação dos que se apresentavam.

14 “Deixai vir a mim estas criancinhas e não as impeçais. Porque o Reino dos Céus é para aqueles que se lhes assemelham” – Significativamente, disse “para aqueles que se lhes assemelham”, e não “para estes”, para mostrar que não reina a idade, mas reinam os costumes, e que se promete uma recompensa àqueles que tiverem inocência e simplicidade semelhantes; e o Apóstolo também concorda com o mesmo parecer: “Irmãos, não sejais crianças quanto ao modo de julgar; na malícia, sim, sede crianças; mas quanto ao julgamento, que vos porteis como gente madura”.⁶⁴⁸

O rico e o Reino dos Céus

16 “Um jovem aproximou-se de Jesus e lhe perguntou: ‘Bom mestre, que devo fazer de bom para ter a vida eterna?’” – Este que pergunta como há de ter a vida eterna é adolescente e rico, bem como soberbo, e, segundo outro evangelista, não pergunta com anseio de quem aprende, e sim com ânimo de pôr à prova.⁶⁴⁹

17 “Disse-lhe Jesus: ‘Por que me interrogas a respeito do que se há de fazer de bom? Só Deus é bom’” – Porque chamara o Mestre de bom e não o confessara como Deus nem como Filho de Deus, o rapaz aprende que um homem, ainda que seja santo, não é bom em comparação com Deus, a cujo respeito se diz: “Dai graças ao Senhor porque ele é bom”.⁶⁵⁰ E, para que não haja quem pense que, ao dizer-se que Deus é bom, o Filho de Deus se veja excluído dessa bondade, leiamos noutra passagem: “O bom Pastor entrega a vida por suas ovelhas”,⁶⁵¹ e, no profeta, que o Espírito é dito bom, e a terra, boa.⁶⁵² Tampouco o Salvador rejeitou, portanto, esse testemunho de sua bondade, mas excluiu o erro de quem o tinha por simples mestre, sem levar em conta que fosse também Deus.

17-19 “‘Se queres entrar na vida, observa os mandamentos’. ‘Quais?’, perguntou ele. Jesus respondeu: ‘Não matarás, não cometerás adultério’, e o restante. ‘E amarás teu próximo como a ti mesmo’” – Que tal jovem fosse alguém que punha Jesus à prova é coisa que podemos provar também porque, ao dizer-lhe o Senhor: “Se queres entrar na vida, observa os mandamentos”, interroga-o de novo, e de modo enganoso, sobre quais seriam esses mandamentos, como se ele próprio não os tivesse lido ou se o Senhor pudesse dar ordens contrárias a Deus.

20 “Disse-lhe o jovem: ‘Tenho observado tudo isto. Que me falta ainda?’” –

O adolescente estava mentindo. Ora, se com suas obras tivesse cumprido o que se colocava entre os mandamentos: “Amarás teu próximo como a ti mesmo”, como é que, ao ouvir em seguida: “Vai, vende o que tens e dá-o aos pobres”, ele se retiraria triste porque possuía muitos bens?

21 “Respondeu Jesus: ‘Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me’” – Está em nosso poder que queiramos ser perfeitos. No entanto, quem quiser ser perfeito deve vender o que tem, e não vendê-lo parcialmente, tal como fizeram Ananias e Safira,⁶⁵³ mas totalmente, e, tendo-o vendido, dá-lo em sua totalidade aos pobres, e assim preparar para si um tesouro no Reino dos Céus. E nem mesmo isso apenas basta para a perfeição, a menos que, depois de desprezadas as riquezas, a pessoa siga o Salvador, ou seja, que, deixado o que é mau, se disponha a praticar o bem. Despreza-se, pois, mais facilmente a bolsa do que a vontade. Há muitos⁶⁵⁴ que, deixando as riquezas, não seguem o Senhor. Segue o Senhor, por outro lado, quem se faz imitador dele e avança por suas pegadas. “Quem diz que crê em Cristo deve também caminhar como ele caminhou.”⁶⁵⁵

22 “O jovem foi embora triste, porque possuía muitos bens” – Essa é a tristeza que conduz à morte. E a causa da tristeza se dá, ou seja, aquele jovem possuía muitos bens, em outras palavras, espinhos e abrolhos, que sufocaram a semente do Senhor.⁶⁵⁶

23 “Jesus disse, então, aos seus discípulos: ‘Em verdade vos declaro: é difícil para um rico entrar no Reino dos Céus!’” – E como é que Abraão, Isaac e Jacó entraram sendo ricos nos Reinos dos Céus?⁶⁵⁷ E, no Evangelho, Mateus e Zaqueu, deixadas suas riquezas, são louvados por um testemunho do Senhor?⁶⁵⁸ Conquanto se deva considerar que esses últimos, no tempo em que entraram no Reino, tinham já deixado de ser ricos. Não entrará lá, pois, enquanto for rico. E, mesmo assim, pelo fato de as riquezas serem dificilmente desprezadas, não disse que é impossível que os ricos entrem nos Reinos dos Céus, mas que é difícil.⁶⁵⁹ Onde se diz que é difícil, não se

pretende revelar uma impossibilidade, mas prova-se a raridade.

24-26 “Eu vos repito: é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar nos Reinos dos Céus” – Dizendo-se isso, mostra-se não que é difícil, mas impossível, pois se, assim como não pode um camelo passar pelo fundo de uma agulha, tampouco um rico pode entrar nos Reinos dos Céus; rico nenhum se salvará. Mas se lermos, em Isaías, como os camelos de Madiã e de Efa hão de vir a Jerusalém com seus dons e oferendas, e tendo estado eles, antes, como que recurvados e torcidos pela perversidade dos vícios, hão de entrar pelas portas de Jerusalém,⁶⁶⁰ veremos que também esses camelos, aos quais se comparam aqueles ricos, ao deporem a pesada carga dos pecados e a perversidade de todo o seu corpo, podem entrar pelo caminho estreito e apertado que conduz à vida.⁶⁶¹ Aos discípulos, porém, que perguntavam: “Quem poderá então salvar-se?”, e admirados ficavam com a austeridade do que fora dito, ele moderou com sua clemência a severidade da sentença, dizendo: “O que para os homens é impossível, é possível para Deus”.

27 “Pedro, então, tomando a palavra, disse-lhe: ‘Eis que deixamos tudo e te seguimos. Que haverá então para nós?’” – Grande confiança! Pedro era pescador, não fora rico; procurava o alimento com o trabalho de suas mãos, com sua arte e, mesmo assim, fala com confiança: “Deixamos tudo”. E, como não basta apenas deixar as coisas, acrescenta o que é perfeito: “E te seguimos”. Fizemos o que mandaste: o que se nos há de dar em prêmio?

28 “Respondeu Jesus: ‘Em verdade vos declaro: no dia da regeneração do mundo, quando o Filho do Homem estiver sentado no trono da sua majestade, vós, que me haveis seguido, estareis sentados em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel’” – Não disse “que haveis deixado tudo”, pois isso também fez o filósofo Crates⁶⁶² e muitos outros que desprezaram as riquezas, mas sim “vós, que me haveis seguido”, o que é próprio de apóstolos e de crentes. “No dia da regeneração, quando o Filho do Homem estiver sentado no trono da sua majestade”, quando eles hão de ressurgir

dentre os mortos, imunes a toda corrupção, “estareis sentados em tronos de juízes para julgar as doze tribos de Israel”, porque, enquanto credes vós, eles não quiseram crer.

29-30 “E todo aquele que, por minha causa, deixar irmãos, irmãs, pai, mãe, mulher, filhos, terras ou casa receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna. Muitos dos primeiros serão os últimos e muitos dos últimos serão os primeiros” – Esta passagem está de acordo com aquela sentença em que o Salvador fala: “Vim trazer não a paz, mas a espada... Eu vim trazer a divisão entre homem e seu pai, entre a filha e sua mãe, entre a nora e sua sogra, e os inimigos do homem serão gente de sua casa”.⁶⁶³ Aqueles, portanto, que pela fé de Cristo e pela pregação do Evangelho tiverem desprezado todos os afetos, bem como as riquezas e os prazeres do século, receberão o cêntuplo e possuirão a vida eterna. Valendo-se do ensejo dessa sentença, houve quem introduzisse a ideia dos mil anos após a ressurreição,⁶⁶⁴ dizendo que, então, se nos há de restituir o cêntuplo de todas as coisas que deixamos, além de ser-nos outorgada a vida eterna, sem entender, porém, que se, em se tratando de outras coisas, temos aí uma promessa digna, aparece logo a torpeza quando se consideram as esposas, como se quem deixou a sua única pelo Senhor houvesse de receber cem no futuro. O sentido, portanto, é o seguinte: quem tiver deixado bens carnis pelo Salvador receberá bens espirituais, os quais, em comparação com os primeiros e por seu próprio mérito, serão tão superiores como o número centenário, se comparado a um número pequeno. Daí que diga também o Apóstolo, tendo deixado tão somente uma única moradia e pequenos pedaços de terra numa única província: “Como se nada tivéssemos nós, que tudo possuímos!”.⁶⁶⁵

Os operários da vinha, os discípulos são preparados para a tentação

20,1-2 “Com efeito, o Reino dos Céus é semelhante a um pai de família que saiu ao romper da manhã, a fim de contratar operários para a sua vinha. Ajustou com eles um denário por dia e enviou-os à sua vinha” – Essa parábola ou comparação do Reino dos Céus pode entender-se a partir do que se disse. Antes dela, de fato, fora escrito: “Muitos dos primeiros serão os últimos e muitos dos últimos serão os primeiros”, ainda que o Senhor não faça aí referência ao tempo, e sim à fé. Diz que um pai de família saiu ao romper da manhã a fim de contratar operários para a sua vinha e que estabeleceu num denário o preço do serviço. Então, tendo saído por volta da terceira hora, viu outros que estavam ociosos pela praça e prometeu-lhes não um denário, mas o que fosse justo. Faria o mesmo também na sexta e na nona hora. Na undécima hora, porém, encontrou outros parados, que tinham estado o dia inteiro sem fazer coisa alguma, e os enviou para a vinha. Tendo caído a tarde, ordenou a seu feitor que começasse a pagar pelos últimos, isto é, pelos operários da undécima hora até chegar aos que tinham sido contratados na primeira, e todos eles, igualmente, tomados de animosidade contra os últimos, questionaram o pai de família, não por terem recebido menos do que fora contratado, mas porque queriam receber mais do que aqueles outros sobre os quais se derramara a clemência do contratante. Parece-me que operários da primeira hora teriam sido Samuel, Jeremias e João Batista, que podem dizer com o salmista: “Desde o ventre de minha mãe, és tu o meu Deus”.⁶⁶⁶ Operários da terceira hora, por sua vez, são os que começaram a servir a Deus na puberdade. Da sexta hora são os que tomaram o jugo de Cristo já em idade madura. Os da nona são os que o fizeram já ao declinar da velhice e, enfim, os da undécima, na última senectude. Todos, no entanto, recebem igualmente o prêmio, por mais que seu trabalho tenha sido diferente. Há os que explicam diversamente a referida parábola.⁶⁶⁷ Querem estes ver que, na primeira hora, foi Adão enviado à vinha, juntamente com os demais patriarcas até Noé. Na terceira, foi enviado o próprio Noé até Abraão e a circuncisão que lhe foi dada; na sexta, a partir de Abraão até Moisés, quando se outorgou a Lei; na nona, foram enviados o próprio Moisés e os profetas e, na undécima, os apóstolos e o povo dos pagãos, contra os quais nutrem todos a sua animosidade. Daí

que, entendendo ter chegado ele próprio já depois da hora undécima, quando já se acercava o pôr do sol e ao cair da tarde, o evangelista João diga: “Filhinhos meus, esta é a última hora”.⁶⁶⁸ Considera, ao mesmo tempo, que todos acusam igualmente a injustiça do pai de família, como tendo sido feita em favor dos operários da undécima hora, sem compreender que também se fez, em todo caso, em favor deles próprios. Ora, se o pai de família é injusto, não o é para com um operário só, mas para com todos, já que o trabalhador da terceira hora tampouco trabalhou tanto quanto o que na primeira fora enviado à vinha; de modo semelhante, também o operário da sexta hora trabalhou menos que o da terceira; e o da nona, menos que o operário da sexta hora. Todo chamamento anterior, em suma, tem inveja dos pagãos e sente-se como que atormentado pela graça do Evangelho.⁶⁶⁹ Por isso, ao concluir a parábola, diz o Salvador: “Assim, pois, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”, porque os judeus, da cabeça em que se achavam, tornar-se-ão cauda; e nós, da cauda, mudar-nos-emos em cabeça.

13 “Meu amigo, não te faço injustiça” – Li no livro de alguém⁶⁷⁰ que esse amigo increpado pelo pai de família é um operário da primeira hora, que se entende como sendo nosso primeiro pai, ou algum dos que naquele tempo creram.

“Não contrataste comigo um denário?” – O denário traz a efígie do rei. Recebeste, portanto, a recompensa que te prometera, ou seja, minha imagem e semelhança; o que mais procuras? Bem sei que não pretendes receber tu mesmo algo a mais, mas desejas que outro nada receba, como se, pela companhia de alguém mais, o mérito do prêmio se visse diminuído.

14 “Toma o que é teu e vai-te” – Na Lei, o judeu não se salva pela graça, mas pela obra. Quem a cumprir por ela viverá. Por isso é que se lhe diz:

15-16 “Porventura vês com maus olhos que eu seja bom?” – O mesmo sentido tem também aquela parábola de Lucas, na qual o filho mais velho se ressentia contra o mais novo, não quer que ele seja recebido como penitente e

acusa o pai de injustiça. E, para certificar-nos de que o sentido é bem o que dissemos, o encabeçamento dessa parábola e seu desfecho coincidem:⁶⁷¹ “Assim, pois, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos. Muitos serão os chamados, mas poucos os escolhidos”.

17-19 “Subindo para Jerusalém, durante o caminho, Jesus tomou à parte os seus doze discípulos e disse-lhes: ‘Eis que subimos a Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos pagãos para ser exposto às suas zombarias, açoitado e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressuscitará’” – Com certa frequência, dissera isso mesmo aos discípulos, mas, como poderia apagar-se da memória o que eles tinham ouvido, já que se discutira entrementes muitas coisas, enquanto se dispunha a ir a Jerusalém e a levar consigo os apóstolos, prepara-os para a tentação, para não acontecer que, uma vez chegadas a perseguição e a ignomínia da cruz, ficassem escandalizados.

Os filhos de Zebedeu, os cegos, a jumenta e o jumentinho

20-21 “Nisto, aproximou-se a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e prostrou-se diante de Jesus para lhe fazer uma súplica. Perguntou-lhe ele: ‘Que queres?’ Ela respondeu: ‘Ordena que estes meus dois filhos se sentem no teu Reino, um à tua direita e outro à tua esquerda’” – Donde a mãe dos filhos de Zebedeu tirou essa opinião acerca do Reino, quando o Senhor dissera que “o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos pagãos para ser exposto às suas zombarias, açoitado e crucificado”? Tendo ele anunciado a ignomínia da paixão aos temerosos discípulos, ela vem suplicar a glória do Triunfador? Terá sido isso decorrente, penso eu, de que, depois de tudo aquilo, o Senhor dissera: “Mas, ao terceiro dia, ressuscitará”. E então pensou aquela mulher que ele reinaria imediatamente após a ressurreição e que se havia de cumprir no seu primeiro advento tudo quanto se promete com vistas ao segundo, desejando assim tais realidades no presente, com feminina avidez, sem lembrar-se de que são futuras. Aquilo, por outro lado, que o Senhor, ao responder-lhe, lhe pergunta, depois que fizera ela o seu pedido: “Que queres?”, não provém de ignorância, mas é dito em nome do homem que havia de ser açoitado e crucificado, tal como perguntara igualmente no episódio da hemorroíssa: “Quem foi que me tocou?”,⁶⁷² e acerca de Lázaro: “Onde o pusestes?”,⁶⁷³ e ainda no Antigo Testamento: “Adão, onde estás?”,⁶⁷⁴ e: “Vou descer para ver se as suas obras correspondem realmente ao clamor que chegou até mim; se assim não for, eu o saberei”.⁶⁷⁵ A mãe dos filhos de Zebedeu faz, por sua vez, uma súplica, levada por um erro de mulher e por um afeto de piedade, sem saber ao certo o que pedia. E não admira que seja ela acusada de imperícia, quando a respeito de Pedro, que manifestara a vontade de fazer três tendas, se diz que não sabia o que dizia.⁶⁷⁶

22 “Jesus disse: ‘Não sabeis o que pedis’” – É a mãe quem suplica, mas o Senhor fala aos discípulos, entendendo que o pedido dela provinha da vontade dos filhos.

“Podeis vós beber o cálice que eu devo beber?” – Nas divinas Escrituras, entendemos “cálice” como sendo a paixão: “Pai, se é possível, afasta de mim este cálice!”,⁶⁷⁷ e, no salmo: “Que poderei retribuir ao Senhor por tudo o que ele me tem dado? Erguerei o cálice da salvação, invocando o nome do Senhor!”,⁶⁷⁸ imediatamente se indica que cálice é esse: “Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos”.⁶⁷⁹

23 “De fato, bebereis meu cálice. Quanto, porém, ao sentar-vos à minha direita ou à minha esquerda, isto não depende de mim vo-lo conceder. Esses lugares cabem àqueles aos quais meu Pai os reservou” – Pergunta-se de que modo beberam o cálice do martírio os filhos de Zebedeu, ou seja, Tiago e João, uma vez que a Escritura narra que tão somente o apóstolo Tiago foi decapitado por Herodes,⁶⁸⁰ mas que João terminou a vida por meio de morte natural.⁶⁸¹ Se lermos, no entanto, as histórias eclesiásticas⁶⁸² nas quais se diz que também o próprio João fora lançado num caldeirão de óleo fervente em razão do testemunho que dera e que, dali saindo para receber a coroa, aquele atleta de Cristo foi em seguida exilado à ilha de Patmos,⁶⁸³ veremos que João não decaiu na disposição de ânimo para o martírio e que bebeu o cálice da confissão, o qual também beberam os três jovens na fornalha ardente, conquanto o perseguidor não lhes tenha derramado o sangue.⁶⁸⁴ O que diz, por outro lado: “Quanto, porém, ao sentar-vos à minha direita ou à minha esquerda, isto não depende de mim vo-lo conceder. Esses lugares cabem àqueles aos quais meu Pai os reservou”, há de entender-se assim: o Reino dos Céus não é de quem o dá, nem de quem o recebe; não há, com efeito, aceção de pessoas para Deus,⁶⁸⁵ mas todo aquele que se tiver mostrado de forma a fazer-se digno do Reino dos Céus, este receberá algo que não foi preparado para uma pessoa, mas para recompensar um teor de vida. Se, portanto, sois pessoas tais que vos pondes em condições de conseguir o Reino dos Céus que meu Pai preparou para os triunfadores e os vitoriosos, também vós o recebereis. Outros querem que isso tenha sido dito de Moisés e de Elias, aos quais, pouco antes, os discípulos tinham visto na montanha, a falar com Jesus, mas não me parece em absoluto; pois tampouco se mencionam os nomes dos que se hão de sentar no Reino dos Céus, para que, em sendo poucos os nomeados, não pensassem os demais que teriam sido, eles próprios, excluídos.

24 “Os dez outros, que haviam ouvido tudo, indignaram-se contra os dois irmãos” – Os dez apóstolos não se indignam contra a mãe dos filhos de Zebedeu, nem atribuem à mulher a audácia daquele pedido, mas contra os filhos, que, ignorando a própria medida, se tinham inflamado numa cobiça imoderada e aos quais também o Senhor dissera: “Não sabeis o que pedis”. Subentende-se, porém, quer pela resposta do Senhor, quer pela indignação dos apóstolos, que os filhos tinham instigado sua mãe a pedir coisas grandes.

25 “Jesus, porém, os chamou e lhes disse: ‘Sabeis que os chefes das nações as subjugam’”, e o restante. – O humilde e manso Mestre não repreende os dois suplicantes por sua imoderada cobiça, nem increpa os dez outros pela indignação e animosidade que manifestaram, mas apresenta um exemplo, com o qual ensina que é maior aquele que se tiver feito menor, e que se faz senhor aquele outro que de todos for escravo. Em vão, portanto, uns tinham procurado coisas desmesuradas, e doíam-se outros ante um desejo de realidades grandes, quando ao cimo das virtudes se chega não pelo poder, mas pela humildade. Enfim, apresenta-lhes o próprio exemplo para que, caso fizessem pouco do que se dizia, tivessem ocasião de enrubescer-se ante os fatos, e diz:

28 “Assim como o Filho do Homem veio não para ser servido, mas para servir” – Nota que, com bastante frequência, dissemos que quem veio para servir se chama Filho do Homem.

“E dar sua vida em resgate por uma multidão” – O que ocorreu quando recebeu a forma de escravo⁶⁸⁶ para derramar o sangue pelo mundo. E não disse que daria sua vida em resgate por todos, mas por uma multidão, isto é, por aqueles que tiverem querido crer.

29-31 “Ao sair de Jericó, uma grande multidão o seguiu. Dois cegos, sentados à beira do caminho, ouvindo dizer que Jesus passava, começaram a gritar: ‘Senhor, Filho de Davi, tem piedade de nós!’ A multidão, porém, os repreendia para que se calassem. Mas eles gritavam ainda mais forte: ‘Senhor, Filho de Davi, tem piedade de nós!’” – Havia muitos salteadores

em Jericó, que costumavam matar e ferir os que saíam e desciam de Jerusalém, e por isso é que viera o Senhor a Jericó com seus discípulos, ou seja, para curar os feridos, e arrastara atrás de si grande multidão. Quando, enfim, quis sair de Jericó, seguiu-o multidão numerosa. Se tivesse ficado em Jerusalém e nunca tivesse descido ao que havia de mais baixo, aquela multidão até hoje estaria sentada nas trevas e na sombra da morte.⁶⁸⁷ Mas, à beira do caminho, havia dois cegos. Chamam-se aqui de cegos os que ainda não podiam dizer: “Na tua luz, veremos a luz”.⁶⁸⁸ Estavam à beira do caminho porque pareciam certamente ter conhecimento da Lei, mas ignoravam o Caminho que é Cristo.⁶⁸⁹ Diversos comentaristas os entendem como imagem dos fariseus e dos saduceus, outros, por sua vez, como representantes de ambos os povos, quer do Antigo, quer do Novo Testamento, porque seguindo um a Lei escrita, e outro a lei natural, ambos se achavam cegos sem Cristo. Os que por si mesmos não conseguiam enxergar ouviram os públicos encômios do Salvador e confessaram-no Filho de Davi. Se, porém, ambos os cegos se referem ao povo dos judeus, isto que se segue: “A multidão os repreendia”, há de entender-se referido aos pagãos, aos quais admoesta o Apóstolo que não se gloriem nem se ensoberbeçam contra a raiz de que se nutrem, mas, tendo sido eles próprios, por causa do erro dos primeiros, enxertados na boa oliveira, qual ramo de oliveira selvagem que eram, jamais deveriam ter inveja da salvação de quem os precedeu.⁶⁹⁰ “Senhor, Filho de Davi, tem piedade de nós!” São increpados pela multidão e, não obstante, não se calam, antes, mais amiudadamente multiplicam aquele mesmo grito, para mostrar seu pleno desejo da verdadeira luz.

32 “Jesus parou, chamou-os e perguntou-lhes” – Eram cegos, ignoravam aonde iam e não podiam seguir o Salvador. Havia muitas valas em Jericó, muitas pedras e precipícios que se abriam sobre o abismo, e, por isso, o Senhor se detém para que eles possam vir, manda chamá-los para que as multidões não lhes façam de obstáculo e interroga o que queriam, como se o ignorasse, para que, a partir da resposta dos cegos, se faça ver a manifesta debilidade deles e se conheça pela cura o seu poder.⁶⁹¹

34 “Jesus, cheio de compaixão, tocou-lhes os olhos. Instantaneamente

recobriram a vista e puseram-se a segui-lo” – Toca os olhos o Artífice e concede o que a natureza não proporcionara, ou então, por certo, o que a debilidade lhes tirara, a misericórdia doa e, ao instante, recobriram a vista e puseram-se a segui-lo. Os que antes se sentavam emurchecidos em Jericó e não sabiam senão gritar, passam depois a seguir Jesus, e não tanto com os pés, mas com as virtudes.

21,1-3 “Aproximaram-se de Jerusalém. Quando chegaram a Betfagé, perto do monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, dizendo-lhes: ‘Ide à aldeia que está defronte. Encontrareis logo uma jumenta amarrada e com ela seu jumentinho. Desamarrai-os e trazei-mos. Se alguém vos disser qualquer coisa, respondei-lhe que o Senhor necessita deles e que ele, sem demora, os devolverá’” – O Senhor sai de Jericó, levando atrás de si multidões numerosas, e, depois de restituir a vista aos cegos, aproxima-se de Jerusalém enriquecido com grandes mercadorias; uma vez restituída a salvação dos fiéis, deseja entrar na cidade da paz, no lugar da visão de Deus, na cidadela de quem vigia.⁶⁹² Tendo-se aproximado de Jerusalém e chegado a Betfagé, à casa das queixadas⁶⁹³ – que era então uma aldeia de sacerdotes, representava a tipologia da confissão e situava-se no monte das Oliveiras, onde se encontravam a luz da ciência, o descanso dos trabalhos e das dores –, enviou dois de seus discípulos, *theōrētikòs kaì ergastikòs*, isto é, a ciência e as obras, para que entrassem na aldeia, dizendo-lhes: “Ide à aldeia que está defronte”. Contra os apóstolos estava ela, de fato, e não queria tomar sobre si o jugo das doutrinas.⁶⁹⁴ “Encontrareis logo uma jumenta amarrada e com ela seu jumentinho. Desamarrai-os e trazei-mos.” A jumenta estava amarrada pelos muitos laços dos pecados. O jumentinho era também, juntamente com sua mãe, irrequieto e intolerante aos freios e tinha, segundo o Evangelho de Lucas,⁶⁹⁵ mais de um dono, dominado como estava não apenas por um erro ou por uma só doutrina, e, apesar disso, seus muitos donos que reivindicavam para si um poder ilícito sobre aquele animal, ao verem que vinham o verdadeiro Senhor e os servos dele, os quais tinham sido enviados para soltá-lo, não ousaram opor-lhes resistência. Dizemos mais adiante quem eram, por outro lado, essa jumenta e o seu jumentinho.

4-5 “Assim, ao fazer-se isso, cumpria-se o oráculo do profeta: ‘Dizei à filha

de Sião: Eis que teu rei vem a ti, cheio de doçura, montado numa jumenta, num jumentinho, filho da que leva o jugo’”⁶⁹⁶ – Isso está escrito no profeta Zacarias, a cujo respeito mais abundantemente se dirá alguma coisa em seu devido lugar, se houver tempo de vida para tal empresa.⁶⁹⁷ Há de acenar-se agora, em breves palavras, que, num curto trecho de caminho, o Senhor não teria podido sentar-se literalmente sobre ambos os animais. Ou terá montado na jumenta e ficou sem cavaleiro o jumentinho, ou, caso tenha feito uso do jumentinho – o que é mais conveniente –, a jumenta foi conduzida sem montador. Ora, ao conter o sentido literal alguma impossibilidade ou indignidade, transportamo-nos a realidades mais elevadas, e assim entendemos que essa jumenta, que levava o jugo, fora domada e arrastara a sujeição à lei, seria a sinagoga,⁶⁹⁸ ao passo que o jumentinho irrequieto e livre, o povo dos pagãos, sobre o qual Jesus se sentaria, depois de ter-lhes enviado dois discípulos seus: um para a circuncisão e outro para as nações.

6-7 “Os discípulos foram e executaram a ordem de Jesus. Trouxeram a jumenta e o jumentinho, cobriram-nos com seus mantos e fizeram-no montar” – Esse jumentinho e a jumenta, sobre os quais estendem os apóstolos as suas vestes para que Jesus se sente de um modo mais confortável, estavam nus antes da vinda do Salvador e, enquanto muitos reivindicavam para si o exercício de uma dominação sobre eles, passavam frio sem qualquer cobertura. Depois que, por outro lado, receberam as vestimentas apostólicas e foram tornados, por isso, mais belos, tiveram o Senhor por cavaleiro. A veste apostólica, por sua vez, pode entender-se como a doutrina das virtudes, ou a compreensão das Escrituras, ou a diversidade dos dogmas eclesiásticos; a menos que a alma tenha sido instruída nessas coisas e com elas adornada, não merece ter o Senhor por montador.

8 “Então a multidão estendia os mantos pelo caminho” – Vede a diferença entre cada uma das personagens. Os apóstolos põem suas vestes sobre o jumentinho; a multidão, que é mais ordinária, estende-as aos pés do animal, para que não encontrasse esta ocasião de dá-los contra uma pedra, de pisar um espinho ou de cair numa vala.

“Outros cortavam ramos de árvores e espalhavam-nos pela estrada” – Cortavam ramos das árvores frutíferas de que o monte das Oliveiras se achava semeado e espalhavam-nos pela estrada, de modo a tornarem retos os caminhos tortuosos, a igualarem as sendas desiguais, para que mais reta e seguramente avançasse o Cristo, triunfador dos demônios e dos vícios, no coração dos fiéis.

9 “E toda aquela multidão que o precedia e que o seguia clamava: ‘Hosana ao Filho de Davi! Bendito seja quem há de vir em nome do Senhor! Hosana nas alturas!’” – Uma vez que o sentido histórico do texto é claro, sigamos, ao expô-lo, a linha espiritual. As multidões que saíram de Jericó e seguiram o Salvador e os discípulos dele, depois que viram solto o jumentinho que antes estivera amarrado, depois que o viram adornado com as vestimentas dos apóstolos e que sobre ele montava o Senhor Jesus, estenderam seus mantos e cobriram o caminho com ramos de árvores. E, depois de terem feito tudo isso, dão ainda o testemunho da própria palavra e, enquanto o precediam e o seguiam, fazem ressoar, não com uma breve e silenciosa confissão, mas com grandíssimo clamor: “Hosana ao Filho de Davi! Bendito seja quem há de vir em nome do Senhor!”. O texto, ao dizer: “Toda aquela multidão que o precedia e que o seguia”, mostra que ambos os povos, tanto os que antes do Evangelho como os que depois do Evangelho creram no Senhor, louvavam Jesus com uma palavra comum de confissão e, conforme a imagem da parábola anterior, que os operários das diversas horas recebem a única recompensa da fé. Além disso, quanto ao que se segue: “Hosana ao Filho de Davi!”, recordo-me de ter dito há muitos anos o que significa numa epístola⁶⁹⁹ breve dirigida a Dâmaso, então bispo da Urbe romana, e abordo-o agora de forma sucinta. No salmo 117^o, que foi claramente escrito a respeito da vinda do Salvador, entre outras coisas, lemos também o seguinte: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular; pelo Senhor foi feito isso, e é admirável aos nossos olhos. Este é o dia que o Senhor fez, exultemos e alegremo-nos nele”. E logo em seguida se acrescenta: “Ó Senhor, salva-me! Ó Senhor, faze que prospere! Bendito o que há de vir em nome do Senhor! Da casa do Senhor vos bendizemos”, e o restante.⁷⁰⁰ No lugar do texto que, nos Setenta tradutores, figura como: “Ó Senhor, salva-me!”,⁷⁰¹ lemos no hebraico: *anna adonai osi anna*,⁷⁰² que Símaco traduziu de modo mais claro: “Suplico, Senhor, salva-me, eu te suplico!”. Que ninguém pense, pois, que essa palavra seja composta a partir de duas outras, a saber, de uma grega e outra hebraica;

trata-se, na verdade, de um vocábulo inteiramente hebraico, a significar que a vinda de Cristo é a salvação do mundo. Daí que se siga: “Bendito o que há de vir em nome do Senhor!”, tendo o próprio Salvador, no Evangelho, aprovado esse modo de entender: “Vim em nome de meu Pai, mas não me recebestes. Se vier outro em seu próprio nome, haveis de recebê-lo...”.⁷⁰³ De resto, com o que se ajunta: “Hosana” – isto é, salvação – “nas alturas”, mostra-se de modo claro que a vinda de Cristo não é salvação apenas dos homens, mas do mundo inteiro, ao unir o que é da terra ao céu, de sorte que “todo joelho se dobre diante dele, quer nos céus, quer na terra, quer nos infernos”.⁷⁰⁴

10 “Quando ele entrou em Jerusalém, alvoroçou-se toda a cidade, perguntando: ‘Quem é este?’” – Ao entrar Jesus com a multidão, abala-se toda a cidade de Jerusalém, vendo aquela afluência de pessoas, ignorando a verdade e dizendo: “Quem é este?”. Algo que, por certo, lemos também noutra passagem,⁷⁰⁵ ao dizerem os anjos: “Quem é este rei da glória?”.⁷⁰⁶ E aos que hesitavam ou perguntavam, confessa uma reles população, a começar dos menores até chegar aos maiores, e diz:

11 “É Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia!” – Trata-se do profeta que Moisés dissera ser semelhante a si e estar por vir,⁷⁰⁷ e que se escreve apropriadamente entre os gregos com um artigo,⁷⁰⁸ o profeta de Nazaré da Galileia, porque ali fora criado, como a flor do campo que se nutria na flor das virtudes.⁷⁰⁹

A expulsão dos comerciantes do templo, os gritos dos meninos

12-13 “Jesus entrou no templo e expulsou dali todos aqueles que se entregavam ao comércio. Derrubou as mesas dos banqueiros e os bancos dos negociantes de pombas e disse-lhes: ‘Está escrito: Minha casa é uma casa de oração,⁷¹⁰ mas vós fizestes dela um covil de ladrões!’”⁷¹¹ – Acompanhado Jesus pela multidão dos fiéis, que estendera suas vestes para que o jumentinho caminhasse com o pé ileso, entra no templo e expulsa todos os que ali vendiam e compravam, derruba as mesas dos cambistas e os bancos dos negociantes de pombas, e dirige-lhes a palavra, apresentando um testemunho tomado das santas Escrituras, segundo o qual a casa de seu Pai deveria ser casa de oração, não um covil de ladrões, nem uma casa de negociação, tal como se escreveu noutro evangelista.⁷¹² Há de se compreender, em primeiro lugar, a partir dessas palavras, que, segundo os mandamentos da Lei, ao ser o templo do Senhor o mais augusto lugar do mundo inteiro, confluía para ali de quase todas as regiões o povo dos judeus, e lá se imolavam inúmeras vítimas, sobretudo em dias de festa, de touros, carneiros e cabritos, enquanto os pobres, para não ficarem sem sacrifício, ofereciam pombinhas ou rolas. Ocorria o mais das vezes que os que vinham de longe não traziam vítimas. Os sacerdotes, porém, puseram-se a pensar em como aproveitar-se do povo e passaram a vender-lhe todos os animais de que se precisava para os sacrifícios, de modo que tanto os vendiam aos que não os tinham como tomavam de volta o que fora comprado. Frustrava esse expediente a frequente penúria dos que vinham, os quais não apenas não dispunham de vítimas, mas tampouco de dinheiro, nem sequer para comprar, por certo, algumas aves e outros pequenos dons ordinários. Puseram ali então os sacerdotes uns banqueiros que oferecessem dinheiro emprestado sob caução; como, porém, na Lei se ordenava que ninguém recebesse usura,⁷¹³ e um dinheiro assim emprestado não poderia dar proveito algum, e isso nenhum benefício lhes traria e, pelo contrário, os levaria algumas vezes a perder o capital, pensaram também noutro procedimento, de sorte que, no lugar dos banqueiros, constituíram “collybistas”,⁷¹⁴ um termo cujo significado próprio a língua latina não expressa. Chamam-se “cóllyba”,⁷¹⁵ entre os gregos, aquelas coisas que nós designamos por guloseimas ou vis regalinhos, a exemplo do grão torrado,

das uvas-passas e de frutos de diversa espécie. Ora, já que os “collybistas” que tivessem emprestado dinheiro não podiam receber usuras, no lugar delas recebiam várias coisas, de modo tal a exigirem o que não lhes era permitido receber em dinheiro sob a forma daquelas coisas que com dinheiro se compram, como se Ezequiel não tivesse proibido precisamente isso, dizendo: “Não haveis de receber usura nem presentes”.⁷¹⁶ Ao ver o Senhor uma negociação ou um latrocínio dessa espécie na casa do Pai, inflamado por um ardor do espírito, conforme o que está escrito no 68º salmo: “O zelo da tua casa me consome”,⁷¹⁷ fez para si um flagelo de cordas e expulsou do templo aquela tão grande multidão, dizendo: “Está escrito: Minha casa é uma casa de oração, mas vós fizestes dela um covil de ladrões!”. É ladrão, com efeito, e o templo de Deus converte em covil de ladrões quem pretende aproveitar-se da religião e cujo culto não é tanto um culto dirigido a Deus quanto uma ocasião de fazer negócio. Isso é o que se pode dizer quanto ao sentido literal. Quanto ao mais, segundo entendimentos místicos, entra Jesus todo dia no templo do Pai e expulsa todos, tanto bispos, presbíteros e diáconos⁷¹⁸ quanto leigos e toda a multidão da sua Igreja, tendo por gente igualmente culpada de um só e mesmo crime quer os que vendem, quer os que compram, pois está escrito: “Recebestes de graça, de graça dai”.⁷¹⁹ Derruba também as mesas dos banqueiros. Observa que, por causa da avareza dos sacerdotes, os altares de Deus são chamados de mesas dos banqueiros. E derruba os bancos⁷²⁰ dos que vendiam pombas e dos que vendem a graça do Espírito Santo e tudo fazem para devorar os povos que lhes estão sujeitos. De gente assim se diz: “Devoram o meu povo qual se fosse pão”.⁷²¹ Conforme um entendimento simples, as pombas não estavam nos bancos,⁷²² mas em gaiolas, a menos que, quiçá, os seus vendedores se sentassem nos bancos, o que é um grande absurdo, pois nos bancos mais se estaria a indicar a dignidade dos mestres, que a nada se reduziria se misturada fosse aos lucros. O que dissemos acerca das igrejas, entenda-o cada um de si mesmo.⁷²³ Diz, pois, o apóstolo Paulo: “Vós sois o templo de Deus e o Espírito Santo habita em vós”.⁷²⁴ Não haja negociação na casa do nosso peito, não haja comércio de quem vende e de quem compra, não se encontre cobiça de dons, não entre aí um Jesus irado e severo, que não encontre meio de limpar o seu templo senão empregando um flagelo, para fazer de um covil de ladrões e de uma casa de negociação uma casa de oração.

14 “Os cegos e os coxos vieram a ele no templo, e ele os curou” – Se não tivesse derrubado as mesas dos banqueiros e os assentos dos que vendiam pombas, não teriam os cegos e os coxos merecido receber a prístina luz e um animado caminhar.

15-16 “Com grande indignação dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas que assistiam a seus milagres e ouviam os meninos gritar no templo: ‘Hosana ao Filho de Davi!’ Disseram-lhe eles: ‘Ouves o que dizem estes?’” – A maioria estima que o maior dos sinais de Jesus é ter ressuscitado Lázaro,⁷²⁵ ou que um cego de nascença tenha recobrado a vista,⁷²⁶ ou que no Jordão se tenha ouvido a voz do Pai,⁷²⁷ ou que, transfigurado no monte, tenha ele mostrado a glória de um triunfador.⁷²⁸ Para mim, dentre todos os sinais que Jesus fez, parece ser este mais maravilhoso, a saber, que um só homem, e um homem desprezível naquele tempo e tão ordinário a ponto de vir a ser, depois, crucificado, que tinha contra si os escribas e fariseus enfurecidos, ao verem que seus lucros eram prejudicados, tenha podido aos golpes de um único flagelo expulsar tamanha multidão, derrubar mesas e destruir bancos, e fazer outras coisas que um exército inumerável não teria feito. Irradiava, de fato, dos seus olhos algo de ígneo e celeste, a majestade da divindade reluzia na sua face. E, como os sacerdotes não ousassem levantar-lhe a mão, passam, não obstante, a caluniar suas obras e transformam em acusação caluniosa o testemunho do povo e dos meninos que clamavam: “Hosana ao Filho de Davi!”, porque isso não se havia de dizer a não ser unicamente do Filho de Deus. Vejam, portanto, os bispos e outros homens, por mais santos que sejam, com quão grande risco toleram que se lhes digam essas coisas, já que até mesmo ao Senhor, a quem isso se dizia com toda a verdade, se lhe imputa como crime, por não ser ainda sólida a fé dos crentes.

16 “‘Perfeitamente’ – respondeu-lhes Jesus. ‘Nunca lestes estas palavras: Da boca dos meninos e das crianças de peito tiraste o teu louvor?’”⁷²⁹ – Quão moderadamente equilibrada é dita sentença! É, sem dúvida, uma resposta que se dirige a ambos os lados e não deixa qualquer brecha à calúnia. Não disse o que os escribas almejavam ouvir: “Fazem bem os meninos em dar testemunho de mim”, nem mesmo: “Eles estão equivocados, são meninos,

deveis perdoar-lhes em consideração à sua idade”, mas profere um exemplo tomado do oitavo salmo, para que, calando-se o Senhor, o testemunho das Escrituras corroborasse os dizeres dos meninos.

17 “Depois os deixou, e saiu da cidade para hospedar-se em Betânia” – Deixou os incrédulos e, tendo saído da cidade dos que o contradiziam, foi para Betânia, que se traduz por “casa da obediência”,⁷³⁰ prefigurando já então a vocação dos pagãos, e ali permaneceu, porque não pôde ficar em Israel. Há de entender-se isso também no sentido de que era ele de tão grande pobreza e tão pouco dado à adulação de quem quer que fosse que não teria encontrado anfitrião algum nem hospedagem na cidade maior, mas permanecia num pequeno campo, junto a Lázaro e suas irmãs. Betânia é, certamente, a aldeia deles.

A figueira, o batismo de João, os dois filhos enviados à vinha

18-20 “De manhã, voltando à cidade, teve fome. Vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela, mas só achou nela folhas, e disse-lhe: ‘Jamais nasça fruto de ti!’ E imediatamente a figueira secou. À vista disto, os discípulos ficaram estupefatos e disseram: ‘Como ficou seca num instante a figueira?’” – Dissipadas as trevas da noite e irradiando já a luz da manhã, e aproximando-se o meio-dia, em que o Senhor havia de iluminar o mundo com a sua paixão, ao voltar ele à cidade, teve fome; o que mostrava a verdade da sua carne humana, ou que tinha fome da salvação dos fiéis, sedento como estava ante a incredulidade de Israel. Tendo visto, pois, uma árvore – que entendemos representar a sinagoga e o conciliábulo dos judeus – à beira do caminho, pois, ainda que tivesse a Lei, à beira do caminho estava porque não cria no Caminho, aproximou-se dela, que se achava parada e imóvel ao não ter os pés do Evangelho, mas nela não achou senão folhas, o estrépito das promessas, as tradições farisaicas, a fanfarrice da lei, os ornamentos de palavras sem quaisquer frutos de verdade. Daí que também outro evangelista diga: “Ainda não era tempo”,⁷³¹ quer por não ter chegado ainda o tempo da salvação de Israel, razão pela qual ainda não tinha ingressado o povo dos pagãos, quer por ter passado já o tempo da fé, já que, tendo vindo o Senhor em primeiro lugar a Israel e tendo sido desprezado, passou às nações. “E disse-lhe: ‘Jamais nasça fruto de ti!’”, quer eternamente, quer pelos séculos, pois a palavra grega *aiòn* significa ambas as coisas. E a figueira secou-se porque não tinha os alimentos que o Senhor desejara encontrar, ao ter fome. De tal modo, porém, secaram-se-lhe as folhas, que o tronco permanecia e, ainda que despojada dos ramos, a raiz vivia; uma raiz de que, nos últimos tempos, caso queiram crer, germinará o broto da fé, cumprindo-se a Escritura que diz: “Para uma árvore, há esperança”.⁷³² Conforme o sentido literal, por outro lado, havendo o Senhor de padecer ante os povos e de carregar o escândalo da cruz, deveu robustecer os ânimos dos discípulos pela antecipação de um sinal. Daí que também se admirem os discípulos, dizendo: “Como ficou seca num instante a figueira?”. Pôde, portanto, o Salvador secar também os seus inimigos, valendo-se do mesmo poder, se não esperasse a salvação deles por meio da conversão.

21 “Respondeu-lhes Jesus: ‘Em verdade vos declaro, que se tiverdes fé e não hesitardes, não só fareis o que foi feito a esta figueira, mas ainda se disserdes a esta montanha: levanta-te daí e atira-te ao mar, isso se fará” – Ladram contra nós os cães dos pagãos nos livros deles, que, para memória da própria impiedade, legaram, afirmando que os apóstolos não tiveram fé porque não puderam transportar as montanhas. A estes responderemos que, de acordo com o testemunho do evangelista João,⁷³³ muitos sinais foram feitos pelo Senhor, os quais, se tivessem sido escritos, não poderia o mundo conter; não porque o mundo não pudesse conter os livros que, conquanto fossem muitos, um só armário pequeno ou um cofre conteria, mas porque, face à sua incredulidade e aos milagres mesmos, não poderia suportar a grandeza dos sinais. Cremos, portanto, que os apóstolos teriam feito também essa classe de prodígios e que não foram eles escritos para que não se desse aos infiéis maior ensejo de contradizer-nos. Perguntemos-lhes, por outro lado, se creem nesses prodígios que foram escritos, ou não. E, tendo visto que se mostram incrédulos, demonstraremos, por conseguinte, que tampouco haveriam de crer em prodígios maiores os que não creem nos menores. Isso é o que tínhamos a dizer contra eles. De resto, nós, como antes já dissemos, entendemos que a montanha representa aí o diabo, que se ensoberbece, jactando-se contra o seu Criador, e é chamado pelo profeta de monte corrupto.⁷³⁴ Tendo ele possuído a alma do homem e tendo-se nela radicado, pode ser transportado pelos apóstolos, e por aqueles que aos apóstolos se assemelham, para o mar, isto é, para lugares salobros, instáveis e amargos, privados totalmente da doçura de Deus. O mesmo se lê também nos salmos: “Não temeremos enquanto treme a terra e as próprias montanhas são transportadas para o coração do mar”.⁷³⁵

23 “Dirigiu-se Jesus ao templo. E, enquanto ensinava, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo aproximaram-se e perguntaram-lhe: ‘Com que potestade fazes isso? Quem te deu essa potestade?’” – Com palavras diferentes, lançam a mesma calúnia que na ocasião anterior, quando disseram: “É por Beelzebul, chefe dos demônios, que ele os expulsa”.⁷³⁶ Quando dizem, pois: “Com que potestade fazes isso?”, duvidam do poder de Deus e querem dar a entender ser coisa do diabo aquilo que ele fazia. Também ao acrescentarem: “Quem te deu essa potestade?”, negam de

forma muito clara que fosse Filho de Deus aquele que eles pensavam operar prodígios não por suas próprias forças, e sim pelas de outrem.

24-25 “Respondeu-lhes Jesus: ‘Eu vos proporei também uma questão. Se responderdes, eu vos direi com que potestade o faço: O batismo de João, donde provinha? Do céu ou dos homens?’”, e quanto segue. – Isso é o que vulgarmente se diz: “Em mau nó de árvore, mau prego ou cunha má há de cravar-se”. Poderia o Senhor confutar a calúnia dos tentadores com uma clara resposta, mas interroga-os prudentemente, para que, por seu próprio silêncio ou sentença, eles mesmos se condenem. Se tivessem respondido, com efeito, que o batismo de João provinha do céu, conforme aqueles mesmos sábios cogitaram em sua malícia, a conseqüente resposta seria: “Por que então não fostes batizados por João?”; se tivessem querido dizer que fora urdido por engano humano e que nada tivera de divino, haviam de temer a sedição do povo, pois todas as multidões ali congregadas receberam o batismo de João e, assim sendo, tinham-no na conta de profeta. Respondeu, portanto, aquela facção muito ímpia, e fez uso de uma palavra de humildade pela qual dizia não saber a resposta, a fim de reformular suas insídias.

27 “‘Pois eu tampouco vos digo’, retorquiu Jesus, ‘com que potestade faço eu estas coisas’” – Ao dizerem que não sabiam, aqueles homens mentiram; era conveniente, por isso, que, de acordo com a resposta deles, também o Senhor dissesse que nem ele mesmo o sabia. Mas a Verdade não pode mentir, e diz: “Eu tampouco vos digo”. Com isso, mostra que eles também o sabiam, mas não quiseram responder, e que ele próprio o sabia, mas não dizia precisamente porque eles calavam o que sabiam, e apresenta imediatamente uma parábola com a qual haveria de acusá-los de impiedade e de ensinar que o Reino de Deus estava para ser transferido aos pagãos.

28-32 “Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse-lhe: ‘Meu filho, vai trabalhar hoje na vinha’. Respondeu ele: ‘Não quero’. Mas, em seguida, tocado de arrependimento, foi. Dirigindo-se

depois ao outro, disse-lhe a mesma coisa. O filho respondeu: ‘Vou, sim, senhor’, mas não foi” – São esses os dois filhos que na parábola de Lucas se descrevem, o sóbrio e o luxurioso,⁷³⁷ acerca dos quais o profeta Zacarias fala: “Tomei dois cajados aos quais chamei respectivamente beleza e liame, e comecei a apascentar o rebanho”.⁷³⁸ Diz-se, em primeiro lugar, ao povo dos pagãos, por meio do conhecimento da lei natural: “Vai trabalhar na minha vinha”, ou seja, “não faças aos demais o que não queres que te façam”.⁷³⁹ E este responde, com soberba: “Não quero”; mas depois, quando do advento do Salvador, tendo-se convertido, trabalhou na vinha de Deus e com o trabalho corrigiu a contumácia da palavra. O segundo filho, por sua vez, é o povo dos judeus, que a Moisés respondeu: “Faremos tudo o que o Senhor disse”,⁷⁴⁰ mas não foi para a vinha, já que, uma vez morto o filho do pai de família, se teve, ele próprio, por herdeiro. Outros, porém, não pensam que a parábola verse sobre pagãos e judeus, mas simplesmente sobre pecadores e justos, pois o próprio Senhor explica mais adiante o seu enunciado:

“Em verdade vos digo, os publicanos e as meretrizes vos precedem no Reino de Deus!” – Assim sendo, os que se negaram a servir a Deus por meio de seu mau procedimento receberam depois, das mãos de João, o batismo de penitência, ao passo que os fariseus, que ostentavam justiça e se jactavam de cumprir a Lei de Deus, aos desprezar o batismo de João, não cumpriram os preceitos de Deus. Daí que Jesus diga:

“João veio a vós no caminho da justiça, e não crestes nele. Os publicanos, porém, e as prostitutas creram nele” – Além disso, quanto ao que se segue: “Qual dos dois fez a vontade do Pai?”, e eles dizem: “O último”, há de saber-se que em exemplares autênticos não se tem “o último”, mas sim “o primeiro”, para que por seu próprio juízo se condenem. Se quisermos aceitar que se diga “o último”, a explicação é clara. Havemos de dizer que os judeus entendiam certamente a verdade, mas tergiversavam e não queriam dizer o que pensavam, tal como tampouco quiseram dizer, muito embora o soubessem, que o batismo de João provinha do céu.

A vinha arrendada, os convidados às bodas

33 “Ouvi outra parábola: havia um pai de família que plantou uma vinha. Cercou-a com uma sebe, cavou um lagar e edificou uma torre. E, tendo-a arrendado a lavradores, deixou o país” – Em outras palavras, o que o Senhor faz aqui é uma aplicação do provérbio: “Duro te é recalcitrar contra o aguilhão”.⁷⁴¹ Os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo que interrogaram o Senhor: “Com que potestade fazes isso? Quem te deu essa potestade?”, e quiseram enredar a Sabedoria num jogo de palavras, são superados em sua arte e ouvem em parábolas o que não mereciam ouvir de forma direta. Esse pai de família é o mesmo que tinha dois filhos e que, noutra parábola, contratou operários para a sua vinha. Ele plantou uma vinha de que fala também Isaías de um modo bastante detalhado e por meio de um cântico, mencionando no fim que “a vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel”.⁷⁴² E, num salmo, se diz: “Arrancaste do Egito uma vinha, expulsaste nações e a replantaste”.⁷⁴³ “Cercou-a com uma sebe”: isto se pode entender quer do muro da cidade, quer dos auxílios dos anjos. “Cavou um lagar”: trata-se aqui do altar, ou daqueles lagares com os quais também três salmos se distinguem em seu título, a saber, o oitavo, o octogésimo e o 83º. “E edificou uma torre”: não há dúvida de que se trate, de fato, do templo, a cujo respeito se diz por Miqueias: “E tu, torre nebulosa da filha de Sião”.⁷⁴⁴ “E, tendo-a arrendado a lavradores”, a tais lavradores chamou alhures operários da vinha, contratados na primeira, na terceira, na sexta, na nona e na undécima hora. “[...] Deixou o país”: não por mudança de lugar. Ora, de onde é que pode estar ausente Deus, em quem tudo encontra sua plenitude e que diz por Jeremias: “Sou eu porventura um Deus apenas de perto e não também de longe?”, diz o Senhor”.⁷⁴⁵ Parece, no entanto, que se ausenta da vinha ao deixar aos lavradores o livre-arbítrio de agir.

34-35 “Vindo o tempo da colheita, enviou seus servos aos lavradores para recolher o produto de sua vinha. Mas os lavradores agarraram os servos, feriram um, mataram outro e apedrejaram o terceiro” – Dera-lhes a Lei e mandara que nesta vinha trabalhassem, a fim de apresentarem nas obras o

fruto da Lei. Enviou-lhes, depois, uns servos que, tendo sido por eles agarrados, foram golpeados como Jeremias,⁷⁴⁶ ou mortos como Isaías,⁷⁴⁷ ou lapidados como Nabot⁷⁴⁸ e Zacarias, a quem mataram entre o templo e o altar.⁷⁴⁹ Leiamos a epístola de Paulo aos Hebreus e aprenderemos de modo bastante exaustivo, a partir dela, quantas coisas padeceram alguns dos servos do Senhor.⁷⁵⁰

37 “Enfim, enviou seu próprio filho, dizendo: ‘Hão de respeitar meu filho’” – No que lemos acima: “Enviou outros servos em maior número que os primeiros, e fizeram-lhes o mesmo”, o Senhor mostra a paciência do pai de família, que envia com muita frequência os seus servos para estimular os maus colonos a que se convertam; estes, não obstante, “acumularam ira contra si mesmos para o dia da ira”.⁷⁵¹ Diga-se, além disso, que o que se acrescenta: “Hão de respeitar meu filho”, não provém da ignorância, pois o que ignora este pai de família que se entende, na passagem em questão, representar a Deus Pai? Mas sempre se diz que Deus hesita para que se deixe ao homem o exercício de uma vontade livre. Perguntemos a Ário e a Eunômio.⁷⁵² Eis que se diz na parábola que o Pai ignora algo, mas atenua-se a frase e, segundo a vossa tese, comprova-se que se mentiu. Tudo aquilo que tiverem eles respondido em favor do Pai, queiram entendê-lo igualmente em favor do Filho, que afirma ignorar o dia do fim do mundo.⁷⁵³

39 “Lançaram-lhe as mãos, conduziram-no para fora da vinha e o mataram” – Também o Apóstolo fala que o Senhor foi crucificado fora das portas.⁷⁵⁴ Podemos, ainda, entendê-lo de outra maneira, ou seja, que foi conduzido para fora da vinha e ali foi morto para que, tendo-o acolhido os pagãos, pudesse arrendar a vinha a outros lavradores.

40 “Pois bem: quando voltar o senhor da vinha, que fará ele àqueles lavradores?”, e o restante. – Jesus os interroga não por ignorar o que haviam de responder-lhe, mas para que se condenem pela própria resposta que lhe dariam. Arrendada foi-nos, por outro lado, a vinha, e arrendada com a condição de apresentarmos ao Senhor o seu fruto no devido tempo, e

de sabermos, em cada tempo, o que nos convém falar ou fazer.

42 “Jesus acrescentou: ‘Nunca lestes nas Escrituras: A pedra rejeitada pelos construtores tornou-se a pedra angular; isto é obra do Senhor, e é admirável aos nossos olhos?’”⁷⁵⁵ – Em várias parábolas e com palavras diferentes, os mesmos conteúdos se entrelaçam. Aos que acima designara por operários, vinhateiros e lavradores, chama agora de construtores, isto é, pedreiros. Daí que diga também o Apóstolo: “Vós sois o campo de Deus, o edifício de Deus”.⁷⁵⁶ Esses pedreiros, portanto, tal como os vinhateiros recebem a vinha, receberam uma pedra que hão de colocar nos alicerces, conforme o arquiteto Paulo,⁷⁵⁷ ou no ângulo, a fim de que quem por eles fora rejeitado, tornado pedra angular, reúna as duas paredes, ou seja, ambos os povos.⁷⁵⁸ E isso é feito pelo Senhor; não pelas forças humanas, mas pelo poder de Deus. Sobre esta pedra de auxílio⁷⁵⁹ fala também Pedro, cheio de confiança: “A pedra que vós, os edificadores, rejeitastes tornou-se a pedra angular”,⁷⁶⁰ e Isaías: “Colocarei nos fundamentos de Sião uma pedra escolhida, uma pedra angular preciosa, e quem nela crer não ficará confundido”.⁷⁶¹

43 “Por isso vos digo: ser-vos-á tirado o Reino de Deus, e será dado a um povo que produzirá os frutos dele” – Já disse eu, algumas vezes, que se interpreta o Reino de Deus como as santas Escrituras,⁷⁶² que o Senhor arrancou dos judeus e entregou a nós, para que produzamos os frutos delas. É ela a vinha que se entrega aos lavradores e vinhateiros; e os que não tiverem trabalhado nela, conservando tão somente o nome das Escrituras, hão de perder os seus frutos.

44 “Aquele que tropeçar nesta pedra, far-se-á em pedaços, e aquele sobre o qual ela cair, será esmagado” – Uma coisa é ofender a Cristo por obras más, outra é negá-lo. Quem é pecador e, não obstante, nele crê, tropeça na pedra, sem dúvida, e faz-se em pedaços, mas não é absolutamente esmagado; é poupado, com efeito, pela paciência com vistas à salvação. Aquele, porém, sobre o qual ela cair, isto é, aquele a quem a própria pedra se tiver arremessado e que tiver negado totalmente a Cristo será por ela esmagado

de tal modo, a ponto de não lhe restar sequer um fragmento em que se possa recolher um pouquinho d'água.

45-46 “Ouvindo isso, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus compreenderam que era deles que Jesus falava. E procuravam prendê-lo; mas temeram o povo, que o tinha por um profeta” – Conquanto fossem gente de coração duro e, em decorrência de sua incredulidade e impiedade, se tivessem tornado insensíveis com respeito ao Filho de Deus, apesar disso não podiam negar afirmações claras e compreendiam que todas as sentenças do Senhor se dirigiam contra si próprios. Por isso queriam matá-lo, mas temiam as multidões, pois estas o tinham por um profeta. A multidão é sempre volúvel e não persiste num propósito da vontade, mas é arrastada de um lado para outro como que sob a influência das ondas e de ventos diversos. Contra aquele a quem agora veneram e prestam culto como a um profeta, clamarão depois: “Crucifica-o! Crucifica-o!”.⁷⁶³

22,1-3 “Jesus tornou a falar-lhes por meio de parábolas: ‘O Reino dos Céus é comparado a um homem rei que celebrava as bodas do seu filho. Enviou seus servos para chamar os convidados, mas eles não quiseram vir’” – Ao compreenderem os fariseus que as parábolas falavam de si, procuravam prender Jesus e matá-lo. Conhecendo o Senhor essa vontade deles, increpa, não obstante, os que se enfureciam e não se deixa vencer pelo temor a ponto de não censurar, por isso, os pecadores. Esse rei que celebrou as bodas do filho é o Deus todo-poderoso. Celebra, por outro lado, as bodas de nosso Senhor Jesus Cristo e da Igreja, reunida quer a partir dos judeus, quer a partir dos pagãos, e envia o seu servo a chamar os convidados à festa. Não há dúvida de que servo seu foi Moisés, por meio do qual deu ele a Lei aos convidados. Se, porém, lermos “servos”,⁷⁶⁴ como trazem os exemplares do texto em sua maior parte, havemos de referi-lo aos profetas, uma vez que os convidados por eles pouco caso fizeram de vir.

4 “Enviou outros ainda, dizendo-lhes: ‘Dizei aos convidados: já está preparado o banquete, meus bois e meus animais cevados estão mortos,

tudo está preparado. Vinde às bodas!” – É melhor que esses servos enviados numa segunda ocasião sejam entendidos antes como os profetas, que como os apóstolos, se é que no versículo anterior figura o singular “servo”; se, pelo contrário, ali também lê “servos”, então esses enviados numa segunda oportunidade devem entender-se como os apóstolos. O banquete preparado, os bois e os animais cevados mortos ou descrevem, por meio de uma metáfora, a opulência real, de modo que entendamos através de realidades carnis o que é espiritual, ou, por certo, pode pensar-se aqui na magnitude dos dogmas e de uma doutrina toda ela repleta da Lei de Deus.

5-6 “Foram-se, um a seu campo, outro para seu negócio. Outros agarraram os servos dele, insultaram-nos e os mataram” – Muita diferença existe entre aqueles que não acolhem a verdade do Evangelho. Os que, ocupados com outras coisas, não quiseram vir são réus de menor crime do que aqueles que, tendo desprezado o afeto de quem os convidava, responderam à humanidade com crueldade e, agarrando os servos do rei, insultaram-nos ou mataram-nos. Nesta parábola, faz-se silêncio sobre a morte do esposo e mostra-se, pela morte dos servos, o desprezo que se teve pelas bodas.

7 “O rei o soube e indignou-se em extremo” – Trata-se daquele de quem acima dissera: “O Reino dos Céus é comparado a um homem rei que celebrava as bodas do seu filho”; quando ele convidava às bodas e levava a cabo uma iniciativa de clemência, deu-se-lhe a designação de “homem”. Agora, porém, quando vem para o castigo, já não se fala de homem, e tão somente se alude ao rei.

“Enviou suas tropas, matou aqueles assassinos e incendiou-lhes a cidade” – Devemos entender que essas tropas seriam ou os anjos vingadores a respeito dos quais se escreve nos salmos: “Uma descarga de anjos da desgraça”,⁷⁶⁵ ou então os romanos que, sob o comando de Vespasiano e de Tito, incendiaram a cidade prevaricadora, tendo dizimado as populações da Judeia.

8-9 “Disse depois a seus servos: ‘O festim está pronto, mas os convidados

não foram dignos. Ide às encruzilhadas e convidai para as bodas todos quantos achardes” – O povo dos pagãos não se encontrava pelos caminhos, mas nas encruzilhadas. Pergunta-se, porém, como é que, entre aqueles que estavam fora e em meio aos maus, também alguns bons se tenham encontrado. O Apóstolo, ao escrever aos romanos, explica de modo mais completo esta passagem, dizendo que as nações pagãs, ao fazerem naturalmente as coisas que são da lei, condenam os judeus que não praticaram a Lei escrita.⁷⁶⁶ Entre esses mesmos pagãos, existe igualmente uma diversidade infinita, ao sabermos que uns são dados aos vícios, precipitando-se nos males, enquanto outros se dedicam às virtudes, com vistas à honestidade dos costumes.

11-12 “O rei entrou para vê-los e viu ali um homem que não trazia a veste nupcial. Perguntou-lhe: ‘Meu amigo, como entraste aqui, sem a veste nupcial?’ O homem não proferiu palavra alguma” – Os que foram convidados às bodas encheram a sala do banquete real, vindo dos caminhos, dos atalhos, das praças e de diversos lugares.⁷⁶⁷ Tendo, porém, entrado o rei em seguida para ver os que tomavam assento em seu banquete, ou seja, para visitar, no dia do juízo, os convivas que de certo modo repousavam na sua fé, e discernir os méritos de cada um deles, encontrou ali um homem que não trazia a veste nupcial. Todos aqueles que se acham associados na malícia devem entender-se aqui como sendo este único homem. As vestes nupciais, por outro lado, são os preceitos do Senhor, e as obras que se realizam conforme a Lei e o Evangelho⁷⁶⁸ formam a vestimenta do homem novo.⁷⁶⁹ Se alguém, portanto, no tempo do juízo, for encontrado ao abrigo do nome de cristão sem trazer a veste nupcial, isto é, a veste do homem celeste,⁷⁷⁰ mas ostentando uma veste suja, isto é, os resquícios do homem velho, será repreendido de imediato e se lhe dirá: “Meu amigo, como entraste aqui?”. Chama-o de amigo porque se trata de um convidado às bodas, mas censura-o pela falta de vergonha porque, com uma vestimenta imunda, tinha sujado a pureza do banquete nupcial. “O homem não proferiu palavra alguma.” Naquele tempo, com efeito, já não haverá ocasião de arrependimento nem faculdade de escusar-se, pois todos os anjos e o próprio mundo hão de ser testemunhas dos pecados.

13 “Disse então o rei aos servos: ‘Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o nas trevas exteriores. Ali haverá choro e ranger de dentes’” – Entende tu que essas mãos e esses pés amarrados, o pranto dos olhos e o ranger dos dentes estão ou a comprovar a verdade da ressurreição, ou, certamente, amarram-se pés e mãos para que deixem, precisamente, de realizar obras más e de correr para derramar sangue. No pranto dos olhos, ainda, e no ranger dos dentes, indica-se através de uma metáfora a grandeza dos tormentos dos membros corporais.

14 “Porque muitos são os chamados, e poucos os escolhidos” – O Senhor compendia todas as parábolas com uma breve sentença; assim sendo, quer no trabalho da vinha, quer na construção da casa, quer no banquete nupcial, não é tanto sobre o início, mas sobre o final que se há de indagar.

A imagem de César, a mulher que teve sete maridos

15-16 “Reuniram-se, então, os fariseus para deliberar entre si sobre a maneira de surpreender Jesus nas suas próprias palavras. Enviaram seus discípulos com os herodianos, que lhe disseram” – Submetida aos romanos, havia pouco, sob César Augusto, quando em todo o mundo se decretou o recenseamento,⁷⁷¹ a Judeia tornara-se província tributária e havia, quanto a isso, uma grande divisão entre o povo. Uns diziam que, em nome da segurança e da tranquilidade, na medida em que os romanos lutavam por todos, os impostos deviam pagar-se; os fariseus, por sua vez, que a si próprios aplaudiam no que concernia à justiça, sustentavam, pelo contrário, que o povo de Deus, que já pagava dízimos, oferecia primícias e outras coisas escritas na Lei, não deveria submeter-se a leis humanas. César Augusto constituíra rei dos judeus a Herodes, filho de Antípatro, um estrangeiro e prosélito, para que zelasse pela cobrança dos tributos e obedecesse ao Império Romano. Envia, por isso, os fariseus a seus discípulos em companhia dos herodianos, isto é, soldados de Herodes, ou então pessoas que os fariseus, desprezando-as por pagar impostos aos romanos, chamavam de herodianos; gente, em suma, que não se dedicava ao culto de Deus. Alguns dos escritores latinos⁷⁷² pensam, de um modo ridículo, que herodianos eram aqueles que criam que Herodes fosse o Cristo, coisa que não lemos absolutamente em parte alguma.

16-17 “Mestre, sabemos que és verdadeiro e ensinas o caminho de Deus em toda a verdade, sem te preocupares de ninguém, porque não olhas para a aparência dos homens. Dize-nos, pois, o que te parece: é permitido pagar o imposto a César ou não?” – Uma pergunta capciosa e fraudulenta instiga o que devia responder a temer mais a Deus que a César, e a dizer que não se deviam pagar os impostos, para que, de imediato, os herodianos, ao ouvir isso, o prendessem como cabeça de uma sedição contra os romanos.

18 “Jesus, percebendo a sua malícia, respondeu: ‘Por que me tentais,

hipócritas?’” – A primeira qualidade de quem responde é a de conhecer a mente dos que o interrogam, chamando-os, por isso, não de discípulos, mas de tentadores. Chama-se de hipócrita, com efeito, quem, sendo de um jeito, simula ser de outro, isto é, quem faz uma coisa e fala outra.

19 “‘Mostrai-me a moeda do imposto!’ Apresentaram-lhe um denário” – A Sabedoria age sempre sabiamente, de maneira que seus tentadores sejam confutados, sobretudo, por suas próprias palavras. “Mostrai-me” – diz ele – o denário, isto é, “a moeda do imposto”, que se tinha por equivalente a dez asses e trazia a efígie de César.

20 “Perguntou Jesus: ‘De quem é esta imagem e esta inscrição?’” – Quem pensa tratar-se de ignorância a pergunta que faz o Salvador, e não de condescendência, aprenda, com esta passagem, que Jesus podia certamente saber de quem era a imagem gravada na moeda, mas faz a pergunta para responder de forma conveniente à questão levantada por aqueles homens.

21 “‘De César’, responderam-lhe. Disse-lhes, então, Jesus: ‘Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus’” – Não pensemos que se aludisse a César Augusto, mas sim a Tibério, seu filho adotivo, que sucedera no posto ao pai e sob o qual o Senhor padeceu. Todos os imperadores romanos, a começar de Caio César, que arrebatara primeiro o império, foram chamados césaes. Além disso, o que diz: “Dai, pois, a César o que é de César”, pensamos que se refira à moeda do imposto, ao dinheiro; ao passo que “e a Deus o que é de Deus”, aos dízimos, às primícias e às oblações e vítimas, pois também o próprio Senhor, assim como pagou tributos por si e por Pedro,⁷⁷³ deu a Deus o que é de Deus ao fazer a vontade do Pai.⁷⁷⁴

22 “Ouvindo isso, admiraram-se” – Os que deveriam ter crido admiraram-se ante tão grande sabedoria, pois a sagacidade deles não encontrara ocasião de levar a cabo a insídia tramada.

“E, deixando-o, retiraram-se”, levando consigo sua infidelidade a par do estupor.

23 “Naquele mesmo dia, os saduceus, que dizem não haver ressurreição, aproximaram-se dele” – Havia duas seitas entre os judeus: uma era a dos fariseus, outra, a dos saduceus. Os fariseus vangloriavam-se da justiça das tradições e observâncias que eles chamavam de deutérôsis,⁷⁷⁵ daí serem pelo povo designados como “separados”. Os saduceus, por sua vez, que se podem traduzir por “justos”, também reivindicavam para si qualidades que, na verdade, não tinham. Enquanto aqueles primeiros criam na ressurreição de corpo e alma, e acreditavam na existência dos anjos e dos espíritos, esses últimos negavam tudo isso, segundo os Atos dos Apóstolos.⁷⁷⁶ São essas as duas casas a respeito das quais ensina Isaías, de modo claro,⁷⁷⁷ que haviam de tropeçar na pedra de escândalo.

23-25 “E interrogaram-no: ‘Mestre, Moisés disse: Se um homem morrer sem filhos, o irmão dele case-se com a viúva e dê, assim, uma posteridade a seu irmão. Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro casou-se e morreu’”, e o restante. – Os que não acreditavam na ressurreição dos corpos e pensavam que morria a alma juntamente com o corpo inventam apropriadamente uma narrativa como essa, de modo a evidenciar o delírio dos que afirmam haver ressurreição dos mortos. Pode dar-se, de fato, que coisa semelhante por vezes tenha ocorrido na sua nação.

28 “Na ressurreição, de qual dos sete será a mulher, uma vez que todos a tiveram?” – Objetam a torpeza de uma narrativa para negar a verdade da ressurreição.

29 “Respondeu-lhes Jesus: ‘Errais, não compreendendo as Escrituras nem o poder de Deus’” – Erram eles precisamente por ignorar as Escrituras e, uma vez que ignoram as Escrituras, ignoram, por conseguinte, o poder de Deus, isto é, Cristo, que é poder de Deus e sabedoria de Deus.⁷⁷⁸

30 “Na ressurreição, com efeito, não se casarão nem se darão em casamento” – O uso latino não corresponde ao idioma grego. Diz-se propriamente que as mulheres casam-se e os homens tomam esposas. Mas entendamos aqui simplesmente o que foi dito, a saber, que “casar-se” foi escrito em referência aos homens e “dar-se em casamento”, às esposas. Se, na ressurreição, não se casarão nem se darão em casamento, logo hão de ressuscitar os corpos que podem casar-se e dar-se em casamento. Ninguém diz, por certo, a respeito de uma pedra, de uma árvore, e de outros seres que não possuem órgãos genitais, que não se casam nem se dão em casamento, mas sim a respeito daqueles que, conquanto possam casar-se, por algum motivo não o fazem.⁷⁷⁹ O que se ajunta, por outro lado: “Mas serão como os anjos de Deus no céu”, está a garantir uma vida de natureza espiritual.

31-32 “Quanto à ressurreição dos mortos, não lestes o que Deus vos disse: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó?⁷⁸⁰ Ora, não é ele um Deus de mortos, mas de vivos” – Para demonstrar a verdade da ressurreição, pôde o Senhor fazer uso de muitos outros exemplos mais claros, dentre os quais figura aquele: “Levantar-se-ão os mortos, ressurgirão os que estão nos sepulcros”,⁷⁸¹ e, noutro lugar: “Muitos daqueles que dormem no pó da terra despertarão, uns para a vida, outros para o opróbrio, para a confusão eterna”.⁷⁸² Pergunta-se, pois, por que terá querido o Senhor, para sua argumentação, proferir este testemunho que parece pouco claro, ou não referir-se suficientemente bem à verdade da ressurreição: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”; e, não obstante, como se tivesse demonstrado o que queria, depois de tê-lo proferido, ele ajunta imediatamente: “Ora, não é ele um Deus de mortos, mas de vivos”. E as multidões que estavam ali ao redor, reconhecendo o mistério dessa realidade, admiraram-se com o ensinamento da sua resposta. Dissemos acima que os saduceus, que não acreditavam em anjo, nem em espírito, nem na ressurreição dos corpos, pregavam a morte também das almas. Aceitavam tão somente os cinco livros de Moisés,⁷⁸³ rejeitando os vaticínios dos profetas. Seria, portanto, um procedimento estulto proferir testemunhos cuja autoridade eles não seguissem. Assim sendo, para demonstrar a eternidade das almas, o Senhor aduz um exemplo tomado de Moisés: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó” e,

logo em seguida, acrescenta: “Ora, não é ele um Deus de mortos, mas de vivos”, para que, tendo-se provado que as almas permanecem após a morte – pois, caso não pudessem subsistir de forma alguma, não poderia dar-se que Deus fosse o Deus delas –, se introduzisse conseqüentemente também a ressurreição dos corpos, que, em conjunto com as almas, praticaram o bem ou o mal. O apóstolo Paulo desenvolve essa verdade de modo mais completo na última parte da primeira epístola aos Coríntios.⁷⁸⁴

34-37 “Sabendo os fariseus que Jesus reduzira ao silêncio os saduceus, reuniram-se, e um deles, doutor da Lei, fez-lhe esta pergunta para pô-lo à prova: ‘Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?’ [22,37] Respondeu-lhe Jesus: ‘Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração’”, e o restante. – O que lemos a respeito de Herodes e de Pôncio Pilatos, isto é, que, quando da morte do Senhor, teriam feito as pazes, vemo-lo também agora em relação aos fariseus e aos saduceus. Eles são contrários entre si, mas, para pôr Jesus à prova, entram em acordo, movidos como estavam por semelhante pensamento. Ora, os que anteriormente tinham sido já confutados no episódio da exibição do denário e tinham visto derrotada a facção dos opositores deveriam ter-se deixado admoestar pelo exemplo, a fim de não mais tramar insídias; a malevolência, no entanto, e a inveja soem nutrir a falta de vergonha. Um dos doutores da Lei interroga, não movido pelo desejo de saber, mas para pôr à prova se o interrogado conhecia o que se lhe interrogava, qual seria o maior mandamento. Não perguntava dos mandamentos em geral, mas qual deles seria o maior, para que, sendo grande tudo aquilo que Deus mandou, tivesse ocasião de caluniar o Senhor, seja lá como respondesse ele a essa pergunta, afirmando ser um o maior entre outros vários. Todo aquele, portanto, que conhece a resposta e mesmo assim pergunta, não com o anseio de aprender, mas empenhado em averiguar se quem há de responder também a conhece, aproxima-se do outro à semelhança dos fariseus, não como um discípulo, e sim como um tentador.

Livro 4

[Mt 22,41–28,20]

De quem o Messias é filho, os escribas na cátedra de Moisés, ninguém na terra seja chamado de pai

22,41-44 “Como os fariseus se agrupassem, Jesus interrogou-os: ‘Que pensais vós de Cristo? De quem é filho?’ Responderam: ‘De Davi!’ ‘Como, então’, prosseguiu Jesus, ‘Davi, falando sob inspiração do Espírito, chama-o Senhor, dizendo: Disse o Senhor a meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos por escabelo de teus pés?’”⁷⁸⁵ – Os que se tinham reunido para tentar o Senhor e almejavam surpreender a Verdade com uma interrogação fraudulenta deram ensejo a ser confutados e passam a ser, então, interrogados acerca do Cristo, quando se lhes pergunta de quem seria ele filho. A pergunta de Jesus serve-nos até hoje no embate contra os judeus. Os que confessam, com efeito, que o Cristo está para vir, afirmam que é ele um simples homem, um varão, por mais santo que seja, originário da descendência de Davi. Interroguemo-los, pois, ensinados que fomos pelo Senhor: ora, se Cristo é um simples homem, como é que Davi o chama de seu Senhor, sem que o faça hesitante em virtude de um erro nem movido por vontade própria, mas no Espírito Santo? Um testemunho aduzido por ele, além disso, foi tomado do salmo 109°. Cristo é chamado, portanto, Senhor de Davi não segundo a realidade em que dele nasceu, mas porque, nascido do Pai, existiu desde sempre, antecipando-se até mesmo ao pai da sua carne. Os judeus, para escarnecer da verdade da interrogação, inventam muitos argumentos frívolos, afirmando que havia um servo de Abraão que tivera por filho Eliezer de Damasco,⁷⁸⁶ e que o salmo teria sido escrito em seu nome, já que, depois da derrota dos cinco reis, o Senhor Deus disse ao senhor deste, isto é, a Abraão: “Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos por escabelo de teus pés”. Interroguemo-los, então: como é que disse Deus a Abraão as palavras que se seguem, a saber, “a potestade está contigo, no dia do teu poder em meio a santos esplendores, gerei-te do útero antes da aurora”,⁷⁸⁷ e ainda: “O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec”?⁷⁸⁸ E obriguemo-los a responder como foi Abraão gerado antes da aurora, e como foi sacerdote segundo a ordem de Melquisedec aquele por quem Melquisedec ofereceu pão e vinho, e de quem recebeu os dízimos dos despojos de guerra.⁷⁸⁹

46 “Ninguém pôde responder-lhe nada. E, depois daquele dia, ninguém mais ousou interrogá-lo” – Procurando os fariseus e saduceus uma ocasião de caluniar e de encontrar alguma palavra que se prestasse às suas insídias, ao se verem confutados por meio das palavras, já não o interrogam, mas o entregam de forma muito clara, uma vez preso, à potestade romana. A partir daí entendemos que os tormentos da inveja⁷⁹⁰ podem, certamente, superar-se, mas dificilmente se apaziguam.

23,1-3 “Dirigindo-se, então, Jesus à multidão e aos seus discípulos, disse: ‘Os escribas e os fariseus sentaram-se na cadeira de Moisés. Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois dizem e não fazem’” – O que pode haver de mais manso, de mais benigno que o Senhor? É tentado pelos fariseus, as insídias destes são desmascaradas e, segundo o salmista, “as flechas dos pequenos fizeram-se o flagelo deles”,⁷⁹¹ e, não obstante, em razão do sacerdócio e da dignidade dessa condição, exorta os povos a que se submetam a eles, considerando não as obras que faziam, mas a sua doutrina. O que diz, por outro lado: “Os escribas e os fariseus sentaram-se na cadeira de Moisés”, mostra a doutrina da Lei pela imagem da cadeira. Logo, também aquilo que se diz num salmo: “Nem se assenta na cadeira da pestilência”,⁷⁹² e ainda: “Derrubou os bancos dos vendedores de pombas”,⁷⁹³ devemos tomar como referindo-se à doutrina.

4 “Atam fardos pesados e esmagadores e com eles sobrecarregam os ombros dos homens, mas não querem movê-los sequer com o dedo” – Isto se dirige em geral contra aqueles mestres que ordenam coisas grandes e não fazem as de menor monta. Note-se, porém, que tanto os ombros como o dedo, tanto os fardos pesados como os laços com que se atam os fardos devem ser entendidos espiritualmente.

5 “Fazem todas as suas ações para serem vistos pelos homens” – Todo aquele que faz seja lá o que for para ser visto pelos homens é um escriba, um fariseu.

5-7 “Por isso trazem largas faixas e longas franjas nos seus mantos. Gostam dos primeiros lugares nos banquetes e das primeiras cadeiras nas sinagogas. Gostam de ser saudados nas praças públicas e de fazer-se chamar ‘Rabi’ pelos homens” – Ai de nós, miseráveis, a quem chegaram os vícios dos fariseus! Tendo o Senhor outorgado os mandamentos da Lei por meio de Moisés, ajuntou no fim: “Atá-los-ás à tua mão, e estarão imóveis diante dos teus olhos”.⁷⁹⁴ E o sentido disso é o seguinte: estejam em tuas mãos os meus preceitos para que sejam cumpridos no teu proceder; estejam diante dos teus olhos para que, dia e noite, medites sobre eles. Os fariseus, ao interpretar mal essas ordens, escreviam em pequenos pergaminhos o decálogo de Moisés, isto é, as dez palavras da Lei, dobrando-os e atando-os à frente, o que ficava parecendo como que uma coroa e levava a que os tivessem sempre diante dos olhos, coisa que até hoje fazem os indianos e babilônios; e quem assim agisse era tido pelo povo na conta de religioso. Moisés ordenara também que fizessem pender dos quatro cantos dos mantos fímbrias cor de jacinto,⁷⁹⁵ para que o povo de Israel fosse reconhecido e, assim, a sua vestimenta tivesse alguma diferença, do mesmo modo como se dava, como sinal da nação judaica, a circuncisão nos corpos. Os mestres supersticiosos, desejosos do apoio popular e almejando o que pudessem vir a lucrar com mulherzinhas, faziam longas fímbrias e nelas atavam espinhos muito agudos, para que fossem, dessa forma, aguilhoados, quer estivessem andando quer se sentassem, e, movidos por esse estímulo, se recordassem de seus deveres para com o Senhor e das funções do seu ministério. Porquanto dissera o Senhor: “Fazem todas as suas ações para serem vistos pelos homens”, acusação lançada de modo geral, começa ele então a dividi-la em partes. Chamavam aquelas tirinhas em que estava escrito o decálogo de filactérias;⁷⁹⁶ e todo aquele que as tivesse as teria como que para sua própria guarda e proteção, sem que os fariseus entendessem que tais palavras se devem levar no coração, e não no corpo. De resto, também armários e arcas contêm os livros, mas não possuem o conhecimento de Deus. Fazem isso muitas vezes entre nós, e até hoje umas mulherzinhas supersticiosas que têm, por certo, zelo de Deus, mas não um zelo de acordo com a ciência,⁷⁹⁷ com relação a pequeninos trechos evangélicos, ao lenho da cruz e a coisas desse tipo, “coando um mosquito e engolindo um camelo”. Desse gênero era a fímbria pequena e curta, prescrita pela Lei, que tocou também, no manto do Senhor, aquela mulher que padecia do fluxo de sangue, mas não foi ela aguilhada pelos espinhos supersticiosos dos fariseus; foi, pelo contrário, curada ao seu toque.⁷⁹⁸ E enquanto estendem aqueles superfluamente as filactérias e grandes fímbrias

fazem, desejosos da glória que vem dos homens,⁷⁹⁹ são repreendidos ainda por procurarem os primeiros lugares nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, por andarem publicamente atrás da gula e da vanglória, e por fazerem-se chamar Rabi pelos homens, termo que, no idioma latino, se diz magister.⁸⁰⁰ O texto segue, então:

8-10 “Mas vós não vos façais chamar ‘Rabi’, porque um só é o vosso mestre, [...] e a ninguém chameis de pai sobre a terra, porque um só é o vosso Pai, que está nos céus, nem vos façais chamar de mestres, porque só tendes um Mestre, o Cristo” – Não se há de chamar mestre nem pai a qualquer outro, a não ser a Deus Pai e a nosso Senhor Jesus Cristo. Pai, porque dele é que provêm todas as coisas.⁸⁰¹ Mestre, porque por meio dele foram feitas, ou porque, pela dispensação da carne, fomos todos reconciliados com Deus.⁸⁰² Pergunta-se por que, contrariando esse preceito, o Apóstolo disse que era doutor dos pagãos,⁸⁰³ ou como é que, sobretudo nos mosteiros da Palestina e do Egito, os monges se chamem ordinariamente de pais. A questão resolve-se assim: uma coisa é ser pai ou mestre por natureza, outra é sê-lo por indulgência. Se nós chamamos um homem de pai, fazemos honra à sua idade e não indicamos que seja ele o autor da nossa vida. “Mestre” diz-se, também, em decorrência da comunhão com o verdadeiro Mestre. E, para não replicar com infindos argumentos, assim como o fato de haver um único Deus por natureza e seu único Filho não impede que outros se chamem deuses e filhos por adoção, do mesmo modo, que haja um único Pai e um único Mestre não impede que outros se chamem abusivamente pais e mestres.

Enfrentamentos com escribas e fariseus, o sangue de Abel e de Zacarias

13 “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Vós fechais aos homens o Reino dos Céus; vós mesmos não entrais, nem deixais que entrem os que querem entrar” – Os escribas e os fariseus têm conhecimento da Lei e dos Profetas, sabem que o Cristo é Filho de Deus, não ignoram que nasceu da Virgem, mas, à medida que tratam de dominar o povo que lhes está sujeito, não entram eles próprios nos Reinos do Céu nem permitem que entrem aqueles que poderiam entrar. É o que, no profeta Oseias, o Senhor lhes censura: “Os sacerdotes esconderam o caminho, mataram em Siquém”,⁸⁰⁴ e ainda: “Os sacerdotes não disseram onde está o Senhor”.⁸⁰⁵ Em suma, todo mestre que, por certo, escandaliza com obras más os seus discípulos fecha o Reino dos Céus diante deles.

15 “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Percorreis mares e terras para fazer um prosélito e, quando o conseguis, fazeis dele um filho da geena duas vezes pior que vós mesmos” – Não conservamos as coisas que procuramos com aquele mesmo empenho com que as procuramos. Os escribas e os fariseus, percorrendo o mundo inteiro, tanto por motivo de negócios e para tirar proveito de seus discípulos, como por passar uma imagem de santidade, empenhavam-se em fazer algum prosélito dentre os pagãos, ou seja, em unir um estrangeiro e incircunciso ao povo de Deus. Mas aquele que, anteriormente, quando pagão, estava simplesmente no erro e era filho da geena uma vez só, por ter visto os vícios dos mestres e compreendido que eles destruíam com as obras o que ensinavam com as palavras, regressa ao seu vômito⁸⁰⁶ e, tornando a viver como pagão, será, qual prevaricador, digno de uma pena maior. É chamado, por outro lado, de filho da geena como se dissesse filho da perdição, ou filho deste século. Cada um é, com efeito, chamado filho daquele cujas obras realiza.

16-22 “Ai de vós, guias cegos! Vós dizeis: ‘Se alguém jura pelo templo, isto não é nada; mas se jura pelo ouro do templo, é obrigado pelo seu

juramento’. Insensatos e cegos! Qual é o maior? O ouro, ou o templo que santifica o ouro? E dizeis ainda: ‘Se alguém jura pelo altar, não é nada; mas se jura pelo dom que está sobre ele, é obrigado’. Cegos! Qual é o maior? O dom, ou o altar que santifica o dom? Aquele que jura pelo altar, jura ao mesmo tempo por tudo que está sobre ele. Quem jura pelo templo, jura ao mesmo tempo por aquele que nele habita. E aquele que jura pelo céu, jura ao mesmo tempo pelo trono de Deus, e por aquele que nele está sentado” – Explicamos acima,⁸⁰⁷ conforme nos pareceu, o que significava a tradição dos fariseus que diziam: “O que ofereci a Deus tornará em proveito teu”;⁸⁰⁸ agora, porém, é condenada uma dupla tradição dos fariseus, que os arrastava a uma só ocasião de avareza, de sorte que são repreendidos por fazer todas as coisas com vistas ao lucro, não movidos pelo temor de Deus. Assim, pois, como nas filactérias e nas fímbrias alongadas, a fama de santidade perseguia a glória e, por ocasião da glória, procurava lucros, o Senhor repreende os mestres da impiedade ao terem eles encontrado um novo artifício de tradição. Se alguém, numa contenda ou nalguma altercação, ou ainda ante a ambiguidade de um assunto, tivesse jurado pelo templo e fosse, mais tarde, descoberto como mentiroso, não era considerado réu de crime; se, pelo contrário, tivesse jurado pelo ouro e pelo dinheiro que, no templo, era oferecido aos sacerdotes, era obrigado, no mesmo instante, a pagar aquela importância sobre a qual jurara. Do mesmo modo, se alguém tivesse jurado pelo altar, ninguém o considerava réu de perjúrio; se, pelo contrário, tivesse perjurado ao dom ou às oferendas, isto é, à vítima ou aos sacrifícios em flor de farinha e noutras coisas que a Deus são oferecidas sobre o altar, com muito empenho se lhe reclamavam tais ofertas. O Senhor os repreende, portanto, tanto por sua estultícia como por fraude, porque o templo é muito maior que o ouro, que é santificado pelo templo; e o altar é muito maior que a vítima, que é santificada pelo altar. Faziam eles tudo isso não movidos pelo temor de Deus, mas sim pela cobiça de riquezas.

23 “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e desprezais os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia, a fidelidade. Eis o que era preciso praticar em primeiro lugar, sem, contudo, deixar o restante” – Na Lei, são ordenadas muitas coisas que manifestam antecipações tipológicas de realidades futuras, e outras, por sua vez, que são claras, conforme o salmista que diz: “O mandamento do Senhor é luminoso, esclarece os olhos”,⁸⁰⁹ e se orientam

à prática imediata, por exemplo: “Não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho”, e assim por diante.⁸¹⁰ Os fariseus, não obstante, já que ordenara o Senhor que, por ora – para deixarmos de lado os entendimentos místicos –, fossem oferecidos os dízimos de todas as coisas no templo com vistas à subsistência dos sacerdotes e dos levitas, cuja parte era o Senhor, tinham seu único empenho em fazer com que se recolhessem os dízimos que foram determinados; com relação a outras coisas, porém, que eram mais importantes, pouco se lhes dava se alguém as praticasse ou não. Por causa disso, então, o Senhor os repreende por sua avareza, ou seja, por exigirem com afinco inclusive os dízimos de vis hortaliças, deixando de lado, porém, a justiça na tramitação dos negócios, a misericórdia para com os pobres, os órfãos e as viúvas, e a fidelidade para com Deus, que são grandes coisas.

24 “Guias cegos! Filtrais um mosquito e engolis um camelo” – Penso que camelo estaria a indicar, segundo o sentido da presente passagem, quer a magnitude dos preceitos, quer a justiça, a misericórdia e a fidelidade; o mosquito, por outro lado, significa os dízimos da hortelã, do endro e do cominho, bem como o de outras vis hortaliças. Enquanto tragamos e negligenciamos, contra o preceito de Deus, aquelas realidades grandes, almejando fama de religião, demonstramos diligência para com essas pequenas coisas que trazem algum lucro.

25-26 “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Limpais por fora o copo e o prato, e por dentro estais cheios de roubo e de intemperança. Fariseu cego! Limpa primeiro o interior do copo e do prato para que também o que está fora fique limpo” – Com palavras diferentes, e no mesmo sentido como acima o fizera, repreende os fariseus por sua simulação e por mentira, uma vez que mostravam exteriormente uma coisa aos homens, e faziam outra dentro de casa. Não é que sua superstição se detivesse no copo e no prato, mas eles mostravam externamente aos homens uma santidade que consistia no vestido, na palavra, nas filactérias, nas fímbrias, na longa duração das orações e noutras coisas do tipo, enquanto, interiormente, estavam cheios das manchas dos vícios.

27 “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Sois semelhantes aos sepulcros caiados: por fora, parecem formosos aos olhos dos homens, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda espécie de podridão” – O que demonstrara o Senhor ao falar do copo e do prato, a saber, que por fora estavam lavados, mas por dentro se achavam sujos, repete agora por meio da imagem dos sepulcros, pois assim como os sepulcros são limpos por fora com a cal, ornamentados de mármore e destacados pelo ouro e cores variadas, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos, do mesmo modo se portam os mestres perversos, que ensinam uma coisa e fazem outra; por mais pureza no aspecto do vestido e mais humildade nas palavras que eles demonstrem, por dentro estão repletos de toda a podridão: quer de avareza, quer de impureza. Expressa, por fim, isto mesmo de um modo mais claro, ao acrescentar:

28-31 “Assim também vós, por fora pareceis justos aos olhos dos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Edificais sepulcros aos profetas, adornais os monumentos dos justos, e dizeis: ‘Se tivéssemos vivido no tempo de nossos pais, não teríamos manchado nossas mãos como eles no sangue dos profetas...’. Testemunhais assim contra vós mesmos que sois, de fato, os filhos dos assassinos dos profetas” – Com um silogismo extremamente hábil, repreende-os como filhos que eram de homicidas, na medida em que, granjeando-se reputação de bondade e de glória em meio aos povos, edificam sepulcros aos profetas que seus antepassados mataram, e dizem: “Vivêssemos nós naquele tempo, não teríamos feito o que fizeram os nossos pais”. E, mesmo que não o digam com palavras, falam em seu procedimento, pelo mesmo fato de edificarem ambiciosa e pomposamente ditos túmulos aos mortos que não negam ter sido trucidados por seus próprios pais.

32 “Acabai, pois, de encher a medida de vossos pais!” – Uma vez provado, pelo que acima se disse, que eles eram filhos de homicidas, e daqueles que tinham assassinado os profetas, conclui agora o Senhor com aquilo que

tinha querido dizer e apresenta como que a parte final do silogismo: “Acabai, pois, de encher a medida de vossos pais!”. Completai vós o que lhes faltou. Eles mataram os servos, crucificai vós o Senhor! Eles mataram os profetas, matai vós aquele que pelos profetas foi pregado!

33 “Serpentes! Raça de víboras! Como escapareis ao castigo do inferno?” – Isso mesmo também o dissera João Batista.⁸¹¹ Assim como nascem das víboras outras víboras, diz ele, do mesmo modo nasceis vós, que sois homicidas, de pais homicidas.

34 “Vede, eu vos envio profetas, sábios, escribas [...]. Matareis e crucificareis uns e açoitareis outros nas vossas sinagogas. Persegui-los-eis de cidade em cidade” – O que anteriormente disséramos relacionar-se com a Pessoa do Senhor: “Acabai, pois, de encher a medida de vossos pais!”, porque haveria ele de ser morto por aqueles homens, pode referir-se igualmente aos seus discípulos, a respeito dos quais agora diz: “Vede, eu vos envio profetas, sábios, escribas... Matareis e crucificareis uns e açoitareis outros nas vossas sinagogas. Persegui-los-eis de cidade em cidade” para acabardes de encher a medida de vossos pais. Observa, ao mesmo tempo, que, de acordo com o Apóstolo que escreve aos coríntios, variados são os dons dos discípulos de Cristo:⁸¹² uns são profetas, que anunciam o que há de vir; outros, sábios, que sabem quando devem pronunciar uma palavra; outros, escribas, muito instruídos na Lei. Dentre eles, foi lapidado Estêvão, assassinado Paulo, crucificado Pedro,⁸¹³ flagelados os discípulos nos Atos dos Apóstolos.⁸¹⁴ Perseguiram-nos de cidade em cidade, expulsando-os da Judeia a fim de que transmigrassem para o povo dos pagãos.

35-36 “Para que caia sobre vós todo o sangue inocente que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que foi morto entre o templo e o altar. Em verdade vos digo, todos esses crimes pesam sobre esta geração” – Quanto a Abel, não há dúvida alguma de que se trate daquele a quem seu irmão Caim matou.⁸¹⁵ E se comprova que ele era justo não apenas pela sentença do Senhor agora

proferida, mas também pelo testemunho do Gênesis, no qual se narra que seus dons tinham sido aceitos por Deus.⁸¹⁶ Perguntamos quem seria este Zacarias, filho de Baraquias, pois lemos ter havido muitos com o mesmo nome. E, para que não se nos desse livre faculdade de errar, acrescentou-se: “A quem matastes entre o templo e o altar”. Há de ler diferentes posições em diferentes autores, e eu devo mencionar as opiniões de cada um. Uns dizem que Zacarias, filho de Baraquias, é o que figura no undécimo lugar entre os doze profetas, e em quem o nome do pai corresponde ao referido, mas a Escritura não fala quando é que foi morto entre o templo e o altar, mormente se levarmos em conta que, em seu tempo, do templo não restavam senão ruínas. Outros querem que se entenda tratar-se de Zacarias, pai de João Batista, reconhecendo, a partir de certos devaneios dos apócrifos, que ele teria sido morto porque pregou a vinda do Salvador. Por não contar essa posição com uma autoridade derivada das Escrituras, pode ser desprezada com a mesma facilidade com que se faz aceitar. Outros, ainda, querem que esse Zacarias seja o que foi morto por Joás, rei de Judá, entre o templo e o altar, conforme narra a história dos reinos. Há de observar-se, porém, que aquele Zacarias não é filho de Baraquias, mas sim do sacerdote Jojada, a ponto de a Escritura referir: “Joás, esquecido dos benefícios que Jojada, o pai dele, lhe dispensara...”.⁸¹⁷ Ao nos depararmos então com Zacarias e com que o local do seu assassinato corresponde, perguntamos por que é dito filho de Baraquias, e não de Jojada. Baraquias, em nossa língua, diz-se “abençoado pelo Senhor”; e, com o nome hebraico do sacerdote Jojada, indica-se justiça.⁸¹⁸ No Evangelho de que fazem uso os nazarenos,⁸¹⁹ encontramos escrito, no lugar de filho de Baraquias, filho de Jojada. Irmãos mais simplórios, ao fazer-nos ver as pedras avermelhadas em meio às ruínas do templo e do altar, ou nas saídas das portas que levam a Siloé, pensam que foram manchadas pelo sangue de Zacarias. Não condenamos um erro que deriva do ódio aos judeus e da piedade da fé. Digamos, brevemente, por que motivo se pedem contas do sangue de Abel, o justo, até o de Zacarias, filho de Baraquias, àquela geração, sendo que esta não matou a nenhum dos dois. É da regra das Escrituras estabelecer duas gerações, a dos bons e a dos maus, isto é, uma para cada um desses grupos. Tomemos exemplos a respeito dos bons: “Quem sobe até o monte do Senhor, ou quem descansa em seu monte santo?”⁸²⁰ E ainda que tivesse descrito a muitos que haveriam de subir ao monte do Senhor, os quais pertenceram a diferentes épocas, o texto acrescenta depois: “Esta é a geração dos que procuram o Senhor, dos que procuram a face do Deus de Jacó”.⁸²¹ E, noutra passagem, falando de todos os santos: “A geração dos justos há de ser

abençoada”.⁸²² Quanto aos maus, por outro lado, assim como na passagem que ora analisamos: “raça de víboras” e “todas as contas se pedirão a esta geração”, também em Ezequiel, tendo descrito os pecados da terra, a palavra profética acrescenta: “Ainda que Noé, Jó e Daniel fossem aí encontrados, não se perdoariam os pecados àquela terra”,⁸²³ dando a entender, por Noé, Jó e Daniel, todos os justos que se lhes houvessem de assemelhar pelas virtudes. Portanto, também aqueles outros que perpetraram contra os apóstolos coisas semelhantes às que cometeram Caim e Joás hão de ser referidos como pertencentes a uma única geração.

A Jerusalém que mata os profetas, a reconstrução do templo

37 “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aqueles que te são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os teus filhos, como a galinha reúne seus pintinhos debaixo de suas asas... e tu não quiseste!” – Jerusalém é aquela – e não invoca as pedras e os edifícios da cidade, mas os seus habitantes – por quem o Senhor pranteia com afeto de pai, do mesmo modo como lemos também noutra passagem que, ao vê-la, chorou.⁸²⁴ E naquilo que diz, por outro lado: “Quantas vezes eu quis reunir os teus filhos”, atesta que todos os profetas do passado tinham sido enviados por ele. Lemos também a comparação da galinha que congrega os pintinhos sob as asas no cântico do Deuteronômio: “Tal qual águia que protege o seu ninho, adejou sobre os filhotes, estendendo as asas os tomou e os transportou sobre sua plumagem”.⁸²⁵

38 “Pois bem, a vossa casa vos será deixada deserta” – Já dissera isto mesmo anteriormente por boca de Jeremias: “Deixei minha casa, abandonei minha herança; tornou-se minha herança qual covil de uma hiena”.⁸²⁶ Comprovamos que deserta ficou a casa dos judeus, isto é, o templo, que antes resplandecia mui majestosamente aos olhos, porque perdeu o Cristo que o habitava e, tratando de arrebatá-lo, matou o Herdeiro.

39 “Porque eu vos digo: Já não me vereis de hoje em diante, até que digais: ‘Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor’” – Fala a Jerusalém e ao povo dos judeus. Ele tomou, por sua vez, este versículo, do qual fizeram uso também os pequeninos e os meninos de peito quando da entrada do Senhor Salvador em Jerusalém, ao dizerem: “Bendito seja quem há de vir em nome do Senhor! Hosana nas alturas!”⁸²⁷ do 117º salmo, que foi claramente escrito em referência à vinda do Senhor; e quer que assim se entenda o que diz: a menos que vos convertais⁸²⁸ e confesseis que eu sou o próprio Filho do Pai todo-poderoso, a respeito de quem os profetas cantaram, não vereis a minha face. Contam os judeus com um tempo de arrependimento que lhes

foi dado; que confessem, pois, bendito aquele que vem em nome do Senhor, e verão a face de Cristo.

24,1-2 “Ao sair do templo, os discípulos aproximaram-se de Jesus e fizeram-no apreciar as construções. Jesus, porém, respondeu-lhes: ‘Vedes todos estes edifícios? Em verdade vos declaro: não ficará pedra sobre pedra; tudo será destruído’” – De acordo com a história dos fatos, o sentido é claro. Ao afastar-se do templo o Senhor, todos os edifícios da Lei, todo o ordenamento dos mandamentos ficou a tal ponto destruído que nada mais pode ser cumprido pelos judeus. E, uma vez suprimida a Cabeça, todos os membros se digladiam entre si.

O sinal da vinda do Filho do Homem, o fim do mundo

3 “Indo ele assentar-se no monte das Oliveiras, chegaram-se os discípulos e, estando a sós com ele, perguntaram-lhe: ‘Quando acontecerá isto? E qual será o sinal da tua vinda e da consumação do mundo?’” – Assenta-se o Senhor no monte das Oliveiras, onde despontava a verdadeira luz da ciência, achegam-se os discípulos, que almejavam conhecer os mistérios e a revelação das realidades futuras, e, em particular, perguntam-lhe três coisas: quando é que Jerusalém havia de ser destruída, quando viria o Cristo e quando aconteceria a consumação do mundo.

5 “Muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Sou eu o Cristo’. E seduzirão a muitos” – Um dos quais é Simão, o samaritano, que, conforme lemos nos Atos dos Apóstolos, se proclamava o grande poder de Deus,⁸²⁹ tendo deixado em seus volumes, entre outras coisas, as seguintes afirmações: “Eu sou a Palavra de Deus”, “eu sou o Belo”, “sou o Paráclito”, “sou o Onipotente”, “sou o todo de Deus”. Mas fala também o apóstolo João em sua epístola: “Vós ouvistes dizer que o Anticristo há de vir: eis que já há, no entanto, muitos anticristos”.⁸³⁰ Sou da opinião de que todos os heresiarcas são anticristos e, sob o nome de Cristo, ensinam doutrinas contrárias a Cristo. E não admira vermos que alguns são seduzidos por eles, uma vez que o Senhor disse que “seduzirão a muitos”.

6 “Ouvireis falar de guerras e de rumores de guerra. Cuidado: não vos perturbeis, porque é preciso que isso aconteça; mas ainda não será o fim” – Quando virmos que tais fatos acontecem, não pensemos que o dia do juízo esteja às portas, mas saibamos que se reserva para um tempo cujo distintivo se detalha mais claramente no que se diz a seguir.

7-8 “Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino, e haverá fome,

peste e grandes desgraças em diversos lugares. Tudo isso será apenas o início das dores” – Não tenho dúvida de que tais situações que foram escritas hajam de acontecer, por certo, literalmente; parece-me, contudo, que um reino levantado contra outro, as pestes daqueles cuja palavra medra qual câncer,⁸³¹ a fome de ouvir a Palavra de Deus, a comoção da terra inteira e a separação da verdadeira fé entendem-se mais propriamente com relação aos hereges, que, lutando reciprocamente contra si mesmos, fazem o triunfo da Igreja. Quanto, porém, ao que disse: “Tudo isso será apenas o início das dores”, melhor se traduz como “das dores do parto”, de sorte que se entenda a vinda do Anticristo como algo já concebido, não dado à luz.

9 “Então sereis entregues aos tormentos, matar-vos-ão” – Através dos apóstolos, indica-se a sorte pessoal de todos os fiéis, e não que, quando isso se der, os apóstolos se acharão ainda a viver em sua condição terrena.

12 “E, ante o progresso crescente da iniquidade, a caridade de muitos se esfriará” – Não negou a perseverança na fé de todos, mas de muitos; porque “muitos são os chamados, poucos os escolhidos”.⁸³² Nos apóstolos, com efeito, e naqueles que se lhes assemelharem, há de permanecer a caridade, da qual foi escrito: “Águas torrenciais não poderão apagar a caridade”,⁸³³ e, no dizer do próprio Paulo: “Quem nos separará da caridade de Cristo? Tribulação, angústia?” etc.⁸³⁴

14 “Este Evangelho do Reino será pregado pelo mundo inteiro para servir de testemunho a todas as nações, e então chegará o fim” – Sinal da vinda do Senhor é que seja pregado o Evangelho no mundo inteiro, de modo que ninguém se possa valer de escusas, e tal pregação ou já se completou, ou vemos que em breve se há de completar, pois não penso que tenha ficado nação alguma que ignore o nome de Cristo, e, ainda que não tenha tido ela própria um pregador, não pode ignorar o rumor da fé que lhe chega de nações vizinhas.

15 “Quando virdes estabelecida no lugar santo a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel – que o leitor o entenda bem” – Quando somos instados à compreensão, demonstra-se ter sentido místico aquilo que se disse. Lemos, por outro lado, em Daniel, o seguinte: “E no meio da semana, fará cessar o meu sacrifício e as libações; e estará no templo a abominação da desolação até a consumação do tempo, e a consumação se dará sobre a solidão”.⁸³⁵ Disso fala também o Apóstolo,⁸³⁶ afirmando que o homem da iniquidade, o adversário, há de elevar-se contra tudo que é divino e sagrado, a ponto de ousar tomar lugar no templo de Deus e de apresentar-se como se fosse Deus. Sua vinda, graças ao poder de Satanás, há de destruir e relegar à solidão de Deus os que o terão acolhido. Isto pode ser entendido simplesmente, por um lado, com relação ao Anticristo, ou à imagem de César que Pilatos mandou colocar no templo, ou ainda à estátua equestre de Adriano que, no exato local do Santo dos Santos, até o presente dia tem permanecido. Segundo a antiga Escritura, abominação designa também um ídolo e, por isso, se ajunta “da desolação”, porque, no templo desolado e destruído, um ídolo foi posto.

16-18 “Então, os habitantes da Judeia fujam para as montanhas. Aquele que está no terraço da casa não desça para tomar o que está em sua casa. E aquele que está no campo não volte para buscar sua túnica” – Por “abominação da desolação” pode entender-se igualmente toda doutrina perversa. Quando a virmos erguer-se no lugar santo, isto é, na Igreja, e apresentar-se como se fosse Deus, devemos fugir da Judeia para as montanhas, ou seja, abandonadas a letra que mata⁸³⁷ e a perversidade judaica, devemos aproximar-nos das eternas montanhas, a partir das quais Deus ilumina de forma maravilhosa;⁸³⁸ devemos permanecer no terraço, sobre o telhado, aonde não podem chegar as inflamadas setas do diabo, e não descer para apanhar algo da casa de nossa vida pregressa, nem para procurar o que ficou para trás, mas, pelo contrário, havemos de semear no campo das Escrituras espirituais, de modo a colhermos dele os seus frutos. E não devemos buscar a outra túnica, que os apóstolos são proibidos de ter.⁸³⁹ A respeito desta passagem, isto é, da abominação da desolação que se ergue no lugar santo, como mencionada foi pelo profeta Daniel, Porfírio lançou contra nós muitas blasfêmias no 13º volume da sua obra,⁸⁴⁰ e a ele respondeu Eusébio, bispo de Cesareia, em três volumes, a saber, no 18º, no 19º e no vigésimo. Também Apolinário⁸⁴¹ escreveu mui abundantemente, e

em vão se esforçou em querer discorrer num único capítulo a respeito de um assunto que foi tratado em tantos milhares de linhas.

19 “Ai das mulheres que estiverem grávidas ou amamentarem naqueles dias!” – Ai daquelas almas que não tiverem desenvolvido os seus germes até o estado de varão perfeito, mas contarem apenas com os rudimentos da fé, de modo a necessitar de nutrição da parte de mestres. Pode-se dizer também que, na perseguição do Anticristo ou do cativo romano, as grávidas e lactantes não teriam podido fugir adequadamente em decorrência do fardo de um útero pesado, ou dos filhos que carregariam.

20 “Rogai para que vossa fuga não seja no inverno, nem em dia de sábado” – Se quisermos entendê-lo em referência ao cativo de Jerusalém, quando a cidade foi tomada por Vespasiano e por Tito, deveriam rogar para que sua fuga não ocorresse no inverno nem em dia de sábado porque, no primeiro caso, a inclemência do frio impediria que corresse aos desertos e se escondessem nas montanhas e em lugares ermos e, no segundo, ver-se-iam entre a transgressão da Lei, caso quisessem fugir, e a morte iminente, caso permanecessem. Se isso for entendido em referência à consumação do mundo, o Senhor mandou que nossa fé não se esfriasse, nem a nossa caridade por Cristo, de sorte que tampouco nos entorpecemos ociosos nas obras de Deus, como que num sábado da prática das virtudes.

22 “Se aqueles dias não fossem abreviados, criatura alguma escaparia, mas por causa dos escolhidos, aqueles dias serão abreviados” – Devemos entender esses dias abreviados não segundo os delírios de alguns, que pensam que os instantes de tempo se tenham modificado e não se lembram daquilo que está escrito: “Por ordenação tua, permanece o dia”,⁸⁴² mas sim segundo a natureza dos tempos, ou seja, os dias foram abreviados não em medida, mas em número, de sorte que, tal como se diz na bênção: “Eu o cumularei com longos dias”,⁸⁴³ também agora se entendam os dias abreviados, para que a fé dos crentes não seja abatida pela demora dos tempos.

23 “Então, se alguém vos disser: ‘Eis aqui o Cristo!’, ou: ‘Ei-lo acolá!’, não creiais” – Muitos líderes houve, no tempo do cativo judeu, que se diziam o Cristo, a tal ponto que, durante o cerco romano, três facções diferentes se levantaram dentro da cidade.⁸⁴⁴ Mas isso se entende melhor com respeito à consumação do mundo.

24-25 “Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas, que farão milagres a ponto de induzir em erro, se isto fosse possível, até mesmo os escolhidos. Eis que vo-lo predisse” – Como já disse antes,⁸⁴⁵ esta passagem deve ser exposta de três maneiras, a saber, ou em relação ao tempo do cerco romano, ou em relação à consumação do mundo, ou ainda levando-se em conta a luta dos hereges contra a Igreja, e essa espécie de anticristos que, valendo-se da conjectura de uma falsa ciência, combatem contra Cristo.

26 “Se, pois, vos disserem: ‘Vinde, ele está no deserto’, não saiais; ou: ‘Lá está ele em casa’, não o creiais” – Se alguém vos assegurar que o Cristo habita no deserto dos pagãos ou no ensinamento dos filósofos, ou ainda na casa dos hereges, que alardeiam dos mistérios de Deus, não saiais, não o creiais. Em outras palavras, uma vez que, em tempo de perseguição e de angústias, os falsos profetas sempre encontram ocasião de enganar, se alguém se quiser gloriar sob o nome de Cristo, não lhe presteis de imediato o assentimento da fé.

27 “Porque, como o relâmpago parte do Oriente e ilumina até o Ocidente, assim será a volta do Filho do Homem” – Não saiais, não creiais que o Filho do Homem se encontre no deserto dos pagãos, ou na casa dos hereges, mas sim que a sua fé ilumina, do Oriente ao Ocidente, nas Igrejas católicas. Deve-se dizer igualmente que a segunda vinda do Salvador não se há de mostrar na humildade, como a primeira, mas na glória. É estulto, portanto, procurar num lugar pequeno ou escondido aquele que é a luz do mundo inteiro.

28 “Onde houver um corpo, aí se ajuntarão também as águias” – A partir de um exemplo natural, que podemos ver no dia a dia, somos instruídos no mistério de Cristo. Diz-se que as águias e os abutres sentem a presença dos cadáveres, mesmo além dos mares, e se ajuntam ao redor desse tipo de comida. Ora, se abutres irracionais percebem, por instinto natural, onde jaz um pequeno cadáver, mesmo separados dele por tão longas distâncias em terra e pelas ondas do mar, quanto mais devemos nós, e toda a multidão dos crentes, ter a pressa de reunir-nos junto àquele cujo resplendor sai do Oriente e aparece até no Ocidente! Podemos entender ainda “corpo”, isto é, *ptōma*, que muito significativamente se diz, em latim, *cadaver*,⁸⁴⁶ pelo fato de que cai em razão da morte, em referência à paixão de Cristo à qual somos chamados, de modo a congregar-nos onde quer que, nas Escrituras, ela se leia para podermos, por meio dela, ter acesso ao Verbo de Deus, tal como se dá com aquela passagem: “Transpassaram as minhas mãos e os meus pés”;⁸⁴⁷ e em Isaías: “Como ovelha conduzida à matança”,⁸⁴⁸ e noutras semelhantes a essas. Águias, também, são chamados os santos, cuja juventude é renovada como a da águia e que, conforme Isaías, se revestem de penas e tomam asas para poder acercar-se à paixão de Cristo.⁸⁴⁹

29 “Logo após estes dias de tribulação, o sol escurecerá, a lua não terá claridade, cairão do céu as estrelas e as potências do céu serão abaladas” – O sol e a lua escurecerão, já não terão claridade, os outros astros cairão do céu e as potências dos céus serão abaladas, o que não significa que ocorrerá por uma diminuição da luz – pois lemos que o sol há de ter um resplendor sete vezes maior⁸⁵⁰ –, mas que, em comparação com a verdadeira Luz, tudo parecerá tenebroso aos olhos. Se, portanto, este sol que agora rutila por todo o mundo, a lua que é o segundo luzeiro, as estrelas que, para alento da noite, foram acesas e todas as potências que entendemos ser as multidões de anjos, tudo isso será tido na conta de trevas quando da vinda de Cristo, que se abata a sobrançeria daqueles que, tendo-se por santos, não temem a presença do Juiz.

30 “Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem” – Este sinal

havemos de entender como sendo a cruz, de modo que vejam os judeus, conforme Zacarias e João, aquele a quem transpassaram,⁸⁵¹ ou o estandarte da triunfante vitória.

“Todas as tribos da terra baterão no peito” – Chorarão os que não tiverem encontrado morada nos céus, e ficarão adscritos à terra.

31 “Ele enviará seus anjos com a trombeta estridente” – Dessa trombeta, fala também o Apóstolo,⁸⁵² e lemos no Apocalipse de João.⁸⁵³ No Antigo Testamento, ordenou-se que se fizessem trombetas batidas de ouro, de bronze e de prata, para que ressoassem os mistérios sublimes das doutrinas.⁸⁵⁴

O ramo da figueira, os dias de Noé, os dois no campo, o servo prudente

32-33 “Compreendei isto pela comparação da figueira: quando seus ramos estão tenros e crescem as folhas, pressentis que o verão está próximo”, e quanto segue. – Com a imagem da árvore, o Senhor ensinou-nos como há de ser a sua vinda no fim. Assim como, diz ele, compreendeis que, em se fazendo tenros os raminhos numa figueira, quando o seu broto irrompe em flor e seu caule deixa ver as folhas, o verão está chegando, enquanto já sopra o favônio, indício da entrada da primavera, tampouco penseis, quando virdes a realização de todas estas coisas que estão escritas, que a consumação do mundo já se dará então, mas tudo isso vem ao modo de prêmio e de precursores seus, para mostrar que a consumação está próxima, à porta.

34 “Em verdade vos declaro, não passará esta geração antes que tudo isto aconteça” – Dissemos acima⁸⁵⁵ que havia uma geração de bons e, por outro lado, outra de maus. Ora, aqui se faz referência ou a todo gênero humano, ou, em especial, à geração dos judeus.

35 “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão” – O céu e a terra passarão por transformação, não por destruição do que são; do contrário, como é que o sol escurecerá e a lua deixará de ter claridade, como cairão as estrelas se não houver o céu, onde elas estão, nem a terra?

36 “Quanto àquele dia e àquela hora, ninguém o sabe, nem mesmo os anjos do céu, mas somente o Pai” – Em certos códices latinos, acrescentou-se: “nem o Filho”, não obstante, nos gregos, e máxime nos exemplares de Adamâncio e de Piério,⁸⁵⁶ não se ache isso escrito. Mas, como nalguns textos tais palavras se leem, parece que se devem explicar. Regozijam-se Ário e Eunômio,⁸⁵⁷ como se a ignorância do Mestre redundasse na glória dos

discípulos, e dizem: “Não podem ser iguais quem conhece algo e quem o ignora”. Contra eles, deve-se dizer brevemente o seguinte: tendo feito Jesus, isto é, o Verbo de Deus, todos os tempos, pois “tudo foi feito por meio dele e, sem ele, nada foi feito”,⁸⁵⁸ e estando também o dia do juízo incluído em todos os tempos, de acordo com que lógica pode ele ignorar uma parte de algo cuja totalidade conhece? Diga-se ainda: o que é maior, o conhecimento do Pai ou o do juízo? Se ele conhece o que é maior, como é que ignora o que é menor? Lemos que está escrito: “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai”.⁸⁵⁹ Ora, se todas as coisas, que são do Pai, são também do Filho, por que razão teria o Pai reservado a si o conhecimento de um único dia, sem querer partilhá-lo com o Filho? E ainda se ajunte: se Cristo ignora o último dia, ignora também o penúltimo, e todos os anteriores, pois não pode dar-se que quem ignora o primeiro saiba qual é o segundo. Tendo nós demonstrado, portanto, que o Filho não ignora o dia da consumação, deve-se dar uma explicação do motivo por que se diz que ele o ignora. Escreve o Apóstolo acerca do Salvador: “Nele se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”.⁸⁶⁰ Logo, estão em Cristo todos os tesouros da sabedoria e da ciência, mas estão escondidos. Por que estão escondidos? Interrogado pelos apóstolos, depois da ressurreição, a respeito desse dia, ele responde de forma mais clara: “Não vos pertence a vós saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou em seu poder”.⁸⁶¹ Quando diz que “Não vos pertence a vós saber”, mostra que ele próprio sabe, mas não convém aos apóstolos sabê-lo, a fim de que, sempre na incerteza a respeito da vinda do Juiz, vivam eles de tal maneira no seu dia a dia como se no dia seguinte houvessem de ser julgados. Em suma, também a palavra seguinte do Evangelho obriga a que se entenda exatamente isso, ao dizer, em acréscimo, que somente o Pai o sabe: no Pai, esse texto compreende também o Filho, pois todo pai é o nome do filho.⁸⁶²

37-38 “Assim como foi nos tempos de Noé, assim acontecerá na vinda do Filho do Homem. Nos dias que precederam o dilúvio, comiam, bebiam, casavam-se e davam-se em casamento”, e o restante. – Pergunta-se como é que acima se escreveu: “Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino, e haverá fome, peste e grandes desgraças em diversos lugares”, e agora se trazem à baila fatos futuros que são indícios de paz. Mas deve-se considerar, de acordo com o Apóstolo, que depois das lutas e dissensões, da peste, da fome e do terremoto, bem como de outras desgraças com que o gênero humano ficará devastado, há de

seguir-se um breve tempo de paz, que garanta uma tranquilidade geral, para que se consolide a fé dos crentes e, tendo quiçá passado os seus males, esperem eles o Juiz que há de vir. É o que lemos, com efeito, em Paulo: “Quando os homens disserem: ‘paz e segurança’, então repentinamente lhes sobrevirá a destruição como as dores de uma parturiente, e não escaparão”.⁸⁶³

40-41 “Dois homens estarão no campo: um será tomado, o outro será deixado. Duas mulheres estarão moendo no mesmo moinho, uma será tomada e a outra deixada” – Então, ele diz, dois homens estarão no campo, ou seja, quando no tempo da consumação e do juízo, os dois se acharão igualmente no campo, empreendendo o mesmo trabalho e semeando por assim dizer uma semente igual, mas sem receber de modo equivalente os frutos desse trabalho. Duas mulheres estarão, ainda, moendo juntas; uma será tomada e a outra, deixada. Nos dois que trabalham juntos no campo e nas duas que igualmente estão a moer, entende a sinagoga e a Igreja, que parecem moer juntas na Lei e, das mesmas Escrituras, triturar a farinha dos preceitos de Deus, ou então outras heresias que, de ambos os testamentos ou de outro lado, parecem moer a farinha de suas doutrinas; e, por mais que ostentem o único nome cristão, não hão de receber a mesma recompensa, umas sendo tomadas, outras, deixadas.

42 “Vigiai, pois, porque não sabeis a hora em que virá o Senhor” – Mostra claramente por que dissera acima: “Quanto àquele dia e àquela hora, ninguém o sabe”, nem o Filho do Homem, “nem mesmo os anjos do céu, mas somente o Pai”, a saber, por não convir aos apóstolos sabê-lo, de sorte que, pela incerteza de uma expectativa hesitante, creiam que sempre está por vir aquele cuja vinda ignoram. E ele não disse: “Porque não sabemos a hora em que virá o Senhor”, mas não sabeis. Tendo proposto a imagem do pai de família, ensina de modo patente por que cala a respeito do dia da consumação, dizendo:

44-46 “Por isso, estai também vós preparados porque o Filho do Homem virá numa hora em que menos pensardes. Quem é, pois, o servo fiel e prudente que o Senhor constituiu sobre os de sua família, para dar-lhes o

alimento no momento oportuno? Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, na sua volta, encontrar procedendo assim” – O Senhor inculca de forma ainda mais ampla e enfatiza o motivo por que tinha dito que quanto ao dia e à hora da consumação nem os anjos sabiam, nem ele próprio, mas somente o Pai, a saber, por não convir aos apóstolos sabê-lo, e apresenta a imagem do pai de família, isto é, de si mesmo, e dos servos fiéis, ou seja, dos apóstolos, para exortar a que estivessem atentos, a fim de ministrar a seus companheiros de serviço, na esperança das recompensas, o alimento das doutrinas no momento oportuno.

48-49 “Mas se é um mau servo que imagina consigo: ‘Meu senhor tarda a vir’, e se põe a bater em seus companheiros”, e o restante. – Do que foi dito se deduz que, assim como o servo solícito e sempre à espera da vinda do seu senhor entrega a seus companheiros o alimento no devido tempo e vem a ser constituído, depois, sobre todos os bens do pai de família, pelo contrário, quem, conforme diz Ezequiel: “Num longínquo futuro, isto se dará”,⁸⁶⁴ sem pensar que o Senhor está para vir de uma hora para outra, se entregar cheio de si aos banquetes e orgias, há de experimentar o pai de família como Juiz não brando, mas severíssimo.

50-51 “O senhor desse servo virá no dia em que ele não o espera e na hora em que ele não sabe, e o dividirá e o mandará ao destino dos hipócritas” – Ele ensina esta verdade para que saibam que quando não se pensar é que o Senhor há de vir e, com isso, admoestar os dispensadores a uma atitude de vigilância e solícitude. Além do mais, quanto ao que diz: e o dividirá, não se entende que o cortará com uma espada, mas sim que o separará do convívio dos santos e o mandará ao destino dos hipócritas, ou seja, daqueles que estavam no campo e que moíam e, não obstante, foram deixados. Dissemos amiúde que hipócrita é ser uma coisa e demonstrar outra; assim, tanto no campo como ao moinho, parecia o hipócrita fazer a mesma coisa que faz um varão eclesiástico, mas o desenlace de uma vontade diferente teve de aparecer.

As dez virgens, os talentos dados aos servos

25,1-2 “Então, o Reino dos Céus será semelhante a dez virgens, que saíram com suas lâmpadas ao encontro do esposo – e da esposa. Cinco dentre elas eram insensatas e cinco, prudentes”, e quanto segue – Alguns interpretam esta parábola, isto é, esta comparação das dez virgens, umas insensatas e outras prudentes, simplesmente aplicando-a às virgens,⁸⁶⁵ algumas das quais, de acordo com o Apóstolo, são virgens de corpo e de espírito,⁸⁶⁶ ao passo que outras, mantendo a virgindade tão somente dos corpos, ou não fazem as obras condizentes com seu estado de vida, ou, embora guardadas pela custódia dos pais, já contraíram núpcias, não obstante, em seu espírito. Parece-me, entretanto, a partir do que se vinha dizendo, que há aí outro significado, e a parábola diz respeito não aos corpos virginais, mas a todo o gênero humano. Pois, do mesmo modo como os dois homens no campo e as duas mulheres ao moinho significam dois povos,⁸⁶⁷ a saber, o dos cristãos e o dos judeus, ou o dos santos e o dos pecadores, os quais foram constituídos na Igreja e parecem também eles, por certo, arar e moer, mas tudo fazem na hipocrisia; assim, também aqui, as dez virgens englobam todos os homens que parecem crer em Deus e se aplaudem com base nas santas Escrituras, quer os eclesiásticos, quer os judeus e os hereges. E a razão pela qual são todos chamados de virgens é que se gloriam no conhecimento do único Deus e seu espírito não é profanado pela multidão [de divindades] da idolatria. Têm óleo aquelas virgens que, segundo a fé, são adornadas também pelas obras; não têm óleo as que parecem, certamente, confessar o Senhor com uma fé semelhante, mas negligenciam as obras das virtudes. Podemos interpretar as cinco virgens prudentes e as cinco insensatas em referência aos sentidos: nalguns, eles se apressam em direção ao que é do céu e desejam as realidades do alto, enquanto noutros, apegados ao lodo terreno, não possuem os estímulos da verdade com que iluminar o coração. A respeito da visão, da audição e do tato, espiritualmente se disse: “O que vimos, o que ouvimos, o que contemplamos com os nossos olhos e nossas mãos têm apalpado”;⁸⁶⁸ a respeito do paladar: “Provai e vede quão suave é o Senhor”;⁸⁶⁹ do olfato: “Corremos à fragrância dos teus perfumes”,⁸⁷⁰ e ainda: “Somos o bom odor de Cristo”.⁸⁷¹

5 “Tardando o esposo, cochilaram todas e adormeceram” – Com efeito, não transcorre um pequeno lapso de tempo entre a primeira e a segunda vinda do Senhor. Adormeceram todas, isto é, morreram, pois a morte dos santos é chamada de sono. De modo apropriado se diz, pois, que adormeceram, já que hão de ser, depois, despertadas.

6 “No meio da noite, porém, ouviu-se um clamor: ‘Eis o esposo, ide-lhe ao encontro’” – De repente, como que no meio de uma noite profunda, quando tudo estiver tranquilo, quando um sono pesadíssimo se abater, ressoará a vinda de Cristo por meio do clamor dos anjos e pelas trombetas dos poderes que o precederão. Digamos alguma palavra que, talvez, seja útil ao leitor. A tradição dos judeus é que Cristo há de vir no meio da noite, à semelhança do tempo do Egito: quando foi celebrada a Páscoa, o anjo exterminador veio e o Senhor passou sobre as moradas, e os portais das nossas fronteiras foram consagrados com o sangue do cordeiro.⁸⁷² Sou, por isso, de parecer que se tenha, por essa razão, mantido a tradição apostólica de, no dia da Vigília Pascal, não se permitir despedir, antes da meia-noite, o povo que espera a vinda de Cristo, celebrando todos juntos o dia festivo, uma vez readquirida a tranquilidade, só depois que aquele momento passou. Daí que o salmista dissesse: “Em meio à noite, levanto-me para te louvar pelos juízos da tua justiça”.⁸⁷³

7“E as virgens levantaram-se todas e prepararam suas lâmpadas” – Levantaram-se todas as virgens e cada uma preparou sua lâmpada, isto é, os seus sentidos, nos quais recebiam o óleo da ciência para alimentar as obras das virtudes que haviam de refulgir aos olhos do verdadeiro Juiz.

8 “As insensatas disseram às prudentes: ‘Dai-nos de vosso óleo, porque nossas lâmpadas se estão apagando’” – As que se queixam de que suas lâmpadas estão por apagar-se mostram que estas brilharam parcialmente, mas não contam com uma luz inextinguível, nem com obras duradouras. Se alguém, portanto, tem uma alma virginal e é amante da pureza, não esteja

satisfeito com ações medíocres, que rapidamente se esvaem, que, uma vez levantado um calor intenso, ressecam, mas trate de alcançar virtudes perfeitas para ter uma luz sempiterna.

9 “As prudentes responderam: ‘Não temos o suficiente para nós e para vós’” – E não o disseram movidas por avareza, mas sim por temor. Cada um, com efeito, receberá a recompensa por suas obras, e as virtudes de um não poderão, no dia do juízo, vir em socorro dos vícios de outro. Como, no tempo do cativeiro da Babilônia, Jeremias não pôde ajudar os pecadores e a ele se disse: “Quanto a ti, não intercedas por este povo”,⁸⁷⁴ assim também pavoroso será aquele dia em que cada um há de estar preocupado consigo.

“É preferível irdes aos vendedores, a fim de o comprar para vós” – Esse óleo se vende e se compra por um alto preço; adquirindo-se à custa de difícil trabalho. Entendemos que consista nas esmolas e em todas as virtudes, bem como nos conselhos dos mestres.

10 “Ora, enquanto foram comprar, veio o esposo” – As prudentes dão-lhes como que o conselho de não comparecer ante o esposo sem o óleo das lâmpadas. É verdade, porém, que, tendo já transcorrido o tempo de comprá-lo e chegado o dia do juízo, não havia mais lugar de fazer penitência, conforme diz o salmista: “Porque, na mansão dos mortos, não há quem de ti se lembre”,⁸⁷⁵ veem-se obrigadas não a empreender novas obras, mas a prestar contas das passadas.

“As que estavam preparadas entraram com ele para a sala das bodas, e foi fechada a porta” – Depois do dia do juízo, não se franqueará oportunidade para fazer boas obras, ou praticar a justiça.

11 “Mais tarde, chegaram também as outras e diziam: ‘Senhor, senhor, abre-nos!’” – Egrégia confissão, por certo, se faz ao chamar o Senhor, e sua repetição é indício de fé. De que serve, porém, chamar com a voz aquele a

quem negas com as obras?

12 “Mas ele respondeu: ‘Em verdade vos digo: não vos conheço!’” – O Senhor conhece os que são seus,⁸⁷⁶ e quem o ignora, ignorado será.⁸⁷⁷ O Senhor ignora os operários da iniquidade e, por mais que sejam virgens e se gloriem, segundo a dupla interpretação do termo, tanto da pureza do corpo como da confissão da verdadeira fé, não obstante, ao não terem o óleo da ciência, basta-lhes como pena que sejam ignorados pelo Esposo.

13 “Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia, nem a hora” – Sempre admoesto o prudente leitor a que não dê ouvidos a supersticiosas interpretações, que sutilmente se dizem segundo o arbítrio dos que as inventam, mas a considerar as palavras que em primeiro lugar se disseram, ao lado das que foram ditas no meio e das que as seguiram, e a conectar entre si todas as coisas que foram escritas. A partir disto que se deduz, portanto: “Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia, nem a hora”, entende-se tudo aquilo que foi dito, a saber, a respeito dos dois homens que estão no campo e das duas mulheres a moer, a respeito do pai de família que confiou seus bens a um servo seu e a respeito das dez virgens. Tais parábolas foram enunciadas para que nós que ignoramos – homens que somos – o dia do juízo preparemos solícitamente para nós a luz das boas obras: não aconteça que, enquanto permanecemos na ignorância, chegue o Juiz.

14-15 “Será também como um homem que, tendo de viajar, reuniu seus servos e lhes confiou seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois, e a outro um” – Não há dúvida de que este pai de família seja o Cristo que, voltando vitorioso para o Pai, depois da ressurreição, entregou a doutrina evangélica aos apóstolos que chamou, sem agir com largueza ou parcimônia ao dar mais a um que a outro, mas levando em conta as capacidades dos que a recebiam, assim como também o Apóstolo diz ter nutrido com leite aqueles que não podiam tomar alimento sólido.⁸⁷⁸ Por isso, ele recebeu com semelhante alegria tanto o que de cinco talentos tinha conseguido dez, como o que de dois conseguira quatro, não considerando a magnitude do lucro

que obteve cada um, mas a vontade do seu zelo. Entendamos nos cinco, nos dois ou no único talento quer as diversas graças que a cada um se outorgaram, quer, no caso dos cinco talentos, os sentidos que acima examinamos;⁸⁷⁹ no caso dos dois, o entendimento e as obras; e no único talento, a razão pela qual nós, homens, nos diferenciamos dos animais irracionais.

16 “Logo em seguida, o que recebeu cinco talentos negociou com eles, fê-los produzir, e ganhou outros cinco” – Uma vez recebidos os sentidos terrenos, ele dobrou para si o conhecimento das realidades celestes, ao entender o Criador a partir das criaturas,⁸⁸⁰ as realidades incorpóreas a partir das corporais, as invisíveis a partir das visíveis, as eternas a partir das de curta duração.

17 “Do mesmo modo, o que recebeu dois ganhou outros dois” – Também este duplicou no Evangelho, na medida de suas forças, tudo o que aprendera na Lei, ou então entendeu que tanto a ciência como as obras da vida presente são antecipações da futura bem-aventurança.

18 “Mas o que recebeu apenas um foi cavar a terra e escondeu o dinheiro de seu senhor” – O servo mau, em meio às obras terrenas e movido pelo prazer do mundo, negligenciou e sujou os preceitos de Deus, se bem que, noutro evangelista, esteja escrito que embrulhou a moeda num lenço,⁸⁸¹ isto é, vivendo cômoda e delicadamente, enfraqueceu a doutrina do pai de família.

19 “Muito tempo depois, o senhor daqueles servos voltou” – Um longo tempo transcorre entre a ascensão do Salvador e a sua segunda vinda. Ora, se os próprios apóstolos hão de prestar contas e de ressuscitar com medo do Juiz, o que nos convém fazer então?

21 “Disse-lhe seu senhor: ‘Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Entra na alegria do teu senhor’” – A mesma palavra do pai de família acolhe com benevolência a ambos os servos, como já disse antes,⁸⁸² ou seja, tanto o que de cinco talentos fizera dez, como o que de dois fizera quatro. E deve-se notar que todas as coisas que temos no momento presente, conquanto pareçam grandes e numerosas, são pequenas e poucas se comparadas às futuras realidades. “Entra”, diz, “na alegria do teu senhor” e recebe “coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano chegou a imaginar”.⁸⁸³ Que outra recompensa maior se pode dar ao servo fiel do que estar com o Senhor e ver a alegria do seu Senhor?

24-25 “Veio, por fim, o que recebeu só um talento. ‘Senhor’, disse-lhe, ‘sabia que és um homem duro, que colhes onde não semeaste, e recolhes onde não espalhaste. Por isso, tive medo e fui esconder teu talento na terra. Eis aqui, toma o que te pertence’” – Aconteceu, de fato, também com esse servo o que está escrito: “Para encontrar escusas aos meus pecados”,⁸⁸⁴ de modo que à sua preguiça e negligência se associasse ainda o crime de soberba. Quem deveu confessar simplesmente a própria inércia e suplicar o perdão do pai de família, pelo contrário, calunia, e afirma ter seguido um conselho prudente para não vir a correr o risco de perder o que lhe coubera, enquanto estivesse atrás dos lucros daquele dinheiro.

26-28 “Respondeu-lhe o seu senhor: ‘Servo mau e preguiçoso! Sabias que colho onde não semeiei e que recolho onde não espalhei. Devias, pois, levar meu dinheiro ao banco, para que, ao voltar, eu recebesse com juros o que é meu. Tirai-lhe este talento e dai-o ao que tem dez’” – O que pensara ter dito ao modo de escusa tornou-se a sua própria culpa. É chamado de “servo mau” porque calunia o senhor, e de “preguiçoso” porque não quis duplicar o talento; e assim, num epíteto, é condenado por soberba e, noutro, por negligência. Se tu sabias, diz, que sou duro e cruel, que vou atrás do alheio e colho onde não semeiei, como é que um pensamento desses não te incutiu o temor, para saberes que eu haveria de procurar mui diligentemente o que é meu e seres, por isso, levado a dar meu dinheiro ou minha prata aos banqueiros? Pois a palavra grega argúrion significa ambas as coisas. “As

palavras do Senhor”, diz o salmista, “são palavras sinceras; puras como a prata acrisolada, isenta de ganga, sete vezes depurada”.⁸⁸⁵ Logo, o dinheiro e a prata são aqui a pregação do Evangelho, são a Palavra divina que teve de ser dada aos banqueiros e cambistas, isto é, ou a outros doutores, coisa que fizeram os apóstolos ao designar, em cada província, bispos e presbíteros, ou a todos os crentes, que podem duplicar a quantia e restituí-la com juros, cumprindo com suas obras quanto aprenderam com a Palavra. Por outro lado, tira-se-lhe o talento e dá-se àquele que fizera dez para entendermos que, por mais que a alegria do senhor pelo trabalho de ambos seja igual, a saber, pelo daquele que duplicara os cinco em dez e pelo que duplicara dois em quatro, recompensa maior se deve, porém, a quem mais trabalhara com o dinheiro do senhor. Daí que diga também o Apóstolo: “Honra os presbíteros que são verdadeiramente presbíteros, principalmente os que trabalham na pregação da Palavra de Deus”.⁸⁸⁶ No que o servo mau ousou dizer, a saber, “colhes onde não semeaste, e recolhes onde não espalhaste”, entendemos que o Senhor aceita também a vida honesta dos pagãos e dos filósofos, que trata diferentemente os que procedem com justiça em relação aos que praticam injustiça e que, em comparação com aquele que obedece à lei natural, serão condenados os que negligenciam a Lei escrita.

29 “Dar-se-á ao que tem e terá em abundância. Mas ao que não tem, tirar-se-á mesmo aquilo que parece ter” – Há muitos que, mesmo sendo naturalmente sábios e dotados de agudeza de engenho, se forem negligentes e corromperem o bem da natureza pela desídia, em comparação com aquele que, sendo mais lento, compensou aos poucos com trabalho e dedicação o que teve de menos, perderão o bem da natureza e verão passar a outros a recompensa que lhes fora prometida. Pode-se entender também assim: a quem tem fé e boa vontade no Senhor, ainda que, como homem, venha a apresentar algo de menos no seu proceder, isto se lhe dará por parte do bom Juiz;⁸⁸⁷ quem, por outro lado, não tiver a fé, perderá inclusive as outras virtudes que parecia possuir naturalmente. E apropriadamente diz: “Ao que não tem, tirar-se-á mesmo aquilo que parece ter”. Tudo aquilo que se dá sem a fé de Cristo não se há de imputar, com efeito, a quem disso fez um mau uso, mas àquele que concede, inclusive a um servo mau, o bem da natureza.

30 “E a esse servo inútil, jogai-o nas trevas exteriores: ali haverá choro e ranger de dentes” – O Senhor é luz.⁸⁸⁸ Quem é lançado fora, longe dele, carece da verdadeira luz. Quanto ao que se deve entender por choro e ranger de dentes, acima o dissemos.⁸⁸⁹

31-33 “Quando o Filho do Homem vier na sua majestade e todos os anjos com ele, sentar-se-á no seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão diante dele, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos bodes. Colocará as ovelhas à sua direita, e os bodes à sua esquerda” – Estando para celebrar a Páscoa em dois dias e para ser entregue à cruz, dispondo-se a ser escarnecido pelos homens, a beber vinagre e fel, o Senhor faz preceder adequadamente a tudo isso a glória do Triunfador, de modo a compensar os escândalos que se haviam de seguir com a recompensa da promessa. E note-se que quem em majestade será visto é o Filho do Homem. E o que segue: “Colocará as ovelhas à sua direita, e os bodes à sua esquerda”, entende-o conforme aquilo que noutra passagem lê: “O coração do sábio está à sua direita; o coração do insensato à sua esquerda”,⁸⁹⁰ e também acima, neste mesmo Evangelho: “Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a direita”.⁸⁹¹ As ovelhas recebem a ordem de ficar de pé à direita, na parte dos justos; os bodes, porém, isto é, os pecadores, já que, na Lei, sempre são oferecidos pelo pecado,⁸⁹² de ficar à esquerda. E não disse “cabras”, animais que podem dar cria, e saem tosquiadas do banho, levando cada uma dois gêmeos e sem que haja entre elas nenhuma estéril,⁸⁹³ mas “bodes”, em referência a um animal lascivo e petulante, sempre excitado para o coito.

34 “Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo” – Isto se há de entender segundo a presciência de Deus, junto a quem as realidades futuras já se têm por realizadas.

40 “Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes

meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes” – Livre era a nossa inteligência para que, em todo e qualquer pobre, entendesse que deveria ser alimentado o Cristo que passa fome, abeberado o Cristo sedento, colocado debaixo de um teto o Cristo peregrino, vestido o Cristo nu, visitado o Cristo enfermo, ou contar com o conforto de uma conversa o Cristo encerrado numa prisão. Mas, a partir do que a tudo isso se segue, “todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes”, não me parece que se tenham dito tais palavras com respeito aos pobres em geral, mas sim dos que são pobres de espírito, aos quais, estendendo a mão, o Senhor dissera: “Meus irmãos e minha mãe são aqueles que fazem a vontade de meu Pai”.⁸⁹⁴

46 “E estes irão para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna” – Prudente leitor, debes entender que, por um lado, os suplícios serão eternos e, por outro, a perpétua vida já não há de ter medo de qualquer ruína.⁸⁹⁵

26,1-2 “Quando Jesus acabou todos esses discursos, disse a seus discípulos: ‘Sabeis que daqui a dois dias será a Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado’” – Envergonhem-se os que pensam que o Salvador tinha medo da morte e, movido pelo pavor da paixão, teria dito: “Pai, se for possível, passe de mim este cálice”.⁸⁹⁶ O Senhor sabe que, havendo de celebrar a Páscoa dentro de dois dias, seria entregue para ser crucificado e, não obstante, não esquiva as ameaças, não foge aterrorizado, a ponto de marchar intrépido, mesmo quando os outros não queriam ir e Tomé disse: “Vamos também nós para morrermos com ele!”⁸⁹⁷ e de, querendo dar um cumprimento à festividade carnal e, passada a sombra, manifestar a verdade da Páscoa,⁸⁹⁸ ter dito: “Com um desejo ardente, tenho desejado comer convosco esta Páscoa, antes de padecer”.⁸⁹⁹ De fato, “Cristo, nossa Páscoa, foi imolado”, se é que a comemos nos ázimos da sinceridade e da verdade.⁹⁰⁰ Além disso, quanto ao que ele diz: “Daqui a dois dias será a Páscoa”, deixada de lado uma simples compreensão, tratemos de buscar o sentido misterioso. Depois dos dois dias da luz muito clara do Antigo e do Novo Testamento, celebra-se pelo mundo a verdadeira Páscoa. “Páscoa”, que em hebraico se diz phase, não deriva, como muitos pensam,⁹⁰¹ de “paixão”, mas de “passagem”, porque, quando o exterminador viu o sangue

nas portas dos israelitas, passou e não os golpeou, ou, então, porque o próprio Senhor passou por sobre o seu povo, oferecendo-lhe auxílio. Lê o livro do Êxodo, a respeito do qual, se para isso nos acompanhar a vida, discorreremos de modo mais extenso.⁹⁰² Por outro lado, a nossa passagem, isto é, phase, de tal modo se celebra se, deixando as realidades terrenas e o Egito, caminhamos pressurosos em direção às celestes.

3-4 “Então os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo reuniram-se no pátio do sumo sacerdote, chamado Caifás, e deliberaram sobre os meios de prender Jesus por astúcia e de matá-lo” – Aqueles que, estando próxima já a Páscoa, deveriam preparar as vítimas, limpar as paredes do templo, varrer os pisos, purificar os vasos e, de acordo com o rito da Lei,⁹⁰³ purificar a si mesmos para tornar-se dignos de comer o cordeiro, reúnem-se em conselho para deliberar de que modo matariam o Senhor; e não é que temessem um tumulto, como seu simples discurso parece dar a entender, mas tomavam precauções para que Jesus não lhes fosse, com auxílio do povo, arrebatado das mãos.

O bálsamo derramado na cabeça de Jesus, a ordem de preparar a Páscoa

6 “Encontrava-se Jesus em Betânia, na casa de Simão, o leproso” – Quem estava para padecer pelo mundo inteiro e para redimir todas as nações com o seu sangue encontrava-se em Betânia, na casa da obediência,⁹⁰⁴ que outrora fora do leproso Simão; não porque permanecesse leproso até aquele momento, mas porque, tendo-o sido anteriormente, foi curado pelo Salvador e mantinha o primitivo nome para que ressaltasse o poder de quem o curara. De fato, também no catálogo dos apóstolos, ao lado de seu antigo vício e ofício, é citado Mateus, o publicano, que a esta altura, por certo, já deixara de sê-lo.⁹⁰⁵ Alguns pretendem entender que a casa de Simão, o leproso, fosse aquela porção do povo que creu no Senhor e foi por ele curada. “Simão”, que se traduz por “obediente”,⁹⁰⁶ e que, segundo outra interpretação pode ser entendido como “limpo”, é aquele em cuja casa a Igreja foi curada.

7 “Estando à mesa, aproximou-se dele uma mulher com um vaso de alabastro, cheio de perfume muito caro, e derramou-o na sua cabeça” – Ninguém pense ter sido a mulher que derramou o perfume na sua cabeça a mesma que o derramou nos seus pés. Naquele caso, com efeito, a mulher lava os pés de Jesus com lágrimas, enxuga-os com os cabelos e é abertamente designada como meretriz;⁹⁰⁷ aqui, porém, nada disso está escrito. E não poderia uma meretriz tornar-se digna, de imediato, de ocupar-se da cabeça do Senhor. Outro evangelista, no lugar do vaso de alabastro, que é uma espécie de mármore, cheio de perfume caro, pôs um bálsamo de nardo puro,⁹⁰⁸ isto é, autêntico e sem falsificação, para com isso indicar a fé da Igreja e das nações.

8-9 “Vendo isto, os discípulos disseram indignados: ‘Para que este desperdício? Poder-se-ia vender este perfume por um bom preço e dar o dinheiro aos pobres’” – Sei que alguns caluniam esta passagem porque outro evangelista teria dito que apenas Judas ficara contrariado,⁹⁰⁹ uma vez

que levava a bolsa comum e fora ladrão desde o princípio,⁹¹⁰ conquanto Mateus escreva que todos os apóstolos se indignaram. Os que o fazem demonstram ignorar um tropo chamado súllēpsis,⁹¹¹ que costuma consistir em designar a todos no lugar de um só, e a um só no lugar de todos. Pois também o apóstolo Paulo, na sua epístola escrita aos Hebreus – ainda que muitos dos latinos tenham dúvidas quanto a ela⁹¹² –, tendo descrito os padecimentos e os méritos dos santos, acrescentou: “Foram apedrejados, massacrados, serrados ao meio, mortos ao fio da espada”,⁹¹³ quando os judeus testemunham que tão somente um, o profeta Isaías, teria sido serrado ao meio. Podemos dizer também, de outro modo, que os apóstolos ficaram indignados pensando, de verdade, nos pobres, enquanto Judas se indignara por causa de seus próprios lucros. Daí que a murmuração dele se mencione juntamente com o seu crime, pois não se preocupava com os pobres, mas queria prover ao seu furto.

10-11 “Conhecendo-o Jesus, disse-lhes: ‘Por que molestais esta mulher? É uma ação muito boa o que ela me fez. Pobres vós sempre tereis convosco. A mim, porém, nem sempre me tereis’” – Surge aqui outra questão. Por que, depois da ressurreição, o Senhor diria aos discípulos: “Eis que estou convosco até a consumação do mundo”,⁹¹⁴ enquanto agora fala: “A mim, porém, nem sempre me tereis”? Parece-me, no entanto, que fala, nesta passagem, da presença corporal, visto que jamais estaria com eles, depois da ressurreição, como até então estivera, em contínua convivência e familiaridade. Recordando-se disso, diz o Apóstolo: “Muito embora tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, já não o conhecemos assim”.⁹¹⁵

12 “Derramando este perfume em meu corpo, ela o fez em vista da minha sepultura” – O que pensastes ser desperdício de perfume é um dever de sepultura. E não admira que me tenha ela oferecido o bom odor da sua fé, pois estou para derramar por ela o meu sangue.

13 “Em verdade eu vos digo, em toda parte onde for pregado este Evangelho pelo mundo inteiro, será contado em sua memória o que ela fez”

– No mundo inteiro, não é pregada tão somente essa mulher, mas a Igreja, por ter sepultado o Salvador e ungido sua Cabeça. E presta atenção no conhecimento que tinha Jesus com relação às futuras realidades, sabendo que havia de padecer dali a dois dias e que havia de morrer.

15 “‘Que quereis dar-me para que eu vo-lo entregue?’ Ajustaram com ele trinta moedas de prata” – Infeliz Judas! Quer compensar com o preço do Mestre o prejuízo que cria ter sido ocasionado com o derramamento do perfume. E não pede uma quantia precisa, de modo que sua traição parecesse ao menos um ato lucrativo, mas como quem entrega um vil escravo, deixou ao arbítrio dos contratantes a estipulação do valor que lhe quisessem dar. “Ajustaram com ele trinta moedas de prata.” José não foi vendido, como muitos pensam seguindo a tradução dos Setenta, por vinte moedas de ouro, mas, de acordo com a verdade hebraica, por vinte moedas de prata:⁹¹⁶ nem podia, com efeito, um escravo custar mais que o Senhor.

17 “No primeiro dia dos Ázimos, os discípulos aproximaram-se de Jesus e perguntaram-lhe: ‘Onde queres que preparemos a ceia pascal?’” – O primeiro dia dos Ázimos é o 14º do primeiro mês, quando se imola o cordeiro, a lua está bem cheia e se deita fora o fermento. Entre esses discípulos, por outro lado, que se aproximaram do Senhor perguntando-lhe: “Onde queres que preparemos a ceia pascal?”, penso que também estaria Judas, o traidor.

18 “Respondeu-lhes Jesus: ‘Ide à cidade, à casa de um tal’” – A nova Escritura conserva um costume do Antigo Testamento. Lemos amiúde: “e disse ele ao outro”, e: “naquele lugar e noutra”, o que em hebraico se diz *phelmoni* e *helmoni*,⁹¹⁷ e, no entanto, não se explicita aí o nome quer das pessoas, quer dos lugares referidos. “E encontrareis”, disse, “um homem carregando uma bilha d’água”.⁹¹⁸ Foram omitidos os nomes das pessoas envolvidas nestas cenas para dar a todos os que estão para celebrar a Páscoa a livre ocasião de tomar parte na festividade.

19 “Os discípulos fizeram o que Jesus tinha ordenado e prepararam a Páscoa” – Noutro evangelista, está escrito que foram e acharam “uma grande sala mobiliada e limpa, e aí lhe fizeram os preparativos”.⁹¹⁹ Parece-me, porém, que esta grande sala se interpreta como a Lei espiritual que, saindo das estreitezas da letra, acolhe o Salvador num lugar elevado; e Paulo fala exatamente isso, pois aquelas coisas que antes reputava como lucro, tinha desprezado como esterco e ninharia, a fim de preparar hospedagem digna ao Senhor.⁹²⁰

20 “Ao declinar da tarde, pôs-se Jesus à mesa com os doze discípulos” – Judas tudo faz para tirar de sobre si a suspeita de ser um traidor.

Jesus anuncia sua traição, a negação de Pedro

21 “Durante a ceia, disse: ‘Em verdade vos digo: um de vós me há de trair’” – Quem predissera a respeito da paixão prediz também no que concerne ao traidor, a fim de que este, ao compreender que seus pensamentos eram conhecidos, assim como suas ocultas deliberações, viesse a arrepender-se do seu gesto. Não obstante, o Senhor não o designa de forma particular para impedir que, uma vez acusado abertamente, ainda mais desavergonhado se tornasse. O Senhor atribui o crime ao grupo todo, para que quem se reconhece culpado tenha ocasião de arrepender-se.

22 “Com profunda tristeza, cada um começou a perguntar: ‘Acaso sou eu, Senhor?’” – Os onze apóstolos, por certo, sabiam que jamais tramaram algo assim contra o Senhor; mas creem mais no Mestre do que em si próprios e, temendo a própria fragilidade, começam a perguntar entristecidos acerca de um pecado de que não tinham consciência.

23 “Respondeu ele: ‘Aquele que pôs comigo a mão no prato, esse me trairá’” – Oh, paciência admirável a do Senhor! Primeiro dissera: “Um de vós me há de trair”; o traidor persevera, porém, no seu mal. O Senhor o acusa de uma forma mais clara e, ainda assim, não menciona propriamente o nome dele. Enquanto os outros, contristados, encolhiam as mãos e deixavam de levar o alimento à boca, Judas, com a temeridade e a falta de vergonha com que havia de trair o Senhor, chega a pôr com o Mestre a mão no prato, para, com este ato de ousadia, fingir que tinha uma consciência limpa.

24 “O Filho do Homem vai, como dele está escrito. Mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem é traído!” – Nem na primeira, nem na segunda oportunidade o admoestado se retraiu do propósito de levar a cabo a

traição, mas a paciência do Senhor lhe nutre a desvergonha, e ele atesoura ira contra si para o dia da ira.⁹²¹ Prediz-se a pena, a fim de que os anunciados suplícios corrijam por fim aquele a quem a vergonha não pudera vencer. O que segue: “Seria melhor para este homem que jamais tivesse nascido!”, não há de pensar-se em referência a um tempo anterior ao seu nascimento, pois não pode acontecer seja o que for de bom a não ser a quem nasceu; mas aí foi dito simplesmente que é muito melhor não subsistir do que subsistir mal.

25 “Judas, o traidor, tomou a palavra e disse: ‘Acaso sou eu, Rabi?’ ‘Tu o disseste’, disse-lhe Jesus” – Porquanto os demais, entristecidos e deveras entristecidos, tinham perguntado: “Acaso sou eu, Senhor?”, para não parecer que, calado, se denunciava, pergunta de modo semelhante também ele, aquele mesmo a quem a consciência remordia e que pusera audaciosamente a mão no prato: “Acaso sou eu, Rabi?”, acrescentando um afeto lisonjeiro que lhe denotava a incredulidade. Os outros onze, com efeito, que não estavam para perpetrar a traição, dizem: “Acaso sou eu, Senhor?”. Este, no entanto, que a isso se encaminhava, não invoca o Senhor, mas o Mestre, como se lhe pudesse servir de escusa que, tendo renegado o Senhor, traiu apenas o Mestre. “‘Tu o disseste’, disse-lhe Jesus.” O traidor foi confutado com a mesma resposta com que, mais tarde, se haveria de responder a Pilatos.⁹²²

26-27 “Durante a refeição, Jesus tomou o pão, benzeu-o, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: ‘Tomai e comei, isto é meu corpo’. Tomou depois o cálice, rendeu graças e deu-lho, dizendo”, e quanto segue. – Depois que fora realizada a Páscoa figurada e tinha ele comido com os apóstolos as carnes do cordeiro, tomou o pão que conforta o coração do homem⁹²³ e passa-se, assim, ao verdadeiro sacramento da Páscoa; pois, assim como, em sua prefiguração, procedera Melquisedec, sacerdote do Deus Altíssimo, oferecendo pão e vinho,⁹²⁴ também ele haveria de proceder, na verdade do seu corpo e sangue. Em Lucas, lemos que havia dois cálices com que o Senhor dava de beber aos discípulos:⁹²⁵ um corresponde ao primeiro mês, outro, ao segundo, para que quem não tiver podido comer o cordeiro em companhia dos santos no primeiro mês, coma o cabrito entre os penitentes

no segundo.⁹²⁶

29 “Digo-vos que doravante não beberei mais deste fruto da vinha até o dia em que o beberei de novo convosco no Reino de meu Pai” – Passa do que é carnal ao que é espiritual, pois o povo de Israel é a vinha que do Egito fora transplantada e a quem o Senhor fala por meio de Jeremias: “E eu que te havia plantado qual vinha verdadeira, como é que te transformaste na amargura de uma vinha alheia?”.⁹²⁷ Atesta-o também o profeta Isaías no cântico que canta a seu amigo,⁹²⁸ bem como toda a Escritura em diversas passagens. Diz, então, o Senhor que jamais haveria de beber outra vez desta vinha a não ser no Reino de seu Pai. Penso que o Reino do Pai é a fé dos crentes, pois também o Apóstolo⁹²⁹ confirma isto mesmo: “O Reino de Deus está dentro de vós”.⁹³⁰ Tendo, portanto, os judeus recebido o Reino do Pai – e presta atenção ao fato de que ele diz “do Pai”, e não “de Deus”, ainda que todo pai seja o nome do filho⁹³¹ –, tendo, dizia eu, crido eles em Deus Pai e tendo-os o Pai levado ao Filho, então beberá o Senhor do vinho deles e, à semelhança de José, ao reinar no Egito, inebriar-se-á com seus irmãos.⁹³²

30 “Tendo cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras” – Isto é o que lemos em certo salmo: “Comeram e adoraram todos os bem nutridos da terra”.⁹³³ De acordo com esta imagem, quem foi saciado com o Pão do Salvador e inebriou-se com seu Cálice pode louvar o Senhor e subir ao monte das Oliveiras, onde se acham o repouso dos trabalhos, o consolo da dor e o conhecimento da verdadeira luz.⁹³⁴

31 “Disse-lhes então Jesus: ‘Esta noite, todos vós sofrereis um escândalo por mim’” – Prediz o que haveriam de sofrer para que, quando o sofressem, não desesperassem da salvação, mas pudessem libertar-se na medida em que se convertessem. E significativamente acrescentou: “Esta noite, todos vós sofrereis um escândalo por mim”, pois como “os que se embriagam, embriagam-se de noite”,⁹³⁵ também os que sofrem escândalo passam por isso de noite e em meio às trevas. Digamos nós, porém, que “a noite passou e o dia vem chegando”.⁹³⁶

“Porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho serão dispersadas” – Tal frase se acha escrita, com outras palavras, no profeta Zacarias,⁹³⁷ em que, se não me engano, se diz a Deus pela boca do profeta: “Fere o pastor, e que as ovelhas se dispersem”. O 68º salmo, que é cantado em sua íntegra pelo Senhor, concorda com essa interpretação: “Eles perseguiram aquele a quem atingiste”.⁹³⁸ O bom Pastor é golpeado, pois, para que exponha a vida pelas suas ovelhas⁹³⁹ e, dos muitos rebanhos dos erros, se constitua um só rebanho, um só Pastor. Mais completamente se discorreu acerca deste testemunho no livrinho que escrevemos sobre o melhor gênero de interpretação.⁹⁴⁰

33 “Pedro interveio: ‘Mesmo que sejas um escândalo para todos, eu nunca me escandalizarei’” – Não é manifestação de temeridade, nem uma mentira; mas vê-se aí a fé do apóstolo Pedro, e seu afeto ardente pelo Senhor Salvador, a respeito do qual falamos antes.⁹⁴¹

34 “Disse-lhe Jesus: ‘Em verdade te digo, nesta noite mesma, antes que o galo cante, três vezes me negarás’” – Pedro, por um lado, fazia promessas que lhe brotavam do ardor de sua fé; mas o Senhor, ao ser Deus, conhecia os acontecimentos futuros. E nota que Pedro nega durante a noite e o faz por três vezes; depois que o galo cantou, porém, e pelo decréscimo das trevas, a luz próxima se anunciou, e, tendo-se convertido, chorou amargamente, lavando com as lágrimas as imundícies da negação.

36 “Retirou-se então Jesus com eles para um lugar chamado Getsêmani e disse aos seus discípulos: ‘Assentai-vos aqui, enquanto vou ali orar’” – “Getsêmani” traduz-se por fertilíssimo vale,⁹⁴² e aí mandou o Senhor que os discípulos se assentassem e esperassem que ele voltasse, enquanto oraria sozinho por todos.

37 “E, tomando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se” – O que acima dissemos a respeito da paixão e do sofrimento que a antecedeu mostra-se também no presente trecho,⁹⁴³

pois o Senhor, para demonstrar a verdade da natureza humana assumida, contristou-se, por certo, verdadeiramente, mas, para que a paixão não dominasse sobre o seu espírito, começou a contristar-se antes mesmo dos sofrimentos. Uma coisa é, com efeito, contristar-se, e outra começar a contristar-se. Contristava-se, pois, não pelo temor de sofrer aquele que viera para sofrer e repreendera a Pedro por sua timidez, mas por causa do infelicíssimo Judas, do escândalo de todos os apóstolos, da rejeição do povo dos judeus e da destruição da mísera Jerusalém. Por isso, contristou-se também Jonas por ver secar-se aquela mamona ou hera, pois não queria que se perdesse o que fora seu abrigo.⁹⁴⁴ Se, por outro lado, os hereges interpretam a tristeza do espírito não como um afeto do Salvador para com os que haviam de perecer, mas como decorrente da paixão, respondam então como explicam o que se diz, por boca de Ezequiel, em nome de Deus: “E, em tudo isso, me entristecias”.⁹⁴⁵

38 “Disse-lhes então: ‘Minha alma está triste até a morte. Ficai aqui e vigiai comigo’” – O que está triste é sua alma; e não se contrista por causa da morte, mas até a morte, enquanto não liberta os apóstolos com a sua paixão. O que ordenou, além disso: “Ficai aqui e vigiai comigo”, não significa que proíba o sono, para o qual nem tempo havia, ao fazer-se iminente o momento crítico, mas sim o sono da infidelidade e o torpor do espírito. Digam os que suspeitam ter Jesus assumido uma alma irracional como é que pode contristar-se e conhecer o tempo da sua tristeza. Por mais que experimentem temor, de fato, também os animais irracionais, não conhecem estes, no entanto, as causas por que o experimentam, nem o tempo até quando hão de ficar tristes.

39 “Adiantou-se um pouco, e prostrando-se com a face por terra, assim rezou: ‘Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice! Todavia, não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres’” – Tendo-se dado aos apóstolos o preceito de que ficassem ali e vigiassem com o Senhor, adiantando-se um pouco, Jesus prostrou-se com a face por terra e, através da postura da carne, mostrou a humildade do espírito, dizendo com ternura: “Meu Pai”, e suplicou que, se fosse possível, passasse dele o cálice da paixão, a cujo respeito falamos antes.⁹⁴⁶ Suplica-o, contudo, não pelo temor de sofrer, mas

por misericórdia para com o primeiro povo, suplica não ter de beber das mãos daquele povo o cálice que lhe era oferecido. Daí que, significativamente, não diga: “passe de mim o cálice”, mas “este cálice”, isto é, o do povo dos judeus, que não pode valer-se da escusa de ignorância, caso me chegue a matar, pois conta com a Lei e os profetas, que diariamente me anunciam. Não obstante, voltando a si mesmo, confirma como Filho de Deus o que, como homem, rejeitara trepidantemente: “Todavia, não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres”. Não se faça, diz, o que falo com sentimento humano, mas aquilo por que, conforme a tua vontade, eu desci à terra.

40 “Foi ter então com os discípulos e os encontrou dormindo. E disse a Pedro: ‘Então, não pudestes vigiar uma hora comigo?’” – Aquele que antes dissera: “Mesmo que sejas um escândalo para todos, eu nunca me escandalizarei”, não pode agora vencer o sono dada a magnitude de sua tristeza.

41 “Vigiai e orai, para não entrardes em tentação” – É impossível, para a alma humana, que não seja tentada. Daí que, na Oração do Senhor, digamos: “E não nos deixes cair na tentação”,⁹⁴⁷ que não podemos suportar, sem com isso rechaçar por completo toda tentação, mas suplicando forças para subsistir em meio às tentações. Por isso, ele não diz nas atuais circunstâncias: “Vigiai e orai para não serdes tentados”, mas “para não entrardes em tentação”, isto é, para que a tentação não vos supere, não vos vença, não vos retenha em seus laços. Um mártir, por exemplo, que derramou o sangue pela confissão do Senhor foi, sem dúvida, tentado, mas não permaneceu enredado nos laços das tentações. Quem, por outro lado, renega da fé, caiu no laço da tentação. “O espírito está pronto, mas a carne é fraca” – Isto vai contra os temerários, que pensam poder conseguir tudo quanto imaginam. Assim, quanto mais confiança temos no ardor do nosso espírito, tanto mais devemos temer quanto à fragilidade da carne. Que as obras da carne sejam, porém, de acordo com o Apóstolo, mortificadas pelo Espírito.⁹⁴⁸

42 “Afastou-se pela segunda vez, e orou dizendo: ‘Meu Pai, se não é possível que este cálice passe sem que eu o beba, faça-se a tua vontade!’” – Ora pela segunda vez para que, se Nínive não pode salvar-se de outro modo, a menos que se seque a mamona, que seja feita a vontade do Pai, a qual não é contrária à do Filho, pois ele próprio o diz pelo profeta: “Fazer a tua vontade, Deus meu, eu quis”.⁹⁴⁹

43 “Voltou ainda e os encontrou novamente dormindo, porque seus olhos estavam pesados” – Sozinho estava em nome de todos, assim como sozinho padece pela inteira humanidade. E, ao aproximar-se a negação, enlanguesciam e pesados se tornavam os olhos dos apóstolos.

45 “Voltou então para os seus discípulos e disse-lhes: ‘Dormi agora e repousai! Eis que chegou a hora’” – Depois de ter orado pela terceira vez, para que toda palavra se confirmasse pela boca de duas ou três testemunhas,⁹⁵⁰ e de ter impetrado que o temor dos apóstolos se corrigisse pela penitência que haveria de seguir-se, seguro no que concerne à sua paixão, Jesus avança em direção aos perseguidores e espontaneamente se entrega à morte, dizendo a seus discípulos:

46 “Levantai-vos, vamos! Aquele que me vai trair está perto daqui” – Que não nos encontrem temerosos e hesitantes; caminhemos espontaneamente para a morte, de modo que quem há de padecer possa ver confiança e alegria.

48 “O traidor combinara com eles este sinal: ‘Aquele que eu beijar, é ele. Prendei-o!’” – Mísero Judas e, contudo, indigno de misericórdia! Com a mesma infidelidade com que entregou o seu Mestre e Senhor, pensava que os sinais que vira fazer o Salvador não se deviam à divina majestade, e sim às artes mágicas; e, porque ouvira talvez que ele se transfigurara no monte, temia que, com uma transformação semelhante, viesse a escapar das mãos dos oficiais. Dá, portanto, um sinal para que soubessem quem era Jesus, um

sinal que faria ver com um beijo.

49 “Aproximou-se imediatamente de Jesus e disse: ‘Ave, Rabi!’ E beijou-o” – Desavergonhada e criminosa confiança era, por certo, chamar de Mestre aquele a quem entregava e dar-lhe um beijo. Tem ainda esse gesto algo de vergonha, não obstante, por parte do discípulo, uma vez que não entrega o Mestre abertamente aos perseguidores, mas por meio do sinal de um beijo. Este é o sinal que Deus pôs em Caim, a fim de que não o matasse quem quer que o encontrasse.⁹⁵¹

50 “Disse-lhe Jesus: ‘Amigo, para isso vieste?’” – A palavra “amigo” há de entender-se ou *katà antíphrasin*⁹⁵² ou, por certo, conforme aquilo que lemos acima: “Meu amigo, como entraste aqui, sem a veste nupcial?”⁹⁵³

51 “Mas um dos companheiros de Jesus desembainhou a espada e feriu um servo do sumo sacerdote, decepando-lhe a orelha” – Noutro Evangelho, está escrito que Pedro fez isso, movido pelo mesmo ardor de espírito com que de costume agia. Ali também se designa pelo nome de Malco o servo do príncipe dos sacerdotes, dizendo-se que teve amputada a orelha direita.⁹⁵⁴ Diga-se de passagem que Malco, isto é, “rei”, era outrora o povo dos judeus, tornado servo da impiedade e da ganância dos sacerdotes, e perdeu a orelha direita para ouvir com a esquerda toda a utilidade da letra, mas o Senhor, naqueles que dentre os judeus quiseram crer, restaurou a orelha direita⁹⁵⁵ e, de um servo, constituiu uma nação real e sacerdotal.⁹⁵⁶

52 “Jesus, no entanto, lhe disse: ‘Embainha tua espada, porque todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão’” – E conquanto não porte em vão uma espada quem foi constituído qual executor da ira do Senhor sobre aquele que procede mal,⁹⁵⁷ todo aquele, não obstante, que usar da espada, pela espada morrerá. Por que espada? Por aquela, sem dúvida, que pende flamejante às portas do paraíso⁹⁵⁸ e ainda pela espada do Espírito que se cita na armadura de Deus.⁹⁵⁹

53-54 “Crês tu que não posso invocar meu Pai e ele não me enviaria imediatamente mais de doze legiões de anjos? Mas como se cumpririam então as Escrituras, segundo as quais é preciso que seja assim?” – Eu, que posso dispor de doze legiões do angélico exército, não tenho necessidade do auxílio de doze apóstolos, ainda que todos eles me defendessem. Uma única legião, segundo os antigos, compunha-se de seis milhares de homens. Em razão da brevidade do tempo, não empreendemos a iniciativa de explicar esse número. Baste que digamos tão somente que se trata de uma tipologia, e que, de doze legiões, obtemos 72 mil anjos, número que corresponde à quantidade de nações de homens em que se diferenciaram as línguas. A seguinte frase manifesta um espírito disposto ao sofrimento, algo que os profetas teriam proclamado em vão se o Senhor não asseverasse, com sua paixão, que eles disseram palavras verdadeiras.

55 “Depois, voltando-se para a turba, falou: ‘Saístes armados de espadas e porretes para prender-me, como se eu fosse um malfeitor. Entretanto, todos os dias, estava eu sentado entre vós, ensinando no templo, e não me prendestes’” – É estulto, diz, sair a caçar com espadas e porretes aquele que espontaneamente se entrega a vossas mãos, e, como se se tratasse de alguém que se esconde e se desvia dos vossos olhos, procurar em meio à noite e por meio de um traidor quem ensina todos os dias no templo. Mas por isto vos congregastes nas trevas contra mim, a saber, porque o vosso poder nas trevas tem o seu lugar.

56 “Mas tudo isto aconteceu porque era necessário que se cumprissem os oráculos dos profetas” – Quais são esses oráculos dos profetas? “Transpassaram minhas mãos e meus pés”,⁹⁶⁰ e noutra passagem: “Como ovelha conduzida à matança”,⁹⁶¹ e ainda: “Pelas iniquidades do meu povo, à morte foi levado”.⁹⁶²

57 “Os que haviam prendido a Jesus levaram-no à casa do sumo sacerdote Caifás, onde estavam reunidos os escribas e os anciãos do povo” – Moisés

estabelecera, por ordem de Deus, que os pontífices se sucedessem de pai para filho e que, entre os sacerdotes, uma série entrelaçasse as gerações.⁹⁶³ Josefo⁹⁶⁴ informa que este Caifás comprara de Herodes, por um valor em dinheiro, o pontificado de tão somente um ano de duração. Não admira, portanto, que um pontífice iníquo iniquamente julgue.

58 “Pedro seguia-o de longe” – Quem estava para negar o Senhor de longe o seguia.

“Entrou e sentou-se junto aos criados para ver como terminaria aquilo” – Movido quer pelo amor de discípulo, quer pela humana curiosidade, Pedro desejava saber o que julgaria o pontífice a respeito do Senhor, se ele o condenaria à morte ou o despediria, depois de castigado com açoites. Nisso se mostra a diferença entre os outros dez apóstolos e Pedro: aqueles fogem; este, mesmo que de longe, segue, contudo, o Salvador.

60-61 “Por fim, apresentaram-se duas testemunhas que disseram: ‘Este homem disse: Posso destruir o templo de Deus e reedificá-lo em três dias’” – Ora, como é que se trata de falsas testemunhas se dizem palavras que, conforme lemos acima, o Senhor realmente disse? Falsa testemunha, no entanto, é quem não entende o que foi dito no mesmo sentido em que se disse. O Senhor, com efeito, dissera-o em referência ao templo do seu corpo,⁹⁶⁵ eles, por sua vez, o falseiam e, acrescentando ou alterando algumas poucas palavras, fazem passar por justa a calúnia que proferem. O Salvador dissera: “Destruí este templo”; eles, porém, alteram isso e dizem: “Posso destruir o templo de Deus”. Destruí-o vós, diz, não eu, pois não se permite que lancemos mão em nós mesmos. Então, eles alteram o sentido de: “e reedificá-lo em três dias”, como se parecesse tê-lo dito o Senhor em sentido próprio, referindo-se ao templo judaico. O Senhor, porém, para indicar um templo animado e vivente, tinha afirmado: “E eu o reerguerei em três dias”.⁹⁶⁶ Uma coisa é edificar, outra reerguer.

62-63 “Levantou-se o sumo sacerdote e lhe perguntou: ‘Nada tens a responder ao que essa gente testemunha contra ti?’ Jesus, no entanto,

permanecia calado” – A precipitosa ira e a impaciência que vinham de não encontrar meio de formular uma calúnia lançam do sôlio o pontífice, para que se mostrasse assim, com o movimento do seu corpo, a loucura daquela mente. E quanto mais calado permanecia Jesus, diante daquelas falsas testemunhas, indignas de uma resposta sua, e de ímpios sacerdotes, tanto mais o pontífice, vencido por seu furor, o instava a responder, para ver se encontrava, por qualquer ocasião de palavra, ensejo de acusá-lo. Não obstante, Jesus continuava calado. Ele sabia, como Deus, que tudo o que respondesse seria distorcido ao modo de calúnia.

“Disse-lhe o sumo sacerdote: ‘Por Deus vivo, conjuro-te que nos digas se és o Cristo, o Filho de Deus!’” – Para que conjuras, ó mais ímpio dos sacerdotes, para acusares, ou para creres? Se é para que tenhas ocasião de acusar, outros já depõem contra ele: condena-o, então, mesmo sem querer falar! Se é para creres, por que não quiseste crer em quem como tal se declara?

64 “Jesus respondeu: ‘Tu o disseste’” – Tanto a Pilatos⁶⁷ como a Caifás semelhante resposta se dirige, para que ambos se condenem por sua própria sentença.

65 “A estas palavras, o sumo sacerdote rasgou suas vestes, exclamando: ‘Blasfemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas?’” – A mesma raiva leva aquele que o furor lançara do sôlio sacerdotal a rasgar suas vestes. Rasga, porém, suas vestes para que se mostre que os judeus perderam a glória do sacerdócio e seus pontífices têm uma sé vazia. É, porém, também do costume judaico que, ao ouvirem eles algo blasfemo e como que dito contra Deus, rasguem suas vestes, algo que lemos terem feito até mesmo Paulo e Barnabé, quando eram honrados com culto divino na Licaônia.⁶⁸ Herodes, por sua vez, por não ter dado com isso honra a Deus, mas granjeado, sim, um imoderado apoio popular, foi de imediato golpeado por um anjo.⁶⁹

67 “Cuspiram-lhe então na face, bateram-lhe com os punhos” – Para que se cumprisse o que está escrito: “Ofereci meu rosto às bofetadas e não desviei a

face da confusão das cusparadas”.⁹⁷⁰

67-68 “E deram-lhe tapas, dizendo: ‘Profetiza para nós, ó Cristo, quem foi que te bateu?’” – Tolice era responder aos que batiam e profetizar a quem estapeava, quando abertamente se via a insânia do agressor. Mas assim como não vos profetizou a respeito disso, vaticinou de modo muito claro, por outro lado, que Jerusalém seria rodeada por um exército e não ficaria no templo pedra sobre pedra.⁹⁷¹

69 “Enquanto isso, Pedro estava sentado do lado de fora, no pátio” – Estava sentado do lado de fora para ver como terminaria aquilo tudo. E não se aproximava de Jesus para não dar azo a que surgisse entre os ministros qualquer suspeita.

72 “Pedro, pela segunda vez, negou com juramento: ‘Eu nem conheço tal homem’” – Sei que alguns,⁹⁷² tomados por um afeto piedoso para com o apóstolo Pedro, interpretaram essa passagem dizendo que Pedro não teria negado a Deus, mas ao homem; e o sentido da frase seria: nem conheço tal homem, porque sei que é Deus. O prudente leitor entende quão inconsistente é, de parte dos que defendem o apóstolo, fazer do Senhor um réu por mentira. Ora, se Pedro não negou, então mentiu o Senhor, que dissera: “Em verdade te digo, nesta noite mesma, antes que o galo cante, três vezes me negarás”.⁹⁷³ E repara que ele diz: “três vezes me negarás”, e não “negarás o homem”.

73 “E disseram: ‘Na verdade, tu és daqueles: teu modo de falar te dá a conhecer’” – Não é que Pedro falasse outra língua, ou fosse estrangeiro; todos aqueles homens eram, sem dúvida, hebreus, tanto os que acusavam como o que era acusado, mas cada província e região tinha lá suas características próprias no falar, e não é possível evitar um acento nativo. Daí que os efraimitas, no livro dos Juízes,⁹⁷⁴ não possam pronunciar a palavra súnthēma.

74 “Pedro então começou a fazer imprecações, jurando que nem sequer conhecia tal homem. E, neste momento, cantou o galo” – Noutro Evangelho, vemos que, depois da negação de Pedro e do canto do galo, o Salvador lhe dirigiu o olhar e que o levou, com aquele olhar, a derramar amargas lágrimas.⁹⁷⁵ Não poderia dar-se que nas trevas da negação permanecesse quem pela própria Luz do mundo fora olhado.

75 “E, saindo, chorou amargamente” – Sentado no pátio de Caifás, não podia fazer penitência. Sai, então, daquela reunião de ímpios para lavar com amargos prantos as imundícies de uma negação induzida pelo medo.

Preso, Jesus é levado a Pilatos e crucificado, José de Arimateia pede o corpo de Jesus

27,1-2 “E, chegando a manhã, todos os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo reuniram-se em conselho contra Jesus e para entregá-lo à morte. Conduziram-no amarrado e o entregaram ao governador Pôncio Pilatos” – Não foi conduzido apenas a Pilatos, mas também a Herodes, para que ambos zombassem do Senhor. E observa a solicitude dos sacerdotes em fazer o mal. Velaram a noite inteira para perpetrarem um homicídio. “E amarrado, entregaram-no a Pilatos”. Tinham, com efeito, este costume, a saber, o de entregar amarrado ao juiz aquele que tivessem considerado réu de morte.

3.4 “Judas, o traidor, vendo-o então condenado, tomado de remorsos, foi devolver aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos as trinta moedas de prata, dizendo-lhes: ‘Pequei, entregando um sangue justo’” – O peso da impiedade pôs de lado a magnitude da avareza. Vendo Judas que o Senhor fora condenado à morte, devolveu aos sacerdotes o valor recebido, como se em seu poder estivesse alterar a sentença dos perseguidores. Assim, por mais que tivesse mudado a sua vontade, não mudou a consequência da vontade inicial. Ora, se pecou quem entregara um sangue justo, quanto mais pecaram os que compraram um sangue justo e, por uma oferta em dinheiro, levaram o discípulo a cometer uma traição! Os que pretendem introduzir a noção de naturezas diferentes e dizem que o traidor Judas era de uma natureza má e não podia ser restabelecido⁹⁷⁶ pela eleição ao apostolado, respondam de que modo uma natureza má sentiu remorsos.

4-5 “Responderam-lhe: ‘Que nos importa? Isto é lá contigo!’ Ele jogou então no templo as moedas de prata, saiu, e foi enforcar-se” – De nada lhe serviu que tivesse sentido remorsos que não puderam corrigir o seu crime. Se, quando um irmão peca de tal forma contra outro, que pretende emendar o que fez, é possível perdoar-lhe; quando, pelo contrário, permanecem as

obras decorrentes do pecado, é em vão que se expressa arrependimento. É o que se diz, num salmo, a respeito do infelicíssimo Judas: “Seja feita a sua oração para ter-se como pecado”,⁹⁷⁷ de tal sorte que não apenas não pôde emendar o crime da traição, como ao primeiro ato infame ainda acrescentou o delito do próprio homicídio. E isso é conforme ao que também diz o Apóstolo, na segunda epístola aos Coríntios: “Não sucumba o irmão por tristeza mais abundante”.⁹⁷⁸

6 “Os príncipes dos sacerdotes tomaram o dinheiro, e disseram: ‘Não é permitido lançá-lo no tesouro sagrado, porque se trata de preço de sangue’” – Ó gente que verdadeiramente coa um mosquito e traga um camelo! Se, de fato, não lançam o dinheiro no tesouro sagrado, ou seja, no gazofilácio e entre as ofertas feitas a Deus, pelo fato de tratar-se de preço de sangue, por que se derrama esse mesmo sangue?

7 “Depois de haverem deliberado, compraram com aquela soma o campo do Oleiro, para que ali se fizesse um cemitério de estrangeiros” – E, assim procedendo, agiram eles, por certo, movidos por intenção outra que a de deixar, pela compra daquele campo, um monumento eterno à sua impiedade. De resto, nós, que éramos peregrinos, vivendo longe da Lei e dos profetas, recebemos os perversos empenhos deles em benefício da nossa salvação, e no preço desse sangue encontramos nosso repouso. Designa-se, além disso, aquele terreno como campo do Oleiro porque Cristo é o nosso oleiro.

9-10 “Cumpru-se então o que se disse por meio do profeta Jeremias, que afirma: ‘Eles receberam trinta moedas de prata, preço daquele cujo valor foi estimado pelos filhos de Israel; e deram-nas pelo campo do Oleiro, como o Senhor me havia prescrito’” – Esse testemunho não se encontra em Jeremias; em Zacarias, porém, o penúltimo dos doze profetas, deixa-se ver certa semelhança, pois, conquanto o sentido do texto não discrepe muito, a organização da frase e as palavras são diferentes.⁹⁷⁹ Li há algum tempo, em certo livro hebraico que um hebreu da seita nazarena⁹⁸⁰ me entregou, um

apócrifo de Jeremias no qual pude encontrar tais palavras escritas literalmente. Parece-me, contudo, que se trata, na verdade, de um testemunho tomado de Zacarias, sendo usança comum de evangelistas e apóstolos que, deixada de lado a ordem das palavras, profiram em citação tão somente o sentido de um texto tomado do Antigo Testamento.

11 “Jesus compareceu diante do governador, que o interrogou: ‘És tu o rei dos judeus?’” – Ao não interrogar Pilatos sobre qualquer outra acusação de crime, a não ser sobre o fato de Jesus ser o rei dos judeus, são os próprios judeus condenados por sua impiedade, por não terem conseguido encontrar, nem sequer em falso, seja lá o que pudessem objetar ao Salvador.

“‘Tu o dizes’ – respondeu-lhe Jesus” – Assim respondeu tanto para, com isso, afirmar a verdade como para que sua palavra não desse ensejo à calúnia. E presta atenção a que, de algum modo, respondeu a Pilatos, que, contrariado, proferia uma sentença, mas aos sacerdotes e aos príncipes não quis responder, ao julgá-los indignos de uma palavra sua.

13 “Perguntou-lhe Pilatos: ‘Não ouves todos os testemunhos que levantam contra ti?’” – É, sem dúvida, um pagão quem condena Jesus, mas ele lança toda a responsabilidade pela acusação ao povo dos judeus. “Não ouves todos os testemunhos que levantam contra ti?” Jesus, porém, não quis responder palavra alguma para impedir que, revelando-se inconsistente a acusação, viesse ele a ser solto pelo governador e assim se diferisse o benefício da cruz.

16 “Ora, havia naquela ocasião um prisioneiro famoso, chamado Barrabás” – Esse Barrabás cujo nome, no Evangelho que se escreve conforme os hebreus, é traduzido como “filho do mestre deles”⁹⁸¹ era um homem que fora condenado por sedição e homicídio. Pilatos dá, portanto, ao povo a opção de soltar aquele que quisessem, o ladrão ou Jesus, sem ter dúvidas de que Jesus seria preferencialmente o escolhido, pois sabia que lhe fora entregue por inveja. A causa da cruz, portanto, é claramente a inveja.⁹⁸²

19 “Enquanto estava sentado no tribunal, a sua mulher lhe mandou dizer: ‘Nada faças a esse justo. Fui hoje atormentada por um sonho que lhe diz respeito’” – Nota que os sonhos amiúde servem, da parte de Deus, para fazer revelações aos pagãos e que, em Pilatos e sua esposa, na medida em que confessam que o Senhor é justo, tem-se um testemunho proveniente do povo pagão.

22-23 “Pilatos perguntou: ‘Que farei então de Jesus, que é chamado Cristo?’ Todos responderam: ‘Seja crucificado!’ O governador tornou a perguntar: ‘Mas que mal fez ele?’ E gritavam ainda mais forte: ‘Seja crucificado!’” – Muitas oportunidades deu Pilatos para que o Salvador fosse libertado: em primeiro lugar, pondo lado a lado um ladrão e o Justo; depois, acrescentando: “Que farei então de Jesus, que é chamado Cristo?”, ou seja, que é vosso rei; e, por mais que respondessem: “Seja crucificado!”, não se deu por vencido de imediato, mas, de acordo com a sugestão da mulher que lhe mandara dizer: “Nada faças a esse justo”, ele próprio perguntou: “Mas que mal fez?”. Ao dizer isso, Pilatos absolveu Jesus. “E gritavam ainda mais forte: ‘Seja crucificado!’”, para que se cumprisse o que fora dito no 21º salmo: “Cães numerosos me cercaram, rodeia-me um bando de malfeitores”,⁹⁸³ bem como aquilo de Jeremias: “Tornou-se minha herança qual leão na floresta, a rugir contra mim”,⁹⁸⁴ com que Isaías concorda nesta sentença: “Esperei deles a prática da justiça, perpetraram, porém, iniquidade, e não há justiça, mas gritos de socorro”.⁹⁸⁵

24 “Vendo Pilatos que nada adiantava, mas que, pelo contrário, maior se fazia o tumulto, fez com que lhe trouxessem água e lavou as mãos diante do povo, dizendo: ‘Sou inocente do sangue deste justo. Isto é lá convosco!’” – Pilatos recebeu água conforme aquele texto profético: “Lavarei as minhas mãos entre inocentes”,⁹⁸⁶ para que, na lavagem de suas mãos, as obras dos pagãos fossem purificadas e para fazer-nos, de algum modo, alheios à impiedade dos judeus que clamavam: “Crucifica-o!”, como que se respondesse e dissesse o seguinte: eu quis, por certo, libertar um inocente, como, porém, brota um tumulto e se me impinge ainda a acusação de um crime de lesa-majestade contra César,⁹⁸⁷ “sou inocente do sangue deste justo”. O juiz que se vê obrigado a proferir uma sentença contra Cristo não

condena o que lhe é apresentado, mas censura os que o apresentam, ao dizer que era justo quem estava para ser crucificado. “Isto é lá convosco!” Eu sou ministro das leis; é a vossa voz que derrama o sangue.

25 “E todo o povo respondeu: ‘Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!’” – Permanece tal impreciação até o dia de hoje sobre os judeus, e o Sangue do Senhor não é mais tirado de sobre eles. Daí que se diga, por meio de Isaías: “Se estenderdes as mãos para mim, [...] não vos escutarei; vossas mãos estão cheias de sangue”.⁹⁸⁸ Deixaram os judeus a melhor herança que podiam a seus filhos, quando disseram: “Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!”.

26 “Libertou então Barrabás, mandou açoitar Jesus e lho entregou para ser crucificado” – O ladrão Barrabás, que promovia sedições em meio à turba, que perpetrara homicídios, foi solto pelo povo dos judeus; trata-se, em outras palavras, do diabo, que até hoje reina no meio deles, e, por isso, não podem ter paz. Jesus, por outro lado, entregue pelos judeus, é absolvido pela mulher de Pilatos, pelo próprio governador é considerado justo, e um centurião ainda confessará que ele é verdadeiramente o Filho de Deus. Procure entender o erudito leitor como concordam entre si as ações de Pilatos, que, em primeiro lugar, lavou as mãos e disse: “Sou inocente do sangue deste justo”, e depois entregou Jesus, uma vez açoitado, para ser crucificado. Há de saber-se, porém, que ele servia às leis romanas, em que se estipulava que quem fosse crucificado deveria, antes, ser golpeado com açoites. Jesus foi entregue, então, aos soldados para que fosse açoitado, e os açoites retalharam aquele sacratíssimo corpo e aquele peito capaz de Deus. Fez-se isso, pois, para que, como está escrito: “Muitos são os flagelos dos pecadores”,⁹⁸⁹ sendo ele açoitado, nós fôssemos libertados dos golpes conforme o dizer da Escritura ao varão justo: “Nenhum flagelo chegará à tua tenda”.⁹⁹⁰

27-29 “Os soldados do governador conduziram Jesus para o pretório e rodearam-no com todo o pelotão. Arrancaram-lhe as vestes e colocaram-lhe

um manto escarlate. Depois, trançaram uma coroa de espinhos, meteram-lha na cabeça e puseram-lhe na mão direita uma vara. Dobrando os joelhos diante dele, diziam com escárnio: ‘Salve, rei dos judeus!’” – Os soldados, certamente, pelo fato de ter ele sido chamado de rei dos judeus e de os escribas e sacerdotes lhe imputarem como crime ter usurpado para si a realeza no povo de Israel, em tom de escárnio, fazem com que se dispa das vestes originais e o vestem com um manto escarlate, ao modo da faixa vermelha de que os antigos reis faziam uso; como diadema, impõem-lhe uma coroa de espinhos; por cetro real, dão-lhe uma vara e adoram-no como a um rei. Entendamos nós, porém, todos esses elementos em sentido místico. Como, com efeito, Caifás disse: “Convém que um só homem morra por todos”,⁹⁹¹ sem saber o que dizia, assim também, no que diz respeito a esses soldados, em tudo aquilo que fizeram, conquanto o tenham feito com outra intenção, cremos, não obstante, que nos ofereciam mistérios. No manto escarlate, Jesus carrega as sangrentas obras dos pagãos; na coroa de espinhos, desfaz a antiga maldição;⁹⁹² com a vara, mata os animais venenosos, ou então a trazia na mão direita para escrever o sacrilégio dos judeus.

30 “Cuspam-lhe no rosto e, tomando da vara, davam-lhe golpes na cabeça” – Naquele momento, cumpriu-se a palavra: “Não desviei o rosto da confusão das cusparadas”,⁹⁹³ e ainda, quando lhe golpeiam a cabeça com a vara, ele suporta tudo pacientemente, de modo a mostrar-se verdadeiro o vaticínio de Isaías que diz: “Não quebrará o caniço rachado”.⁹⁹⁴

31 “Depois de escarnecerem dele, tiraram-lhe o manto e entregaram-lhe as vestes. Em seguida, levaram-no para o crucificar” – Quando Jesus é flagelado, cuspidado e escarnecido, não leva a própria veste, mas aquela que por nossos pecados assumira; quando, porém, vai ser crucificado, tendo já passado toda aquela encenação de deboche e de escárnio, recebe então as vestes originais, assume o próprio ornamento, e, ao instante, os elementos se perturbam e a criação presta seu testemunho ao Criador.

32 “Saindo, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão, a quem obrigaram a levar a cruz de Jesus” – E não venha alguém a pensar que a narrativa do evangelista João seja contrária a esta passagem. Aquele evangelista, de fato, diz que, tendo saído do pretório, o Senhor carregava sua cruz;⁹⁹⁵ Mateus, porém, refere que encontraram um homem de Cirene, de nome Simão, a quem obrigaram a levar a cruz de Jesus. Mas isso se há de entender da seguinte maneira: ao sair do pretório, o próprio Jesus carregou a cruz; depois, deparou-se o grupo com Simão, a quem obrigaram a levar a cruz. De acordo com a anagoria,⁹⁹⁶ por outro lado, recebem as nações [em Simão] a cruz de Jesus, e o forasteiro obediente carrega a ignomínia do Salvador.

33 “Chegaram ao lugar chamado Gólgota, isto é, lugar da Caveira” – Ouvi que alguém⁹⁹⁷ explicou ser esse lugar da Caveira o sítio em que fora sepultado Adão e, por isso, recebera esse nome, tendo-se guardado ali a cabeça do antigo homem, e a isso alude o Apóstolo ao dizer: “Desperta, tu que dormes; levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará!”.⁹⁹⁸ Trata-se de uma interpretação que obtém favor e agrada ao ouvido do povo, mas não é verdadeira. Fora da cidade e a alguma distância da porta, existem, na verdade, lugares nos quais se cortam as cabeças dos condenados e que receberam, por isso, o nome da caveira, isto é, dos degolados. Pelo fato de o Senhor ter sido crucificado onde antes existira um lugar de suplício dos condenados, ali se ergueriam os estandartes dos mártires; e, assim como tomou ele por nós a maldição da cruz, foi flagelado e crucificado, é também pela salvação de todos, como malfeitor entre malfeitores, que viria a ser crucificado. Se, porém, alguém ainda quiser discutir, argumentando que o Senhor fora crucificado naquele lugar para que seu sangue se derramasse sobre o túmulo de Adão, perguntemos-lhe por que também foram crucificados no mesmo lugar outros dois, que eram ladrões. Em decorrência do que se disse, vê-se que o lugar da Caveira não era o sepulcro do primeiro homem, mas significa o lugar dos degolados, para que, “onde abundou o pecado, a graça superabunde”.⁹⁹⁹ Lemos, porém, no livro de Josué,¹⁰⁰⁰ que Adão foi sepultado próximo a Hebron e Arbé.

34 “Deram-lhe a beber vinho misturado com fel. Ele provou, mas se recusou

a beber” – Deus fala a Jerusalém: “Eu vos plantei vinha verdadeira, como é que vos tornastes em amargura de vinha estranha?”.¹⁰⁰¹ Uma vinha amarga amargo vinho produz e o dá a beber ao Senhor Jesus, para que se cumpra o que está escrito: “Deram-me fel como alimento; na minha sede, deram-me vinagre a beber”.¹⁰⁰² Aquilo, porém, que se diz: “Ele provou, mas se recusou a beber”, indica que provou, certamente, por nós a amargura da morte, mas que ao terceiro dia ressuscitou.

35 “Depois de o haverem crucificado, dividiram suas vestes entre si, tirando a sorte” – E isto fora profetizado no mesmo¹⁰⁰³ salmo: “Repartiram entre si as minhas vestes e, sobre meu manto, lançaram a sorte”.¹⁰⁰⁴

36 “Sentaram-se e montaram guarda” – A diligência dos soldados e dos sacerdotes é de proveito para nós, pois leva a que ressalte com mais força e clareza o poder do Ressuscitado.

37 “Por cima da sua cabeça, penduraram um escrito trazendo o motivo de sua crucificação: ‘Este é Jesus, o rei dos judeus’” – Não posso ficar tão admirado como deveria com a grandeza do fato de que, compradas falsas testemunhas e incitado o povo infeliz a levantar um tumulto e a elevar seus gritos, não se tenha encontrado outro motivo para a sua morte, a não ser o de que fosse rei dos judeus. E talvez o tenham feito com espírito de deboche, e caçoando. De resto, Pilatos, como se não aceitassem aquilo, lhes responde: “O que escrevi, escrevi”.¹⁰⁰⁵ Quer o queirais, quer não, ó judeus, toda a multidão dos pagãos vos responde: “Jesus é rei dos judeus”, isto é, o imperador dos que nele creem e o confessam.

38 “Ao mesmo tempo, foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda” – Se o Gólgota é túmulo de Adão,¹⁰⁰⁶ e não lugar de condenados, e, por isso, o Senhor é crucificado ali para ressuscitar Adão, por que são crucificados dois ladrões no mesmo lugar?

39 “Os que passavam o injuriavam, sacudiam a cabeça” – Blasfemavam os que passavam ao largo do caminho e não queriam andar pelo verdadeiro caminho das Escrituras. Moviam a cabeça porque, antes, tinham já movido os pés e já não se achavam de pé sobre a rocha. O povo tolo, insultando, diz, por sua vez, o mesmo que inventaram as falsas testemunhas.

42 “Ele salvou a outros e não pôde salvar-se a si mesmo!” – Os escribas e fariseus, mesmo sem o quererem, confessam que ele salvou a outros. A vossa sentença, assim sendo, vos condena, pois quem salvou a outros, se, por certo, o quisesse, também a si mesmo poderia salvar.

“Desça agora da cruz e nós creremos nele!” – Promessa fraudulenta! O que vale mais, descer da cruz ainda em vida ou, depois de morto, ressurgir de um sepulcro? Ele ressuscitou, e não credes. Logo, mesmo que tivesse descido da cruz, não crerieis tampouco. Parece-me, porém, que os demônios é que inspiram tais palavras. Com efeito, quando foi crucificado o Senhor, eles imediatamente conheceram o poder da cruz e entenderam que suas próprias forças tinham sido quebrantadas; por isso, se empenham em que desça da cruz. Mas o Senhor, conhecendo as insídias dos adversários, permanece no patíbulo para destruir o diabo.

44 “E os ladrões, crucificados com ele, também o ultrajavam” – Aqui, por meio de um tropo que se chama súllēpsis,¹⁰⁰⁷ induz-se que blasfemavam ambos os ladrões quando um só o fazia. Lucas, porém, afirma que, enquanto um blasfemava, outro confessou e, pelo contrário, chegou a increpar o blasfemo.¹⁰⁰⁸ E não é que discrepem os Evangelhos, mas, se é verdade que, num primeiro momento, ambos tivessem blasfemado, em seguida, tendo-se ocultado o sol, quando a terra tremeu e as rochas se fenderam, quando, por fim, mais espessas se faziam as trevas, um deles creu em Jesus e emendou a primeira negação com a confissão que se lhe seguiu. Nos dois ladrões, ambos os povos, quer o dos pagãos, quer o dos judeus, blasfemaram primeiro do Senhor; mas, em seguida, haja vista a grandeza dos sinais, um deles, aterrorizado, entregou-se à penitência e increpa, até

hoje, os blasfemos judeus.

45 “Desde a hora sexta até a nona, trevas abateram-se sobre a terra inteira” – Os que escreveram contra os Evangelhos insinuem que, em razão de sua ignorância, os discípulos de Cristo interpretaram, em referência à ressurreição do Senhor, um eclipse do sol, que sói ocorrer em certos períodos determinados, quando um eclipse jamais costuma acontecer senão durante a lua nova. Ora, não é matéria duvidosa para ninguém que, no tempo da Páscoa, a lua estava completamente cheia. E para não parecer, talvez, que a sombra da terra ou que o corpo da lua interposto diante do sol teriam produzido umas breves e ferrugíneas trevas, menciona-se ainda o espaço de três horas, de modo a subtrair qualquer ensejo aos que pretextam. Estimo que isso se deu para que se cumprisse a profecia que diz: “O sol pôr-se-á ao meio-dia, e a luz escurecerá sobre a terra em pleno dia”,¹⁰⁰⁹ e noutra passagem: “Antes que findasse o dia, deitou-se-lhe o sol”.¹⁰¹⁰ Parece-me muito claro que a luz do mundo, isto é, o luzeiro maior tenha retraído seus raios, ou para não ver o Senhor que pendia, ou então para que os ímpios blasfemadores não desfrutassem de sua luz.

46 “Próximo da hora nona, Jesus exclamou em voz forte: ‘Eli, Eli, lamma sabactáni?’, o que quer dizer: ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?’” – Fez uso do princípio do 21º salmo, e aquilo que se lê no meio do versículo: “olha-me”, está de mais. Lê-se, com efeito, no hebraico: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. Ímpios são, portanto, os que pensam que este salmo se diga da pessoa de Davi, ou ainda de Ester e Mardoqueu, quando os evangelistas entendem em referência ao Salvador as citações que dele se tomam, tais como: “Repartiram entre si as minhas vestes e, sobre meu manto, lançaram a sorte”,¹⁰¹¹ e: “Transpassaram as minhas mãos e os meus pés”.¹⁰¹² E não te admires com a humildade das palavras ou com as queixas do abandonado quando, ao saberes que ele tomou a forma de escravo,¹⁰¹³ contemplas o escândalo da cruz.

47 “Alguns dos que lá estavam diziam: ‘Ele chama por Elias’” – Não todos,

mas alguns, que penso terem sido soldados romanos, os quais não entendiam a natureza da língua hebraica, mas, a partir do que disse: Eli, Eli, julgavam que Elias fora por ele chamado. Se, por outro lado, quiseses entender que foram os judeus a dizê-lo, procederiam eles, movidos pelo costume que lhes era habitual, de modo a achacar o Senhor de fraco, por suplicar o socorro de Elias.

48 “Imediatamente, um deles tomou esponja, embebeu-a em vinagre e apresentou-lha na ponta de uma vara para que bebesse” – E tais gestos se fizeram para que se cumprisse a profecia: “Na minha sede, deram-me vinagre a beber”.¹⁰¹⁴ Até hoje, os judeus e todos os que não têm fé na ressurreição do Senhor dão a Jesus vinagre e fel a beber; e dão-lhe vinho misturado com mirra para adormecê-lo, e para que ele não veja os males que cometem.

50 “Jesus de novo lançou um grande brado, e entregou o espírito” – Entregar o espírito é indício de divina potestade,¹⁰¹⁵ pois ele próprio dissera também: “Ninguém pode tirar de mim a minha vida, mas eu a dou de mim mesmo para que, de novo, a tome”.¹⁰¹⁶

51 “E eis que o véu do templo se rasgou em duas partes de alto a baixo” – O véu do templo rasgou-se, e todos os mistérios da Lei, que anteriormente se achavam encobertos, revelaram-se e passaram ao povo dos pagãos. No Evangelho de que amiúde fazemos menção, lemos que a arquitrave do templo, de uma incalculável magnitude, fora quebrada e dividida.¹⁰¹⁷ Também Josefo¹⁰¹⁸ refere que as potestades angélicas, que outrora presidiam ao templo, teriam clamado igualmente: “Vamo-nos destes lugares!”.¹⁰¹⁹

51-52 “A terra tremeu, fenderam-se as rochas. Os sepulcros se abriram” – Não é duvidoso para ninguém o significado literal da grandeza desses sinais, que apontam a que tanto o céu como a terra e todas as coisas estavam a mostrar que o Crucificado era o seu Senhor. Parece-me, porém, que o

terremoto e os demais fenômenos guardam uma representação tipológica dos fiéis, uma vez que, ao serem por eles abandonados os primitivos vícios dos erros e amolecida a dureza do seu coração, os que foram antes semelhantes a túmulos de mortos reconheceriam, depois, o Criador.

52-53 “E os corpos de muitos justos que tinham morrido ressuscitaram. Saindo de suas sepulturas, entraram na cidade santa depois da ressurreição de Jesus e apareceram a muitas pessoas” – Como Lázaro, que tinha morrido, ressuscitou,¹⁰²⁰ assim também muitos corpos de justos ressuscitaram para mostrar que o Senhor ressuscitou. Não obstante, ainda que se lhes abrissem os sepulcros, não ressuscitaram antes que ressuscitasse o Senhor, para que fosse ele o primogênito da ressurreição dos mortos.¹⁰²¹ Entendamos essa cidade santa em que foram vistos os ressuscitados ou como a Jerusalém celeste, ou mesmo como esta terrestre, que anteriormente fora santa. Como também Mateus é chamado de publicano, e não porque, sendo apóstolo, permanecesse ainda publicano, mas por conservar o primeiro apelativo, chamava-se de santa a cidade de Jerusalém por causa do templo e do Santo dos Santos, e para fazer uma distinção no concernente às outras cidades em que se cultuavam os ídolos. Quando, por outro lado, se diz que apareceram a muitos, mostra-se que a ressurreição não foi geral a ponto de se manifestar a todos, mas sim algo especial, revelado a muitos, a fim de que a vissem os que a mereciam ver.

54 “O centurião e seus homens que montavam guarda a Jesus, diante do estremecimento da terra e de tudo o que se passava, disseram entre si, possuídos de grande temor: ‘Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus!’” – Noutro Evangelho, depois do terremoto, explica-se de modo mais claro a causa da admiração do centurião, ao dizer-se que, tendo visto que ele entregara o espírito, exclamou: “Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus!”.¹⁰²² Ora, ninguém tem poder de entregar o espírito a não ser aquele que é criador das almas. Entendamos, portanto, “espírito”, nesta passagem, por alma, ou porque torna o corpo espiritual e vital, ou porque a substância da própria alma é espírito, conforme o que está escrito: “Se retirares seu espírito, perecerão”.¹⁰²³ E há de considerar-se que o centurião diante da cruz, e durante o escândalo mesmo da paixão, confessa-o como sendo

verdadeiramente o Filho de Deus, ao passo que Ário, na Igreja, prega que seja uma criatura.

55 “Havia ali também algumas mulheres que, de longe, olhavam; tinham seguido Jesus desde a Galileia servindo-lhe” – Foi um costume judaico, e não se tinha por ação reprovável que, segundo antiga usança da nação, mulheres servissem a seus mestres, oferecendo-lhes alimento e vestuário a expensas de seus próprios bens. E porque isso poderia criar um escândalo em meio aos pagãos, Paulo se lembra de tê-lo rejeitado: “Acaso não temos nós direito de deixar que nos acompanhe irmãs mulheres, a exemplo do que fazem os outros apóstolos?”.¹⁰²⁴ Elas serviam ao Senhor à sua custa para que aquele de cujos bens espirituais elas ceifavam ceifasse dos bens materiais que elas lhe ofereciam,¹⁰²⁵ e não porque o Senhor tivesse necessidade dos alimentos das criaturas, mas para que com isso mostrasse uma antecipação tipológica dos mestres,¹⁰²⁶ que haveriam de contentar-se com o alimento e o vestuário que viessem a receber dos discípulos. Vejamos, no entanto, quais eram as companheiras que ele tinha: Maria Madalena, da qual tinha ele expulsado sete demônios,¹⁰²⁷ Maria, que era mãe de Tiago e de José – que era tia sua, ao ser irmã de Maria, a mãe do Senhor,¹⁰²⁸ e a mãe dos filhos de Zebedeu, que havia pouco suplicara o reino para os filhos,¹⁰²⁹ além de outras que lemos noutros Evangelhos.¹⁰³⁰

57 “À tardinha, veio um homem rico de Arimateia, chamado José, que era também discípulo de Jesus” – Refere-se que era rico, não por jactância do escritor, como para fazer ver que um homem nobre e muito rico era discípulo de Jesus, mas para mostrar o motivo pelo qual teria podido impetrar de Pilatos o corpo de Jesus. Não estava, de fato, entre as possibilidades de um pobre e desconhecido que tivesse acesso a Pilatos, então governador da potestade romana, e impetrasse o corpo de um crucificado. Noutro evangelista, este José é chamado bouleutês, isto é, membro do Conselho,¹⁰³¹ e há quem pense ter sido composto em referência a ele o primeiro salmo: “Feliz o homem que não procedeu conforme o conselho dos ímpios”, e assim por diante.¹⁰³²

59 “E tomado o corpo de Jesus, José envolveu-o num lençol limpo” – Em virtude da simples sepultura do Senhor, é condenada a ambição dos ricos que não podem, nem sequer nos túmulos, carecer de riquezas. Podemos, por outro lado, de acordo com um entendimento espiritual, pensar também que o corpo do Senhor não se há de envolver em ouro, em pedras preciosas nem em seda, mas num lençol limpo, o que, de resto, também significa que envolve Jesus num lençol limpo aquele que o recebeu com a mente pura.

60 “E o depositou num sepulcro novo seu, que tinha mandado talhar na rocha. Depois, rolou uma grande pedra à entrada do sepulcro e foi-se embora” – Põe-se o corpo de Jesus num sepulcro novo para que não se viesse a inventar, depois da ressurreição, que outro teria ressuscitado, uma vez que permaneceriam então, no sepulcro, outros corpos. Pode ainda o sepulcro novo indicar aqui o útero virginal de Maria; e a grande pedra rolada à sua entrada mostra que aquele sepulcro não podia ser aberto sem o concurso de muita gente.

61 “Maria Madalena e a outra Maria ficaram lá, sentadas defronte do túmulo” – Tendo os outros deixado o Senhor, as mulheres perseveraram no seu ofício, esperando o que Jesus prometera, e, por isso, mereceram ser as primeiras a ver o Ressuscitado, uma vez que “aquele que perseverar até o fim será salvo”.¹⁰³³

64 “Ordena, pois, que seu sepulcro seja guardado até o terceiro dia. Os seus discípulos poderiam vir roubar o corpo” – Não bastava aos príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos fariseus que tivessem crucificado o Senhor Salvador se não guarnecessem o sepulcro, se não tomassem consigo um destacamento, se não selassem a pedra e não tratassem de impedir, à medida que em suas mãos estava, que ele ressuscitasse, e, assim, o seu empenho foi de grande proveito à nossa fé. Quanto mais amplamente se observa, com efeito, toda essa cautela, tanto mais se mostra o poder da ressurreição. Daí também que tenha sido ele depositado num sepulcro novo, que tinha sido talhado na rocha, para não ocorrer que, caso tivesse sido este

edificado com muitas pedras, viessem a dizer que seu corpo fora dali retirado por furto, depois de erodidos os fundamentos do túmulo. Que tivesse, porém, de ser colocado num sepulcro é um testemunho do profeta, que diz: “Terá por asilo grutas escavadas de rocha duríssima”,¹⁰³⁴ e imediatamente se segue, depois de dois versículos: “E vereis o Rei na glória”.¹⁰³⁵

No sepulcro, ao amanhecer depois do sábado, Jesus saúda as mulheres

28,1 “Depois de passada a tarde do sábado, quando começava a luzir o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o túmulo” – Não se deve ter, no fato de que se descrevem, nos Evangelhos, momentos diferentes de visita dessas mulheres ao túmulo, um indício de mentira, tal como objetam os ímpios, mas sim de que prestavam, enquanto iam e vinham com muita frequência, os obséquios de uma zelosa visitação, sem conseguir ausentar-se do sepulcro do Senhor por muito tempo, nem permanecer longe dele.

2-3 “E eis que houve um violento tremor de terra: um anjo do Senhor desceu do céu, rolou a pedra e sentou-se sobre ela. Resplandecia como relâmpago e suas vestes eram brancas como a neve” – Nosso Senhor, um só e o mesmo Filho de Deus e Filho do Homem, ora manifesta os sinais de sua grandeza, ora de sua humildade, conforme ambas as suas naturezas, a saber, a da divindade e a da carne. Daí que, na presente passagem, por mais que seja um homem quem fora crucificado, sepultado, encerrado num sepulcro e retido por uma pedra posta à sua entrada, os sinais que se produzem do lado de fora mostram, não obstante, tratar-se do Filho de Deus: o sol a ocultar-se, as trevas a crescer, a terra abalada, o véu do templo rasgado, as pedras partidas, os mortos ressuscitados e as aparições de anjos, a demonstrar desde o início, quando do seu nascimento, que ele é Deus. Gabriel apareceu a Maria,¹⁰³⁶ com José um anjo fala¹⁰³⁷ e anuncia, igualmente, aos pastores, ouvindo-se, pouco depois, o coro dos anjos: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade”.¹⁰³⁸ É ainda o Senhor tentado no deserto e, logo depois da sua vitória, os anjos lhe servem.¹⁰³⁹ Aparece agora também um anjo, qual custódio do sepulcro do Senhor, e, trajado em resplandecente vestimenta, manifesta a glória do Triunfador. De modo semelhante, ao ascender o Senhor aos céus, dois anjos são vistos no monte das Oliveiras, a anunciar aos apóstolos a segunda vinda do Salvador.¹⁰⁴⁰

4-5 “Por causa do medo, os guardas ficaram apavorados, tornando-se como que mortos. Mas o anjo disse às mulheres: ‘Não temais! Sei que procurais a Jesus, que foi crucificado’” – Os guardas, tomados de terror, jazem estupefatos como se estivessem mortos, mas o anjo não os consola, e sim às mulheres. “Não temais!” Que eles, porém, temam, diz o anjo: que perdure o pavor naqueles em que permanece a incredulidade. De resto, já que vós procurais a Jesus, que foi crucificado, ouvi que ele ressuscitou e cumpriu suas promessas.

6-7 “Vinde e vede o lugar em que o Senhor fora posto” – De forma que, se não credes nas minhas palavras, ao menos creiais no sepulcro vazio; ide então num passo apertado e anunciai aos discípulos dele.

“Que ele ressuscitou dos mortos e vos precede na Galileia” – Em outras palavras, lá no pântano das nações,¹⁰⁴¹ em que antes se achava o erro, terreno escorregadio em que não se caminhava com pé firme e estável.

8 “Elas se afastaram prontamente do túmulo com temor, mas ao mesmo tempo com grande alegria, e correram a dar a Boa-nova aos discípulos dele” – Um duplo afeto apoderava-se das mentes daquelas mulheres, um afeto de temor e de alegria. O primeiro decorrente da magnitude dos milagres; o outro, pelo desejo de encontrar o Ressuscitado: ambos levavam a que se apressasse o feminino passo. Dirigiam-se elas aos apóstolos para que se espalhasse, por meio deles, a sementeira da fé.

9 “E eis que Jesus apresentou-se diante delas e disse-lhes: ‘Ave!’” – Aquelas que tanto o procuravam, que de tal maneira corriam, mereciam ter diante de si o Senhor ressuscitado e ser as primeiras a ouvir o seu Ave, para que a maldição da mulher Eva fosse nas mulheres abolida.¹⁰⁴²

“Aproximaram-se elas e, prostradas diante dele em adoração, retiveram-lhe os pés” – Elas se aproximam e retêm-lhe os pés porque se prostraram diante dele

em adoração. Por outro lado, aquela que procurava o Vivente em meio aos mortos e ainda não sabia que o Filho de Deus ressuscitara¹⁰⁴³ ouve com razão: “Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai”.¹⁰⁴⁴

10 “Disse-lhes Jesus: ‘Não temais!’” – Tanto no Antigo como no Novo Testamento, deve-se observar sempre que, quando aparece alguma visão muito sublime, é expulsado em primeiro lugar o temor, para que, assim, com a mente tranquilizada, possam ser ouvidas as coisas que se dizem.

“Ide dizer aos meus irmãos que se dirijam à Galileia: pois é lá que eles me verão” – Jesus faz referência àqueles irmãos a respeito dos quais disse, noutra lugar: “Anunciarei teu nome a meus irmãos”,¹⁰⁴⁵ os quais já não veem mais o Senhor na Judeia, e sim na multidão dos pagãos.

12-14 “Reuniram-se os sacerdotes em conselho com os anciãos. Deram aos soldados uma importante soma de dinheiro, ordenando-lhes: ‘Dizei: os discípulos dele vieram de noite e roubaram o corpo enquanto dormíamos. Se o governador vier a sabê-lo, nós o acalmaremos e vos tiraremos de dificuldades’” – Os guardas reconhecem o milagre, voltam depressa à cidade e anunciam aos príncipes dos sacerdotes o que tinham visto, os fatos que tinham presenciado. Os que deveriam ter-se convertido ao arrependimento, pondo-se à procura de Jesus ressuscitado, perseveraram na malícia e empregam o dinheiro que fora entregue aos usos do templo para comprar uma mentira, do mesmo modo como deram antes as trinta moedas de prata ao traidor Judas. Todos os que abusam, portanto, do que ao templo se paga e dos bens que se entregam aos usos da Igreja em gastos outros com que satisfazem à própria vontade são semelhantes aos escribas e aos sacerdotes, que compram tanto uma mentira como o Sangue do Salvador.

Os onze discípulos vão para a Galileia, Jesus ensina e lhes manda batizar

16 “Os onze discípulos foram para a Galileia, para a montanha que Jesus lhes tinha designado” – Depois da ressurreição, Jesus se deixa ver num monte da Galileia e é ali adorado, conquanto alguns ainda hesitem, e a dúvida deles aumente a nossa fé. Mostra-se então manifestamente a Tomé e apresenta aquele lado ferido pela lança e as mãos transpassadas pelos cravos.¹⁰⁴⁶

18 “Mas Jesus, aproximando-se, lhes disse: ‘Toda potestade me foi dada no céu e na terra’” – Foi dada toda potestade àquele que pouco antes tinha sido crucificado, que fora sepultado num túmulo, que jazera morto e, depois, ressuscitou. É-lhe dada potestade, pois, quer no céu, quer na terra, para que quem antes reinava no céu, reine na terra pela fé dos crentes.

19 “Ide, pois, ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” – Eles ensinam, primeiro, a todas as nações e, então, batizam com água as nações que foram ensinadas. Não pode dar-se, com efeito, que o corpo receba o sacramento do batismo se a alma antes não recebeu a verdade da fé. As nações são, por outro lado, batizadas em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo para que se veja haver aí um único dom que provém daquelas Pessoas cuja divindade é uma só,¹⁰⁴⁷ ao indicar o nome da Trindade um único Deus.

20 “Ensinai-as a observar tudo quanto vos prescrevi” – Uma ordem clara. Mandou aos apóstolos que, primeiro, ensinassem a todas as nações; depois, que as banhassem com o sacramento da fé e, depois da fé e do batismo, que preceituassem o que se deveria observar. E, para não pensarmos serem leves as coisas que se mandaram ou que o Senhor teria acrescentado poucas, ele diz: “Tudo quanto vos prescrevi”, de sorte que os que tiverem abraçado a fé

e tiverem sido batizados na Trindade tenham de fazer tudo o que foi prescrito.

“Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” – Promete que estará com os discípulos até o fim do mundo e, com isso, mostra que eles hão de viver para sempre, e que ele próprio jamais se há de afastar dos que creem. Quem, por outro lado, promete a sua presença até o fim do mundo não ignora aquele dia em que sabe que há de estar com os apóstolos.

Livro 3

[Mt 16,13–22,40]

Coleção

Patrística

1. Padres apostólicos, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna;

O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué

2. Padres apologistas, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmiás

3. I e II apologias e diálogo com Trifão, Justino de Roma

4. Contra as heresias, Irineu de Lion

5. Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios
– *Sobre a penitência, Ambrósio de Milão*

6. Sermões, Leão Magno

7. A Trindade, Santo Agostinho

8. O livre-arbítrio, Santo Agostinho

9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), Santo Agostinho

9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), Santo Agostinho

9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), Santo Agostinho

10. Confissões, Santo Agostinho

11. Solilóquios – A vida feliz, Santo Agostinho

12. A graça I, Santo Agostinho

13. A graça II, Santo Agostinho
14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a origem do homem
– *Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia*
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Dos bens do matrimônio – A santa virgindade – Dos bens da viuvez
– *Cartas a Proba e a Juliana, Santo Agostinho*
17. A doutrina cristã, Santo Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador
– *Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antão, Santo Atanásio*
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, Santo Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, Santo Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, Santo Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus
– *Cartas a Olímpia, São João Crisóstomo*
24. Contra os Acadêmicos – A ordem – A grandeza da alma – O Mestre, Santo Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos, Santo Agostinho
26. Examerão – Os seis dias da criação, Santo Ambrósio
- 27/1. Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a epístola aos Romanos – Comentários

sobre a epístola aos Gálatas – Homilias sobre a epístola aos Efésios, São João Crisóstomo

27/2. Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homilias

sobre a Segunda carta aos Coríntios, São João Crisóstomo

27/3. Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo,

a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, São João Crisóstomo

28. Regra pastoral, Gregório Magno

29. A criação do homem – A alma e a ressurreição – A grande catequese, Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, São Jerônimo

32. A fé e o símbolo – Primeira catequese aos não cristãos – A continência – A disciplina cristã, Santo Agostinho

33. Demonstração da pregação apostólica, Irineu de Lion

34. Homilias sobre o Evangelho de Lucas, Orígenes

35/1. Obras completas I, Cipriano de Cartago

35/2. Obras completas II, Cipriano de Cartago

36. O sermão da montanha – Escritos sobre a fé, Santo Agostinho

37. A Trindade – Escritos éticos – Cartas, Novaciano

38. Homilias – Comentário sobre o Cântico dos cânticos, Orígenes

39. A mentira – Contra a mentira, Santo Agostinho

40.A natureza do bem – O castigo e o perdão dos pecados e o batismo das crianças, Santo Agostinho

41.A Simpliciano – Réplica à carta de Parmeniano, Santo Agostinho

42.Tratado sobre o batismo, Santo Agostinho

43.Retratações, Santo Agostinho

44.Comentário ao Evangelho de Mateus, São Jerônimo

■

Título original: De musica libri sex

Tradução: Luciano Rouanet Bastos

Tradução: Luciano Rouanet Bastos e Heres D. de O. Freitas

Introdução: Heres D. de O. Freitas

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

Direção editorial: Pe. Sílvio Ribas

Coordenação editorial: Heres Drian de Oliveira Freitas

Coordenação de revisão: Tiago José Risi Leme

Preparação do original: Caio Pereira

Coordenação de desenvolvimento digital: Rodrigo Moura de Oliveira

Desenvolvimento digital: Júlia Cardoso Nascimento

Conversão ePUB

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Jerônimo, Santo, m. 419 ou 20

Comentário ao Evangelho de Mateus [livro eletrônico] / São Jerônimo; tradução de Luciano Rouanet Bastos. – São Paulo: Paulus, 2021.

829 kb; (Coleção Patrística)

Título original: Commentarii in evangelium Matthaei

ISBN 978-65-271-3 (e-book)

1. Bíblia. N.T. Mateus Comentários Obras anteriores a 1800 I. Título II. Bastos, Luciano Rouanet

21-1929 CDU 226.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia. N.T. Mateus Comentários de São Jerônimo

Seja um leitor preferencial PAULUS.

Cadastre-se e receba informações

sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2021 (e-book)

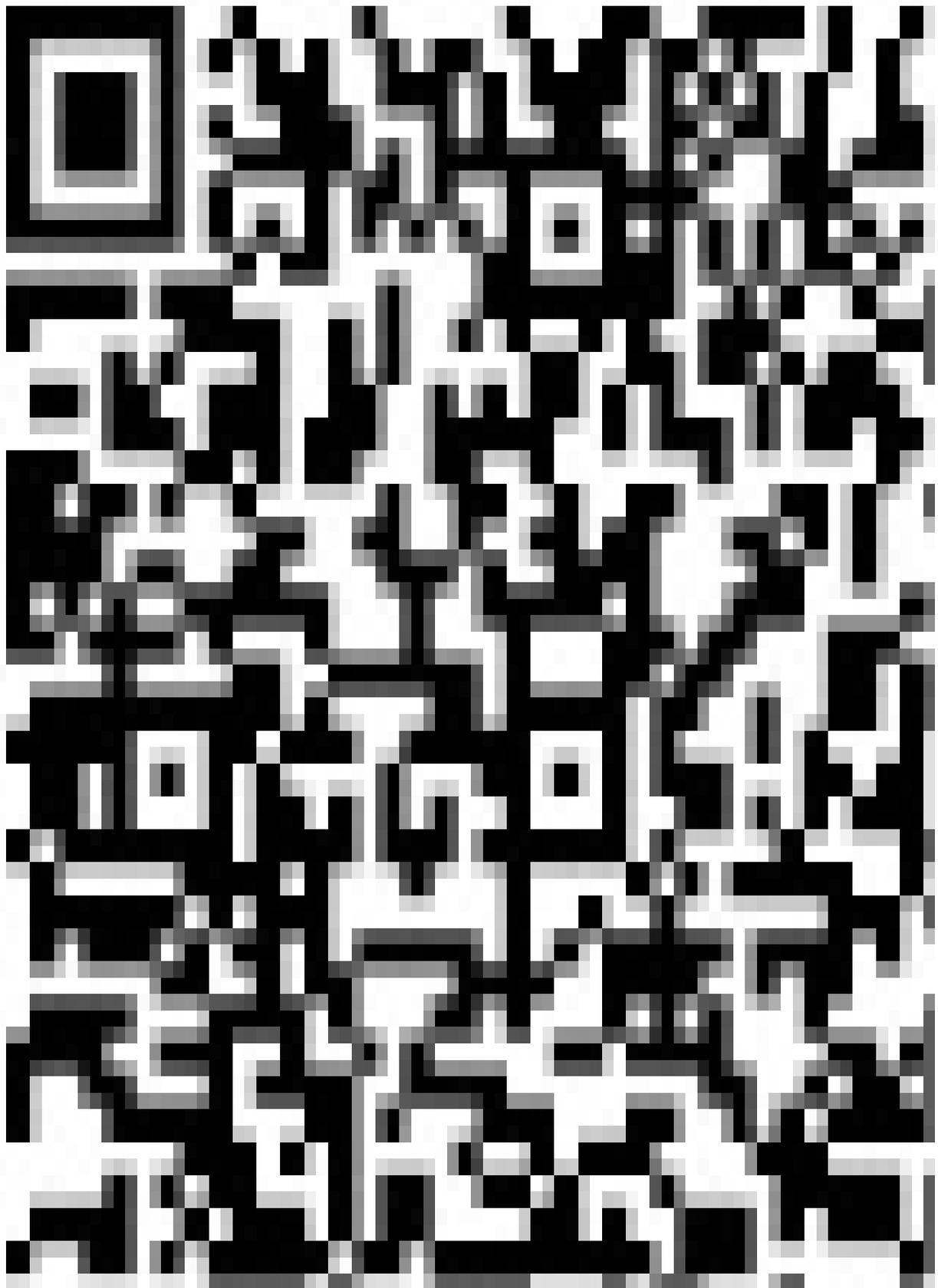
© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-271-3



Introdução

¹ De fato, quando compôs o presente comentário, Jerônimo já havia trabalhado na Vulgata.

² Cf. ep. 106,29.

³ Com. Mt., Prefácio.

⁴ Acerca dessas duas interpretações, veja-se, abaixo, p. 10.

⁵ Algo próprio dos commentarii commatici, anotações breves sobre determinados pontos das Escrituras – e dos textos clássicos –, muitas vezes à margem do texto. Mas o santo percebe que, ao dedicar maior espaço a algumas passagens, quase muda de gênero literário, passando do comentário à homilia. Cf. Com. Mt. capítulos 12 e 13, no livro 2; 20 e 21, no livro 2; 24 e 25, no 4.

⁶ Inclusive com a comparação entre versões. Veja-se, por exemplo, em Com. Mt. 1,5,25 e 1,6,11.

⁷ Cerca de dez anos antes, publicara seu Liber interpretationis hebraicorum nominum. Tinha, então, facilidade para lidar com, e apresentar, por exemplo, significados de nomes.

⁸ Veja-se, por exemplo, Com. Mt. 3,17,1; 4,26,8.

⁹ A não se confundir com a comum compreensão de interpretação literal, ou seja, de leitura, e aplicação, ao pé da letra – literalidade a que o Santo Dálmata se oporia, particularmente porque de certas passagens os pagãos invocavam o senso literal prima facie para apontar, por exemplo, a ignorância de Jesus (cf. Com. Mt. 2,15,17).

¹⁰ Cf. Com. Mt. 2,15,17.

¹¹ Cf., por exemplo, Com. Mt. 1,9,9; 2,15,31; 4,24,28.

¹² Em Com. Mt. 1,2,22; 3,22,7; 4,24,15, por exemplo.

[13 Com. Mt. 3,17,3.](#)

[14 Cf. Com. Mt. 2,13,44 e 4,26,56.](#)

[15 Cf. Com. Mt. 2,13,33.](#)

[16 Cf. ep. 57,3. Com cautela, porém, para que – seguindo o conselho do Santo Dálmata – não se considere claro o que é obscuro, nem se busquem obscuridades onde há clareza \(Com. Mt. 1,6,26 e 2,15,15\). As epistulae aqui indicadas são, salvo indicação contrária, de S. Jerônimo, ou constantes entre as suas.](#)

[17 Isto é, histórico \(ou literal\), tropológico \(ou figurado\), espiritual. Cf. ep. 120,12. A respeito de tais sentidos, bem como da diferença entre as exegeses antioquena e alexandrina, veja-se M. SIMONTETTI, Lettera e/o allegoria: un contributo alla storia dell'exegesi patristica, Roma: Institutum Patristicum Augustinianum \[Studia Ephemeridis Augustinianum 23\], 1985.](#)

[18 Cf. Com. Mt. 4,27,27-29; 3,17,1-8.](#)

[19 Cf. Com. Mt. 1,9,15 e 1,4,17.](#)

[20 Cf. Com. Mt. 4,27,32.](#)

[21 Cf. Com. Mt. 2,13,37, por exemplo. Quanto a heresiarcas e heresias – bem como quaisquer outros personagens e/ou obras – mencionados no Com. Mt., o leitor encontra maiores informações – e bibliografia – em A. Di BERARDINO \(org.\), Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs – doravante DPAC –, trad. C. Andrade, Petrópolis/São Paulo: Vozes/Paulus, 2002.](#)

[22 Cf. Com. Mt. 4,26,37.](#)

[23 Observações de caráter psicológico são feitas também acerca de outros personagens do Evangelho; cf., por exemplo, 1,9,14; 1,10,40; 2,11,2-3; 2,13,31-32; 2,14,8 e 28; 3,18,1; 3,20,24; 3,21,46.](#)

[24 Cf., Com. Mt. 1,4,1; 1,5,1; 1,8,3; 1,10,5-6, entre outros.](#)

[25 Com. Mt. 1,2,21; 2,12,49; 2,13,55.](#)

[26 Com. Mt. 3,19,11-12.](#)

²⁷ Veja-se, abaixo, p. 13-14.

²⁸ Atribuíveis, respectivamente, a Étienne Langton, no séc. XIII, e Robert Estienne, no séc XVI.

²⁹ Cf. A. D. BOOTH, “The Chronology of Jerome’s Early Years”, Phoenix 35 (1981) 237-259, p. 241; com M. H. WILLIAMS, The Monk and the Book: Jerome and the Making of Christian Scholarship, University of Chicago Press, 2006, p. 384 (Appendix: Chronology of Jerome’s Career).

³⁰ Para a biografia de S. Jerônimo, cf. “Introdução” a São Jerônimo – Apologia contra os livros de Rufino, São Paulo: Paulus, 2013, coleção Patrística – doravante abreviada em PatrPaulus –, vol. 31, juntamente com F. MORENO, São Jerônimo – A espiritualidade do deserto, trad. M. S. Gonçalves, São Paulo: Loyola, 1992.

³¹ Com. Mt., Prefácio.

³² Eusébio de Cremona (nascido nos meados do século IV) tornou-se discípulo de São Jerônimo em Roma e seguiu-o mais tarde para a Terra Santa. Desde que voltou a Roma, quando da composição da presente obra, perdem-se suas notícias. Parece que assistiu São Jerônimo na hora da morte (420) e que viria a ser ordenado sacerdote mais tarde (cf. DPAC, p. 540). Rufino (Apologia 1,19,12) descreve-o como alguém não muito confiável.

³³ Veja-se, acima, n. 5.

³⁴ O que vale igualmente – o leitor já se terá dado conta – para as notas desta Introdução.

Prefacio

³⁵ Lc 1,1-2.

³⁶ Cf. ORÍGENES, Homiliae in Lucam 1.

³⁷ Ez 13,3.6.

[38 Jo 10,8.](#)

[39 Cf. Jr 14,14; 23,21.](#)

[40 Cf. Ct 2,4.](#)

[41 Cf. Ct 5,4.](#)

[42 Ct 2,9.](#)

[43 Cf. Gn 2,10.](#)

[44 Cf. Ex 25,10ss.](#)

[45 Cf. EUSÉBIO, Historia Ecclesiastica – doravante HE, sem menção do autor – 3,39.](#)

[46 Cf. HE 2,15; 3,39; 4,14.](#)

[47 Cf. 2Cor 8,18.](#)

[48 Cf. HE 4,25,6.](#)

[49 Cf. Jo 13,25.](#)

[50 Jo 19,27. Sobre o Evangelho de João, cf. HE 3,24,11; 6,14,7.](#)

[51 A palavra que dera origem à designação da seita judeu-cristã dos ebionitas deriva do termo hebraico “pobre”, e não de um suposto heresiarca de nome Ebião \(cf. DPAC, p. 437\). Vejam-se também IRINEU DE LYON, Adversus haereses 1,26,1; e HE 3,27-28.T](#)

[52 Cf. 1Jo 2,18.](#)

[53 Cf. Rm 3,25; 2Cor 5,15.](#)

[54 Cf. HE 3,24; 6,14.](#)

[55 Jo 1,1-2.](#)

[56 Cf. Ez 1,5.10. Para uma interpretação anterior, algo distinta da de Jerônimo, cf.](#)

IRINEU DE LYON, Adversus haereses 3,11,8.

⁵⁷ Mt 1,1.

⁵⁸ Mc 1,3.

⁵⁹ Lc 1,5.

⁶⁰ Cf. Ez 1,9-16.

⁶¹ Cf. Ap 5,8.

⁶² Cf. Ap 4,5-6.

⁶³ Ap 4,7.

⁶⁴ Ap 4,8.

⁶⁵ Veja-se, acima, n. 32, p. 14.

⁶⁶ Sobre Orígenes, vejam-se as introduções a *Contra Celso*, PatrPaulus 20; *Tratado sobre os princípios*, PatrPaulus 30; *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*, PatrPaulus 34.

⁶⁷ A única obra de Teófilo, bispo de Antioquia no final do séc. II, que chegou até nós é o *Ad Autolicum*.

⁶⁸ Hipólito, cuja identidade é ainda discutida, foi martirizado em 235.

⁶⁹ Bispo de Heracleia (Trácia) na primeira metade do séc. IV, foi um antinicensino condenado pelos ocidentais.

⁷⁰ Bispo de Laodiceia, na segunda metade do séc. IV, mesmo tendo-se oposto ao arianismo, teve sua cristologia condenada no Concílio de Constantinopla em 381. O Estridonense foi seu ouvinte em Antioquia.

⁷¹ Mais conhecido como Dídimo, o Cego (séc. IV). S. Jerônimo e Rufino de Aquileia foram seus discípulos.

⁷² Bispo de Poitiers (315-368), foi exilado no início da segunda metade do séc. IV. O Estridonense copiou algumas de suas obras.

[73 Bispo de Petau \(Panônia\), morreu mártir em 304.](#)

[74 Bispo de Aquileia \(séc. IV\). Dos autores citados – apresentados por Jerônimo em seu De viris illustribus do parágrafo 25-109, para os quais o leitor encontra verbetes específicos em DPAC –, chegaram-nos tão somente Hilário e, em parte, Orígenes \(cf. J. GRIBOMONT, “Traducciones: Jerónimo y Rufino”, em A. Di BERARDINO \[org.\], Patrología, vol. III: La edad de oro de la literatura patristica latina, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993³, p. 276\).](#)

[75 Mas, em sua ep. 74,6, Jerônimo diz ter estado doente por dez meses. Em outras duas cartas, sem especificar por quanto tempo, conta somente ter tido uma longa enfermidade \(ep. 71,5 e 73,10\).](#)

[76 O Estridonense não chegou, porém, a comentar o referido livro sacro. Príncípia, virgem consagrada juntamente com a nobre Marcela, ambas do círculo de intelectuais romanas acompanhado por Jerônimo em Roma, é destinatária das ep. jeronimianas 65 e 127.](#)

Livro 1

[77 Is 53,8, segundo a Vulgata.](#)

[78 Gn 22,18.](#)

[79 Sl 131,11.](#)

[80 A referência que se faz, nos dois primeiros capítulos dos Números \(1,7; 2,3\), é a Naasson, então denominado príncipe de Judá quando do recenseamento das tribos, não a seu filho Salmon. Ou o santo distraiu-se ou, por Salmon ser o primogênito de Naasson, considera-o príncipe.](#)

[81 Ou segundo dos Reis, de acordo com a nomenclatura atual.](#)

[82 Cf. 2Rs 8,16ss.](#)

[83 Cf. 2Rs 11,1ss.](#)

[84 Cf. 2Rs 14,1ss.](#)

⁸⁵ Cf. 2Rs 15,1ss.

⁸⁶ Ao desposar a princesa Atália, filha de Jezabel e do idólatra Acab, rei de Israel (cf. 2Rs 8,18). Os três grupos correspondem a: de Abraão a Davi, de Salomão a Joaquim, e de Joaquim a Jesus.

⁸⁷ É comum traduzirem-se respectivamente, em português, Ioacim por Joaquim e Ioachin por Joaquin, num esforço por manifestar a sutil diferença. Jerônimo parece ter presente aqui os nomes como constantes na Septuaginta: Ioakim e Ioaxin. No original, encontra-se, portanto, respectivamente, k e m, x e n.

⁸⁸ Flávio Cláudio Juliano (332-363), mais conhecido como Juliano, o Apóstata, imperou de 361 a 363 e tentou reinstaurar o paganismo oficial do império. Fragmentos de sua obra Contra Galilaeos – contra os cristãos – foram conservados em citações no Contra Iulianum de Cirilo de Alexandria.

⁸⁹ Cf. Lc 3,23.

⁹⁰ Cf. Dt 25,5ss.

⁹¹ Por cronista, o texto original traz a expressão “escritor dos tempos”. Trata-se de Sexto Júlio Africano, um historiador cristão que viveu entre os séculos II e III da nossa era, influenciando profundamente todos os que se dedicariam a esse gênero literário. A seu respeito, cf. HE 6,31,1-3.

⁹² Famoso historiador da Igreja (265-339) que viveu no limite entre as últimas perseguições e o reconhecimento legal do cristianismo no Império Romano, atuando ainda no desenlace da crise ariana como um conciliador. A obra, aqui citada em grego – diaphōnías euaggeliōn, segundo o Migne (PL 26,23), e diaphonias evangeliorum, na edição aqui seguida (Hurst/Adriaen) –, é provavelmente a sua quase desaparecida composição, em dois livros, Perguntas e respostas sobre os Evangelhos, da qual restam tão somente uns poucos fragmentos gregos e siríacos. Um epítome seu, com valiosas informações acerca do conteúdo, foi editado por Mai (PG 22,879-1006). Cf. J. QUASTEN, Patrología, vol. II: La edad de oro de la literatura patrística griega, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994⁵, p. 376. Ainda acerca de suas Perguntas e respostas sobre os Evangelhos, cf. HE 1,7,1-17.

⁹³ O trecho entre colchetes figura na edição de Migne (PL 26,23), mas não no original aqui seguido.

⁹⁴ Noivas e mulheres casadas são, no original, sponsae e uxores, respectivamente.

⁹⁵ A virgindade de Maria, juntamente ao seu parto e à morte do Senhor, três realidades designadas como mysteria clamoris (no grego, mystéria kraugês) na carta autêntica de Santo Inácio de Antioquia aos Efésios (19,1), e realizadas “no silêncio de Deus”, ocultam-se, segundo o autor, ao príncipe deste mundo.

⁹⁶ 1Cor 6,16.

⁹⁷ Cf. Lv 5,1.

⁹⁸ Cf., acima, n. 18, p. 28.

⁹⁹ Contra Helvidium 4. Uma obra de cunho polêmico, saída da pluma do próprio São Jerônimo em resposta às provocações de Helvídio, um leigo ariano – talvez romano – que sustentava, contra as pretensões do ascetismo monástico, que Maria teria usado do matrimônio com José.

¹⁰⁰ In utero habebit, isto é, conceberá.

¹⁰¹ In utero accipiet.

¹⁰² Sl 67,19.

¹⁰³ Cf. Ef 4,8.

¹⁰⁴ Particularmente Contra Helvidium 10.

¹⁰⁵ Cf. Evangelium secundum Hebraeos fragmento 20.

¹⁰⁶ 24,17.

¹⁰⁷ Cf. ep. 57,8.

¹⁰⁸ 19,15.

¹⁰⁹ 5,2.

¹¹⁰ Caio Vetio Juvenco, autor de origem hispânica que compôs, no tempo da paz de Constantino, uma paráfrase do Evangelho (Evangeliorum libri) em versos

hexâmetros que lembram Virgílio.

111 “Thus, aurum, myrrham regique hominique Deoque dona ferunt.”

112 Que agiu movido por uma fé mais profunda, ao contar tão somente com as palavras de um anjo.

113 O texto da versão grega dos Setenta diz: “Do Egito, chamei o seu filho (tà tékna autoũ)”; grifo nosso.

114 11,1.

115 Cf. ep. 57,7.

116 Cf. 1Cor 11,16.

117 Nm 23,22.

118 Cf. Gn 35,19.

119 Do hebraico rāmāh, “elevação”, “colina” ou “lugar elevado” construído artificialmente (para idolatria?).

120 Flávio Josefo é o historiador judaico-romano que testemunhou a destruição de Jerusalém pelos romanos no ano 70 da nossa era. Em sua obra das Antiquitates iudaicae (17,13,2), registra que Arquelau teria sido desterrado a Viena nas Gálias, e não a Lião, como anota São Jerônimo.

121 Is 11,1. O termo “rebento” corresponde ao hebraico nēšer, que São Jerônimo lê “nazareno” ou “nazoreu”, e remonta à raiz verbal nšr, “observar”, “guardar”, “cuidar”, aplicada a quem é observante – dos mandamentos de Deus, por exemplo – e, por conseguinte, santo. Ainda acerca de “narazeno”, veja-se seu Liber interpretationis hebraicorum nominum 62,27, de 385.

122 2Cor 6,16; cf. Lv 26,12.

123 Filósofo neoplatônico que viveu entre os séculos III e IV da nossa era, discípulo de Plotino. Desferiu muitos ataques aos cristãos, tentando desacreditar a autoridade das Escrituras ao evidenciar o que para ele seriam as suas contradições internas.

[124 Mc 1,1-3.](#)

[125 3,1.](#)

[126 40,3.](#)

[127 Trata-se provavelmente de uma alusão ao procedimento empregado por São Paulo \(Rm 3,10-12\), que cita o Sl 13 como encabeçamento de um longo rol de testemunhos bíblicos aduzidos em seguida.](#)

[128 Cf. 2Rs 1,8.](#)

[129 Ez 36,26.](#)

[130 Cf. Jr 46,22.](#)

[131 Lc 3,16; Mc 1,7.](#)

[132 O mistério segundo o qual a Igreja, chamada aqui “casa” do Senhor, é também sua esposa \(cf. Ef 5,32\), aplicando-se a ela, portanto, a legislação mosaica do levirato.](#)

[133 Cf. Dt 25,5-10.](#)

[134 Cf. Rt 4,7-11.](#)

[135 Pela lei do levirato, a viúva de um homem morto sem filhos se tornaria esposa de seu irmão. Se este último se recusasse a recebê-la, ela, diante dos anciãos, retiraria seu calçado e lhe cuspiria na face.](#)

[136 Lc 12,49.](#)

[137 1Cor 3,13.](#)

[138 Cf. Lc 12,50.](#)

[139 Ez 1,1.](#)

[140 Cf. Ex 24,18; 1Rs 19,8.](#)

[141 8,3.](#)

[142 Eclo 2,1.](#)

[143 Mt 27,53.](#)

[144 V. 11ss.](#)

[145 V. 13.](#)

[146 Dt 6,16.](#)

[147 Sentido etimológico do termo grego “deuteronômio”.](#)

[148 1Tm 3,6.](#)

[149 Dt 6,13.](#)

[150 Cf. Com. Mt. 3,16,23.](#)

[151 Mt 16,23.](#)

[152 Cf. Mt 25,41.](#)

[153 Mt 8,5.](#)

[154 Sl 33,19](#)

[155 Cf. 61,1.](#)

[156 Cf. Gn 3,17-18; Hb 6,8.](#)

[157 Sl 26,13.](#)

[158 Sl 44,5.](#)

[159 Cf. 1Sm 15,35.](#)

[160 Cf. 2Cor 12,21.](#)

[161 Cf. Gl 6,2.](#)

[162 Cf. 1Cor 3,16-17.](#)

¹⁶³ A circuncisão, realizada no oitavo dia do nascimento, é figura do martírio.

¹⁶⁴ A “falsa boca de quem amaldiçoa” é a contraparte da verdade daquele por quem se é amaldiçoado.

¹⁶⁵ Cf. Eclo 9,16. Apesar da aproximação à citação mencionada, o modo de citá-la (“em certo volume”) leva a pensar, porém, que se poderia tratar de fonte extrabíblica.

¹⁶⁶ Cf. Jz 9,45.

¹⁶⁷ Sb 6,7.

¹⁶⁸ Cf. 2Pd 2,4. O tártaro dos gregos e romanos corresponde ao inferno cristão.

¹⁶⁹ Cf. Mt 10,27.

¹⁷⁰ Cf. 2Cor 5,17.

¹⁷¹ Cf. Rm 12,1.

¹⁷² Cf. Lc 6,27-29.

¹⁷³ Tg 1,20.

¹⁷⁴ Literalmente, “sem cérebro” (absque cerebro).

¹⁷⁵ Cf. 1Cor 1,24.30.

¹⁷⁶ Apò koinoñ, isto é, pela similaridade.

¹⁷⁷ Em acordo: consentiens, no original.

¹⁷⁸ Rm 12,18.

¹⁷⁹ Mt 5,44.

¹⁸⁰ Parece ter sido esta a posição de Orígenes, em seu comentário ao Evangelho de Mateus, decorrente dos seus pressupostos antropológicos.

¹⁸¹ Cf. 2Tm 1,14.

182 Cf. Gl 5,17; Rm 7,23.

183 1Pd 5,8.

184 1Jo 5,19.

185 Cf. Mc 12,42.

186 Cf. Lc 21,3.

187 A pré-paixão – também designada pelo Santo Doutor (ep. 79,9) antepassio – igualmente poder-se-ia traduzir em tentação.

188 Sl 72,7.

189 Convertendo-se em ocasião de queda, no legítimo sentido bíblico do conceito de escândalo.

190 Cf. 1Cor 9,27.

191 Lv 21,11.

192 Cf. ep. 55,4.

193 Cf. Dt 24,1-4; Mt 19,8.

194 Cf. Is 65,16.

195 Cf. Dt 6,13; 10,20.

196 Através da moderação na exigência de reparação de uma ofensa.

197 Mt 11,29.

198 Jo 18,23.

199 Sl 7,5.

200 3,27.30.

201 Pela expressão literal dextrum dogma, entenda-se aqui a reta doutrina atacada

pelo herege.

²⁰² Cf. Mt 10,8.

²⁰³ Cf. 1Sm 24,9; 26,5; 2Sm 18,33.

²⁰⁴ Cf. At 7,59.

²⁰⁵ Cf. Rm 9,3.

²⁰⁶ Lc 23,34.

²⁰⁷ Mt 7,4.

²⁰⁸ Mt 7,5.

²⁰⁹ Cf., acima, 1,5,39.

²¹⁰ 1Sm 1,13.

²¹¹ Cf. Sb 1,6.

²¹² Cf. Rm 6,12.

²¹³ Possível alusão à doutrina de Orígenes.

²¹⁴ Necessário à subsistência: no original tem-se supersubstantialis, que São Jerônimo parece empregar como sinônimo de cottidianus (ou cotidianus) na Vulgata. Acerca dessa dupla terminologia com que o Estridonense traduz o grego epioúsios, veja-se S. BARBAGLIA, “‘Il nostro pane, quello di domani (sabato), donacelo oggi (venerdì)’ (Mt 6,11) – I risvolti ermeneutici del Vangelo ebraico secondo Matteo alla luce della testimonianza di san Girolamo”, em A. BASTIT-KALINOWSKA e A. CARFORA (a cura di), Vangelo, trasmissione, verità. Studi in onore di Enrico Cattaneo nel suo settantesimo compleanno, Trapani: Il Pozzo di Giacobbe, 2013, p. 25-50, p. 25-31.

²¹⁵ Trata-se do termo segullāh, que se traduz por “propriedade”, “posse” e, por analogia, “tesouro”. Figura em Ex 19,5; Dt 7,6; 14,2; 26,18; Sl 134(135),4; Ecl 2,8; 1Cr 29,3 e Ml 3,17. A versão dos Setenta tradu-lo literalmente como perioúsios, no entanto, tão somente nas quatro citações do Pentateuco e, em

forma dependente da mesma raiz (periousiasmós), no salmo e no Eclesiastes. Em 1Cr e Ml, porém, a tradução fez-se ad sensum.

²¹⁶ Autor do século II da nossa era, responsável por uma versão grega do Antigo Testamento.

²¹⁷ Jo 6,51.

²¹⁸ São Jerônimo olhava com respeito para esse texto do século II, hoje perdido, e associado a cristãos judaizantes, por considerar que se relacionaria, ao menos em parte, com o Evangelho de Mateus em sua suposta versão hebraica original.

²¹⁹ Em hebraico, mǎhār, traduzido por “(no) dia seguinte”, “amanhã”, “(no) futuro”.

²²⁰ 1Tm 6,8.

²²¹ Mt 6,34.

²²² Trata-se aqui, na verdade, da expressão “em verdade vos digo”, introdutória da sentença relativa ao conhecido condicionamento do perdão das ofensas por parte de Deus ao perdão que damos aos demais.

²²³ Tradutor do Antigo Testamento ao grego que, no século II, pretendeu substituir a versão dos Setenta por um texto mais literalmente apegado ao original hebraico.

²²⁴ Cf. ep. 26,4.

²²⁵ SI 81,6-7.

²²⁶ Exterminant.

²²⁷ Exterminantur.

²²⁸ Extra terminos.

²²⁹ Demoliuntur.

²³⁰ SI 140,5.

[231 Sl 44,8.](#)

[232 Cf. Fl 3,19.](#)

[233 2Pd 2,19.](#)

[234 Cf. ep. 22,30.](#)

[235 Cf. Gn 3,19.](#)

[236 Cf. Rm 12,3.](#)

[237 Molusco marinho de que se extraía comercialmente a púrpura na Antiguidade.](#)

[238 1Ts 2,9.](#)

[239 Gn 30,33.](#)

[240 1Sm 28,19.](#)

[241 Cf. ep. 55,1.](#)

[242 Cf. Gn 16,6, segundo a Septuaginta.](#)

[243 Ekákōsen autén, isto é, maltratou-a.](#)

[244 Cf. 1Cor 5,3-4.](#)

[245 Cf. At 5,1-10.](#)

[246 Cf. Mt 23,24.](#)

[247 Cf., acima, 1,6,2.](#)

[248 Cf. Mt 15,26.](#)

[249 Cf. Pr 11,22.](#)

[250 Cf. 2Pd 2,22; Pr 26,11.](#)

[251 Sl 117,20.](#)

[252 Cf. Cl 2,3.](#)

[253 Cf. Gn 8,21.](#)

[254 Ef 5,16.](#)

[255 Cf. 2Cor 6,4-5; 11,27.](#)

[256 Cf. 1Tm 5,21; 2Tm 2,1-10.](#)

[257 Hereges, estes, de filiação gnóstica \(cf. ORÍGENES, De principiis 2,9,5\) como, por exemplo, os maniqueus. Cf. ep. 133,9; In Isaiam 1,16; Adversus Iovinianum 2,3.](#)

[258 Cf. Dt 32,51.](#)

[259 Cf. 2Sm 11,27.](#)

[260 Mt 26,72.](#)

[261 Cf. Ex 18,19.](#)

[262 Cf. Jt 5,5.](#)

[263 Trata-se de Menandro, poeta ateniense que viveu entre os séculos IV e III a.C. e viria a influenciar os comediantes romanos posteriores. São Jerônimo faz essa mesma citação em ep. 22,29.](#)

[264 Cf. 1Cor 15,33.](#)

[265 Cf. Jo 13,2.](#)

[266 Cf. At 9,15; Fl 3,6.](#)

[267 1Cor 12,3.](#)

[268 Cf. Mt 7,23; Lc 13,27.](#)

[269 Tt 1,16.](#)

[270 Seria esse o caso dos exorcistas judeus de At 19,13-20, condenados ao](#)

invocar o nome do Senhor. De todo modo, devem-se entender os prodígios como meros instrumentos da manifestação do poder de Deus para a extensão da fé, não como fim em si mesmo, nem como sinal inequívoco da santidade de quem os realiza.

²⁷¹ Cf. 1Sm 10,6-12.

²⁷² Cf. Nm 24,17.

²⁷³ Cf. Jo 11,50-51.

²⁷⁴ Cf. Gn 41,17-36.

²⁷⁵ Cf. Dn 2,29-46.

²⁷⁶ Cf. 19,14-16.

²⁷⁷ Cf. Lc 9,6.

²⁷⁸ Alusão à doutrina da pré-existência das almas, um dos pressupostos teóricos de Orígenes. Cf. ep. 124,3.

²⁷⁹ Cf. Ef 6,12.

²⁸⁰ Cf. Mt 16,18.

²⁸¹ Cf. Pr 30,19.

²⁸² Sl 39,3.

²⁸³ Cf. Sl 103,18.

²⁸⁴ Cf. Ex 33,21.23.

²⁸⁵ Cf. 1Cor 3,10.

²⁸⁶ Temos aqui, em rápida panorâmica, o desenrolar dos primeiros dezessete versículos do oitavo capítulo do evangelista Mateus, que abordam sucessivos milagres de cura citados: a cura do leproso (8,1-4), a do servo do centurião (8,5-13), a da sogra de Pedro (8,14-15) e a dos possessos e outros doentes (8,16-17).

²⁸⁷ Quero curar[-te]: no latim, volo mundare.

²⁸⁸ A explicação tem sentido se se consideram particularmente o original latino do verbo, cujas formas tanto do infinitivo quanto do imperativo passivo singular da segunda pessoa são a mesma (mundare), e a ausência de pontuação nos textos manuscritos antigos.

²⁸⁹ Cf. Lv 14,2-32.

²⁹⁰ Cf. Mt 12,2; 15,2.

²⁹¹ É possível que tenha havido aqui um lapso mental do autor, que talvez pensasse ainda no milagre anteriormente realizado. Tanto é assim que a edição de Migne (PL 26,51) substitui, nesta frase, o termo “leproso” por “paralítico”.

²⁹² Termo grego que se pode traduzir por “intensidade”.

²⁹³ Cf. Jo 12,24.

²⁹⁴ Cf. 2Cor 3,6.

²⁹⁵ Cf. At 8,18-19.

²⁹⁶ É bem possível que o termo “morto” transite aqui entre a acepção normal e a metafórica, sugerida, aliás, pela primeira frase, verdadeiramente lapidar, que abre o comentário do presente versículo.

²⁹⁷ Tem-se aqui nova panorâmica dos milagres seguintes de Jesus, que passará São Jerônimo a comentar: a tempestade acalmada (8,23-27), a expulsão dos demônios em terra pagã (8,28-34) e a cura do segundo paralítico (9,1-8).

²⁹⁸ Cf. Jn 1,5.

²⁹⁹ O sacrifício de Jonas, lançado ao mar para impedir o naufrágio, é figura da paixão do Senhor. A palavra “tipo”, aqui empregada por São Jerônimo, tem caráter técnico de antecipação figurada do Novo Testamento no Antigo. Cf. ep. 53,8.

³⁰⁰ Ao serem dotados de raciocínio meramente humano. Cf., abaixo, 3,16,15.

[301 Cf. Rm 10,10.](#)

[302 Cf. Tg 2,19.](#)

[303 Já que, no deserto, começara as tentações pela condicional: “Se és Filho de Deus”.](#)

[304 Mt 11,27. Talvez fosse de esperar aqui a parte inicial da citação: “Ninguém conhece o Filho senão o Pai”, já que se trata do conhecimento do Filho. Que São Jerônimo a tenha omitido mostra, por outro lado, a natureza divina desse Filho, um com o Pai, precisamente o que os demônios só podiam supor.](#)

[305 Cf. HE 7,31,1-2.](#)

[306 Lc 5,8.](#)

[307 Com. Mt. 1,8,23.](#)

[308 Sentido alegórico, especialmente de cunho moral.](#)

[309 Cf., acima, 1,8,14-15.](#)

[310 Is 43,25.](#)

[311 Cf. Mc 2,14; Lc 5,27. Veja-se também In Isaiam 11,37](#)

[312 Pr 18,17.](#)

[313 Is 43,26.](#)

[314 Cf., acima, respectivamente, n. 47, p. 37, e n. 12, p. 27.](#)

[315 Cf. PLÍNIO, Naturalis historia 34,43.](#)

[316 Cf. ep. 21,2.](#)

[317 Os 6,6.](#)

[318 Mt 3,17.](#)

[319 Montano \(séc. II\) – de quem recebe nome o montanismo, movimento herético](#)

do qual Prisca e Maximila eram duas grandes profetisas – considerava-se profeta, falava em nome do Paráclito, de quem era precursor. Cf. HE 5,14-19.

³²⁰ Cf. Jo 3,5; Ef 4,22-24.

³²¹ Cf. Mt 25,29.

³²² Gl 3,1; 5,7.

³²³ Sl 67,32. Veja-se também AGOSTINHO DE HIPONA, *Enarrationes in Psalmos* 67,40.

³²⁴ Rm 11,25-26.

³²⁵ Cf. Lc 8,42.

³²⁶ Cf. Lv 15,25ss; Nm 5,3.

³²⁷ At 13,46.

³²⁸ Cf. Lv 15,19ss.

³²⁹ Cf. Lc 20,38.

³³⁰ Mt 9,1.

³³¹ Cf. 9,28.

³³² Cf. Mc 10,46-52.

³³³ Marcião (séc. II) fundou não só uma escola gnóstica, mas – excomungado – uma igreja verdadeira e própria. A seu respeito, veja-se IRINEU DE LYON, *Adversus haereses* 3,3,4. Manes, ou Mani, igualmente gnóstico, é o pai do maniqueísmo, de doutrina dualista, em que há dois deuses – o bom, do Novo Testamento, e o mau, do Antigo Testamento – nos quais se originam, respectivamente, espírito e matéria. A seu respeito, veja-se HE 7,31,1-2.

³³⁴ Cf. Lc 1,37.

³³⁵ Sl 125,5-6.

³³⁶ Cf., acima, 1,9,35.

³³⁷ Cf. At 3,6.

³³⁸ Cf. Jo 2,1-12.

³³⁹ Com. Mt. 1,9,9.

³⁴⁰ Cf. Rm 5,20

³⁴¹ Cf. HE 1,13,1-4.

³⁴² Segundo alguma tradição manuscrita menor. O termo é tão somente uma variante da forma preferencial Tadeu e remonta ao hebraico lēb, “coração”; daí a tradução corculum, que apresenta São Jerônimo, literalmente “coraçõzinho” e, por extensão, alguém com predisposição ao pensamento – cuja atividade a mentalidade semítica atribuía ao coração, “prudente”, “sagaz”.

³⁴³ Cf. Mc 3,17.

³⁴⁴ Mt 28,19.

³⁴⁵ Tratava-se dos cínicos, que deambulavam munidos de bordão (baculum) e alforje (pera).

³⁴⁶ O norte da Europa e do mundo conhecido pelos antigos.

³⁴⁷ PLATÃO, Leges 12,942d-e.

³⁴⁸ 1Tm 6,18.

³⁴⁹ Gl 6,6.

³⁵⁰ Sentido místico do texto.

³⁵¹ Cf. Ex 3,5.

³⁵² Cf. Ex 4,7.

³⁵³ Cf. 2Rs 18,21; Is 36,6.

[354 Cf. 1Tm 3,7.](#)

[355 Segundo o hebraico, šālôm ‘ălēykem, “a paz esteja contigo”.](#)

[356 1Cor 14,20.](#)

[357 Cf. At 8,1.](#)

[358 Cf. 2Rs 1,2.](#)

[359 Cf. Ecl 10,1.](#)

[360 Cf. 1Cor 4,5.](#)

[361 Cf., acima, 1,5,22.](#)

[362 Cf. 2Rs 23.](#)

[363 Cf. 2Cr 28,3.](#)

[364 Cf. Jr 7,31; 19,2; 32,35.](#)

[365 Cf. Jr 19,6 segundo a Septuaginta.](#)

[366 Cf. Jó 24,7.](#)

[367 Mt 6,26.](#)

[368 Mt 6,28.](#)

[369 Mt 6,30.](#)

[370 Cf. HILÁRIO DE POITIERS, Commentarius in Matthaeum 10,18.](#)

[371 Cf. Lc 12,6.](#)

[372 Cf. AMBRÓSIO MEDIOLANENSE, Expositio evangelii secundum Lucam 8,113.](#)

[373 Cf. Gn 11,1-9.](#)

[374 Sl 67,31.](#)

[375 Cf. Mq 7,6.](#)

[376 Cf. Ct 2,4.](#)

[377 Lc 9,23.](#)

[378 Cf. Sl 140,4.](#)

[379 Gl 6,6.](#)

[380 Gl 6,7.](#)

Livro 2

[381 Jo 1,29.](#)

[382 Mt 3,17.](#)

[383 Cf. Jo 11,34.](#)

[384 Mt 9,14.](#)

[385 Jo 3,26.](#)

[386 Cf. ep. 121,1.](#)

[387 Aúxēsis, um acrescentamento.](#)

[388 Cf. Ml 3,1.](#)

[389 Isto é, “mensageiro”.](#)

[390 Cf. ep. 121,1.](#)

[391 Mt 3,2.](#)

[392 Cf. At 21,11.](#)

³⁹³ Cf. At 21,9.

³⁹⁴ A reencarnação, ou doutrina que professa essa crença e aprofunda raízes nas concepções órficas e pitagóricas, passando pelo platonismo, e encontra semelhanças em filosofias orientais como o budismo e o hinduísmo.

³⁹⁵ Cf. Lc 1,17.

³⁹⁶ Cf. 1Rs 19,3.

³⁹⁷ Cf. MI 3,23.

³⁹⁸ Is 8,18.

³⁹⁹ Sl 18,8.

⁴⁰⁰ Sl 8,3.

⁴⁰¹ Cf. 2Sm 6,5.

⁴⁰² Cf. 1Cor 1,24.

⁴⁰³ Cf. Lc 7,35. É a referência apresentada pela edição de Migne (PL 26,73), muito embora não seja essa a versão corrente do texto do Evangelho tal como o temos hoje. Pode tratar-se aqui de alguns códices de que o autor teria conhecimento, e daí o plural que ele emprega.

⁴⁰⁴ O texto do Evangelho de que o Santo dispunha diante de si, ao comentá-lo, devia ter títulos, ou subtítulos, ou no início de uma divisão em seções ou à margem do texto de cada perícopo.

⁴⁰⁵ Cf. Mt 4,23.

⁴⁰⁶ Mt 10,5.

⁴⁰⁷ Cf. Mc 3,8. Vejam-se também Mt 15,21; At 21,3 e 27,3.

⁴⁰⁸ Mas, cf. Liber interpretationis hebraicorum nominum 64,11-12, onde Cafarnaum significa cidade da consolação.

⁴⁰⁹ Cf. Ez 16,52.

⁴¹⁰ De fato, as traduções correntes da forma verbal confiteor no presente versículo costumam ser: “bendigo” ou “dou graças”. Optou-se, no entanto, por manter a forma “confesso” – que não tem em português tal acepção, por assim dizer, positiva – apenas por uma questão de nexo com a explicação seguinte do autor acerca da polissemia do termo latino confessio, “confissão”.

⁴¹¹ Cf. Mt 11,19.

⁴¹² Eunômio (séc. IV), bispo de Cízico, ariano e feroz opositor do Concílio de Niceia (325), defendia que Cristo não é semelhante ao Pai.

⁴¹³ Cf. Zc 5,7.

⁴¹⁴ Sl 37,5.

⁴¹⁵ Cf. Mc 6,31.

⁴¹⁶ Os 6,6.

⁴¹⁷ Cf. 1Sm 21,1-6.

⁴¹⁸ Cf. 1Sm 20,5.

⁴¹⁹ Cf. Jo 7,22.

⁴²⁰ Tanto o pronome demonstrativo “este” como o advérbio de lugar “aqui” têm, em latim, a mesma forma: hic. Daí a aclaração pertinente do autor, pois se há de ler hic realmente como “aqui”. No entanto, pelo teor da observação que se faz em seguida (“maior que o templo é o lugar que contém o Senhor do templo”), talvez fosse melhor traduzir o verbo em maior templo est hic, diferentemente das versões bíblicas correntes, por “ser”, e não por “estar”: “maior que o templo é aqui (= este lugar)” – uma leitura legítima se considerarmos que a diferença tão marcada, em português, entre os sentidos de “ser” e “estar” não é tão marcada assim na língua latina. É provável que São Jerônimo assim tenha entendido dito versículo.

⁴²¹ Os 6,6. Cf. Com. Mt. 2,12,4.

⁴²² Cf. Evangelho segundo os hebreus, fragmento 23.

[423 Is 42,1.](#)

[424 Mt 7,13.](#)

[425 Cf. Mt 18,11.](#)

[426 Cf., acima, Com. Mt. 1,9,3.](#)

[427 Cf. SALÚSTIO, De bello Iugurthino 10,6.](#)

[428 Cf. ep. 42,1.](#)

[429 Cf., acima, Com. Mt. 1,10,25.](#)

[430 Cf. Mt 19,28; Lc 22,30.](#)

[431 Lc 11,20.](#)

[432 Ex 8,19.](#)

[433 Cf. Ex 31,18.](#)

[434 Lc 17,21.](#)

[435 Jo 1,26.](#)

[436 Mt 3,2.](#)

[437 Cf. Mt 21,43.](#)

[438 Cf. 1Jo 5,19.](#)

[439 Sobre o Tártaro, cf., acima, n. 92, p. 50.](#)

[440 Cf. Sl 67,19.](#)

[441 Cf. ep. 42.](#)

[442 Mc 3,30.](#)

[443 Mc 3,22.29.](#)

[444 Cf. Mc 6,3.](#)

[445 Cf. Mt 11,19.](#)

[446 Cf. ep. 121,10.](#)

[447 Cf. Mc 8,11.](#)

[448 Cf. 1Rs 18,38.](#)

[449 Cf. 1Sm 12,18.](#)

[450 Cf. Ex 7,11-12.22.](#)

[451 Cf. Ez 16,15.](#)

[452 Cf. In Ionam 2,3.](#)

[453 Como, aliás, já se observou ao comentar-se acima o versículo 6 deste mesmo capítulo do Evangelho.](#)

[454 O texto hebraico anuncia a destruição num prazo de quarenta dias caso não houvesse a conversão da cidade, que, de tão grande, três dias seriam necessários para percorrê-la. Mas Jonas a percorreu por um só dia. Um lapso, muito provavelmente, do Santo. Sobre Jonas figura de Cristo, cf., acima, Com. Mt. 1,8,24.](#)

[455 Cf. 1Rs 10,1-7; 2Cr 9,1-9.](#)

[456 Cf., em seguida, Mt 12,45.](#)

[457 Jo 14,31.](#)

[458 Lc 13,35.](#)

[459 Cf. 11,1-3.](#)

[460 Cf. Adversus Helvidium 5 e 12-14.](#)

[461 Cf. Mt 13,55; Mc 16,1.](#)

[462 Gnóstico do séc. II. Cf. TERTULIANO, Adversus Valentinianos; IRINEU DE LYON, Adversus Haereses 3,4,3; HE 4,10-11.](#)

[463 Cf. 6,9-10.](#)

[464 Cf. Jo 4,35.](#)

[465 Is 50,5.](#)

[466 Jo 8,56.](#)

[467 Cf., acima, 2,12,32.](#)

[468 Cf. Gn 3,18.](#)

[469 Cf. Mt 19,23.](#)

[470 Cf. Adversus Iovinianum 1,5.](#)

[471 Cf. Hb 13,4. Cf. também Adversus Iovinianum 1,3 e ep. 49,2.](#)

[472 Cf., por exemplo, TERTULIANO, De cultu feminarum; CIPRIANO DE CARTAGO, De habitu virginum.](#)

[473 Cf. Mt 13,36ss.](#)

[474 Altera.](#)

[475 Alia.](#)

[476 Mt 21,43.](#)

[477 Cf. Sl 54,6.](#)

[478 Cf. Lc 17,5-6; Mt 21,21; Mc 11,23.](#)

[479 1Cor 13,2.](#)

[480 Cf. Mt 18,20.](#)

[481 Republica 4,439d-440e. Cf., também, abaixo, neste mesmo livro, 15,19.](#)

[482 Rationabile.](#)

[483 Plenum irae vel irascibile.](#)

[484 Concupiscibile.](#)

[485 Isto é, satum.](#)

[486 Cf. Sl 77,2.](#)

[487 Cf., a título de exemplo, Sl 38,1.](#)

[488 Cf. Sl 87,1.](#)

[489 Cf. Sl 88,1.](#)

[490 Cf. Sl 83,1.](#)

[491 13,2; 13,24.](#)

[492 Cf. Mt 18,10.](#)

[493 Sl 9,20.](#)

[494 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 13,37.](#)

[495 Cf. Dt 13,5; Is 1,16.](#)

[496 Cf. Hb 13,4.](#)

[497 VIRGÍLIO, Georgica 1,152.154.](#)

[498 Cf., “Introdução”, acima, p. 9.](#)

[499 Cf. Cl 2,3.](#)

[500 A edição aqui seguida traz institutor, “mestre”; enquanto o texto de Migne \(PL 26,94\) apresenta a leitura institor, “negociante”.](#)

[501 Acerca de ambos – que rejeitavam o Antigo Testamento –, veja-se, acima, n. 257, p. 98.](#)

[502 Cf. Fl 3,8.](#)

[503 Jr 16,16.](#)

[504 Cf. Mt 4,19.](#)

[505 Ct 7,14.](#)

[506 Cf. Adversus Helvidium 5 e 12.](#)

[507 Veja-se, acima, n. 14, p. 126.](#)

[508 Cf. Lc 3,23.](#)

[509 JOSEFO, Antiquitates Iudaicae 18,5,1-2.](#)

[510 O termo regis Phetraí possivelmente se refira ao rei da Arábia Pétria, província então fronteiriça do Império Romano a leste da Judeia, que viria a ser incorporada no século II, sob Trajano, e correspondia em parte ao antigo reino nabateu. Seu nome deve-se à sua capital, Petra, hoje um sítio arqueológico ao sul do reino da Jordânia. A edição de Migne \(PL 26,97\) traz a leitura filiam Aretae regis.](#)

[511 Lc 3,1.](#)

[512 Cf. 1Rs 21,19.](#)

[513 Cf. JOSEFO, Antiquitates Iudaicae 15,5,1-2.](#)

[514 Cf. Gn 40,20. Veja-se também ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 10,22.](#)

[515 Cf. Lc 2,48.](#)

[516 TITO LÍVIO, Ab Urbe condita 39,43.](#)

[517 Cf., abaixo, neste mesmo livro, 14,13.](#)

[518 Antiquitates Iudaicae 18,5,2.](#)

[519 Cf. Ex 12,1-11.](#)

[520 Cf. HE 4,15,8.](#)

[521 Mt 10,23.](#)

[522 Cf. Gl 4,27; ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 14,13.](#)

[523 Cf. Lc 15,20.](#)

[524 Cf., acima, 1,8,16.](#)

[525 Cf. Jo 6,9.](#)

[526 Entendida como Lei e Profetas? É a conjectura que faz, em nota, a edição de Migne \(PL 26,100\).](#)

[527 Acerca de ambos, cf., acima, n. 257, p. 98.](#)

[528 Trata-se aqui não de outro evangelista, mas do relato conhecido como “segunda multiplicação dos pães”, presente tanto em Mateus \(15,29-39\) como em Marcos \(8,1-10\). Lucas, ao narrar a única multiplicação de pães a que se refere \(9,10-17\), limita-se a dizer que se sentaram \(Cf. v. 14-15\).](#)

[529 Cf. Lc 9,14ss. Veja-se também ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 11,3.](#)

[530 Cf. Mt 15,34.38.](#)

[531 Zc 6,12.](#)

[532 Cf., acima, 1,5,1.](#)

[533 Ex 3,14.](#)

[534 Cf. Mt 16,16.22.](#)

[535 Cf. Mt 17,1.](#)

[536 Cf. Mt 26,75.](#)

[537 Cf. Jo 21,7.](#)

[538 A etimologia do hebraico mais tardio ginēsar ou ginnêsar remonta](#)

provavelmente à designação de “mar da(s) harpa(s)” (yām-kinerôt ou yām-kinnéret), dado o formato do lago. Migne observa, em nota, que, apesar de São Jerônimo desconhecer dita etimologia – uma ignorância, aliás, já confessada pelo próprio Orígenes –, seus editores trataram em vão de conjecturá-la, quase sempre em alusão à tranquilidade do porto mencionada pelo Santo no comentário que faz a este versículo (cf. PL 26,103, nota b). Veja-se ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 11,6.

539 Cf., acima, 1,9,20.

540 Cf. Mt 5,19.

541 Cf. ep. 121,10.

542 Cf. Ex 20,12; 21,17.

543 1Tm 5,3.

544 1Tm 5,17.

545 Cf. Dt 25,4; 1Cor 9,9.

546 Cf. Lc 10,7.

547 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 11,9.

548 A forma verbal que aparece na citação que faz São Jerônimo deste versículo, aqui traduzida por “envilece”, é communicat e teria o sentido de “tornar (o homem) comum”, isto é, vil, profano, alheio à exclusividade de que gozava por pertencer ao povo de Deus.

549 Cf. At 10,15.

550 1Cor 10,21.

551 Cf. Mt 18,6.

552 1Cor 3,6.

553 1Cor 3,9.

[554 Cf. 3Jo 8.](#)

[555 Jr 2,21.](#)

[556 Cf. Tt 3,10-11.](#)

[557 Republica 3,439d; Timaeus 44d e 73b-d.](#)

[558 Cf. ep. 64,1.](#)

[559 Cf., abaixo, neste mesmo livro, 15,25.](#)

[560 Mt 10,5.](#)

[561 Cf. Mc 7,24-30.](#)

[562 Cf. Mt 18,12-14.](#)

[563 Sl 21,17.](#)

[564 Fl 3,2.](#)

[565 Cf. Mt 9,2.](#)

[566 Debiles.](#)

[567 Claudus.](#)

[568 Claudicat.](#)

[569 1Rs 19,7.](#)

[570 Mt 14,15.](#)

[571 Neste mesmo livro,12,40; cf. também 1,8,25.](#)

[572 Cf. 1Cor 5,6.](#)

[573 A seu respeito, vejam-se, respectivamente, n. 257, p. 98, e n. 82, p. 153.](#)

Livro 3

[574 2,14,4.](#)

[575 Cf. Lc 3,1.](#)

[576 Na atual Síria. Para as considerações do Estridonense, cf. JOSEFO, Antiquitates Iudaicae 18,2,1; De bello Iudaico 2,167-168.](#)

[577 Importante cidade marítima e portuária do moderno Estado de Israel.](#)

[578 Atual Tell er-Rama, no reino da Jordânia. As informações acerca da cidade, reportadas por Jerônimo, no entanto, não parecem certas.](#)

[579 Sl 4,3.](#)

[580 Cf. Jo 10,34. Veja-se também, acima, 1,8,27.](#)

[581 Cf. Mt 14,2; Mc 6,16.](#)

[582 Cf. Liber interpretationis Hebraicorum nominum 60,22.](#)

[583 Cf. Jo 21,15.](#)

[584 Cf. Liber interpretationis Hebraicorum nominum 65,1-2.](#)

[585 Gl 1,16.](#)

[586 Sobre o Tártaro, cf., acima, n. 92, p. 50.](#)

[587 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 12,14.](#)

[588 Cf. Lv 14.](#)

[589 Cf. Mt 28,19ss.](#)

[590 Cf. Hb 6,6.](#)

[591 Cf. Jo 6,38.](#)

[592 Cf. Jo 12,24.](#)

[593 Cf. Cl 3,9.](#)

[594 Gl 2,20.](#)

[595 Cf. Gl 6,14.](#)

[596 Cf. Is 43,3-4.](#)

[597 Sl 115,3-4.](#)

[598 Cf. Lc 9,28.](#)

[599 Cf. Mt 22,14.](#)

[600 Mc 9,2.](#)

[601 Cf. 2Rs 2.](#)

[602 Cf. Dt 34.](#)

[603 Cf. Is 7,11.](#)

[604 Cf. Lc 9,31.](#)

[605 Cf. Lc 9,33.](#)

[606 Cf. Jo 5,37; 8,18.](#)

[607 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 12,43.](#)

[608 Cf. MI 3,23-24.](#)

[609 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 13,1.](#)

[610 Cf. Lc 23,11.](#)

[611 Cf. Os 7,4.](#)

[612 Cf. Ct 8,7.](#)

[613 Cf. Mt 8,13.](#)

[614 Cf. Is 53,7.](#)

[615 Cf. Mt 21,22; Jo 16,23.](#)

[616 1Cor 13,2.](#)

[617 Cf., acima, 2,13,31.](#)

[618 Cf. Zc 4,7.](#)

[619 Mc 12,14.](#)

[620 Cf. Mt 3,15.](#)

[621 Cf. ep. 52,6 e 22,16.](#)

[622 Cf. Is 53,9.](#)

[623 Cf. Jo 13,29.](#)

[624 Cf. Mt 20,28.](#)

[625 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 13,18.](#)

[626 Cf. Fl 2,7.](#)

[627 Cf. Na 1,9.12.](#)

[628 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 13,25.](#)

[629 Cf. Ap 2-3.](#)

[630 1Cor 11,10.](#)

[631 Cf. Lc 15,4-5.](#)

[632 Cf. Fl 2,6-8.](#)

[633 Cf. Mt 9,12-13; Mc 2,17; Lc 5,31-32.](#)

[634 Cf. Lc 15.](#)

[635 Cf. Mt 6,12.](#)

[636 Cf. 1Sm 2,25.](#)

[637 CÍCERO, De officiis 3,45.](#)

[638 Cf. Gl 5,17; e ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 14,3.](#)

[639 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 14,10.](#)

[640 Cf. 1Cor 7,29.](#)

[641 Cf. Dt 24,1-4.](#)

[642 Cf. 1Cor 7,6.](#)

[643 Tomada aqui, ao que parece, no sentido de um adultério ou traição conjugal.](#)

[644 Pr 18,22, conforme a Septuaginta.](#)

[645 Cf. Contra Helvidium 18-20; ep. 22,2.](#)

[646 Cf. Mt 7,8.](#)

[647 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 15,4.](#)

[648 1Cor 14,20.](#)

[649 Cf. Lc 10,25.](#)

[650 Sl 117,1.](#)

[651 Jo 10,11.](#)

[652 Cf. Sl 142,10; Ez 17,8.](#)

[653 Cf. At 5,1-11.](#)

[654 Como Crates; cf., abaixo, neste mesmo livro, 19,28.](#)

[655 Cf. 1Jo 2,6.](#)

⁶⁵⁶ Cf. Mt 13,22.

⁶⁵⁷ Cf. Gn 13,2; 26,13-14; 31,18.

⁶⁵⁸ Cf. Mt 9,9; Lc 19,8.

⁶⁵⁹ Cf., acima, 2,13,22.

⁶⁶⁰ Cf. Is 60,6.

⁶⁶¹ Cf. Mt 7,13-14.

⁶⁶² Um filósofo cínico, natural de Tebas, que vivera entre três e quatro séculos antes de Cristo. Veja-se o mesmo exemplo em ORÍGENES, *Commentarii in Matthaeum* 15,15.

⁶⁶³ Cf. Mt 10,34-36.

⁶⁶⁴ Leitura milenarista de Ap 20–21, ao pé da letra, muito comum no cristianismo primitivo, até o séc. III principalmente.

⁶⁶⁵ 2Cor 6,10.

⁶⁶⁶ Sl 21,11. Interpretação presente também em ORÍGENES, *Commentarii in Matthaeum* 15,36 e em HILÁRIO DE POITIERS, *Tractatus super psalmos* 29,11.

⁶⁶⁷ A interpretação que se segue encontra-se também em ORÍGENES, *Commentarii in Matthaeum* 15,32 e em HILÁRIO DE POITIERS, *Commentarius in Matthaeum* 20,6.

⁶⁶⁸ 1Jo 2,18.

⁶⁶⁹ Cf. ep. 21,40-41.

⁶⁷⁰ ORÍGENES, *Commentarii in Matthaeum* 15,35.

⁶⁷¹ Veja-se, logo acima, neste mesmo livro, 20,1-2.

⁶⁷² Lc 8,45.

[673 Jo 11,34.](#)

[674 Gn 3,9.](#)

[675 Gn 18,21.](#)

[676 Cf. Mc 9,6.](#)

[677 Mt 26,39.](#)

[678 Sl 115,3-4.](#)

[679 Sl 115,6.](#)

[680 Cf. At 12,2.](#)

[681 Cf. Jo 21,23. Veja-se também De viris illustribus 9.](#)

[682 É quanto se lê respectivamente em relação ao tormento do óleo e ao exílio, em TERTULIANO, De praescriptione haereticorum 36,3; e HE 3,18. Veja-se também a interpretação distinta de ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 16,6.](#)

[683 Cf. Ap 1,9.](#)

[684 Cf. Dn 3,23.91-97.](#)

[685 Cf. At 10,34.](#)

[686 Cf. Fl 2,7.](#)

[687 Cf. Lc 1,79.](#)

[688 Sl 35,10.](#)

[689 Cf. Jo 14,6.](#)

[690 Cf. Rm 11,17-18.](#)

[691 Cf., acima, 1,9,27-28.](#)

[692 Cf. Liber interpretationis hebraicorum nominum 50,9.](#)

[693 Cf. Liber interpretationis hebraicorum nominum 60,24; ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 16,17.](#)

[694 Cf. Mt 11,29.](#)

[695 Cf. Lc 19,33.](#)

[696 Zc 9,9.](#)

[697 São Jerônimo o realizou: por volta de 405 publica seu Commentariorum in Zachariam. A passagem é aí comentada em 2,9,9-10.](#)

[698 Cf. o parágrafo precedente \(1-3\); e ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 16,15.](#)

[699 Ep. 20; e ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 16,19.](#)

[700 Sl 117,22-26.](#)

[701 Sl 117,25.](#)

[702 'onnā' yhwh hôšî'āhnnā'.](#)

[703 Jo 5,43.](#)

[704 Cf. Fl 2,10.](#)

[705 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 16,19.](#)

[706 Sl 23,8.](#)

[707 Cf. Dt 18,18.](#)

[708 O artigo definido que, por si, indica determinação, e de que carecia a língua latina. Não se falava, com efeito, dum profeta qualquer, mas do Profeta por excelência.](#)

[709 Cf. Liber interpretationis hebraicorum nominum 62,64.](#)

[710 Is 56,7.](#)

[711 Jr 7,11.](#)

[712 Cf. Jo 2,16.](#)

[713 Cf. Lv 25,36; Dt 23,19.](#)

[714 O substantivo grego kollubistés é o que se emprega na versão original do Evangelho, e traduz-se acertadamente por “cambista”. A versão latina de São Jerônimo traduzia-o por nummularius, que ele reconhecia significar, de modo preferencial, “banqueiro” ou, poder-se-ia dizer, “agiota” ou mesmo “numulário”, ainda que o termo tivesse também a acepção de “cambista”.](#)

[715 O plural neutro kólluba pode traduzir-se do grego por bombons ou gulodices em geral.](#)

[716 Cf. Ez 22,12.](#)

[717 Sl 68,10.](#)

[718 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 16,22.](#)

[719 Mt 10,8.](#)

[720 O que aqui, e nas versões correntes da Bíblia, se traduz por “banco” corresponde, na versão latina, ao substantivo cathedra, de evidente polissemia e fácil associação à cátedra episcopal e ao crime de simonia, que consiste em exigir dinheiro para conferir o dom do Espírito Santo, máxime nas ordenações.](#)

[721 Sl 13,4.](#)

[722 Nos bancos: in cathedris no original.](#)

[723 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 16,22.](#)

[724 Cf. 1Cor 3,16.](#)

[725 Cf. Jo 11.](#)

[726 Cf. Jo 9.](#)

[727 Cf. Mt 3.](#)

[728 Cf. Mt 17.](#)

[729 Sl 8,3.](#)

[730 Cf. Liber interpretationis hebraicorum nominum 60,27; ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 16,26.](#)

[731 Cf. Mc 11,13.](#)

[732 J6 14,7.](#)

[733 Cf. Jo 21,25.](#)

[734 Cf. Jr 51,25.](#)

[735 Sl 45,3.](#)

[736 Cf. Mt 12,24.](#)

[737 Cf. Lc 15,11-32.](#)

[738 Zc 11,7.](#)

[739 Cf. Tb 4,16.](#)

[740 Ex 24,7.](#)

[741 At 26,14.](#)

[742 Is 5,7.](#)

[743 Sl 79,9.](#)

[744 Mq 4,8.](#)

[745 Jr 23,23.](#)

[746 Cf. Jr 37,14-15.](#)

[747 Cf. o apócrifo Martírio de Isaías 5,11-14.](#)

[748 Cf. 1Rs 21,13.](#)

[749 Cf. 2Cr 24,21; Mt 23,35.](#)

[750 Cf. Hb 11,34-37.](#)

[751 Cf. Rm 2,5.](#)

[752 Para Ário, o Filho não é da mesma substância do Pai, sendo-lhe, portanto, inferior. Sobre Eunômio, veja-se n. 32, p. 132.](#)

[753 Cf. Mt 24,36.](#)

[754 Cf. Hb 13,12.](#)

[755 Sl 117,22.](#)

[756 1Cor 3,9.](#)

[757 Cf. 1Cor 3,10.](#)

[758 Cf. Ef 2,20.](#)

[759 Cf. ep. 49,2.](#)

[760 1Pd 2,7.](#)

[761 Is 28,16.](#)

[762 Cf. ep. 53,10.](#)

[763 Jo 19,6.](#)

[764 Como ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 17,15.](#)

[765 Cf. Sl 77,49.](#)

[766 Cf. Rm 2,14.](#)

[767 Cf. Lc 14,23](#)

[768 Cf. Ap 19,8.](#)

[769 Cf. Cl 3,10.](#)

[770 Cf. 1Cor 15,48-49.](#)

[771 Cf. Lc 2,1.](#)

[772 TERTULIANO, De praescriptione haereticorum 1,1; FILÁSTRIO, Diversarum hereseon liber 28.](#)

[773 Cf. Mt 17,26.](#)

[774 Cf. Jo 6,38.](#)

[775 O termo grego significa “recomeço” e possivelmente se refira ao fato de considerarem os fariseus a chamada tradição oral ou “dos antigos” como uma segunda fonte da Lei, a par da dita Torá escrita, um recomeço, portanto, ou um novo ponto de partida no caminho de fé de um bom judeu.](#)

[776 Cf. At 23,8.](#)

[777 Cf. Is 8,14.](#)

[778 Cf. 1Cor 1,24. Veja-se também In Isaiam, Prólogo, 1.](#)

[779 Cf. ep. 108,23-24.](#)

[780 Ex 3,6.](#)

[781 Is 26,19.](#)

[782 Dn 12,2.](#)

[783 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 17,36.](#)

[784 Cf. 1Cor 15.](#)

Livro 4

[785 Sl 109,1.](#)

[786 Cf. Gn 15,2.](#)

[787 Sl 109,3.](#)

[788 Sl 109,4.](#)

[789 Cf. Gn 14,17-20.](#)

[790 Cf., acima, 3,20,1-2 e 3,20,24.](#)

[791 Cf. Sl 63,8.](#)

[792 Sl 1,1.](#)

[793 Mt 21,12.](#)

[794 Dt 6,8.](#)

[795 Cf. Nm 15,37.](#)

[796 O verbo grego phylássō traduz-se por “proteger”.](#)

[797 Cf. Rm 10,2.](#)

[798 Cf. Mt 9,20-22.](#)

[799 Cf. Jo 5,44.](#)

[800 Isto é, mestre.](#)

[801 Cf. 1Cor 8,6; Cl 1,16.](#)

[802 Rm 5,10.](#)

[803 Cf. 1Tm 2,7.](#)

[804 Cf. Os 6,9.](#)

[805 Cf. Jr 2,8.](#)

[806 Cf. Pr 26,11; 2Pd 2,22.](#)

[807 15,5.](#)

[808 Mt 15,5.](#)

[809 Sl 18,9.](#)

[810 Cf. Ex 20,14-16.](#)

[811 Cf. Mt 3,7-8; Lc 3,7-8.](#)

[812 Cf. 1Cor 12,4-11.](#)

[813 De viris illustribus, respectivamente, 5 e 1.](#)

[814 Cf. At 5,40.](#)

[815 Cf. Gn 4,8.](#)

[816 Cf. Gn 4,4.](#)

[817 2Cr 24,22.](#)

[818 Cf. Liber interpretationis hebraicorum nominum 60,27.](#)

[819 Evangelho segundo os hebreus, fragmento 24.](#)

[820 Sl 23,3.](#)

[821 Sl 23,6.](#)

[822 Sl 111,2.](#)

[823 Ez 14,14.](#)

[824 Cf. Lc 19,41.](#)

[825 Dt 32,11.](#)

[826 Jr 12,7.8.](#)

[827 Cf. Mt 21,9; ep. 20.](#)

[828 Cf. Lc 13,1-5.](#)

[829 Cf. At 8,10.](#)

[830 1Jo 2,18.](#)

[831 Cf. 2Tm 2,17.](#)

[832 Mt 22,14.](#)

[833 Ct 8,7.](#)

[834 Rm 8,35.](#)

[835 Cf. Dn 9,27.](#)

[836 Cf. 2Ts 2,4-9.](#)

[837 Cf. 2Cor 3,6.](#)

[838 Cf. Sl 75,5.](#)

[839 Cf. Mt 10,10.](#)

[840 Adversus Christianos, fragmento 44.](#)

[841 Apolinário de Laodiceia, cf. n. 36, p. 20.](#)

[842 Sl 118,91.](#)

[843 Sl 90,16.](#)

[844 JOSEFO, De bello Iudaico 5,1,1,2.](#)

[845 Acima, neste mesmo livro, 24,15. Veja-se também ep. 121,11.](#)

[846 Cadáver.](#)

[847 Sl 21,17.](#)

[848 Is 53,7.](#)

[849 Cf. Is 40,31.](#)

[850 Cf. Is 30,26.](#)

[851 Cf. Jo 19,37; Zc 12,10.](#)

[852 Cf. 1Cor 15,52; 1Ts 4,16.](#)

[853 Cf. Ap 8,6.](#)

[854 Cf. Nm 10,2.](#)

[855 23,35-36.](#)

[856 Adamâncio é Orígenes. Piério, presbítero alexandrino, parece ter sido tão brilhante quanto Orígenes. Seus escritos, porém, não chegaram até nós. A seu respeito, vejam-se HE 7,32,26-30; e De viris illustribus 76.](#)

[857 Cf., respectivamente, n. 179, p. 274, e 32, p. 132.](#)

[858 Jo 1,3.](#)

[859 Lc 10,22.](#)

[860 Cl 2,3.](#)

[861 At 1,7.](#)

[862 Cf., abaixo, neste mesmo livro, 26,29.](#)

[863 1Ts 5,3.](#)

[864 Ez 12,27.](#)

[865 Cf. ep. 22,5.](#)

[866 Cf. 1Cor 7,34.](#)

[867 Cf., acima, neste mesmo livro, 24,40.](#)

[868 Cf. 1Jo 1,1.](#)

[869 Sl 33,9.](#)

[870 Cf. Ct 1,3.](#)

[871 2Cor 2,15.](#)

[872 Cf. Ex 12.](#)

[873 Sl 118,62.](#)

[874 Jr 7,16.](#)

[875 Sl 6,6.](#)

[876 Cf. 2Tm 2,19; Nm 16,5.](#)

[877 Cf. 1Cor 14,38.](#)

[878 Cf. 1Cor 3,2.](#)

[879 Neste mesmo livro, 25,1-2.](#)

[880 Cf. Rm 1,20.](#)

[881 Cf. Lc 19,20.](#)

[882 Neste mesmo livro, 25,14-15.](#)

[883 1Cor 2,9; Is 64,4.](#)

[884 Cf. Sl 140,4.](#)

[885 Sl 11,7.](#)

[886 Cf. 1Tm 5,17.](#)

[887 Cf., acima, 2,13,12.](#)

[888 Cf. Jo 1,4.9; 9,5.](#)

[889 Cf. Mt 22,13.](#)

[890 Ecl 10,2.](#)

[891 Mt 6,3.](#)

[892 Cf. Lv 9,3.](#)

[893 Cf. Ct 4,2.](#)

[894 Cf. Mt 12,50.](#)

[895 Cf., acima, 1,6,10; e EPIFÂNIO DE SALAMINA, ep. 51,4 \(entre as jeronimianas\).](#)

[896 Mt 26,39.](#)

[897 Jo 11,16.](#)

[898 Cf. ep. 129,6.](#)

[899 Lc 22,15.](#)

[900 Cf. 1Cor 5,7.](#)

[901 Cf. MELITÃO DE SARDES, Homilia paschalis 46.](#)

[902 O Estridonense não chegou a realizar tal obra.](#)

[903 Cf. Lv 23,3-5; Nm 28,16.](#)

[904 Cf. Liber interpretationis hebraicorum nominum 60,27.](#)

[905 Cf. Mt 10,3. Veja-se também, acima, 1,9,9.](#)

[906 Cf. Liber interpretationis hebraicorum nominum 71,4.](#)

[907 Cf. Lc 7,36-50.](#)

⁹⁰⁸ Puro: “pístico”. Cf. Jo 12,3. O quarto Evangelho usa o adjetivo grego pistikós, “em que se pode confiar”, que é uma palavra cognata de pístis, “fé”, num evidente jogo semântico bem entendido por São Jerônimo.

⁹⁰⁹ Cf. Jo 12,4-5.

⁹¹⁰ Cf. Jo 12,6.

⁹¹¹ Silepse. O tropo em questão é, na verdade, a sinédoque, um tipo especial de metonímia que consiste em tomar a parte pelo todo e vice-versa; não a silepse, que se compreende muitas vezes como a simples concordância ad sensum.

⁹¹² Tertuliano, Lactâncio, Cipriano, Gregorio de Elvira. Cf. ep. 129,3.

⁹¹³ Hb 11,37.

⁹¹⁴ Mt 28,20.

⁹¹⁵ 2Cor 5,16.

⁹¹⁶ Cf. Gn 37,28.

⁹¹⁷ “Phelmoni”, ou palmônî (“tal”, “aquele”), palavra que figura em Dn 8,13 (“Ouvi um santo que falava a quem outro santo respondeu”), surge da junção de pelônî com ’almônî (“alguém”, “fulano”), que São Jerônimo translitera como “Helmoni”, como ocorre, por exemplo, em Rt 4,1 (“Vendo passar o homem que tinha o direito de resgate, do qual falara, chamou-o e disse-lhe: ‘Vem cá, Fulano’”) e em 2Rs 6,8 (“E disse-lhes: ‘Em tal e tal lugar, estará o meu acampamento”). Em suma, trata-se de uma expressão idiomática que denota, em texto narrativo, uma indeterminação voluntária ou não, quer de pessoa, quer de lugar.

⁹¹⁸ Lc 22,10.

⁹¹⁹ Cf. Lc 22,12-13.

⁹²⁰ Cf. Fl 3,8.

⁹²¹ Cf. Rm 2,5.

[922 Cf. Jo 18,37.](#)

[923 Cf. Sl 103,14-15.](#)

[924 Cf. Gn 14,18-19.](#)

[925 Cf. Lc 22,16-20.](#)

[926 Cf. Nm 9,9-13; 2Cr 30,2-3.](#)

[927 Jr 2,21.](#)

[928 Cf. Is 5,1.](#)

[929 Embora tenha São Paulo algumas frases que o dão a entender, tais como Rm 14,17; 1Cor 6,9-10; 15,50, a frase citada literalmente por São Jerônimo é do Evangelho segundo Lucas, e não do Apóstolo, a menos que se considere o evangelista como apóstolo.](#)

[930 Lc 17,21.](#)

[931 Cf., acima, neste mesmo livro, 24,36.](#)

[932 Cf. Gn 43,34.](#)

[933 Cf. Sl 21,30.](#)

[934 Cf., acima, 3,21,1-3 e, neste mesmo livro, 24,3.](#)

[935 1Ts 5,7.](#)

[936 Rm 13,12.](#)

[937 Cf. Zc 13,7.](#)

[938 Sl 68,27.](#)

[939 Cf. Jo 10,11.](#)

[940 Cf. ep. 57,7.](#)

[941 Cf. Mt 16,22; e, acima, 2,14,28.](#)

[942 Cf. Liber interpretatonis hebraicorum nominum 61,22.](#)

[943 Cf., acima, 1,5,28.](#)

[944 Cf. Jn 4,8.](#)

[945 Ez 16,43, conforme a Septuaginta.](#)

[946 Cf. Mt 20,22.](#)

[947 Cf. Mt 6,13.](#)

[948 Cf. Rm 8,13.](#)

[949 Sl 39,9.](#)

[950 Cf. Mt 18,16; 2Cor 13,1.](#)

[951 Cf. Gn 4,15.](#)

[952 “Ao modo de antífrase”, isto é, num procedimento estilístico que consiste em empregar uma palavra ou frase com sentido oposto ao verdadeiro, normalmente com sentido irônico.](#)

[953 Mt 22,12.](#)

[954 Cf. Jo 18,10.](#)

[955 Cf. Lc 22,51.](#)

[956 Cf. 1Pd 2,9.](#)

[957 Cf. Rm 13,4.](#)

[958 Cf. Gn 3,24.](#)

[959 Cf. Ef 6,17.](#)

[960 Sl 21,17.](#)

[961 Is 53,7.](#)

[962 Is 53,8, conforme a Septuaginta.](#)

[963 Cf. Ex 29,9.](#)

[964 JOSEFO, Antiquitates Judaicae 18,2,2, onde a informação é algo distinta.](#)

[965 Cf. Jo 2,21.](#)

[966 Cf. Jo 2,20.](#)

[967 Cf. Jo 18,37.](#)

[968 Cf. At 14,14.](#)

[969 Cf. At 12,22-23.](#)

[970 Is 50,6; cf. Lm 3,30.](#)

[971 Cf. Mt 24,2.](#)

[972 HILÁRIO DE POITIERS, Commentarius in Matthaeum 32,4; AMBRÓSIO MEDIOLANENSE, Expositio evangelii secundum Lucam 10,82.](#)

[973 Mt 26,34.](#)

[974 Cf. 12,6, conforme a Septuaginta.](#)

[975 Cf. Lc 22,61-62.](#)

[976 Cf., acima, 1,7,18.](#)

[977 Sl 108,7.](#)

[978 2Cor 2,7.](#)

[979 Cf. Zc 11,12-13.](#)

[980 Cf. ep. 112,13; e EPIFÂNIO DE SALAMINA, Panarion 29.](#)

⁹⁸¹ Evangelho segundo os hebreus, fragmento 25. Veja-se também Liber interpretationis hebraicorum nominum 66,13.

⁹⁸² Cf. também, acima, 3,20,1-2; 3,20,24 e, neste mesmo livro, 22,46.

⁹⁸³ Sl 21,17.

⁹⁸⁴ Jr 12,8.

⁹⁸⁵ Is 5,7.

⁹⁸⁶ Sl 25,6.

⁹⁸⁷ Cf. Jo 19,12.

⁹⁸⁸ Is 1,15.

⁹⁸⁹ Sl 31,10.

⁹⁹⁰ Sl 90,10.

⁹⁹¹ Jo 11,50.

⁹⁹² Cf. Gn 3,18.

⁹⁹³ Is 50,6.

⁹⁹⁴ Is 42,3.

⁹⁹⁵ Cf. Jo 19,17.

⁹⁹⁶ Cf., acima, 1,10,9-10.

⁹⁹⁷ Orígenes (cf. JERÔNIMO, ep. 46,3).

⁹⁹⁸ Ef 5,14.

⁹⁹⁹ Cf. Rm 5,20.

¹⁰⁰⁰ Cf. 14,15. Segundo a crença legendária de que ali estariam sepultados quatro patriarcas (pois Adão somar-se-ia aos três patriarcas de Israel), dada uma

tradução equivocada do topônimo Cariat-Arbé, que o referia a quatro grandes personagens. São Jerônimo assume este pensamento na livre reelaboração que faz do Onomasticon de Eusébio, e inclui no versículo citado o nome de Adão, no ponto em que normalmente as versões bíblicas atuais empregam a palavra “homem” (“Arbé foi o maior homem entre os enacins” – Adam maximus ibi inter Enacim situs est).

¹⁰⁰¹ Jr 2,21.

¹⁰⁰² Sl 68,22.

¹⁰⁰³ Não se entende esse adjetivo, a não ser que se refira ao mesmo livro dos Salmos.

¹⁰⁰⁴ Sl 21,19.

¹⁰⁰⁵ Jo 19,22.

¹⁰⁰⁶ Cf., acima, neste mesmo livro, 27,33.

¹⁰⁰⁷ Mais apropriado que “silepse”, seria falar “sinédoque” (cf. o comentário a Mt 26,8-9).

¹⁰⁰⁸ Cf. Lc 23,40.

¹⁰⁰⁹ Am 8,9.

¹⁰¹⁰ Jr 15,9.

¹⁰¹¹ Sl 21,19.

¹⁰¹² Sl 21,17.

¹⁰¹³ Cf. Fl 2,7.

¹⁰¹⁴ Sl 68,22.

¹⁰¹⁵ Cf., abaixo, 27,54; e ep. 120,8,1.

¹⁰¹⁶ Cf. Jo 10,18.

[1017 Evangelho segundo os hebreus, fragmento 26; cf. também ep. 120,8,1.](#)

[1018 De bello Iudaico 5,1,1,2.](#)

[1019 Cf. JOSEFO, De bello Iudaico 6,5,3, juntamente com ep. 46,4 e 120,8,1.](#)

[1020 Cf. Jo 11,1-45.](#)

[1021 Cf. Cl 1,18; Ap 1,5.](#)

[1022 Cf. Mc 15,39.](#)

[1023 Sl 103,29.](#)

[1024 1Cor 9,5.](#)

[1025 Cf., acima, 1,10,9-10.](#)

[1026 Cf., acima, 2,15,32.](#)

[1027 Cf. Mc 16,9; Lc 8,1.](#)

[1028 Cf. Jo 19,25.](#)

[1029 Cf. Mt 20,20-28.](#)

[1030 Cf. Lc 8,1.](#)

[1031 Cf. Lc 23,50.](#)

[1032 Sl 1,1.](#)

[1033 Mt 10,22; 24,13.](#)

[1034 Is 33,16.](#)

[1035 Is 33,17.](#)

[1036 Cf. Lc 1,26-38.](#)

[1037 Cf. Mt 1,20-23.](#)

[1038 Cf. Lc 2,9-14.](#)

[1039 Cf. Mt 4,11.](#)

[1040 Cf. At 1,10-11.](#)

[1041 Cf. Liber interpretationis hebraicorum nominum 54,25.](#)

[1042 Cf. HILÁRIO DE POITIERS, Commentarius in Matthaeum 33,9.](#)

[1043 Cf. ep. 120,5.](#)

[1044 Jo 20,17.](#)

[1045 Sl 21,23.](#)

[1046 Cf. ep. 120,7.](#)

[1047 Cf. ORÍGENES, Commentarii in Matthaeum 28,18-20.](#)